

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

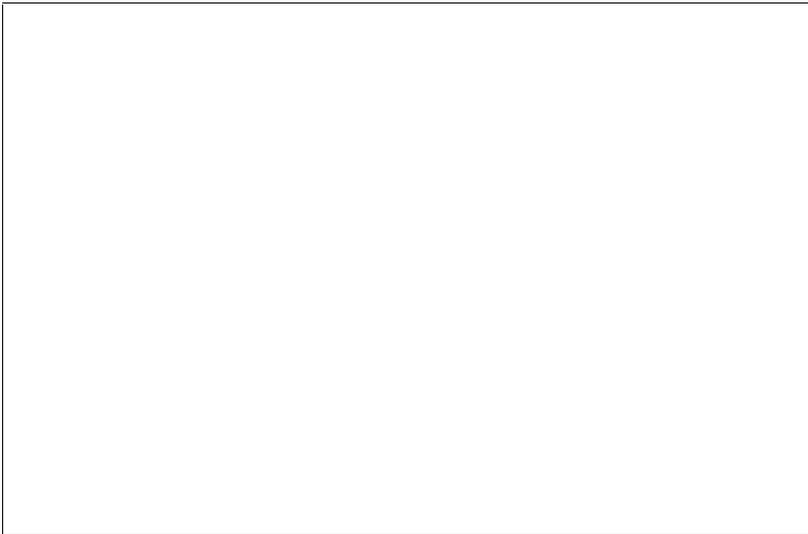
Pedro Paulo Amorim

**RENOVAÇÃO CRISTÃ: DE KARDEC A LUTERO
O papel do livro na cisão do Movimento Espírita Brasileiro (1949 –
2010)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em História Cultural.
Orientador: Prof. Dr. Artur Cesar Isaia.

**Florianópolis
2011**

Catálogo na fonte elaborada pela biblioteca da
Universidade Federal de Santa Catarina



Pedro Paulo Amorim

RENOVAÇÃO CRISTÃ: DE KARDEC A LUTERO.
O papel do livro na cisão do Movimento Espírita Brasileiro (1949 –
2010)

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para
obtenção do título de

MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
(Presidente e Orientador) - UFSC

Prof. Dr. Bernardo Lewgoy - UFRGS

Prof.^a, Dr.^a. Cristiana Tramonte – UFSC/CED

Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma (SUPLENTE) – UFSC

Prof.^a, Dr.^a. Eunice Sueli Nodari – Coordenadora do PPGH/UFSC

Florianópolis, 29 de abril de 2011.

A Helena Maria, Beatriz, meus pais, Maria José e Sylvio dedico esse
trabalho.

AGRADECIMENTOS

Após uma longa caminhada é muito bom atingir ao destino pretendido, embora com alguns percalços, dúvidas, desvios, erros e acertos. Cheguei certamente graças a ajuda de muitos companheiros de jornada, aos quais serei eternamente grato. Com certeza serei injusto com alguns por esquecer-los nesta hora, mas fiquem certo que se encontram em meu coração.

Agradeço a Helena Maria e Beatriz pelo amor e apoio incondicionais, além das horas subtraídas de nosso convívio. Também aos meus pais, por terem me proporcionado mais essa oportunidade e pelo amor que me deram, ajudando muito mais do que imaginam.

Tenho profunda gratidão e carinho pelo meu orientador e amigo, Dr. Artur César Isaia, por sua orientação firme, confiante a qualquer hora ou lugar, pela sua compreensão e amizade nos meus momentos difíceis e por ter sido meu grande incentivador, pois sem seu apoio não chegaria até esse momento.

Meus sinceros agradecimentos aos funcionários e professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC e de maneira muito especial aos professores Dra. Cristiana Tramonte e Dr. Bernardo Lewgoy pelas importantes contribuições no processo de qualificação.

Um agradecimento prático de especial as minhas grandes amigas de jornadas históricas Daiana e Elisa, pelo apoio que sempre me proporcionaram ao longo do curso de graduação e mestrado com valiosas observações e críticas sobre todos os meus trabalhos.

Sem dúvida jamais poderei esquecer dois grandes irmãos e amigos de longuíssimas jornadas pelo verdadeiro amor, carinho e contribuições dadas as minhas pesquisas e sobretudo a minha vida Yvon Luz e Heitor Luz, onde quer que estejam.

Meus agradecimentos também aos membros e pastores da Renovação Cristã por terem me ajudado com minhas indagações por telefone e e-mail e pelo ótimo tratamento a mim dispensado em suas instalações.

E por fim, agradeço a Deus o Grande Arquiteto do Universo pela força, a beleza e sabedoria existentes em todo universo sem as quais nada se faria.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar como a Renovação Cristã, grupo religioso oriundo do Grupo Espírita Bezerra de Menezes, fundado em 1984 na cidade de São José do Rio Preto no Estado de São Paulo, posteriormente criador do Movimento de Reformas, objetivando a construção de uma nova denominação religiosa trilhou um caminho inusitado, o qual a leva de Kardec a Lutero. Analisamos como uma instituição pertencente ao campo espírita, após abandonar este último, forja uma nova religião que se apresenta como um amálgama de elementos pertencentes ao Espiritismo e ao Luteranismo. Uma das peculiaridades deste movimento, que mereceu toda nossa atenção, foi a utilização por parte da Renovação Cristã da histórica oposição ao Roustainguismo existente no interior do campo espírita como instrumento político definidor de sua nova identidade.

Palavras-chave: Espiritismo – Renovação Cristã – Roustainguismo

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze how the Renovação Cristã a religious group originary from the Grupo Espírita Bezerra de Menezes, founded in 1984 in the city of San José do Rio Preto in the State of São Paulo, subsequently creator of the Movimento de Reformas, aiming at the construction of a new designation religious trod a unusual path, which leads from Kardec to Luther. We analyzed as an institution belonging to the spiritis field, after leaving the spiritis field, forge a new religion that presents itself as an amalgamation of items belonging to Spiritualism and Lutheranism. One of peculiarities this movement, which has received all our attention, was the use on the part of Renovação Cristã of historical opposition to Roustainguismo existing within the spiritis field as a political instrument definer of their new identity.

Key words: Spiritualism – Renovação Cristã – Roustainguismo

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1 – Espiritismo e letramento.....	21
1.1 – O livro e identidade espírita.....	21
1.2 – Reforma Protestante e Espiritismo: parentescos culturais.....	37
1.2.1 – O livro, o letramento e a Reforma Protestante.....	40
1.2.2 – A democratização do acesso e interpretação do Evangelho.....	43
1.2.3 – A importância do trabalho.....	48
1.2.4 – Observações sobre os aspectos mágicos das religiões.....	52
1.2.5 – O livro religioso no mercado editorial brasileiro.....	55
Capítulo 2 – Roustaing: os Quatro Evangelhos e a FEB.....	59
2.1 – Roustaing e os fundamentos das disputas no interior do campo espírita.....	59
2.1.1 – O Roustainguismo e sua chegada ao Brasil.....	63
2.1.2 – Os pontos polêmicos do Roustainguismo.....	70
2.2 – FEB e Roustaing: o silêncio fala.....	85
Capítulo 3 – A Renovação Cristã.....	95
3.1 – A caminho da cisão (Um longo caminho até a cisão).....	95
3.2 – O Pacto Áureo.....	103
3.3 – O Movimento de Reformas.....	110
3.4 – Renovação Cristã uma nova religião.....	117
Considerações Finais.....	133
Referências Bibliográficas.....	137
Fontes.....	141
Anexo 1 – Cronologia.....	147
Anexo 2 – Resposta ao artigo de Allan Kardec sobre o lançamento de Os Quatro Evangelhos na Revista Espírita de Junho de 1867.....	160
Anexo 3 – Ordem espiritual para publicação das obras de Roustaing.....	181
Anexo 4 – Organograma Estrutural da FEB.....	185
Anexo 5 – Página “Quem Somos” – Acesso em 17/10/2006.....	186
Anexo 6 – Página “Quem Somos” – Acesso em 12/11/2007.....	190
Anexo 7 – Página “Quem Somos” – Acesso em 04/01/2008.....	194
Anexo 8 – Página “Quem Somos” – Acesso em 29/05/2009.....	199
Anexo 9 – Página “Quem Somos” – Acesso em 23/03/2010.....	202
Anexo 10 – Página “Quem Somos” – Acesso em 01/12/2010.....	205

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, podemos constatar o crescimento vertiginoso dos estudos acadêmicos sobre temas diretamente ligados às religiões ou religiosidades. Para tanto, basta verificarmos o sucesso dos três primeiros encontros do Grupo de Trabalho Nacional de História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH, responsáveis pela consolidação definitiva das referidas temáticas no cenário acadêmico e no calendário dos eventos culturais brasileiro, nos quais, somente no último realizado em outubro de 2010 foram apresentados 230 trabalhos em três dias de encontro. Porém, em razão direta da natureza dinâmica desses temas, concluímos ser necessário o desenvolvimento de muitos outros estudos, a fim de ampliarmos o nosso entendimento acerca dos temas em questão. Em virtude dessa necessidade, apresentamos aqui nossa contribuição para as reflexões ligadas a tais assuntos, mais especificamente ligados ao Espiritismo¹.

A escolha da temática religiosa em nosso estudo vai ao encontro de Bourdieu, para quem a religião ocupa um lugar fundamental, que acompanha os processos de divisão social do trabalho, de urbanização, portanto, de constituição da sociedade.

O conjunto das transformações tecnológicas, econômicas e sociais, correlatas ao nascimento e ao desenvolvimento das cidades e, em particular, aos progressos na divisão do trabalho material, constituem a condição comum de dois processos que só podem realizar-se no âmbito de uma relação de interdependência e de reforço recíproco, a saber, a constituição de um campo religioso relativamente autônomo e de sistematização das crenças e práticas religiosas².

¹ Neste trabalho, o termo Espiritismo é utilizado para se referir ao corpo teórico-doutrinário desenvolvido inicialmente pelo pedagogo francês Hippolyte Léon Denizar Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec, em meados do século XIX. Rivail adotou o uso de um pseudônimo a fim de, em primeiro lugar, evitar confusões devido ao seu extenso e conhecido trabalho no mundo científico francês da época; em segundo, para proteger o nome de sua família, muito conhecida na magistratura francesa e, finalmente, devido a uma comunicação mediúmica na qual seu guia relatara terem ambos vividos juntos uma existência anterior nas Gálias, como druidas, e Rivail viveu sob o nome de Allan Kardec. Conforme: WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**: o educador e o codificador. V. 1. Rio de Janeiro: FEB, 2004. p. 275-282.

² BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 34.

Dessa forma, podemos notar a importância dos estudos religiosos para a compreensão dos fenômenos sociais.

Os estudos ligados à religião, assim como todos os demais temas de pesquisa histórica, requerem atenção e cuidado quanto à forma pela qual devem ser tratados. A nossa interpretação dos fenômenos religiosos e da religião em si, devemos de forma direta a Dominique Julia e Peter L. Berger.

De acordo com Julia a religião deve ser encarada como uma representação, um produto cultural, em que o mais importante é a relação que este produto mantém com a sociedade. Em seu artigo “A Religião: História Religiosa”, Julia aponta como objeto das ciências humanas

a linguagem, as leis segundo as quais se organizam as linguagens sociais, históricas ou psicológicas. A consciência não é mais, nessas condições, do que uma representação – o mais das vezes, falaciosa – dos determinismos que a organiza. Ela não pode ter a pretensão de constituir o real, não o pode mais. O que uma análise histórica ou sociológica revela são as regras dos funcionamentos sociais³.

Peter L. Berger proporciona o entendimento da religião como um produto histórico decorrente da ação humana, conforme verificamos em suas palavras: “A religião é definida como um empreendimento humano porque é assim que ela se manifesta como fenômeno empírico”⁴. Ou ainda quando ele afirma que “a religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado. Ou por outra, a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada”⁵.

Berger encara a sociedade como o resultado da ação humana, sem esquecer que essa mesma sociedade retroage continuamente sobre seu produtor. Assim, o autor presta tributo a Karl Marx, com base na ideia de uma relação dialética na qual os homens “fazem” a sociedade, ao mesmo tempo em que a “sofrem”⁶.

Construímos nosso trabalho teoricamente tendo por fundamento dois conceitos principais, o de representação, de acordo com Roger

³ JULIA, Dominique. A Religião: História Religiosa. In: Le Goff, Jacques e Nora, Pierre (Org.).

História: Novas Abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 107.

⁴ BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985. p. 38.

⁵ Idem.

⁶ Ibidem. p. 15-16.

Chartier, e o de campo, desenvolvido por Pierre Bourdieu. As representações aqui são consideradas de uma forma ampla, englobando as construções mentais, o imaginário, as imagens por meio dos quais os homens interpretam e dão sentido à realidade. Para assim proceder, utilizamos a posição de Chartier ao afirmar que a ideia de representação, ao contrário da de mentalidade, é capaz de articular três modalidades de relação com o mundo social⁷. Inicialmente, como o trabalho referente à classificação e delimitação capazes de “organizar a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real”⁸. A segunda modalidade encara as representações como práticas que objetivam reconhecer uma identidade social, buscando significar simbolicamente um estatuto e uma posição. Dessa forma, Chartier afirma que “a relação de representação – entendida, deste modo, como relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, valendo aquela por este, por lhe estar conforme”⁹. Assim, a representação atua como substituição, sendo capaz de personificar um ausente, tornando possível a sensação de sua presença. Por último, as representações como formas institucionalizadas, definidas pelo autor como a “exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém”¹⁰. Ainda no que concerne a esta última posição, Chartier assevera que

a distinção fundamental entre representação e representado, entre signo e significado, é pervertida pelas formas de teatralização da vida social de Antigo Regime. Todas elas têm em vista fazer com que a identidade do ser não seja outra coisa senão a aparência da representação, isto é, que a coisa não exista a não ser no signo que a exhibe”¹¹.

Logo, as representações, nesses casos, dizem mais do que aquilo que mostram, trazendo consigo uma carga simbólica evidente. Por outro lado, ainda referenciados em Chartier, encaramos as representações dentro de uma perspectiva tensional na qual

as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas [...] Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo

⁷ CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990. p. 23.

⁸ *Ibidem*. p. 17.

⁹ *Ibidem*. p. 21.

¹⁰ *Ibidem*. p. 20.

¹¹ *Ibidem*. p. 21.

de concorrência e de competições cujos desafios se anunciam em termos de poder e dominação¹².

O que o autor denomina de “lutas de representações”. Essa característica tensional aproxima a concepção de representação de Chartier da noção das disputas inerentes à concepção de campo de Bourdieu, com a qual trabalhamos.

Encontramos as definições sobre campo religioso de Bourdieu no livro “A Economia das Trocas Simbólicas”, compiladas na introdução por Sergio Miceli como

um campo de forças onde se enfrentam o corpo de agentes altamente especializados (os sacerdotes), os leigos (grupos sociais cuja demandas por bens de salvação os agentes religiosos procuram atender) e o “profeta” enquanto encarnação típica do agente inovador e revolucionário que expressa, mediante um novo discurso e por nova prática, os interesses e reivindicações de determinados grupos sociais. As oposições que esses grupos ocupam configuram um campo de batalha ideológica, expressão da luta de classes e do processo prevalente de dominação¹³.

Para Bourdieu, a noção de campo é um espaço social de dominação e de conflitos, dotado de certa autonomia, definida pela sua própria capacidade de estabelecer as normas de sua produção e reprodução, possuindo também suas próprias regras de organização e de hierarquia¹⁴. Em virtude dessa concepção, encaramos o Espiritismo como integrante do campo religioso.

Além disso, as tensões internas a ele revelam a existência de um campo espírita, entendido por nós como o “local” onde competem, pela hegemonia e pelo poder de produção e reprodução das normas que configuram a existência deste, instituições como a FEB, possuidora do maior capital simbólico do campo, as federações estaduais, os centros espíritas, na figura de seus representantes e, por fim, os espíritas, sendo estes compostos por aqueles que buscam inovar e/ou revolucionar as práticas e representações do campo e os que buscam a manutenção do status quo.

Implícitos na noção de campo de Bourdieu estão outros conceitos com o quais trabalharemos em nossa pesquisa: o de capital cultural e acumulação simbólica. Segundo Bourdieu, o campo cultural

¹² CHARTIER (1990). Op. Cit. p. 17.

¹³ BOURDIEU; MICELI. Op. Cit. p. XXL.

¹⁴ *Ibidem*. p. 106-119.

está formado por integrantes dotados de desiguais posições quanto à sua valorização. Essa desigualdade de posições relaciona-se com os respectivos processos de acumulação simbólica.¹⁵ De acordo com essas ideias, o Espiritismo será encarado fazendo referência a uma acumulação simbólica peculiar ao processo histórico brasileiro. Assim sendo, a história do Espiritismo no Brasil é vista como a da afirmação de valores caros e reconhecidos pela sociedade brasileira (daí vermos, por exemplo, a existência de um Espiritismo à brasileira¹⁶, permeado de valores católicos). Para Bourdieu, a acumulação simbólica leva ao que o autor denomina de “violência simbólica”, expressa nos mecanismos que fazem com que os indivíduos percebam como “naturais” as representações ou as ideias sociais dominantes, impostas de forma a dissimular as forças que estão na sua base, ou seja, na base destas relações de força. Portanto, a violência simbólica é criada pelas instituições e pelos seus agentes sobre a qual se apoia o exercício consentido de autoridade¹⁷.

Assim sendo, neste trabalho, partimos da noção de campo, de Bourdieu, para configurar o lugar histórico-social de dois integrantes do mencionado campo: a FEB e a Renovação Cristã. Esses dois componentes do campo religioso desenvolveram leituras peculiares da obra de Kardec e de Roustaing, leituras essas analisadas com base na obra de Chartier. Por outro lado, vamos ter em mente sempre a noção de religião como discurso e construção humana, amparando-nos em Eni Orlandi e Peter Berger. Dessa forma, tendo em vista a religião como discurso e como integrante de um campo tensional (Bourdieu), fomos capazes de, por meio do método indiciário proposto por Ginzburg¹⁸, perseguir os muitos indícios deixados pela FEB de seu posicionamento perante a obra de Roustaing. Tal posicionamento foi fundamental para a ruptura e surgimento de um novo integrante do campo religioso brasileiro: a Renovação Cristã. Também aplicamos o método de Ginzburg ao seguirmos as pistas deixadas pela Renovação Cristã em seu caminho que a levaram de Centro Espírita à Igreja.

A familiaridade que possuímos com o Espiritismo encarado como objeto de pesquisa advém desde a nossa iniciação científica no

¹⁵ BOURDIEU; MICELI. Op. Cit. p. 99-105.

¹⁶ STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: USP; Curitiba: Orion, 2003. p. 49-62.

¹⁷ BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora. 1975. p.19-25.

¹⁸ GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: **Mitos, Emblemas, Sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 143-179.

curso de graduação, a qual culminou com o trabalho de conclusão de curso (TCC), intitulado “Roustaing: a cisão no interior da Federação Espírita Brasileira”, defendido em 29 de abril de 2008, no Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O passo seguinte rumo ao nosso desenvolvimento como pesquisador, ainda utilizando o Espiritismo como objeto de pesquisa, dá-se com a pesquisa aqui apresentada sob o título: *A Renovação Cristã: de Kardec a Lutero (1949 – 2010)*, na qual analisamos o papel do livro na cisão do Espiritismo Brasileiro, que levou à criação da Renovação Cristã (RC). Assim sendo, dando seguimento à nossa pesquisa sobre o tema, introduzimos uma nova problemática acerca do assunto. Assim, analisamos como a RC, objetivando a construção de uma nova denominação religiosa, trilhou um caminho inusitado, que a leva de Kardec a Lutero. Como uma instituição pertencente ao campo espírita, depois de abandonar este último, forja uma nova religião que a princípio se apresenta como um amálgama de elementos pertencentes ao Espiritismo e ao Luteranismo. O Espiritismo, visto como uma religião do livro e do letramento, enfrentou uma oposição, igualmente centrada na cultura livresca. Uma das peculiaridades desse movimento, que mereceu nossa atenção de forma destacada, foi a utilização por parte da RC da histórica oposição ao Roustainguismo existente no interior do campo espírita como instrumento político definidor de sua nova identidade.

Um ponto importante para o contexto deste trabalho diz respeito à questão de sermos ou não adeptos do Espiritismo. Em nosso entendimento, o fato de ser espírita não estabelece uma vantagem ou desvantagem “a priori”. Certamente a nossa proximidade com o objeto de estudo facilitou sua escolha, por outro lado, determinou um maior cuidado, de nossa parte, em relação às interpretações. Não podemos esquecer o caráter subjetivo do trabalho do historiador, nem, tampouco, a falsa questão da neutralidade do historiador e seu objeto de estudo, não importando seja ele religioso ou não¹⁹.

No ano de 1992, na cidade de São José do Rio Preto, localizada no interior do estado de São Paulo, após oito anos militando no Movimento Espírita, o Grupo Espírita Bezerra de Menezes, fundado em 1984 no referido município, por José Queid Tufaile Huaixan²⁰, e ainda

¹⁹ GOMES, Francisco José Silva. Religião como objeto da História. In: LIMA, Lana Lage da Gama, Org. et al. *História & Religião*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002. p. 20-21.

²⁰ José Queid Tufaile Huaixan nasceu em 18/03/1955. Empresário do ramo de internet, é pastor da igreja Renovação Cristã, da Vila Elmaz, em São José do Rio Preto, SP. Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 22/11/2007.

sob a sua liderança, criou o Movimento de Reformas. Desse modo, o grupo desfilou-se oficialmente do Movimento Espírita; porém, a não filiação à FEB ou a qualquer uma das federações espíritas estaduais não implica um grupo ser ou não espírita, bastando para isso a vontade de sê-lo e o cumprimento das normas legais²¹. Depois de permanecer aproximadamente vinte anos vinculado ao campo espírita, o grupo responsável pelo Movimento de Reformas, em assembleia, reuniu-se com os demais membros das Igrejas com o intuito de discutir os rumos e as mudanças do movimento. O resultado dessa reunião foi o rompimento definitivo do grupo com o Movimento Espírita, em setembro de 2002, e a consequente fundação da Renovação Cristã, uma nova instituição religiosa. Dessa forma, os seis grupos reformistas transformaram-se em “Igrejas Cristãs Renovadas”²².

Em sua caminhada, o Movimento de Reformas e, posteriormente, a RC buscaram definir para si uma identidade distante do Catolicismo, tendo em vista a alegada ligação entre o Roustainguismo e o Catolicismo apregoada historicamente pelos opositores de Roustaing. Por Roustainguismo, entendemos a doutrina formulada por Jean Baptiste Roustaing em seu livro “Os Quatro Evangelhos”, publicado a primeira vez em maio de 1866, em Paris (França). A polêmica acerca dessa obra data dos comentários realizados por Kardec na Revista Espírita de junho do mesmo ano²³.

A nossa pesquisa seguiu em torno de uma das principais características do Espiritismo, qual seja, sua afinidade com a cultura letrada, conforme percebemos em Bernardo Lewgoy:

o espiritismo kardecista não é apenas uma religião do livro que contém uma abundante literatura religiosa mas é, em sua essência, uma religião letrada, no sentido de que, dado o seu enraizamento em temas e emblemas que caracterizam a modernidade ocidental, desde o Século XIX, como o racionalismo iluminista, o cientificismo e o gênero romance – o espiritismo se apropria religiosamente desses fatores numa espécie de leitura cristã dessecularizante da “ciência” e da “literatura”²⁴.

²¹ **Quem Somos?** Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 22/11/2007.

²² Idem.

²³ KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos – Nono Ano – 1866. Araras: IDE, 2001. p.129.

²⁴ LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. 2000. 360 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – FFLCH/USP, 2000. p 15.

Nossa problemática centrou-se no papel do livro na cisão ocorrida no interior do campo espírita brasileiro. O Espiritismo, visto como uma religião do livro e do letramento, enfrentou uma oposição igualmente centrada na cultura livresca. Dessa forma, a RC é vista como um movimento religioso que, como o Espiritismo, centraliza a função da leitura. Tanto o Espiritismo quanto a RC são encarados a partir de seu parentesco com a Reforma Protestante, igualmente valorizadora do livro e da leitura. Partimos da ideia inicial de que a RC representou uma conciliação entre os princípios do protestantismo histórico preconizados por Lutero e o fundamento reencarnacionista do Espiritismo. A conciliação entre dois sistemas teologicamente opostos é possível no mundo da cultura, pois esta não reproduz a coerência lógica e o purismo que se espera dos sistemas de ideias. Chartier mostra muito bem isso ao analisar as reformulações e reinterpretções que as normas do Concílio de Trento sofreram na Europa:

Do mesmo modo, o ato de ler não pode anular-se no próprio texto, assim como as significações não podem também ser aniquiladas mediante significados impostos. A aceitação de mensagens e modelos sempre opera através de ajustes, combinações ou resistências²⁵.

Dessa maneira, procuramos uma aproximação com a Reforma Protestante do século XVI, também caracterizada pela importância dada ao livro e ao letramento²⁶. A vinculação com a Reforma Luterana aprofunda-se com a confessada interpretação da Bíblia Cristã baseada nos trabalhos de Martinho Lutero, adotada pelo Movimento de Reformas, em 1992 e, posteriormente, mantida pela RC.

Para isso, o nosso trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro deles, iniciamos investigando o papel do livro e da aprendizagem formal como constitutivos da pretendida identidade espírita proposta por seu codificador e pelas autoridades espíritas brasileiras nucleadas na FEB, partindo da ideia de que a identidade se forja a partir da alteridade e de maneira dinâmica e processual, com o aporte teórico de Stuart Hall²⁷. Com o intuito de contribuir para nossas reflexões sobre o assunto, lançamos mão dos conceitos formulados por

²⁵ CHARTIER. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 234.

²⁶ *Ibidem*. p. 111-115.

²⁷ HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Chartier a respeito das práticas de leitura²⁸. Em virtude da aproximação proposta pela RC entre as ideias Espíritas e Luteranas, na segunda parte do primeiro capítulo, apresentamos nossas reflexões sobre alguns conceitos pontuais que podem nos auxiliar na determinação de certos paralelos entre o Espiritismo e a Reforma Protestante do século XVI. Utilizamos, para consolidar nossos argumentos, a ideia weberiana de parentesco espiritual, conforme aparece em Michel Löwy²⁹.

Na parte inicial do segundo capítulo, apresentamos Jean B. Rostaing e sua obra “Os Quatro Evangelhos – A Revelação da Revelação”. A seguir, analisamos as repercussões do livro no interior do campo espírita francês e brasileiro, mais especificamente a sua influência na unificação do Movimento Espírita Brasileiro e, conseqüentemente, as polêmicas que envolviam e ainda envolvem o Rostainguismo. Na segunda parte, estudamos a postura da FEB relativamente às questões que envolvem a adoção por parte dela dos estudos e aplicações do livro de Rostaing. Utilizamos para isso, de forma mais destacada, os estudos de Eni Orlandi sobre o discurso³⁰, principalmente sobre o discurso religioso, o qual é apresentado pela autora como um discurso autoritário³¹ e também os estudos de Orlandi a respeito do silêncio³², forma destacada de atuação da FEB em relação a assuntos polêmicos.

No terceiro e último capítulo, primeiramente analisamos a disputa desenvolvida no interior do campo espírita brasileiro entre kardecistas e rostainguistas, apontada como uma das responsáveis pela difícil união do Movimento Espírita; em seguida, apresentamos uma análise sobre o Pacto Áureo e sua relevância para o Espiritismo nacional. Na terceira parte, analisamos a criação do Movimento de Reformas, seus objetivos administrativos e doutrinários para retornar o Espiritismo à sua pureza inicial. Concluímos expondo acerca da transformação do Movimento de Reformas em um novo ramo religioso,

²⁸ Sobre o assunto, ver os seguintes textos: CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001; CHARTIER, Roger. **A aventura do livro, do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999; CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.

²⁹ LÖWY, Michael. **Redenção e utopia: O Judaísmo Libertário na Europa Central** (um estudo de afinidade eletiva). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

³⁰ ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**. Princípios & Procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

³¹ ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

³² ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

denominado Renovação Cristã, grupo que competirá com os demais integrantes do campo religioso brasileiro pelas demandas do mercado de bens da salvação³³.

O corpus documental que dá suporte ao nosso trabalho, referente tanto ao Movimento de Reformas e à RC quanto à FEB, fundamenta-se na imprensa de cunho institucional/confessional, composta por revistas, jornais e livros de divulgação; na mídia eletrônica (Internet), uma vez que tanto a RC como a FEB a utilizam de forma bastante eficiente, fornecendo amplo material de divulgação e doutrinação. A respeito do Espiritismo, ainda dispomos de grande volume de livros e jornais não vinculados diretamente à FEB, patrocinados por instituições espíritas e por indivíduos adeptos da doutrina.

Por fim, utilizamos conversas informais e entrevistas como fontes para este estudo. O uso de entrevistas como fonte nos remete a grandes discussões no interior do campo historiográfico. A história oral, como metodologia, implica empregá-la como teoria e prática, na ordenação dos procedimentos de trabalho. Dessa forma, a história oral “é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas”³⁴. Assim, não podemos esquecer jamais que as entrevistas e depoimentos estão sujeitos à subjetividade, tanto por parte do pesquisador, que conduz a entrevista, formula as questões, interpreta e monta a sua transcrição de acordo com seus interesses, quanto por parte do entrevistado, no que se refere às questões da rememoração e da memorabilia, em que aquilo que se viveu está sujeito às condições da memória do entrevistado³⁵. Assim, devemos estar atentos às possíveis ressignificações cometidas por nossos entrevistados, os quais possivelmente conferiram ao passado grande importância e também aos anacronismos que eles porventura cometeram durante as entrevistas e conversas informais. Não podemos esquecer, como afirma Marina Maluf, que o passado é “reconstruído através de uma vontade de lembrar”³⁶.

³³ BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 59.

³⁴ AMADO, Janáina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). Apresentação. In: _____. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. XVI.

³⁵ LEITE, Miriam Moreira (Org.). A documentação da literatura de viagem. In: _____. **A condição feminina no Rio de Janeiro: século XIX**. São Paulo: HUCITEC/USP, 1993. p. 20.

³⁶ MALUF, Marina. A reconstrução do passado. In: _____. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 29.

Capítulo 1 – Espiritismo e letramento

1.1 – O livro e identidade espírita

Em uma primeira aproximação entre o Espiritismo e o livro devemos ter em mente a pessoa do próprio compilador do Espiritismo Allan Kardec³⁷ e sua atuação como educador durante mais de trinta anos, tendo publicado inúmeros livros de cunho pedagógico³⁸, além do chamado Pentateuco Espírita³⁹.

As relações entre o Espiritismo e o livro não são tema novo no interior da academia, como podemos observar já no pioneiro estudo de Cândido Procópio Ferreira de Camargo denominado “Kardecismo e Umbanda”, no qual o autor investiga o desenvolvimento das duas religiões e propõe a formação do que define como um “continuum” religioso composto em uma das pontas pela Umbanda e na outra pelo Kardecismo mais ortodoxo, intermediados por uma vasta variedade de religiões que tratam dos fenômenos mediúnicos⁴⁰. Camargo foi também um pioneiro ao afirmar que o Espiritismo brasileiro possui como traço distintivo o caráter religioso, sendo este responsável pelo seu sucesso⁴¹. Ainda nessa obra, encontramos outro marco de pioneirismo quando o autor afirma que a difusão do livro tem um caráter importante no interior do Espiritismo brasileiro, ao dizer que “igualmente típico da “internalização” do Movimento Espírita, em grau menor, umbandista, é

³⁷ Denizard Hyppolyte Leon Rivail adotou o uso de um pseudônimo a fim de, em primeiro lugar, evitar confusões devido ao seu extenso e conhecido trabalho no mundo científico da época; em segundo, para proteger o nome de sua família, muito conhecida na magistratura francesa e, por fim, devido a uma comunicação mediúmica onde seu guia espiritual relatara terem ambos vividos juntos uma existência anterior nas Gálias, como druidas, sob o nome de Allan Kardec. Disponível em: WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec: o educador e o codificador**. Vol: 1. Rio de Janeiro: FEB, 2004. p. 275-282. Também sobre tal aspecto da vida de Kardec, autores como Aubrée e Laplatine advogam as ideias de que esta identidade representa uma tentativa de diminuir o peso de uma herança católica francesa, recorrendo a um passado celta, pré-cristão, onde se endossava a crença reencarnacionista. Conforme AUBRIÉE, Marion; LAPLATINE, François. *La table, le livre et les esprits*. Paris: JC Lattès, 1990.

³⁸ WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. Op. Cit. p. 133 – 180.

³⁹ As cinco obras formadoras do Pentateuco são: “O Livro dos Espíritos”, referente à parte filosófica, de abril de 1857; “O Livro dos Médiuns”, relativo à parte científica, de janeiro de 1861; “O Evangelho segundo o Espiritismo”, relativo à parte moral, de abril de 1864; “O Céu e o Inferno, ou A justiça de Deus segundo o Espiritismo”, de agosto de 1865; “A Gênese, Os Milagres e as Predições”, de janeiro de 1868. (Nota do autor)

⁴⁰ CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961. p. XI – XIX.

⁴¹ *Ibidem*. p. 4 – 8.

a importância que assume o livro como fator de difusão e manutenção da convicção religiosa”.⁴²

Para a historiadora e antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, o Espiritismo é uma religião letrada, codificada, na qual o livro, a leitura e o estudo ocupam, junto com a caridade e a mediunidade, um lugar de destaque no seu sistema ritual⁴³. A autora destaca a importância do estudo e por conseguinte do livro e da leitura quando aponta que

a valorização do estudo relaciona-se a características estruturais desse sistema de crenças. É preciso que os homens, de seu lado, estudem e conheçam, participem em sua dimensão humana e menor dessa Verdade que os Espíritos detêm e lhes transmitem gradualmente. O estudo eleva o homem, dá-lhe firmeza e segurança, torna-o digno dos Espíritos. Essa religião desenvolve assim em seus adeptos um gosto pelo conhecimento, pela leitura, uma *sede de saber*⁴⁴.

Os antropólogos franceses Marion Aubrée e François Laplantine, em sua obra “La Table, Le Livre et Les Esprits”, a qual atribuímos um valor seminal, além de nos proporcionarem um vasto estudo histórico e antropológico em torno do Espiritismo na França e, posteriormente, no Brasil apresentam como principal tese a importância visceral da escrita e da leitura para o espiritismo:

tanto o espiritismo brasileiro como o francês refletem as características de seu fundador, educador de formação, implicando em um processo de formação doutrinária, de controle contínuo e pedagógico que passa pelo livro e pela escritura. Ele atribui um valor capital as mensagens escritas (a psicografia) tanto que ela constitui um setor importante do mercado editorial brasileiro.⁴⁵

⁴² CAMARGO. Op. Cit. p. 63.

⁴³ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O Mundo Invisível: Cosmologia, Sistema Ritual e Noção de Pessoa no Espiritismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 12.

⁴⁴ Ibidem. p. 55. Grifo da autora.

⁴⁵ Conforme minha tradução do seguinte trecho: Le spiritisme brésilien, à l’image du spiritisme français, et de son fondateur, éducateur de formation, implique un processus de formation doctrinale, de contrôle continu et de pédagogie qui passe par le livre et l’écriture. Il attribue un valeur capitale aux messages écrits (la psychographie) tandis qu’il constitue un secteur important de la publication au Brésil, tous genres confondus. AUBRÉE, Marion, LAPLATINE, François. **La Table, Le Livre et Les Esprits: naissance, évolution e actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil**. Paris (França): Éditions Jean-Claude Lattès, 1990. p. 194.

Outra contribuição significativa vem da obra de Bernardo Lewgoy, que redimensiona o entendimento do Espiritismo, quando insiste na compreensão das práticas espíritas, a partir da noção de práticas de leitura. Assim, no Espiritismo haveria a legitimação “da autoridade de seu referencial doutrinário, cosmológico e ritual por meio de práticas culturais letradas, que necessariamente envolvem a escrita e a leitura em sua realização”⁴⁶. Para o autor, o Espiritismo é uma religião da cultura escrita no sentido de pressupor limites mínimos de letramento ao seu adepto a fim que este possa participar de forma efetiva nos trabalhos realizados cotidianamente nos centros espíritas⁴⁷. Para Lewgoy,

o espiritismo kardecista não é apenas uma religião do livro que contém uma abundante literatura religiosa mas é, em sua essência, uma religião letrada, no sentido de que, dado o seu enraizamento em temas e emblemas que caracterizam a modernidade ocidental, desde o Século XIX, como o racionalismo iluminista, o cientificismo e o gênero romance – o espiritismo se apropria religiosamente desses fatores numa espécie de leitura cristã dessecularizante da “ciência” e da “literatura”.⁴⁸

À íntima ligação apontada por Lewgoy entre os valores caros ao Espiritismo e o racionalismo iluminista e o cientificismo, que tão bem caracterizam a modernidade ocidental, desde o século XIX, podemos acrescentar a ligação demonstrada por Michel de Certeau entre modernidade, progresso e livro, e a valorização da prática escriturística pela modernidade ocidental, prática esta que, segundo o autor: “assumiu valor mítico nos últimos quatro séculos reorganizando aos poucos todos os domínios por onde se estendia a ambição ocidental de fazer sua história e, assim, fazer história”⁴⁹.

Ainda conforme Certeau, a modernidade ocidental, nesse contexto, ligou o oral ao atraso, àquilo “que não contribui para o progresso”⁵⁰. O Espiritismo, com sua supervalorização do livro, como buscaremos demonstrar a seguir, enquadra-se perfeitamente nesse espírito moderno-ocidental da época de seu surgimento em meados do século XIX.

⁴⁶ LEWGOY(2000). Op. Cit. p.III.

⁴⁷ Ibidem. p. 9.

⁴⁸ Ibidem. p. 15.

⁴⁹ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 224.

⁵⁰ Idem.

A análise dos trabalhos desses autores, conjugada com teóricos como Stuart Hall e Roger Chartier, permite-nos investigar o papel do livro, da cultura livresca e da aprendizagem formal como constitutivos da pretendida identidade espírita proposta por seu codificador e pelas autoridades espíritas brasileiras nucleadas na FEB.

Baseados em Stuart Hall, em nossa pesquisa, trabalhamos identidade, com base na ideia de identificação⁵¹. Devemos ter cuidado com a noção do senso comum, em que identificação corresponde a uma origem comum ou relaciona-se com características partilhadas entre grupos ou pessoas, ou ainda tendo por fundamento um ideal comum⁵². Em uma abordagem discursiva, como a proposta por Hall, identificação é percebida

como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre “em processo”. Ela não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, “ganhá-la” ou “perdê-la”; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada.⁵³

Assim, por ser construída dentro e não fora do discurso é que as identidades devem ser compreendidas como fruto de locais históricos e institucionais exclusivos, criadas no interior de jogos de poder específicos, sendo, portanto, mais fruto da diferença e da exclusão, do que da unidade⁵⁴. Assim sendo, quando abordamos de alguma maneira identidade, devemos ter em mente o sentido de alteridade, uma vez que somente a existência do “outro” torna possível a nossa própria identidade. É assim nesse contexto, no qual as identidades são constituídas no interior de formações e práticas discursivas, que vamos identificar as lutas existentes dentro do campo espírita na busca entre a FEB e a RC pela possibilidade de impor sua visão do que é ser espírita e do que é ser o outro, ou seja, o diferente.

A constituição e o papel desenvolvido pela FEB ao longo dos anos são de vital importância para podermos compreender a dinâmica do campo espírita brasileiro. Assim, devemos ressaltar o seu posicionamento no interior desse campo, uma vez que é portadora de

⁵¹ A partir deste ponto, quando grafarmos o termo identidades, será usado neste novo sentido de identificação.

⁵² HALL (2000). Op. Cit. pp. 102 – 103.

⁵³ Ibidem. p. 106.

⁵⁴ Ibidem. p. 109 – 110.

um projeto no qual pretende ser reconhecida como porta-voz autorizado.⁵⁵

Em meio às lutas pela constituição e manutenção da identidade espírita, encontramos desde antes da fundação da FEB (1884), antes mesmo da chegada do Espiritismo ao Brasil, traços da aproximação da identidade espírita com a cultura livresca, que emprestava e ainda agrega ao Espiritismo certa respeitabilidade social.

Dentre os muitos exemplos que podem ilustrar de modo marcante as lutas travadas ao longo dos anos, intra e extramuros, pelo Movimento Espírita Brasileiro em busca de sua identidade, usamos aqui apenas dois. Primeiramente, a divisão entre “místicos” e “científicos”⁵⁶, defendida por alguns autores, entre eles Canuto Abreu, Francisco Acquarone, Ubiratan Machado e Sylvia Damazio, como a responsável por grande parte da história do Espiritismo Nacional. História esta encarada como reflexo da luta entre esses grupos, com grande ênfase na atuação de ambos na busca incessante pela proeminência dentro do movimento⁵⁷. Por outro lado, associamo-nos à postura de Emerson Giumbelli que defende a fluidez da identificação entre “místicos” e “científicos”. Segundo o autor, essa disputa resume-se a um jogo por parte do Espiritismo no emprego ora da identificação de “místico” ora na de “científico”, determinado pelas conjunturas, isto é, quando se fazia necessário um diálogo com o arcabouço jurídico da República, apresentava-se como religião, tendo em vista a liberdade de culto

⁵⁵ Quando nos reportamos à noção de porta-voz autorizado, recorreremos a Bourdieu a fim de entendermos esta posição da FEB no interior do campo espírita, quando ele define: “O porta-voz autorizado é aquele ao qual cumpre, ou cabe, falar em nome da coletividade, é ao mesmo tempo seu privilégio e seu dever, sua função própria, em suma, sua competência (no sentido jurídico do termo). BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: USP, 1996. p. 81 – 128.

⁵⁶ Apoiados nos escritos de Canuto Abreu e Emerson Giumbelli, para nós os “científicos” seriam aqueles adeptos do Espiritismo que apoiam seus estudos, exclusivamente, no “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”. Já os “místicos” seriam aqueles que além de nos livros citados, sem os quais não poderiam ser chamados de espíritas, dão ênfase maior ao “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e demais livros escritos por Kardec. (Nota do autor).

⁵⁷ Tanto as obras doutrinárias de ABREU, Canuto. **Bezerra de Menezes**: subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895. São Paulo: FEESP, 1991. e ACQUARONE, Francisco. **Bezerra de Menezes**: o médico dos pobres. São Paulo: Aliança, 2004, quanto às análises historiográficas de MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo**. Niterói: Lanchâtre, 1997 e DAMAZIO, Sylvia. **Da Elite ao Povo**: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, entre outros, fazem parte daqueles que encaram o desenvolvimento da doutrina espírita no Brasil como reflexo da luta entre “místicos” e “científicos”.

preconizada pela Constituição Federal de 1891⁵⁸, que possibilitava a fuga da repressão policial ensejada pelo Código Penal de 1890⁵⁹. Por outro lado, quando se fazia necessário dialogar com o discurso médico-psiquiátrico, apresentava-se como ciência⁶⁰.

Partindo mais uma vez da ideia de que a identidade se forja a partir da alteridade e de maneira dinâmica e processual, apresentamos como segundo exemplo a luta empreendida pelo Espiritismo em busca de sua identidade, demonstrando a sua intenção de diferenciar-se das crenças afro-brasileiras, tentando fugir tanto do caráter ágrafo do Candomblé, quanto das acusações de anticristianismo e mesmo de conteúdos racialistas.⁶¹

Inicialmente a FEB, em 1926, faz publicar no Reformador⁶² uma resenha dos trabalhos realizados na primeira reunião do Conselho Federativo do mesmo ano, na qual declarava que

a Federação, em tese, não infirma as manifestações de “caboclos” nem de “pretos”, conquanto não os adote como norma mais eficiente de trabalho, [...] achando que,

⁵⁸ Art. 72 - A Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no País a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes:

§ 1º - Ninguém pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei.

§ 2º - Todos são iguais perante a lei.

A República não admite privilégios de nascimento, desconhece foros de nobreza e extingue as ordens honoríficas existentes e todas as suas prerrogativas e regalias, bem como os títulos nobiliárquicos e de conselho.

§ 3º - Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.

⁵⁹ O Código Penal de 1890, vigente até 1942, entre os “crimes contra a saúde pública”, apontava o seguinte:

Art. 157: Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de molestias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica:

Penas – de prisão celular de um a seis meses, e multa de 100\$000 a 500\$000.

⁶⁰ GIUMBELLI, E. **O cuidado dos mortos**: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997. p. 69.

⁶¹ Esse mesmo jogo discursivo existia entre os intelectuais da Umbanda, o Candomblé, a Macumba e a Quimbanda, tentando a primeira portar-se longe das três últimas. O grande esforço realizado pelos intelectuais da Umbanda na tentativa de aproximação com o Espiritismo e a concomitante tentativa de afastamento das demais religiões de matiz africana encontramos em ISAIA, Artur César. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 11, n. 11, p. 97-120, 1999.

⁶² A revista Reformador, fundada em 21 de janeiro de 1883, ainda em circulação, é o órgão oficial de divulgação da FEB desde a sua fundação em 1º de janeiro de 1884. (Nota do autor).

do mesmo modo devem proceder as sociedades adesas, uma vez que, como acima fica dito tais práticas são, não há que negar, Espiritismo, porém não Doutrina Espírita⁶³.

Quanto à questão de a Umbanda ser considerada Espiritismo por parte da FEB, à época, devemos procurar os fundamentos para tal posicionamento no livro “O que é o Espiritismo”, de Kardec, quando ressalta o pretendido caráter científico do Espiritismo, alegando que este se encontra em estado de potência na natureza, assim como a eletricidade, sob outro ponto de vista⁶⁴. Desse modo, partindo de tal princípio, a análise dos escritos de Kardec possibilita a interpretação segundo a qual qualquer pessoa ou instituição, desde que concordasse com suas premissas básicas ou interpretações dos fenômenos mediúnicos, poderiam ser espírita, como podemos observar em suas palavras:

Mais bem observado depois que se vulgarizou, o Espiritismo vem derramar luz sobre grande número de questões, até hoje insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência e não de uma religião; e a prova disso é que ele conta entre os seus aderentes homens de todas as crenças, que por esse fato não renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos que não deixam de praticar todos os deveres do seu culto, quando a Igreja os não repele; protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e mesmo budistas e bramanistas⁶⁵.

Seguindo tal linha de raciocínio, a afirmação da Federação de que a Umbanda seria espírita estaria de acordo com a obra de codificação, embora a FEB faça uma diferença que Kardec não fez entre Espiritismo e Doutrina Espírita. Dessa maneira, relativamente à interpretação da FEB quanto ao fato de a Umbanda ser Espiritismo e não Doutrina Espírita, observamos uma contradição em relação às afirmações de Kardec contidas na introdução do livro “O Livro dos Espíritos”:

Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a

⁶³ SILVA, Gélvio Lacerda da. **Conscientização Espírita**. Capivari-SP: EME Editora, 1995. p. 161.

⁶⁴ KARDEC, Allan. **O que é Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1989. p. 129.

⁶⁵ *Ibidem*. p. 130.

origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a acepção que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas⁶⁶.

Em 1953, a FEB expõe mais uma vez seu apoio à tese, sobre a equivalência entre Umbandistas e Espíritas, fonte de grandes debates no interior do Movimento Espírita, como podemos observar na declaração de seus dirigentes nas páginas do Reformador:

[...]

II – Kardec igualmente escreveu (O Livro dos Médiuns, 21ª ed, capítulo XXXII, pag 411) que todo espírita é espiritualista, mas nem todo espiritualista é espírita. Raciocinando com o Codificador, podemos dizer: Todo protestante é cristão, mas nem todo cristão é protestante; e ainda: Todo umbandista é espírita, mas nem todo espírita é umbandista. E mais: Todo neo-espiritualista é espírita, porque aceita a manifestação dos Espíritos, mas nem todo espírita é neo-espiritualista.

Assim, todo umbandista é espírita, porque aceita a manifestação dos Espíritos, mas nem todo espírita é umbandista, porque nem todo espírita aceita as práticas de Umbanda⁶⁷.

Finalmente em 1978, por intermédio do mesmo Reformador, a FEB, em declaração oficial, publica que chamar de Espíritas aos Umbandistas é impróprio, abusivo e ilegítimo:

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, na sua condição de Casa-Máter do Espiritismo no Brasil e de legítima representante do Movimento Espírita Brasileiro, não só por motivos tradicionais e estatutários, mas porque congrega efetivamente, em seu Conselho Federativo Nacional, as instituições federativas estaduais, a ela livremente adesas, as quais federam, por sua vez, no mesmo regime de livre adesão, as mais representativas entidades espíritas legalmente constituídas em cada Estado da República Federativa do Brasil, cumpre o dever de declarar aberta e definitivamente que:

1. É imprópria, ilegítima e abusiva a designação de ESPÍRITAS adotada por pessoas, tendas, núcleos, terreiros, centros, grupos, associações e outras entidades

⁶⁶ KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 1989. p. 13.

⁶⁷ Conceitos elucidativos. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 71, n. 7, jul. 1953. p. 149.

que, mesmo quando legalmente autorizadas a usar tal título, não praticam a Doutrina Espírita, tal como foi clara e formalmente definida no editorial de “Reformador” de setembro de 1977, Ano 95, nº 1782⁶⁸.

Não cabe aqui nos aprofundarmos nas reverberações geradas por essas posições da FEB no interior do Movimento Espírita Brasileiro. Dessa maneira, salientamos apenas a natureza discursiva e processual da formação identitária espírita. Uma das formas mais claras de se dirimir esse conflito foi o emprego do livro, do estudo, como marca distintiva do Espiritismo⁶⁹. No surgimento da doutrina espírita, a base de seu desenvolvimento e distinção eram os fenômenos de efeitos físicos, como por exemplo, as “mesas girantes e dançantes” e as chamadas “materializações”, embora o marco considerado fundante para o Espiritismo tenha sido o próprio livro (o Pentateuco Kardequiano). Hoje, no Brasil, a sua caracterização não passa mais por tais fenômenos, mas sim pelo livro⁷⁰.

Como mencionamos anteriormente, a FEB procura atuar como instituição hegemônica no interior do campo espírita e como tal procura de várias maneiras a manutenção dessa condição. Uma das formas mais eficientes para se ter sucesso nessa empreitada é tentar monopolizar as questões referentes à identidade, principalmente o poder de instituí-la. Tendo em vista tal objetivo e a peculiar característica do Espiritismo em relação à leitura e ao estudo, verificamos o seu grande esforço na tentativa de inculcar, pela leitura, em seus membros afiliados e naqueles leitores eventuais das obras e textos por ela editados, a definição do que é ser espírita ou não. Para refletir sobre o assunto, lançamos mão dos conceitos formulados por Chartier, para quem a leitura é uma prática essencialmente criativa⁷¹, e apoiando-se na bela figura de imagem de Michel de Certeau, na qual o leitor é um caçador que percorre terras alheias, Chartier percebe a leitura como uma apropriação, invenção e

⁶⁸ Declaração Oficial. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 96. n. 1.787, fev. 1978. p. 46.

⁶⁹ Muito embora possamos observar o grande esforço realizado pelos intelectuais de Umbanda em sua tentativa de aproximação com o Espiritismo através do livro e da cultura letrada, como estudado por Artur Isaia em: ISAIA, Artur César. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 11, n. 11, p. 97-120, 1999. Também sobre o livro e o letramento como marca distintiva da Umbanda devemos analisar os estudos Cristiana Tramonte, principalmente sua tese de doutoramento: TRAMONTE, Cristiana Com a bandeira e Oxalá: trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. Itajaí, Florianópolis: Editora da UNIVALI, Lunardelli, 2002.

⁷⁰ AUBRÉE; LAPLATINE. Op. Cit. p. 196.

⁷¹ CHARTIER (2001). Op. Cit. p. 214.

produção de significados por parte do leitor⁷². Assim, espíritas, simpatizantes, membros da RC e quaisquer leitores revelarão diferentes leituras com base nas obras e textos vinculados pela FEB, evidenciando peculiares apropriações⁷³. Na contramão do leitor, conforme aponta Chartier, é possível

identificar as estratégias através das quais autoridades e editores tentaram impor uma ortodoxia ou uma leitura autorizada do texto. Dentre essas estratégias, algumas são explícitas e se fundamentam no discurso (em prefácios, prólogos, comentários e notas), e outras são implícitas, transformando o texto num mecanismo que deve, necessariamente, impor uma compreensão considerada legítima.⁷⁴

Dessa forma, é necessário trabalharmos sempre no interior de uma tensão, em que encaramos a leitura como prática criadora e a tentativa de inibição do leitor por meio de uma interpretação autorizada por parte dos autores, editores, impressores e autoridades. É nesse clima que encaramos os leitores dos textos federativos e a pretensão da FEB em ditar a correta leitura de seus textos.

Ainda trabalhando com a ideia de tensão, vamos encontrá-la, por exemplo, nas tentativas de imposição por parte da FEB do que é ser espírita, procurando impor seu padrão de identidade espírita. Por sua vez, outros componentes do campo espírita brasileiro que de alguma forma contestam essas diretrizes, e tentam sobrepô-las impondo as suas próprias, dão causa ao que Chartier denomina de lutas de representações⁷⁵.

⁷² CHARTIER (1999). Op. Cit. p. 77.

⁷³ Por apropriação, vamos entender o processo criativo que anula o sentido denotativo dos textos, configurando diferentes processos de relacionamento com eles. Igualmente, a apropriação para Chartier refere-se às diferenças no tocante aos usos comuns até mesmo opostos dos mesmos bens, textos e ideias. O que importa de fato é o contraste entre os modos de utilização de temas e formas comuns pelos grupos ou indivíduos (ênfase sobre as apropriações culturais). Conforme CHARTIER (2001). Op. Cit. p. 232-234.

⁷⁴ CHARTIER (2001). Op. Cit. p. 215.

⁷⁵ Encaramos a identidade também como representação tendo por base Chartier. Dessa maneira, representação, de uma forma ampla, engloba as construções mentais, o imaginário, as imagens por meio dos quais os homens interpretam e dão sentido à realidade, também como substituição, sendo capaz de personificar um ausente, tornando possível a sensação de sua presença, ou ainda como a exibição de uma presença. Para melhor compreendermos representação e seu triplice aspecto em relação as suas articulações no mundo social, ver CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990. p. 17 – 23. Por isso, as lutas identitárias, no interior do campo mediúnico brasileiro, são encaradas como lutas de representações que, para Chartier, são “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas [...] Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como

A FEB por intermédio do Conselho Federativo Nacional (CFN) promove a Campanha de Divulgação do Espiritismo a qual possui como objetivo “tornar a Doutrina Espírita cada vez mais conhecida e melhor compreendida pelo público em geral”⁷⁶. O principal veículo utilizado é a distribuição de dois folhetos explicativos, um sobre a Doutrina Espírita (Conheça o Espiritismo), destinado a todas as pessoas interessadas em conhecer o Espiritismo e o outro sobre o próprio Movimento Espírita (Divulgue o Espiritismo), destinado a todas as pessoas e instituições que participam do trabalho cujo objetivo é promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita⁷⁷. Esses dois textos, elaborados e distribuídos pela FEB em conjunto com as Atas das reuniões do CFN, que deram causa às suas criações⁷⁸, são ilustrativos e elucidativos do comportamento e das intenções da FEB no interior do campo espírita, assumindo-se como detentora do direito de falar em nome do Espiritismo, quando afirma difundir em seus textos a maneira certa de se interpretar o Espiritismo:

A Campanha de Divulgação do Espiritismo, aprovada e lançada pelo Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira em novembro de 1996, tem por objetivo tornar a Doutrina Espírita cada vez mais conhecida, melhor compreendida e adequadamente praticada.

[...]

Com uma correta visão da Doutrina Espírita, com o conhecimento das diretrizes gerais que norteiam o Movimento Espírita e com uma clara visão das tarefas que os espíritas e as instituições espíritas podem e devem realizar, serão facilitados e estimulados, por certo, os serviços de apoio às atividades mais específicas dos núcleos espíritas, tais como as de estudo da Doutrina, as de assistência espiritual, as de estudo e prática da Mediunidade, as de evangelização espírita da criança e do jovem, as de assistência e promoção social e as de divulgação da Doutrina Espírita.⁷⁹

estando sempre colocadas num campo de concorrência e de competições cujos desafios se anunciam em termos de poder e dominação”. Conforme podemos observar em: CHARTIER (1990). Op. Cit. p. 17.

⁷⁶ FEB. **O Trabalho de Unificação do Movimento Espírita**: preparação de trabalhadores para as atividades espíritas. Brasília: FEB, 2002. p. 2.

⁷⁷ Ibidem. p. 44 – 48.

⁷⁸ As versões mais atualizadas dos textos que buscam orientar o Movimento Espírita Brasileiro expedidos pela FEB são os conhecidos: Orientação aos Órgãos de Unificação e Orientação ao Centro Espírita, respectivamente de 2010 e 2006. (Nota do Autor).

⁷⁹ FEB. **O Trabalho de Unificação do Movimento Espírita**: preparação de trabalhadores para as atividades espíritas. Brasília: FEB, 2002. p. 2.

No folheto denominado “Conheça o Espiritismo”, encontramos aquilo que a FEB entende e divulga como sendo a prática espírita. Em um rol de sete práticas, destacamos:

[...]

O Espiritismo não tem sacerdotes e não adota e nem usa em suas reuniões e em suas práticas: altares, imagens, andores, velas, procissões, sacramentos, concessões de indulgência, paramentos, bebidas alcoólicas ou alucinógenas, incenso, fumo, talismãs, amuletos, horóscopos, cartomancia, pirâmides, cristais ou quaisquer outros objetos, rituais ou formas de culto exterior.

[...] ⁸⁰

No folheto denominado “Divulgue o Espiritismo”, a FEB explicita suas intenções do que vem a ser, entre outras coisas, o Movimento Espírita e o que são os grupos, centros ou sociedades espíritas que atuam no interior do movimento. O Movimento Espírita seria: “o conjunto das atividades que têm por objetivo estudar, divulgar e praticar a Doutrina Espírita, contida nas obras básicas de Allan Kardec, colocando-a ao alcance e a serviço de toda a Humanidade”⁸¹.

Os grupos, centros ou sociedades espíritas, conforme o mesmo folheto,

são núcleos de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, praticados dentro dos princípios espíritas; são escolas de formação espiritual e moral, que trabalham à luz da Doutrina Espírita;

[...] ⁸²

Fica claro diante da elaboração e distribuição desses folhetos e de outros textos dirigidos ao público em geral e particularmente ao que a FEB denomina de Movimento Espírita, entre outras coisas, o seu projeto de instituir uma identidade espírita centrada em torno de si. Também podemos notar a centralidade dos textos, e o seu uso de forma ampla, na tentativa da Federação de controlar o campo por intermédio dessas leituras e o estilo de escolas e núcleos de estudo dados às instituições formadoras do campo espírita.

A ligação entre a FEB e a história do Espiritismo é necessária e notória. Sendo assim, não nos cabe aqui repassá-la mais uma vez, porém

⁸⁰ FEB. **Conheça o Espiritismo**. Brasília: FEB, 2002.

⁸¹ FEB. **Divulgue o Espiritismo**. Brasília: FEB, 2002.

⁸² Idem.

a relação entre a busca e a definição da identidade espírita tentada pela FEB nos faz refletir sobre o entrelaçamento entre suas histórias, surgindo assim como um elo entre ambas o texto e a leitura.

Na época do surgimento do Espiritismo na França, ler o “Livro dos Espíritos” era uma tomada de decisão política, como foi a leitura da Bíblia durante a Reforma Protestante, simbolizando o acesso ao conhecimento, assim como um ato de libertação em relação ao conservadorismo católico e, do mesmo modo, um ato de insubordinação aos valores burgueses da sociedade, refletindo uma identidade laica e republicana⁸³. Os espíritas franceses de então pertenciam em sua grande parte à classe média, constituída por indivíduos que desejavam uma forma de religiosidade que estivesse de acordo com o seu tempo, ou seja, que acreditasse no progresso, na ciência, na “evolução” da humanidade e ainda garantisse a liberdade de consciência⁸⁴.

Na transferência do Espiritismo para o Brasil, a centralidade do livro e da leitura ganhou novo caráter, configurando como símbolo de ascensão social, em que saber ler e poder estudar é a marca de pertencimento às classes médias e superiores, além de ser uma resposta concreta às acusações de obscurantismo⁸⁵. Ficando claro o papel de vanguarda das elites no desenvolvimento do Espiritismo também no Brasil, onde saber ler e escrever eram privilégios concedidos a muito poucos.

O exemplo mais bem acabado a respeito da vinculação entre o livro e a identidade espírita encontramos na assinatura e posterior consolidação do Pacto Áureo e na definitiva consagração do livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, como o veículo constituidor da legitimação do Espiritismo relativamente ao Estado brasileiro e às demais instituições religiosas componentes do campo religioso brasileiro e da FEB no que se refere ao campo espírita brasileiro.

Em cinco de outubro de 1949, foi assinado, na cidade do Rio de Janeiro, com a presença de dirigentes espíritas de várias federações e uniões de nível estadual e nacional, um acordo para tentar por fim às históricas divergências que ocorriam no Movimento Espírita, o qual posteriormente passou a ser conhecido como “Pacto Áureo”, reunião denominada pela revista Reformador como “o evento de mais alta

⁸³ AUBRÉE; LAPLATINE. Op. Cit. p. 196.

⁸⁴ SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo**: história e poder (1938 – 1949). Londrina: EDUEL, 2005. p. 18.

⁸⁵ AUBRÉE; LAPLATINE. Op. Cit. p. 196.

significação da história do espiritismo brasileiro”⁸⁶. Esse sentimento de relevância é encontrado em todos os lugares no interior do campo espírita brasileiro, o evento é festejado como o símbolo maior da união do Movimento Espírita Brasileiro, em que, mesmo aqueles que não concordaram ou não concordam com a assinatura do pacto, são unânimes em declarar a sua importância.

Dentre as várias determinações surgidas devido à assinatura do pacto, destacamos apenas três:

a criação do “Conselho Federativo Nacional” – CFN composto por representantes das sociedades de âmbito estadual, inclusive do Distrito Federal, presidido pelo presidente da FEB;

a obrigação dos espíritas brasileiros porem em prática as orientações contidas no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo;

a ação do CFN ocorrerá no caso de alguma sociedade passar a adotar programa que colida com a doutrina exposta nas obras: “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”, e isso por ser ele, o “Conselho”, a entidade orientadora do Espiritismo no Brasil⁸⁷.

O primeiro e terceiro itens da lista demonstram o início do processo de consolidação da FEB como instituição possuidora do maior capital simbólico do campo espírita brasileiro⁸⁸. O destaque que damos ao segundo advém da importância do livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, psicografado por Chico Xavier e editado pela FEB, em 1938. O livro, segundo Fábio Luiz da Silva, dá à história do Brasil feições de uma história sagrada, tratando-a como uma criação divina, estabelecendo uma origem mitológica⁸⁹.

Além disso, apresenta uma imagem do país de acordo com as pretensões do Estado Novo, apostando na ideia de um núcleo central das decisões tão caras ao governo da época, justificando, assim, a centralização do poder federal, a intervenção do Estado na sociedade e a construção da nacionalidade brasileira, atendendo também aos seus próprios interesses, na busca de sua afirmação como a legítima representante do Espiritismo no Brasil⁹⁰. A obra estabelece um discurso que procura legitimar o Espiritismo e a FEB diante dos diversos agentes

⁸⁶ Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**. Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999. p. 3 – 12.

⁸⁷ Reformador. Op. Cit. p. 13 – 14.

⁸⁸ Para uma maior compreensão da ação da FEB verifique sua estrutura no Anexo 4.

⁸⁹ SILVA. Op. Cit. p. 18

⁹⁰ Ibidem. p. 49 – 60.

sociais, fazendo com que esta fosse reconhecida como porta-voz único do Movimento Espírita⁹¹. Além da origem divina do Brasil e de sua missão evangelizadora da humanidade, encontramos nas páginas do livro as origens materiais e espirituais da FEB, atribuindo a esta um papel de liderança no processo evolutivo do país, segundo a perspectiva espírita. Mais do que isso, detectamos a tentativa de afirmação de um mito de origem da FEB, por meio de uma narrativa de caráter histórico que, de acordo com o historiador José Murilo de Carvalho, tem como característica e função

a criação de um mito de origem é fenômeno universal que se verifica não só em regimes políticos mas também em nações, povos, tribos, cidades. Com frequência disfarçado de historiografia, ou talvez indissolúvelmente nela enredado, o mito de origem procura estabelecer uma versão dos fatos, real ou imaginada, que dará sentido e legitimidade à situação vencedora⁹².

Uma grande parte da história do espiritismo brasileiro e da FEB pode ser escrita atendo-se ao combate a respeito de quem pode falar sobre e em nome do Espiritismo, das lutas travadas no interior do próprio movimento pela hegemonia. Vemos invariavelmente a FEB lutar pelo poder de emitir um discurso performativo capaz de definir quem é espírita e quem é herege, em uma busca constante pelo acúmulo de capital simbólico a fim de tornar-se a representante legítima diante dos próprios espíritas e do campo religioso brasileiro. Percebemos isso pelas inúmeras tentativas de aproximação e cooptação do médium Chico Xavier por parte da FEB, especialmente por meio da União Espírita Mineira (UEM), afiliada à FEB, chegando a formar uma verdadeira parceria entre o médium e a federação, particularmente no que tange à campanha de unificação do Movimento Espírita Brasileiro por intermédio do Pacto Áureo, conforme podemos observar na tese de doutorado de Raquel Marta da Silva⁹³.

O Pacto Áureo foi o passo fundamental para a consolidação da FEB na posição em que hoje a encontramos no cenário religioso brasileiro e da sua tentativa em atuar como porta-voz autorizado do Espiritismo. A assinatura do pacto traz consigo uma magistral utilização

⁹¹ Ibidem. p. 63.

⁹² CARVALHO, JOSÉ Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 13 – 14.

⁹³ SILVA, Raquel Marta. **Mineridade, representações e lutas de poder na construção da “Minas Espírita”**: Da União Espírita Mineira a Francisco Cândido Xavier (1930 – 1960). 2008. 235p. Tese (Doutorado em História Cultural) – PPGH/UFSC, 2008. p. 172.

do livro como legitimador da FEB, guindando a pedra angular desse processo, no qual narra uma história sagrada, tanto do Brasil, quanto da própria FEB, guiadas ambas pelas mãos do próprio Cristo.

1.2 – Reforma Protestante e Espiritismo: parentescos culturais

Como podemos aproximar duas expressões culturais à primeira vista tão díspares como o Espiritismo e a Reforma Protestante do século XVI, além do elo inequívoco referente ao Cristianismo? Esse é o nosso desafio nesta segunda parte do primeiro capítulo. Para tanto, buscamos amparo teórico em Michael Löwy e o conceito utilizado de afinidade eletiva, definindo-a como

[...] um tipo muito particular de relação dialética que se estabelece entre duas configurações sociais ou culturais, não redutível à determinação causal direta ou à “influência” no sentido tradicional. Trata-se, a partir de uma certa analogia estrutural, de um movimento de convergência, de atração recíproca, de confluência ativa, de combinação capaz de chegar até a fusão⁹⁴.

Assim, em nosso estudo atual, utilizamos a afinidade pura e simples, ou parentesco espiritual, ou ainda homologia estrutural, definida pelo autor como “uma analogia ainda estática, que cria a possibilidade mas não a necessidade de uma convergência ativa, de uma *attractio electiva*”⁹⁵. A transformação dessa potência em ato, a dinamização da analogia e sua evolução para uma interação ativa dependem de condições históricas concretas: mutações econômicas, reações de classes e categorias sociais, movimentos culturais, acontecimentos políticos, etc. Portanto, em razão dessa tentativa de aproximação apelamos para a idéia weberiana de parentesco espiritual, conforme aparece em Löwy. Esta aproximação é possível, uma vez que utilizamos como fontes os textos produzidos por Kardec no século XIX na França. Ao passo que se utilizássemos como fontes os textos produzidos por doutrinadores brasileiros a nossa proposta, forçosamente, haveria de ser outra, ou seja, uma maior aproximação com o Catolicismo. Conforme, muito bem salienta em sua tese de doutoramento, Bernardo Lewgoy, o Espiritismo após sua chegada e posterior enraizamento no Brasil, tomou rumos diferenciados daquele proposto inicialmente por Kardec. Conforme podemos perceber em:

Presente no modelo representado por Kardec, a orientação racionalista da doutrina espírita é paulatinamente substituída no Brasil, primeiro pelas diretrizes da atuação de Bezerra de Menezes à frente da Federação Espírita

⁹⁴ LÖWY. Op. Cit. p. 15.

⁹⁵ Ibidem. p. 17.

Brasileira e, depois, pelo carisma atribuído à mediação e à dupla mediadora médium/mentor no modelo religioso de Chico Xavier⁹⁶.

Lewgoy destaca a aproximação entre o Espiritismo e o Catolicismo no Brasil ao fazer uma comparação daquilo que caracteriza como o modelo de Espiritismo de Kardec e o modelo de Chico Xavier, apontando algumas de suas características, as quais reproduzimos aqui de forma parcial⁹⁷:

Modelo de Allan Kardec	Modelo de Chico Xavier
Sistema da dívida: abolição da graça e ênfase exclusiva no mérito.	Sistema da dádiva convivendo com o sistema da dívida cármica, múltiplas situações em que um engloba o outro.
Justiça cármica assentada na inflexibilidade da lei de causa/efeito.	Reingresso do circuito da intercessão e da graça, uma característica da espiritualidade católica. Ou seja, conjuga-se graça e carma, dívida e perdão.
A caridade é mais reflexiva.	Ênfase na caridade material tendo em vista simultaneamente a evolução espiritual e a graça.
Ênfase superlativa no estudo e na razão. Igualitarismo, cultura científica e ideologia do mérito como fator de evolução espiritual.	O estudo está subordinado ao culto e à piedade, como no culto do Evangelho no lar. Crítica ao intelectualismo. Piedade prática como tão ou mais importante do que a racionalidade.

Para Lewgoy essa aproximação se dá através da religiosidade popular, onde o “plano espiritual” se assemelha discretamente do significado tradicionalmente aceito de “santo” e também por práticas como o “Culto Cristão no Lar”⁹⁸, a existência de imagens e velas em alguns centros espíritas e as famosas peregrinações a cidade de Uberaba a fim de ver e solicitar favores a Chico Xavier. Assim, como aponta o

⁹⁶ LEWGOY (2000). Op. Cit. p. 175.

⁹⁷ Ibidem. p. 176.

⁹⁸ É uma reunião em família que visa ao estudo e reflexão de passagens referentes aos ensinamentos contidos no Novo Testamento cristão à luz da Doutrina Espírita. (Nota do autor).

autor, da Cultura Católica o modelo de Espiritismo de Chico Xavier, absorveu o intercessionismo, vinculado ao culto aos Santos Católicos e a teologia popular mariana⁹⁹.

Outra questão que afasta o Espiritismo praticado por Kardec e seus seguidores na França do século XIX da Igreja Católica é a relação de ambos com a caridade. Para a antropóloga e filósofa francesa Christine Bergé a prática da caridade espírita caracterizava-se por sua natureza cooperativa, baseada na tríade revolucionária: liberdade, igualdade e fraternidade. Assim, representava a pobreza como uma alteridade relativizada, isto é, branda. Já a Igreja Católica, para essa autora, baseava sua ação em relação à caridade em valores tradicionais caros a elite, para quem a pobreza encontrava-se em situação de total alteridade em relação a si mesma. Desta maneira, a política espírita em relação a caridade favoreceu o surgimento, nas cidades, de redes de assistência mútua, onde ficavam diluídas as diferenças entre autores e destinatários das práticas de caridade¹⁰⁰, diferença essa tão marcada na relação católica com a caridade.

⁹⁹ LEWGOY, Bernardo . O sincretismo invisível: um olhar sobre as relações entre catolicismo e espiritismo no Brasil. In: Artur Cesar Isaia. (Org.). **Orixás e espíritos. O debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. 1 ed. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2006, p.216.

¹⁰⁰ BERGÉ, Christine. **L'au-delà et les lyonnais. Mages, médiums et francs-maçons du XVII ou Xxe. siècle**. Lyon :LUGD, 1995. pp.120 – 121.

1.2.1 – O livro, o letramento e a Reforma Protestante

Devido ao exposto na primeira parte deste capítulo, na qual tratamos da importância do livro e do letramento para o Espiritismo, podemos traçar alguns paralelos referentes à sua importância também para a Reforma Protestante.

Iniciamos chamando a atenção para um dos epítetos mais famosos da Reforma Protestante – Filha de Gutemberg¹⁰¹. A propagação da imprensa coincide com a Reforma e também com a ampliação do uso das línguas vernáculas, fato este utilizado pela própria imprensa, com a finalidade de impulsionar sua disseminação¹⁰². A grande redução de preços sofrida pelos livros, devido às novas técnicas de impressão, aliada ao emprego das línguas vernáculas e à busca por parte da burguesia ascendente pela solidificação de seu sucesso social, também via cultura, contribuíram sobremodo para a vulgarização do livro. O grande fenômeno editorial da Bíblia nesse período nos dá uma ideia desse fato, ao encontrarmos cerca de quatrocentas reedições antes da morte do próprio Lutero em 1546¹⁰³.

As Igrejas Reformadas pode-se atribuir a introdução das línguas vernáculas nas liturgias, nos discursos teológicos e, sobretudo, na Bíblia. Também a elas podemos imputar o primeiro “boom” editorial da história, referente à disseminação da Bíblia¹⁰⁴. Durante o século XVI, os grupos religiosos lançaram mão da imprensa de uma forma geral, confeccionando obras litúrgicas, catequéticas, espirituais, de propaganda e contra-propaganda. O livro que anteriormente tinha a função de guardião da memória, zelando por sua fidelidade, a partir da generalização da prática de leitura, teve sua relação com o texto alterada, com isso o escrito passou a ser um meio de comunicação direta¹⁰⁵.

O índice de analfabetos era muito grande no século XVI e a sua correta dimensão ainda não pode ser avaliada com exatidão. Novas

¹⁰¹ Chamamos a atenção neste ponto para a necessidade de relativizarmos a importância do livro no que diz respeito à Reforma Protestante defendida por Roger Chartier e Jean-François Gilmont em GILMONT, Jean-François. Reformas Protestantes e Leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; GUGLIEMMO, Roger (Org.). **História da leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 2002.

¹⁰² GILMONT, Jean-François. Reformas Protestantes e Leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no Mundo Ocidental**. v. 2. São Paulo: Ática, 2002. p. 48.

¹⁰³ Ibidem. p. 48 – 49.

¹⁰⁴ Ibidem. p. 51.

¹⁰⁵ Ibidem. p. 51 – 58.

pesquisas sobre a história do livro procuram considerar não só o “corpus” das publicações da época estudada, nem somente a rede de impressores e de vendedores, mas também o tipo de leitura que se fazia. Durante a implantação das Reformas Protestantes e Católicas, o mais provável era um imbricamento das práticas de leitura, sendo utilizada tanto a leitura em voz baixa para si mesmo, a leitura de várias pessoas em círculos limitados e a leitura coletiva de tipo litúrgico, na qual, ora o ministro lê para todos, ora cada pessoa segue o texto¹⁰⁶.

Da mesma maneira que a Reforma Protestante deu-se em paralelo com um grande incremento da leitura e da produção de livros como vimos, o Espiritismo surgiu na segunda metade do século XIX, quando no mundo ocidental se dava a alfabetização em massa, quando na Inglaterra, os índices de alfabetização, em 1850, atingiam 70% dos homens e 55% das mulheres. Na Alemanha, em 1871, as taxas de analfabetismo giravam em torno de 88%. Na França, logo após a Revolução, 50% dos homens e 30% das mulheres sabiam ler. Por volta da década de 1890, esses índices chegaram a 90% de ambos os sexos, tanto no campo quanto nas cidades¹⁰⁷.

A difusão do Protestantismo deve-se em boa parte ao livro, aos panfletos e à conseqüente leitura destes. Do mesmo modo, o Espiritismo cresceu por intermédio da divulgação pelos livros e panfletos.

A biografia de Kardec nos revela a grande influência do ethos protestante em sua vida, a qual se refletirá no Espiritismo. Embora oriundo de uma família tradicional e católica, Kardec foi enviado por seus pais aos 10 anos de idade para estudar em um dos mais prestigiados colégios da Europa, o Castelo de Yverdon, dirigido e fundado por Johann Heinrich Pestalozzi, discípulo de Jean-Jacques Rousseau, onde colocou em prática os ensinamentos contidos no *Emílio*¹⁰⁸. Kardec tornou-se um dos mais eminentes discípulos desse célebre professor e um dos principais divulgadores do seu sistema de educação, que tão grande influência exerceu sobre a reforma do ensino na França e na Alemanha¹⁰⁹.

Tanto a Suíça, com seu modo acolhedor em relação àqueles que fogem das guerras e do conservadorismo europeu, quanto Pestalozzi

¹⁰⁶ GILMONT. Op. Cit. p. 59.

¹⁰⁷ LYONS, Marlyn. Os Novos Leitores no Século XIX: Mulheres, Crianças, Operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no Mundo Ocidental**. v. 2. São Paulo: Ática, 2002. p. 165.

¹⁰⁸ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

¹⁰⁹ WANTUIL, Zeus e THIESEN. Op. Cit. p.21-60.

irão influenciar de modo marcante Kardec e o Espiritismo¹¹⁰. Pestalozzi representa os valores morais e educacionais, é a figura do mestre e do educador que marcará sua existência como pedagogo e como fundador do Espiritismo, em razão do ensino cosmopolita recebido no colégio, no qual se incluíam as mulheres. O protestantismo liberal de Yverdon contribuirá com o coração do espiritismo e sua doutrina, no seu ideal de tolerância, de fraternidade e de universalidade. Também contribui sobremodo com sua organização que pode ser caracterizada como segue: desconfiança em relação à improvisação, pontualidade das reuniões, exame extremo do cerimonial, do silêncio, o gosto pela limpeza e o ideal do trabalho bem feito, características marcantes do calvinismo¹¹¹.

¹¹⁰ AUBRÉE, Marion, LAPLATINE, François. Op. Cit. p. 24.

¹¹¹ Ibidem. p. 25.

1.2.2 – A democratização do acesso e interpretação do Evangelho

A relação direta entre Deus e os homens igualmente é um campo de aproximação entre as duas doutrinas (Espiritismo e Reforma). Para ambas não há a necessidade de tal intermediação, a relação deve ser direta. Kardec nos aponta tal relação quando diz que

o Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo-sacerdote¹¹².

O sacerdócio não existe no Espiritismo, por Kardec defender o princípio natural de tudo, da criação do mundo e de Deus, conforme elucidaremos mais adiante. Dessa forma, não existe no discurso espírita institucional a noção de sobrenaturalidade, de sagrado.

A função de intermediação entre a divindade e o crente exercida via de regra por um sacerdote, no caso do Espiritismo, é inexistente. Kardec estabeleceu, entre outras coisas, a universalidade da comunicação entre os espíritos e os vivos, apresentado na introdução de sua obra "O Evangelho Segundo o Espiritismo", na qual o autor propõe a democratização da terceira revelação:

Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por mais rápido caminho e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um pólo a outro, manifestando-se por toda a parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas vêem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos. [...] O Espiritismo não tem nacionalidade e não faz parte de nenhum culto existente; nenhuma classe social o impõe, visto que

¹¹² KARDEC, Allan. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 2000. p. 318.

qualquer pessoa pode receber
instruções de seus parentes e amigos
de além-túmulo¹¹³.

Ainda que não se possa fazer uma relação direta entre a ideia luterana de universalização do sacerdócio e a postura kardecista de “universalidade da comunicação entre os espíritos”, podemos inferir que ambas as posições advogavam uma democratização do acesso e interpretação do Evangelho, configurando um caso de parentesco cultural. A FEB em seu site na internet reafirma o posicionamento inicial de Kardec e afirma na página “O que é Espiritismo – prática”:

A prática espírita é realizada com simplicidade, sem nenhum culto exterior, dentro do princípio cristão de que Deus deve ser adorado em espírito e verdade. O Espiritismo não tem sacerdotes e não adota e nem usa em suas reuniões e em suas práticas: altares, imagens, andores, velas, procissões, sacramentos, concessões de indulgência, paramentos, bebidas alcoólicas ou alucinógenas, incenso, fumo, talismãs, amuletos, horóscopos, cartomancia, pirâmides, cristais ou quaisquer outros objetos, rituais ou formas de culto exterior. [...] A mediunidade, que permite a comunicação dos Espíritos com os homens, é uma faculdade que muitas pessoas trazem consigo ao nascer, independentemente da religião ou da diretriz doutrinária de vida que adotem¹¹⁴.

Com a Reforma, encontramos, primeiramente em Lutero e posteriormente em Calvino e outros, a exaltação do sacerdócio dos leigos, representada pela teoria do “sacerdócio universal”, na qual todos os cristãos são sacerdotes, embora nem todos possam servir, administrar e pregar. Para Lutero, não haveria diferença entre o sacerdote e o fiel. Caso um simples fiel fosse iluminado pelo Espírito, ele saberia mais do que todos os concílios¹¹⁵. Para Calvino, o pastor era um delegado dos fiéis que com eles partilhavam o sacerdócio universal¹¹⁶.

A doutrina do sacerdócio universal de Lutero ficou registrada em sua carta de apresentação a Jerônimo Mühlpfordt, administrador

¹¹³ KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1997. p. 27 – 29.

¹¹⁴ FEB. **Prática Espírita**. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/site/oquee.php?SecPad=216&Sec=334>>. Acesso em: 2 out. 2009.

¹¹⁵ DELUMEAU, Jean. **Nascimento e afirmação da Reforma**. São Paulo: Pioneira, 1989. p. 92 – 93.

¹¹⁶ *Ibidem*. p. 123.

municipal de Zwickau¹¹⁷, a qual ficou conhecida como “Da Liberdade do Cristão”, de 1520. Nesse documento, Lutero procurou explicitar o fundamento de sua doutrina e suas considerações sobre o pontificado. Lutero afirmou que somente mediante a fé o cristão seria capaz de salvar sua alma, somente a fé e não as obras poderiam torná-lo livre e bem-aventurado¹¹⁸. Decorrente da fé e da liberdade daquela oriunda, Lutero afirma que formatação “de posse da primogenitura e de todas as suas honras e dignidades, Cristo divide-a com todos os cristãos para que por meio da fé todos possam ser também reis e sacerdotes com Cristo”¹¹⁹. Mais adiante continua afirmando que,

além disso, somos todos sacerdotes; Isto é muito mais que ser rei porque o sacerdócio nos torna dignos de aparecer diante de Deus e rogar pelos outros. Porque a ninguém compete ficar diante de Deus e rogar, a não ser aos sacerdotes. Portanto, Cristo nos concedeu a capacidade de interceder e rogar espiritualmente pelos outros, do mesmo modo que um sacerdote intercede e roga corporalmente por seu povo¹²⁰.

Além da aproximação entre Espiritismo e Lutero baseada no livro, podemos também pensar o papel preponderante da educação e na busca do progresso humano, com a participação fundamental de uma elite de sábios, capaz de dirigir os destinos da humanidade. De acordo com Kardec, o papel dessa elite é apresentado em:

Homens doutos, instruí os vossos semelhantes; homens de talento, educai os vossos irmãos. Não imaginai que obra fazeis desse modo: a do Cristo, a que Deus vos impõe. Para que vos outorgou Deus a inteligência e o saber, senão para o repartirdes com os vossos irmãos, senão para fazerdes que se adiantem pela senda que conduz à bem-aventurança, à felicidade eterna?¹²¹

¹¹⁷ Zwickau é uma cidade do leste da Alemanha, no Estado da Saxônia, às margens do rio Mulde. Centro industrial, situado em uma região rica em minas de carvão. A economia é dominada por fábricas de automóveis, maquinaria, compostos químicos, produtos elétricos, instrumentos de precisão, madeira, papel, e comestíveis. Possuía uma população estimada de 99.846, em 2003. Conforme Encyclopædia Britannica. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/658580/Zwickau>>. Acesso em: 8 dez. 2009.

¹¹⁸ LUTERO, Martinho. **Da liberdade do cristão**. São Paulo: UNESP, 1998. p. 31 – 35.

¹¹⁹ *Ibidem*. p. 41.

¹²⁰ *Ibidem*. p. 43.

¹²¹ KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 1989, p. 258.

Lutero, por sua vez, em sua exortação aos prefeitos e câmaras municipais da Alemanha, em 1524, a fim de que estes criassem e mantivessem escolas cristãs, deu orientações a respeito da construção de livrarias ou bibliotecas, principalmente nas grandes cidades, destacando o papel dos administradores locais nesse empreendimento, o qual visava

[...] não somente para que os príncipes espirituais ou seculares tivessem literatura para ler e estudar, mas também para que os livros bons sejam preservados e não se percam juntamente com as artes e línguas que agora temos pela graça de Deus¹²².

Ainda nessa mesma carta, Lutero afirmava o papel dessa mesma elite:

No entanto, sabemos, ou deveríamos saber, o quanto é necessário e útil e o quanto agrada a Deus quando um príncipe, senhor ou conselheiro ou outra pessoa que deve governar é instruída e apta para exercer esta função cristãmente.

Mesmo que (como já disse) não existisse alma e não precisasse das escolas e línguas por causa das Escrituras e de Deus, somente isso já seria motivo suficiente para instituir as melhores escolas tanto para meninos como para meninas em toda parte, visto que também o mundo precisa de homens e mulheres excelentes e aptos para manter seu estado secular exteriormente, para que estão os homens governem o povo e o país, e as mulheres possam governar bem a casa e educar bem os filhos e a criação¹²³.

Desse modo, concordamos com Jean-François Gilmont quando afirma que para Lutero “o objetivo da escola não é o acesso de todos à cultura. A escola tem por função formar uma elite capaz de dirigir tanto a sociedade civil quanto a religiosa”¹²⁴.

Por tudo que fez, podemos asseverar que Lutero foi um inovador e renovador da Igreja, mas também podemos vê-lo como um conservador ao advogar o necessário respeito às autoridades constituídas e a Deus. Como aponta Weber, as concepções de Lutero em relação ao trabalho profissional, à medida que passava o tempo, o levava a crer cada vez mais que a posição concreta do trabalhador na sociedade era

¹²² LUTERO, Martinho. **Ética**: Fundamentos - Oração - Sexualidade - Educação - Economia. São Leopoldo - RS: Sinodal, 1995. (Martinho Lutero: Obras selecionadas; v. 5). p. 322.

¹²³ LUTERO, Martinho (1995). Op. Cit. p. 318.

¹²⁴ GILMONT, Jean-François. Op. Cit. p. 54.

fruto do desejo divino.¹²⁵ As impressões de Lutero vão seguindo nessa direção na medida do combate por ele efetuado contra os anabatistas e as revoltas camponesas, culminando com sua crença de que “o indivíduo deve permanecer fundamentalmente na profissão e no estamento em que Deus o colocou e manter sua ambição terrena dentro dos limites dessa posição na vida que lhe foi reservada”¹²⁶.

Assim, a vocação profissional em Lutero permaneceu aferrada ao tradicionalismo, no qual vocação “é aquilo que o ser humano tem de *aceitar* como desígnio divino, ao qual tem de ‘se dobrar’”¹²⁷.

Como percebemos em Isaia, também em Kardec vamos encontrar uma veia conservadora, agora em relação à manutenção da ordem burguesa, totalmente refratária à luta de classes e ao ativismo radical dos trabalhadores¹²⁸. Conforme o Espiritismo, as “leis naturais” formuladas por Deus dão o caráter da sociedade humana; assim sendo, Isaia afirma que

a ordem “natural” explicava as desigualdades entre os homens, vistas como fatos inevitáveis. Herdeiros das conquistas burguesas pós-revolucionárias, o Espiritismo endossava totalmente os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade, que julgava essencialmente ligados às leis de evolução humana. Por outro lado, se os homens são naturalmente iguais, o Kardecismo salienta que há uma desigualdade de aptidões, fruto do desigual estágio evolutivo entre eles. Às desigualdades de aptidões intelectuais somavam-se as de condição social, como fatos positivos totalmente inseridos na explicação evolucionista da vida¹²⁹.

¹²⁵ WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 76.

¹²⁶ *Ibidem*. p. 77.

¹²⁷ *Ibidem*. p. 77.

¹²⁸ ISAIA, A. C. Espiritismo, conservadorismo e utopia. In: PINTO, Elizabeth Aparecida; ALMEIDA, Ivan Antonio. (Org.). **Religiões, tolerância e igualdade no espaço da diversidade (exclusão e inclusão social)**. São Paulo: Falapreta, 2004, p. 107.

¹²⁹ ISAIA (2004). Op. Cit. p. 107.

1.2.3 – A importância do trabalho

Outro ponto de convergência entre o Espiritismo e a reforma Protestante percebemos quando analisamos as ideias de ambos em relação às questões referentes ao trabalho e, para isso, utilizamos os escritos de Weber em relação à ascese laica ou intramundana.

Weber, ao estudar as origens do capitalismo moderno e a influência da religião nesse processo, percorreu um caminho que o levará a analisar o racionalismo como uma marca do modo de vida ocidental. Em busca da compreensão da relação entre o que chamou de ética protestante e a origem do capitalismo, Weber analisa as máximas de Benjamin Franklin, as quais advertem os homens entre outras coisas de que tempo é dinheiro; crédito é dinheiro; o dinheiro é procriador por natureza e fértil; o bom pagador é senhor da bolsa alheia¹³⁰. Assim sendo, podemos perceber que o espírito do capitalismo de Weber é antes de tudo um modo disciplinado, ascético de se encarar a vida, uma ética de vida, a qual denominou de ascese do mundo ou ascese intramundana¹³¹. Weber, por um lado, encontra em Lutero uma clara oposição à vida monacal católica encarada como sem valor para fins de justificação perante Deus, além de ser produto de egoística falta de amor ao próximo ao se esquivar dos deveres do mundo. Por outro lado, para Lutero o trabalho profissional mundano aparece como a expressão exterior do amor ao próximo. Aos poucos, esse argumento puramente escolástico vai dando vazão à referência cada vez mais enfática ao cumprimento dos deveres intramundanos como a única via de agradar a Deus e, por isso, toda profissão lícita simplesmente vale muito e vale igual perante Deus¹³².

O Espiritismo, em virtude da “lei do progresso”, percebe o futuro do ser humano como um longo caminho rumo à perfeição. Fator preponderante para essa pretendida evolução do ser é a conjugação dessa lei com a “lei do trabalho”, capaz de funcionar como catalisador desse progresso. O desenvolvimento humano encontra-se, dessa forma, vinculado ao trabalho de maneira indissociável, aparecendo na codificação espírita como a melhor forma de evolução do homem e da sociedade. Como podemos observar em Kardec:

Pergunta 676. Por que o trabalho se impõe ao homem?
“Por ser uma conseqüência da sua natureza corpórea. É

¹³⁰ WEBER, Max. Op. Cit. p. 42 – 43.

¹³¹ Ibidem. p. 175.

¹³² WEBER, Max. Op. Cit. p. 73.

expição e, ao mesmo tempo, meio de aperfeiçoamento da sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência. Por isso é que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Ao extremamente fraco de corpo outorgou Deus a inteligência, em compensação. Mas é sempre um trabalho.”

Pergunta 677. Por que provê a Natureza, por si mesma, a todas as necessidades dos animais? “Tudo em a Natureza trabalha. Como tu, trabalham os animais, mas o trabalho deles, de acordo com a inteligência de que dispõem, se limita a cuidarem da própria conservação. Daí vem que o do homem visa duplo fim: a conservação do corpo e o desenvolvimento da faculdade de pensar, o que também é uma necessidade e o eleva acima de si mesmo. Quando digo que o trabalho dos animais se cifra no cuidarem da própria conservação, refiro-me ao objetivo com que trabalham. Entretanto, provendo às suas necessidades materiais, eles se constituem, inconscientemente, executores dos desígnios do Criador e, assim, o trabalho que executam também concorre para a realização do objetivo final da Natureza, se bem quase nunca lhe descubrais o resultado imediato.”¹³³

Conforme aponta Artur Isaia, a interpretação espírita do trabalho como catalisador do progresso humano, bem como a necessária conformação do ser humano à sua sorte e a procura incessante, por todas as maneiras, pelo seu aperfeiçoamento, ao máximo, tanto na vida pública quanto privada, aproxima essa visão espírita da ascese laica calvinista pensada por Max Weber¹³⁴. Isaia ainda assinala outras características que aproximam o modelo de trabalhador espírita do modelo weberiano quando afirma ser esse trabalhador um

cumpridor de suas obrigações profissionais, familiares e civis, conformado ao seu destino, não invejoso da riqueza dos patrões, comprometido com o aperfeiçoamento contínuo de seu trabalho e refratário ao espírito de rebelião. Tanto o progresso material como o espiritual deveriam ser frutos do comprometimento individual do homem.¹³⁵

Em decorrência de suas análises, Weber aponta o Calvinismo como a vertente protestante que melhor exemplifica a relação entre o protestantismo acético e o capitalismo. De acordo com essa corrente, o homem é predestinado por Deus à salvação ou à danação, e nada do que

¹³³ KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. Op. Cit. p. 328 – 329.

¹³⁴ ISAIA (2004). Op. Cit. p. 106.

¹³⁵ ISAIA (2004). Op. Cit. p. 106.

possa fazer mudará seu destino¹³⁶. Assim, para os calvinistas, a forma de se saber eleito ou não era por intermédio dos indícios de sucesso no trabalho, pois o cristão comprova seu estado de graça atuando no mundo “in majorem Dei gloriam”¹³⁷. Desse modo, segundo Weber, essa ética calvinista possibilitou o desenvolvimento de uma ética capitalista, determinada pela busca do lucro por meio do trabalho metuculoso e racional. Aos poucos, a motivação religiosa foi dando lugar ao desejo de lucro puro e simples, isto é, desvinculado de uma ética religiosa:

O puritano queria ser um profissional – nós devemos sê-lo. Pois, a ascese, ao se transferir das celas dos mostérios para a vida profissional, passou a dominar a moralidade intramundana e assim contribuiu [com sua parte] para edificar esse poderoso cosmos da ordem econômica moderna ligado aos pressupostos técnicos e econômicos da produção pela máquina, que hoje determina com pressão avassaladora o estilo de vida de todos os indivíduos que nascem dentro dessa engrenagem – não só dos economicamente ativos – e talvez continue a determinar até que cesse de queimar a última porção de combustível fóssil.¹³⁸

Com a desvinculação de seu caráter religioso, a ascese intramundana abriu-se para a racionalização da vida, agora motivada por razões econômicas, caracterizada por uma vida metódica, disciplinada e voltada para o trabalho.

O Espiritismo, como legítimo filho de meados do século XIX, surgiu como herdeiro do cientificismo e do racionalismo, interagindo com o liberalismo, socialismo utópico e com o positivismo¹³⁹. O final do século XVIII e a primeira metade do século XIX foram marcados por grandes revoluções políticas, sociais e econômicas, fatos geradores de muita insegurança, os quais colocaram em xeque o racionalismo iluminista, baseado em leis imutáveis e perfeitas. Dessa forma, um novo racionalismo calcado na evolução contínua impunha-se ao restante do século XIX, tornando-o o século da transformação, do dinamismo e da história¹⁴⁰.

¹³⁶ WEBER, Max. Op. Cit. p. 92.

¹³⁷ Ibidem. p. 208.

¹³⁸ Ibidem. p. 165.

¹³⁹ ISAIA (2004). Op. Cit. p. 101-104.

¹⁴⁰ Ibidem. p. 102.

Como reflexo dessas matrizes de pensamentos, o Espiritismo por meio de suas “leis naturais”¹⁴¹, principalmente as leis do progresso e do trabalho, impõe uma racionalização à vida dos seres humanos. Racionalização esta baseada no trabalho sistemático, atuando como catalisador do progresso humano, uma vez que trabalho e progresso caminham de forma indissociável¹⁴². Até mesmo depois da morte, segundo o Espiritismo, o espírito humano é passível de progresso mediante o trabalho, ascendendo de forma linear e radicalmente evolutiva, abdicando da simples adoração divina, da eleição e de quaisquer práticas mágicas visando à sua evolução ou melhora moral, material ou espiritual.

¹⁴¹ As onze leis morais do Espiritismo encontram-se em O livro dos Espíritos: Da lei divina ou natural, Da lei de adoração, Da lei do trabalho, Da lei de reprodução, Da lei de conservação, Da lei de destruição, Da lei de sociedade, Da lei do progresso, Da lei de igualdade, Da lei de liberdade, Da lei de justiça, de amor e de caridade. (Nota do autor).

¹⁴² ISAIA (2004). Op. Cit. p. 105.

1.2.4 – Observações sobre os aspectos mágicos das religiões

O distanciamento e a conseqüente condenação dos aspectos mágicos e suas supostas ligações com as religiões fornecem mais um ponto de aproximação entre o Espiritismo e as Religiões Reformadas. De início, vemos a tentativa das Religiões Protestantes, nem sempre bem sucedida, em retirar quaisquer resquícios de elementos mágicos da religião, tentando eliminar a crença popular de que os rituais católicos pudessem possuir alguma eficácia mecânica e também a tentativa de abandonar o esforço católico de conferir a objetos físicos qualidades sobrenaturais por meio de fórmulas espaciais de consagração e exorcismo¹⁴³. Um bom exemplo desse movimento seria a associação da celebração da eucaristia com poderes mágicos, uma vez que tal celebração adquirira aos olhos do povo, de modo geral, uma eficácia mecânica, na qual o fator divino não se encontrava na congregação dos fiéis, mas no poder especial atribuído ao padre. Dessa maneira, era corrente a crença de que bastava a presença física do leigo durante a celebração para ser beneficiado, mesmo que na maioria dos casos lhe faltasse qualquer entendimento dos procedimentos ali realizados. De uma forma geral, os protestantes encaravam os sacramentos católicos como eivados de caráter mágico, pois operavam de forma automática, independentemente do valor moral do padre oficiante¹⁴⁴. A transubstanciação, por exemplo, tinha por causa instrumental sua fórmula de consagração, isto é, o que importava era a ideia mágica, segundo a qual bastaria a mera anunciação de palavras de forma ritualizada, para que ocorresse a transformação da matéria – o pão e o vinho em carne e sangue de Cristo¹⁴⁵.

Por sua vez, para os católicos do início da Era Moderna, qualquer atividade que fosse autorizada pela Igreja não era percebida como superstição. O que era realizado dentro das Igrejas, para a autoridade católica, não era magia, mas sim uma operação realizada por Deus. A diferença entre religiosos e mágicos residia não tanto nos efeitos que seus realizadores alegavam atingir, e sim em sua posição social e na autoridade em que se fundavam suas respectivas pretensões¹⁴⁶.

¹⁴³ THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 74.

¹⁴⁴ THOMAS. Op. Cit. p. 40 – 51.

¹⁴⁵ *Ibidem*. p. 41.

¹⁴⁶ *Ibidem*. p. 53.

Grande parte dos intelectuais ligados ao Espiritismo crê no chamado tríptico aspecto da doutrina, ou seja, o Espiritismo é ao mesmo tempo religião, filosofia e ciência. Segundo o Espiritismo, não há milagres, as “leis naturais” criadas por Deus são as responsáveis por toda a organização do Universo. Organização esta calcada na racionalidade científica, tão ao gosto do século XIX, critério usado como comprovação de veracidade dessas leis, que aparecerão na obra de codificação espírita como seu fundamento epistemológico. Assim, encontramos no pensamento de Kardec, ao longo de suas obras, algumas passagens referentes aos supostos milagres, como, por exemplo, no livro “A Gênese”, o Espiritismo é percebido como ciência quando Kardec afirma que,

como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram *a posteriori* confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.¹⁴⁷

No “Livro dos Espíritos”, Kardec aborda diretamente a relação entre os chamados fenômenos espíritas e os milagres:

Ao Espiritismo não compete examinar se há ou não milagres, isto é, se em certos casos houve Deus por bem interrogar as leis eternas que regem o Universo. Permite, a este respeito, inteira liberdade de crença. Diz e prova que os fenômenos em que se baseia, de sobrenaturais só têm a

¹⁴⁷ KARDEC, Allan. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 1980. p. 29.

aparência. E parecem tais a algumas pessoas, apenas porque são insólitos e diferentes dos fatos conhecidos. Não são, contudo, mais sobrenaturais do que todos os fenômenos, cuja explicação a Ciência hoje dá e que parecem maravilhosos noutra época. Todos os fenômenos espíritas, sem exceção, resultam de leis gerais. Revelamos uma das forças da Natureza, força desconhecida, ou, por melhor dizer, incompreendida até agora, mas que a observação demonstra estar na ordem das coisas.¹⁴⁸

Mais uma vez no livro “A Gênese”, Kardec afirma a condição natural dos fenômenos abordados pelo Espiritismo:

O Espiritismo, pois, vem, a seu turno, fazer o que cada ciência fez no seu advento: revelar novas leis e explicar, conseqüentemente, os fenômenos compreendidos na alçada dessas leis.

[...]

O Espírito mais não é do que a alma sobrevivente ao corpo; é o ser principal, pois que não morre, ao passo que o corpo é simples acessório sujeito à destruição. Sua existência, portanto, é tão natural depois, como durante a encarnação; está submetido às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo o está às que regem o princípio material; mas, como estes dois princípios têm necessária afinidade, como reagem incessantemente um sobre o outro, como da ação simultânea deles resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma quanto a outra, não sendo, pois, a primeira uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.¹⁴⁹

¹⁴⁸ KARDEC. **O Livro dos Espíritos**. Op. Cit. p. 479.

¹⁴⁹ KARDEC (1980). Op. Cit. p. 333 – 334.

1.2.5 – O livro religioso no mercado editorial brasileiro

Retomando os estudos de Lewgoy, podemos vislumbrar um novo papel para o livro, tanto para o Espiritismo quanto para as Religiões Reformadas. Esse novo papel diz respeito a questões mercadológicas e financeiras, visto que o segmento do livro religioso no mercado editorial brasileiro é o que mais cresce nos últimos anos. Lewgoy aponta as editoras espíritas e evangélicas como as mais representativas das grandes transformações ocorridas no negócio do livro religioso¹⁵⁰. O autor ainda assinala como fator decisivo para liderança nesse segmento dos livros espíritas a profissionalização do referido setor, apoiado em uma racionalidade capitalista a partir da década de 1980, com o fim do monopólio das federações, modernização da linguagem e manutenção do ethos espírita¹⁵¹. Indo ao encontro de Lewgoy, Ari Dourado, presidente da Associação de Editoras Espíritas (ADELER), inicialmente afirmou à revista *Isto É* que há dez anos o mercado editorial espírita via com desconfiança as capas chamativas para seus livros, e as vendas praticamente restringiam-se aos centros espíritas. Assegurou também que, após a profissionalização de tal segmento, as vendas atingiram o topo desse mercado¹⁵².

Lewgoy ainda afirma que o fenômeno de profissionalização do setor também ocorreu no meio editorial ligado aos protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais, ocasionando o término do monopólio das Igrejas, assim como ocorreu no meio espírita¹⁵³. A Associação de Editores Cristãos (ASEC) declarou à revista *Isto É* que o mercado editorial evangélico cresce 25% ao ano, acompanhando a taxa de crescimento de seus fiéis em relação à população brasileira¹⁵⁴.

Diante desses dados e da perspectiva de contínua expansão do mercado editorial brasileiro, seguindo a tendência dos últimos anos, constatamos a real importância financeira de um mercado que

¹⁵⁰ LEWGOY, Bernardo. **O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos.** Ciências Sociales y Religión, Porto Alegre, 2004. p. 63 – 64.

¹⁵¹ *Ibidem* p. 55

¹⁵² RABELO, Carina. Leitores de Fé. *Isto É*. São Paulo, n. 2076, p. 59, 26 de ago. de 2009.

¹⁵³ LEWGOY (2004). Op. Cit. p.61 – 63.

¹⁵⁴

movimentou 323 milhões de reais em 2008, em decorrência da venda de aproximadamente 50 milhões de exemplares¹⁵⁵.

Ao final deste primeiro capítulo, após trilharmos os primeiros passos na longa estrada que leva de Kardec a Lutero (Kardec – Lutero), caminho no qual investigamos a ruptura proporcionada pela Renovação Cristã no interior do campo espírita brasileiro, fomos capazes de perceber a importância capital do livro, da cultura livresca, portanto, do letramento para o Espiritismo. Dessa maneira, foi possível avaliar a dimensão dessa importância, quando refletimos sobre a utilização desses meios como constitutivos da pretendida identidade espírita proposta desde o início do Espiritismo, com Kardec, até os dias de hoje, com as autoridades espíritas brasileiras situadas, principalmente, na FEB. O emprego daqueles elementos como distintivos do “ser espírita” também ajudou a perceber a natureza discursiva dessa mesma identidade, quando, por exemplo, foram utilizados em meio às lutas pela determinação dessa identidade, realizadas pela FEB em sua tentativa por se tornar hegemônica no campo espírita brasileiro, com a assinatura do Pacto Áureo e da consagração do livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, como instituidor da supremacia pretendida pela FEB. Encontramos essa fluidez da identidade espírita também nas relações da FEB com outras religiões mediúnicas, como foi possível verificar em relação à Umbanda.

Neste ponto do trabalho, situados ainda nos passos iniciais do nosso caminho, atuando como meticolosos detetives, seguimos as pistas deixadas por nossos atores. Assim, em razão das peculiaridades dessa estrada, onde o Movimento de Reformas/Renovação Cristã apresentava uma proposta de aproximação entre o Espiritismo e a Reforma Protestante, alicerçada na interpretação bíblica de Martinho Lutero, utilizamos a ideia weberiana de parentesco espiritual, conforme leitura de Michel Löwy. Desse modo, fomos capazes de encontrar evidências, que apontaram pontos de convergência entre essas duas doutrinas religiosas, tais como: o livro e o letramento, a democratização do acesso e a interpretação da Bíblia Cristã, a importância do trabalho para a

¹⁵⁵ Para maiores informações, ver pesquisa divulgada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) encomendada à Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da USP (FIPE). Divulgada em agosto de 2009, referente a 2008, demonstra que o mercado editorial brasileiro apresentou crescimento de 9,7% em termos nominais (4,9% em termos reais) no faturamento em relação ao ano anterior. De um total faturado de R\$ 3.305.957.488,25, o subgrupo religioso contribuiu com R\$ 323.458.645,25 (9,78%); e o subgrupo didático contribuiu com R\$ 1.765.774.390,77 (53,41%). Conforme Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro – Relatório 2008 – FIPE. <<http://www.abdl.com.br/UserFiles/FIPE 2009.pdf>>. Acesso em: 1º mar.2010.

ascensão do ser humano e a negação dos aspectos mágicos ligados às religiões. Pontos esses listados aqui sem a menor pretensão de esgotar o tema ou traçar uma relação de causalidade entre as duas doutrinas.

Novos e decisivos passos em nossa caminhada serão dados no próximo capítulo, no qual encontraremos a FEB, Roustaing e suas ideias e, principalmente, a polêmica em torno delas.

Capítulo 2 – Roustaing: Os Quatro Evangelhos e a FEB

2.1 – Roustaing e os fundamentos das disputas no interior do campo espírita

Ao iniciarmos este segundo capítulo, sentimos a necessidade de fazer uma breve apresentação de um dos protagonistas dos acontecimentos aqui analisados. Jean-Baptiste Roustaing, apesar da importância que possui em relação às questões ligadas à união do Movimento Espírita Brasileiro, conforme veremos na sequência deste trabalho, praticamente é um desconhecido da grande maioria dos membros desse mesmo movimento, a ponto de ser tomado, por antigos e novos adeptos da doutrina espírita, como um autor atual. Para tanto, lançamos mão de algumas obras de cunho doutrinário¹⁵⁶, encaradas aqui como fontes de nossa pesquisa, com o intuito de citarmos acontecimentos referentes à vida de personagem tão importante.

Roustaing nasceu em 15 de outubro de 1805, em Sègles, França, oriundo de família muito pobre. Em virtude da precária situação financeira de sua família, começou a trabalhar desde muito cedo; dessa forma, foi capaz de financiar seus próprios estudos. Entre 1823 e 1826, tornou-se professor de Literatura, Ciências e Filosofia em Toulouse, cidade na qual residia. Mais uma vez, com o dinheiro obtido com suas aulas, custeou seus estudos de Direito. A partir de 1830 ingressou na advocacia, o que lhe permitiu alguns anos depois retornar a Bordeaux. Entre os anos de 1848 e 1849, tornou-se “Bastonário” (Presidente) da Ordem dos Advogados de Bordeaux, aos 42 anos, com grande prestígio e realizando-se economicamente¹⁵⁷.

Em 1853, devido à grande divulgação na Europa, tomou conhecimento dos, assim chamados, fenômenos das “mesas girantes e dançantes”, uma vez que, em Bordeaux, ocorreram diversos casos; todavia, sua primeira impressão é de incredulidade. Foi seu amigo, o advogado André Pezzani, quem o apresentou ao Espiritismo. Pezzani advogava no Tribunal de Lyon, tendo publicado obras a respeito de princípios morais elevados e, como estudioso das vidas sucessivas, desde 1838, escreveu “La Pluralité des Existences de L’âme”¹⁵⁸.

¹⁵⁶ As obras citadas são: História de Roustaing de Jorge D. Martins, Jean Baptiste Roustaing: Apóstolo do Espiritismo de Jorge D. Martins e Stenio Monteiro Barros e a própria obra de Roustaing Os Quatro Evangelhos: Revelação da Revelação.

¹⁵⁷ MARTINS, Jorge Damas. **História de Roustaing**. [s.n.t.] 1987. p. 19. Também ROUSTAING, J. B. **Os Quatro Evangelhos: Revelação da Revelação**. v. 1. Rio de Janeiro: FEB, 1952. p. 57 – 59.

¹⁵⁸ MARTINS (1987). Op. Cit. p. 20.

Segundo o relato de Roustaing, no prefácio de sua obra, durante um período de convalescença, ele primeiramente leu “O Livro dos Espíritos”, depois “O Livro dos Médiuns”, a seguir pesquisou na história desde a Antiguidade até os seus dias como os diversos povos se relacionavam em relação à comunicação do mundo espiritual com o mundo material; posteriormente, consultou os livros da filosofia profana e religiosa, antiga e recente, os prosadores e os poetas que refletiam as crenças e os costumes dos diversos tempos, também o “Velho” e o “Novo Testamento”¹⁵⁹. Cabe ressaltar que Roustaing declarou, também nesse prefácio, ser completamente leigo em relação ao Espiritismo, em janeiro de 1861. Em junho do mesmo ano, afirmou que já se encontrava “em relação” com os espíritos de grandes vultos do Cristianismo. Além disso, o que também é bastante incomum e surpreendente, em tão pouco espaço de tempo, apenas seis meses, estudou os dois principais livros do Espiritismo profundamente e ainda, conforme escreveu, consultou a história, desde a origem das eras conhecidas até os seus dias, além de ter estudado os livros da filosofia profana e religiosa, antiga e recente.

No início do ano de 1861, Roustaing volta à advocacia. Em abril do mesmo ano, passa a frequentar as reuniões do grupo espírita do Senhor Sabò em Bordeaux, seguindo orientações obtidas de Allan Kardec por intermédio de uma carta¹⁶⁰. Em dezembro do mesmo ano, Roustaing foi apresentado à senhora Emillie Collignon, a médium que será responsável pelo seu livro “Os Quatro Evangelhos”. Oito dias depois, ambos encontraram-se novamente, quando a médium recebeu uma mensagem assinada pelos espíritos dos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos pelos apóstolos, a qual mencionava o início da produção do livro citado¹⁶¹.

Em maio de 1866, ficou pronta a primeira edição de “Os Quatro Evangelhos – A Revelação da Revelação”, seguido dos mandamentos explicados em espírito e verdade pelos evangelistas, assistido pelos apóstolos e Moisés, recebido e coordenado por Jean-Baptiste Roustaing. Porém, somente em 5 de abril 1866, realizou-se o lançamento dos dois primeiros tomos da obra e, em 5 de maio, o terceiro e último tomo. Em 2 de janeiro de 1879, morreu Roustaing, após uma longa moléstia, em seu domicílio, em Bordeaux, com 73 anos de idade¹⁶².

¹⁵⁹ ROUSTAING. Op. Cit. p. 59 – 62.

¹⁶⁰ MARTINS. Op. Cit. p. 20.

¹⁶¹ Ibidem. p. 24.

¹⁶² MARTINS. Op. Cit. p. 29 – 39.

Kardec, como de costume, fez alguns comentários na Revista Espírita¹⁶³ de junho de 1866 a respeito da obra de Roustaing. Comentários que deram origem à grande polêmica, anos depois, no Brasil. Podemos destacar dentre eles o que aponta sobre o desrespeito ao princípio da confirmação universal propalado por ele:

Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, conseqüentemente lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita¹⁶⁴.

A seguir, Kardec ponderou sobre a tese central do livro, ou seja, o corpo fluídico de Cristo ou docetismo¹⁶⁵, quando escreveu que

[...] dá ao Cristo, em lugar de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um *agênere*. Aos olhos dos homens que não teriam podido compreender, então, sua natureza espiritual, teve que passar *EM APARÊNCIA*, essa palavra é incessantemente repetida em todo o curso da obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, colocado por premissa e pedra angular, é a base sobre a qual se

¹⁶³ A Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos - (La Revue Spirite - Journal d'Études Psychologiques) fundada em 1º de janeiro de 1858, por Allan Kardec, que a editou até sua morte, em 31 de março de 1869. Editada mensalmente é composta de 12 volumes, referentes aos anos de 1858 a 1869. Nela Kardec procura explicar os fatos que aconteciam à época à luz da Doutrina Espírita, escrevia artigos, comentava obras espíritas, dialogava com adeptos e detratores do Espiritismo, editava mensagens. Após o falecimento de Kardec, a revista continuou sendo publicada na França, com interrupções. (Nota do autor)

¹⁶⁴ KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos – Nono Ano – 1866. Araras: IDE, 2001. p. 129.

¹⁶⁵ Docetismo (do grego [dokeō], "para parecer") é o nome dado a uma doutrina cristã do século II, que defendia que o corpo de Jesus Cristo era uma ilusão e que sua crucificação teria sido apenas aparente. Conforme: FERREIRA, Aurélio B. Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 1 CD-Rom.

apóia para explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

[...] Sem prejudgá-la, diremos que já foram feitas objeções sérias a essa teoria, e que, na nossa opinião, os fatos podem perfeitamente se explicar sem sair das condições da Humanidade corpórea¹⁶⁶.

Posteriormente, Kardec, no seu último livro “A Gênese”, condena em definitivo a concepção docetista como parte integrante da Doutrina Espírita, ao escrever que Jesus Cristo,

como homem, tinha a organização dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual, do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível. A sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava de modo absoluto a matéria e da do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres (cap. XIV, nº 9). Sua alma, provavelmente, não se achava presa ao corpo, senão pelos laços estritamente indispensáveis¹⁶⁷.

Ainda em seu artigo na Revista Espírita, Kardec mencionou a proximidade da obra: “Na nossa opinião, se, limitando-se (sic) ao estrito necessário, ter-se-ia podido reduzir a obra em dois, ou mesmo em um único volume, teria ganhado em popularidade”¹⁶⁸.

¹⁶⁶ KARDEC 2001. Op. Cit., p.129 – 130.

¹⁶⁷ KARDEC 1980. Op. Cit., p. 395.

¹⁶⁸ KARDEC 2001. Op. Cit., p. 130.

2.1.1 – O Roustainguismo e sua chegada ao Brasil

Como ficou evidenciado nas páginas anteriores, Roustaing e Kardec foram contemporâneos, com suas ideias e obras surgindo na segunda metade do século XIX. A obra de Roustaing tem como principal arcabouço e inspiração os dois primeiros livros de Kardec, ou seja, “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”¹⁶⁹.

A atuação de Roustaing na elaboração do livro “Os Quatro Evangelhos” foi além da simples compilação das “revelações” dos espíritos; ele atuou como um organizador, ordenando os ditados, realizando “perguntas” aos espíritos responsáveis pela obra, além de elaborar a introdução e também fazer correções e acordos com livreiros e editores¹⁷⁰.

O livro é composto de duas partes; na primeira, encontram-se as explicações “ditadas” pelos espíritos dos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos pelos apóstolos; e na segunda, os mandamentos explicados por Moisés e pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos, conforme explicações que encontramos na capa do livro em suas diversas edições. Ao longo dos quatro volumes que compõem a obra no Brasil, – foi editado em três volumes na França – são explicados os capítulos e versículos dos Evangelhos que fazem parte do Novo Testamento Cristão. Diversamente da obra de Kardec “O Evangelho Segundo O Espiritismo”, na qual os ensinamentos morais do cristianismo eram comentados pelos espíritos e pelo próprio autor, a obra de Roustaing, uma exegese bíblica, dá novas interpretações a vários acontecimentos ligados à vida de Jesus Cristo¹⁷¹.

Como observamos na biografia de Roustaing, assinada por Jorge Martins e Stenio de Barros, a obra teve seu nome e função “ditados”¹⁷² pelos espíritos responsáveis pela obra em mensagem de maio de 1865:

Publica esta obra, a que darás o título de – Os Quatro Evangelhos, seguidos dos MANDAMENTOS EXPLICADOS em espírito e verdade, de acordo com os ensinamentos ministrados, quanto aos Evangelhos, pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos e, quanto aos Mandamentos, por Moisés e pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos.

¹⁶⁹ ROUSTAING. Op. Cit. p. 102.

¹⁷⁰ MARTINS, Jorge Damas, BARROS, Stenio Monteiro. **Jean Baptiste Roustaing: Apóstolo do Espiritismo**. Rio de Janeiro: CRBBM, 2005. p. 395.

¹⁷¹ GIUMBELLI. Op. Cit., p. 75.

¹⁷² Ver anexo 3 – Ordem espiritual para publicação das obras de Roustaing.

O trabalho é geral. Se bem que os nomes nem sempre sejam declinados, um de nós presidiu sempre à inspiração. O Espírito que nos anima é o mesmo que anima a todos os Espíritos superiores, sejam quais forem, que prepararam o advento da missão terrena do Mestre, que participaram do cumprimento dessa missão, que para ela concorreram, que trabalharam e trabalham pelo desenvolvimento, pelo progresso do vosso planeta e da vossa humanidade.¹⁷³

Não só o nome e função foram “revelados” pelos espíritos, mas também a sequência que deveria ter a obra e os seus futuros desdobramentos:

O que vais publicar será a primeira parte da obra geral. A segunda se comporá: 1º da refutação das objeções que esta primeira parte sobre os Evangelhos e os Mandamentos provocar; 2º da explicação, em espírito e verdade, dos Atos dos Apóstolos, das Epístolas, nas passagens que delas extrairemos para dar autoridade ao presente; da revelação, chamada Apocalipse, que João recebeu na ilha de Patmos¹⁷⁴.

Essa refutação, na qual encontramos pesadas críticas a Kardec, futuramente dará causa a grandes polêmicas quando de sua publicação, em parte encartada no livro de Roustaing, por seus adeptos, tanto na França quanto no Brasil¹⁷⁵, como será abordado mais adiante neste texto quando analisarmos os pontos polêmicos do Roustainguismo.

A segunda parte, referente aos Atos dos Apóstolos, Epístolas e ao Apocalipse, nunca chegou a ser publicada, mesmo que tenha sido escrita e sua publicação autorizada, conforme encontramos em Jorge Martins e Stenio de Barros¹⁷⁶.

O Movimento Espírita empenha-se pela coesão de sua doutrina e afiliados, desde o princípio, como podemos observar na conclusão de “O Livro dos Espíritos”, no qual Kardec escreveu a respeito da unidade do Espiritismo:

Os Espíritos sempre disseram que nos não inquietássemos com essas divergências e que a unidade se estabeleceria. Ora, a unidade já se fez quanto à maioria dos pontos e as divergências tendem cada vez mais a desaparecer. Tendo-se-lhes perguntado: Enquanto se não faz a unidade, sobre que pode o homem, imparcial e desinteressado, basear-se

¹⁷³ MARTINS; BARROS. Op. Cit. p. 399.

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ Ibidem. p. 414.

¹⁷⁶ Ibidem. p. 419.

para formar juízo? Eles responderam: Nuvem alguma obscurece a luz verdadeiramente pura; o diamante sem jaça é o que tem mais valor: julgai, pois, dos Espíritos pela pureza de seus ensinamentos. Não olvideis que, entre eles, há os que ainda se não despojaram das idéias que levaram da vida terrena. Sabei distingui-los pela linguagem de que usam. Julgai-os pelo conjunto do que vos dizem. Vede se há encadeamento lógico nas suas idéias; se nestas nada revela ignorância, orgulho ou malevolência; em suma, se suas palavras trazem todas o cunho de sabedoria que a verdadeira superioridade manifesta. Se o vosso mundo fosse inacessível ao erro, seria perfeito, e longe disso se acha ele. Ainda estais aprendendo a distinguir do erro a verdade. Faltam-vos as lições da experiência para exercitar o vosso juízo e fazer-vos avançar. A unidade se produzirá do lado em que o bem jamais esteve de mistura com o mal; desse lado é que os homens se coligarão pela força mesma das coisas, porquanto reconhecerão que aí é que está a verdade.

Aliás, que importam algumas dissidências, mais de forma que de fundo! Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda parte e vos hão de unir num pensamento comum: o amor de Deus e a prática do bem. Quaisquer que se suponham ser o modo de progressão ou as condições normais da existência futura, o objetivo final é um só: fazer o bem. Ora, não há duas maneiras de fazê-lo.

Se é certo que, entre os adeptos do Espiritismo, se contam os que divergem de opinião sobre alguns pontos da teoria, menos certo não é que todos estão de acordo quanto aos pontos fundamentais. Há, portanto, unidade, excluídos apenas os que, em número muito reduzido, ainda não admitem a intervenção dos Espíritos nas manifestações; os que as atribuem a causas puramente físicas, o que é contrário a este axioma: Todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente¹⁷⁷.

Diversamente do que afirmava Kardec, o Espiritismo seguiu seu caminho dividido em vários grupos e não como uma doutrina una. Na busca pelo entendimento das lutas intestinas do Espiritismo brasileiro, estudamos a obra de Pierre Bourdieu e suas definições a respeito do campo religioso, encontradas no livro “A Economia das Trocas Simbólicas”, compiladas na introdução por Sergio Miceli como

um campo de forças onde se enfrentam o corpo de agentes altamente especializados (os sacerdotes), os leigos (grupos sociais cuja demandas por bens de salvação os

¹⁷⁷ KARDEC (1989). Op. Cit. p. 492.

agentes religiosos procuram atender) e o “profeta” enquanto encarnação típica do agente inovador e revolucionário que expressa, mediante um novo discurso e por nova prática, os interesses e reivindicações de determinados grupos sociais. As oposições que esses grupos ocupam configuram um campo de batalha ideológica, expressão da luta de classes e do processo prevalente de dominação¹⁷⁸.

Para Bourdieu, a noção de campo é um espaço social de dominação e de conflitos, dotado de certa autonomia, definida pela sua própria capacidade de estabelecer as normas de sua produção e reprodução, possuindo igualmente suas próprias regras de organização e de hierarquia¹⁷⁹. Fundamentando-se nessa ideia, Peter Burke analisa o campo como “um domínio autônomo que, atinge a independência em determinada cultura e produz suas próprias convenções culturais”¹⁸⁰.

Dentre os vários grupos que compunham o campo espírita brasileiro, lutando entre si pela hegemonia do movimento, o Roustainguismo pode ser enquadrado no denominado grupo dos “místicos”, junto com os kardecistas. Enquanto estes apoiavam-se nos livros de Kardec e em suas teses, os roustainguistas elevaram o livro de Roustaing à mesma categoria de “O Livro dos Espíritos”, dando o mesmo valor doutrinário a ambos, além de endossarem todas as suas teses¹⁸¹, as quais veremos mais adiante.

Não demorou muito a chegada da obra de Roustaing ao Brasil, pois, em 1870 o autor enviou um exemplar para Salvador, no Estado da Bahia, a Teles de Menezes¹⁸², o qual registrou a ocorrência do fato em seu jornal “O Eco d’Além-Túmulo”¹⁸³. O livro ficou quase que esquecido durante doze anos, quando, a partir de um poema de Bittencourt Sampaio¹⁸⁴, voltou a ser debatido e estudado com mais intensidade¹⁸⁵.

¹⁷⁸ BOURDIEU; MICELI (2001). Op. Cit. p. XXL.

¹⁷⁹ BOURDIEU; MICELI (2001) Op. Cit. p. 106-119.

¹⁸⁰ BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 76.

¹⁸¹ ABREU. Op. Cit. p. 81.

¹⁸² Luís Olímpio Teles de Menezes (1825 – 1893), baiano de Salvador, professor das séries iniciais e latim, fundou o “Grupo Familiar do Espiritismo”, o primeiro agrupamento de Espíritas no Brasil, em setembro de 1865. Também foi o responsável pela fundação do primeiro periódico de cunho espírita do Brasil, em julho de 1869, “O Eco d’Além-Túmulo”, três meses após a morte de Kardec. Conforme WANTUIL, Zeus. **Grandes Espíritas do Brasil**. Rio de Janeiro: FEB. 1969. p. 563-580.

¹⁸³ MACHADO. Op. Cit., p. 162.

¹⁸⁴ Francisco Leite de Bittencourt Sampaio (1834 – 1895), jurista, magistrado, político, alto funcionário público, jornalista, literato, poeta lírico e famoso médium espírita. Foi deputado por duas legislaturas e Presidente (Governador) do Espírito Santo. Foi membro da

A obra chegou ao nosso país e foi amparada por um sentimento francófilo, uma vez que a França era encarada como o centro da civilização ocidental, emprestando assim o seu prestígio não só ao livro de Roustaing como ao próprio Espiritismo. Além disso, Roustaing era um nome bastante respeitado nos meios jurídicos de Bordeaux, somando-se a isso a notoriedade e grande prestígio da família da médium Collignon composta por vários juristas.

Com a morte de Kardec, em 31 de março de 1869, iniciou-se no seio do Espiritismo uma luta pela liderança do movimento na Europa, reproduzida também no Brasil, com divergências e competições pelo espólio moral do codificador¹⁸⁶, ratificando a tese de Bourdieu sobre a tendência à apropriação do bem simbólico. Na tentativa de consolidar a liderança dentro do Movimento Espírita e efetuar sua união, fundou-se, no Rio de Janeiro, em 2 de agosto de 1873, o “Grupo Confucius”¹⁸⁷, sendo a primeira entidade jurídica do Espiritismo no Brasil, responsável pela primeira tradução das obras de Kardec e da primeira assistência gratuita homeopática e pela “revelação” do nome do “Anjo Ismael” como “o guia espiritual do Brasil”. De curta duração, menos de três anos, a entidade não logrou êxito; ao invés de união ocorreu a divisão e a discórdia, com “científicos” de um lado e “místicos” do outro, dando início a uma longa divisão entre os espíritas brasileiros. Aos poucos, os kardecistas foram abandonando o grupo e fundando diversos outros de caráter isolados, autônomos, visando ao estudo exclusivo de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”¹⁸⁸. Já nessa época, realizavam-se estudos no Brasil sobre “Os Quatro Evangelhos”¹⁸⁹. Porém, não havia ocorrido ainda a divisão entre kardecistas e roustainguistas¹⁹⁰.

Cabe, neste ponto, uma observação importante a respeito do nome pelo qual ficou conhecido no meio espírita o “o guia espiritual do Brasil”, ou seja, “Anjo Ismael”. No Espiritismo, a figura do anjo, vista como uma criatura celestial, perfeita desde toda a eternidade, criada à parte e superior ao homem, atuando como ajudante ou mensageiro de Deus, não existe. Em “O Livro dos Espíritos”, nas perguntas 114, 115 e

primeira sociedade espírita da cidade do Rio de Janeiro – “Grupo Confúcio”. Conforme WANTUIL, Zeus. **Grandes Espíritas do Brasil**. Rio de Janeiro: FEB, 1969. p. 244-253.

¹⁸⁵ MACHADO. Op. Cit., p. 162.

¹⁸⁶ ABREU. Op. Cit. p. 29.

¹⁸⁷ ABREU. Op. Cit. p. 29. O Grupo Confucius não era uma homenagem ao filósofo chinês, mas a um espírito que vinha a algum tempo participando dos trabalhos particulares de Sequeira Dias, com princípios de elevada moral.

¹⁸⁸ *Ibidem* p. 32-33. Ver também em AQUARONE. Op. Cit. p. 46 – 47 e 80 – 81.

¹⁸⁹ MARTINS. Op. Cit. p. 37.

¹⁹⁰ ABREU. Op. Cit. p. 33.

128, encontramos as definições a respeito da progressão dos espíritos e sobre os anjos:

Pergunta 114: Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que se melhoram?

“São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.”

Pergunta 115: Dos Espíritos, uns terão sido criados bons e outros maus?

“Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber. A cada um deu determinada missão, com o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si. Nesta perfeição é que eles encontram a pura e eterna felicidade. Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os Espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Outros só a suportam murmurando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade.”

Pergunta 128: Os seres a que chamamos anjos, arcanjos, serafins, formam uma categoria especial, de natureza diferente da dos outros Espíritos?

“Não; são Espíritos puros: os que se acham no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições”¹⁹¹.

Na ressignificação brasileira do Espiritismo, abranda-se a distância com o Catolicismo. Assim, tendo em vista a denominação dada ao guia espiritual do Brasil, podemos perceber claramente a influência do Catolicismo sobre o Espiritismo brasileiro, uma vez que não podemos esquecer a primazia e o papel fundamental da cultura católica na formação da sociedade brasileira. Cultura que funciona como uma matriz sobre a qual se fundamenta a religiosidade nacional¹⁹².

Mais uma vez, em razão das inúmeras divergências entre “científicos” e “místicos”, foi provocado no interior da “Sociedade de Estudos Espíritos Deus, Cristo e Caridade”, fundada em 1876, diversos desmembramentos no período entre 1877 e 1879, dando origem a novos grupos. No ano de 1879, a sociedade transforma-se em “Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade”, de caráter eminentemente “científico”¹⁹³. Os “místicos” se reorganizam após a saída da sociedade

¹⁹¹ KARDEC (1989). Op. Cit. p. 95, 99 – 100.

¹⁹² LEWGOY (2000). Op. Cit. p. 209.

¹⁹³ MARTINS. Op. Cit. 40; ABREU. Op. Cit. p. 33-34; ACQUARONE Op. Cit. p. 49.

e, em março de 1880, invocando a liderança do espírito Ismael, fundam a “Sociedade Espírita Fraternidade”. Porém, quatro meses depois, em julho de 1880, ocorreu uma nova separação, quando Antônio Luiz Sayão¹⁹⁴ fundou o “Grupo dos Humildes”, cujo programa era o estudo de “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing. Posteriormente, em setembro de 1885, o grupo passa a se chamar “Grupo Ismael” ou “Grupo dos Estudos Evangélicos do Anjo Ismael”, mantendo o mesmo programa, sob a direção de Sayão e Bitencourt¹⁹⁵.

No interior da “Fraternidade”, onde o estudo de “O Evangelho Segundo Espiritismo”, de Kardec, era obrigatório, ocorreu a mais antiga divergência entre kardecistas e roustainguistas, quando estes, após fracassarem na tentativa de imporem suas teorias, abandonaram a sociedade e foram para o “Grupo do Anjo Ismael”¹⁹⁶.

¹⁹⁴ Antônio Luiz Saião (1829 – 1903), advogado, foi um dos fundadores do Grupo dos Humildes, depois Grupo Ismael da Federação Espírita Brasileira, destacou-se como um dos grandes pioneiros do Espiritismo. Pertenceu ao Grupo Ismael e foi um Roustainguista declarado, sendo seu grande defensor. Conforme WANTUIL, Zeus. **Grandes Espíritas do Brasil**. Rio de Janeiro: FEB, 1969. p. 139 - 168.

¹⁹⁵ MARTINS. Op. Cit. p. 40-43; ABREU. Op. Cit. p. 33 e 45.

¹⁹⁶ ABREU. Op. Cit. p. 48.

2.1.2 – Os pontos polêmicos do Roustainguismo

Como podemos perceber anteriormente, as divergências em torno das questões referentes ao Roustainguismo em terras brasileiras datam das duas últimas décadas do século XIX. Mas afinal, quais são as principais teses que dividiam e ainda dividem roustainguistas e kardecistas? Conforme buscamos mostrar nesta pesquisa, até hoje se encontram vivas as diferenças entre essas duas maneiras de se entender o Espiritismo. Para os primeiros, as questões dizem respeito apenas à interpretação sobre alguns tópicos da doutrina Espírita; por outro lado, os segundos alegam serem pontos fundamentais, isto é, fundantes do Espiritismo e que tais interpretações aviltam de forma definitiva a doutrina.

Começemos, então, pela tese central do livro de Roustaing, o docetismo ou o corpo fluídico¹⁹⁷ de Cristo. Conforme mencionamos (ver notas 165 e 166), de início Kardec aponta o docetismo como uma possibilidade não descartável, porém sujeita à confirmação posterior. Algum tempo depois, (ver nota 124) Kardec, no seu livro “A Gênese”, negou peremptoriamente tal questão¹⁹⁸.

É possível elencar diversos pontos polêmicos em razão direta da questão do corpo fluídico de Cristo e da não utilização, por este, de um corpo material como dos demais homens que viveram e vivem em nosso planeta. Para tanto, lançamos mão do livro dos pensadores espíritas Herculano Pires e Júlio Abreu Filho, a fim de mencionarmos alguns desses pontos¹⁹⁹. Inicialmente destacamos o desenvolvimento do corpo de Cristo quando do seu nascimento e o papel executado por sua mãe, nesse episódio, e a maneira pela qual encontramos o relato na obra de Roustaing:

Jesus houvera podido, unicamente por ato exclusivo da sua vontade, atraindo a si os fluidos ambientes necessários constituir o perispírito ou corpo fluídico tangível que

¹⁹⁷ O homem é formado de três partes: (1) o corpo, que é análogo ao dos animais; (2) a alma, espírito encarnado, que tem no corpo sua habitação; (3) o princípio intermediário, ou perispírito, que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Portanto, a alma é revestida por este envoltório ou corpo fluídico, chamado perispírito. Este invólucro é retirado do fluido universal de cada globo pelo espírito que lhe dá a forma que deseja. Daí porque, passando de um mundo para outro, o espírito muda de envoltório, como mudamos de roupa. Conforme CARNEIRO, Victor Ribas. **ABC do Espiritismo**. Curitiba: FEP – Federação Espírita do Paraná, 1996. p. 71 – 75.

¹⁹⁸ TOURINHO, Nazareno. **As tolices e pieguices da obra de Roustaing**. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1999. p. 44.

¹⁹⁹ PIRES, J. Herculano; ABREU FILHO, Julio. **O verbo e a carne: 2 análises do roustainguismo**. São Paulo: Edições Caibar, 1973. p. 13 - 15.

vestiu para surgir no vosso mundo sob o aspecto de uma criancinha. Maria, porém, antes da sua encarnação, pedira, por devotamento e por amor, a graça de participar da obra de Jesus, atraindo, pela emanção de seus fluidos perispiríticos, os fluidos ambientes necessários à constituição daquele perispirito. Dessa maneira se tinha que verificar a sua cooperação, mas de forma para ela inconsciente, porquanto o estado de encarnação humana lhe não permitia lembrar-se. Assim, ao aproximar-se o momento final da sua gravidez aos olhos dos homens, ela, inconscientemente, mas ardendo no desejo de cumprir a missão que o Senhor lhe revelara por intermédio do anjo ou espírito superior que lhe fora enviado, estabeleceu, pela emanção dos fluidos do seu perispirito, uma irradiação simpática que atraiu os fluidos necessários à formação do corpo fluídico de Jesus²⁰⁰.

Outro aspecto que chama a nossa atenção no livro de Roustaing é referente ao parto de Maria mãe de Jesus Cristo:

Seu parto foi igualmente obra do Espírito Santo, porque também foi obra dos Espíritos do Senhor, e só se deu na aparência, tal como a gravidez, por isso mesmo que resultava desta, que fora simplesmente aparente. Tanto quanto da gravidez, Maria teve a ilusão do parto, na medida do que era necessário, a fim de que acreditasse, como devia acontecer, num nascimento real²⁰¹.

Ainda em decorrência do corpo fluídico, encontramos em relação à primeira infância de Jesus Cristo o seguinte:

Quando Maria, sendo Jesus na aparência pequenino, lhe dava o seio, o leite era desviado pelos espíritos superiores que o cercavam, de um modo bem simples: em vez de ser sorvido pelo menino, que dele não precisava, era restituído à massa do sangue por uma ação fluídica que se exercia sobre Maria, inconsciente dela²⁰².

Podemos observar, nos trechos destacados, o papel exercido por Maria em duas fases da vida de Jesus, no nascimento e na primeira infância, quando atuava de maneira normal, sem nada perceber, quanto à natureza do corpo de seu filho, conforme afirma Roustaing. Em razão de considerações, observamos uma afinidade com a visão católica sobre a concepção de Jesus e a conseqüente virgindade de Maria. Além disso,

²⁰⁰ ROUSTAING Tomo 1. Op. Cit. p. 161.

²⁰¹ Ibidem. p. 195.

²⁰² ROUSTAING Tomo 1. Op. Cit. p. 243.

esses pontos remetem a situações ligadas ao maravilhoso, ao milagroso, dado que derrogam as leis naturais criadas por Deus, conforme o pensamento espírita, leis tais que o próprio Deus não contraria, ainda de acordo com a visão espírita. Assim, podemos verificar uma frontal oposição entre tais princípios roustainguistas e os espíritas em relação à existência ou não de milagres.

Além disso, há outra afirmação em “Os Quatro Evangelhos”, merecedora de destaque, pois também é capaz de promover grande controvérsia no interior do campo espírita, aquela que trata da encarnação de Jesus:

Mas, não o esqueçais: todo aquele que reveste a carne e sofre, como vós, a encarnação material humana é *falível*. Jesus era demasiadamente puro para vestir a libré do culpado. Sua natureza espiritual era incompatível com a encarnação material, tal como a sofreis. Sua encarnação foi qual vos temos anunciado. Ele não esperou, sepultado no seio de uma mulher, a hora do nascimento²⁰³.

Os kardecistas afirmam que o autor partiu do princípio da culpa, segundo o qual todo espírito encarnado já faliu, em consequência é culpado. Desse modo, uma vez que Jesus era um espírito que nunca falira, consoante Roustaing, não seria necessário passar pelo processo reencarnatório, quebrando um dos principais postulados do Espiritismo, ou seja, a encarnação e a reencarnação, por meio das quais operam as leis da evolução e de causa e efeito. Podemos observar no Livro dos Espíritos a importância da encarnação atribuída por Kardec nas seguintes perguntas:

Pergunta 132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, *têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal*: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.

Comentário de Kardec: A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na Sua

²⁰³ Ibidem, p. 166.

sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar Dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza.

Pergunta 133. Têm necessidade de encarnação os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem?

Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a uns, sem fadigas e trabalhos, consequentemente sem mérito.²⁰⁴

Kardec, na Revista Espírita de junho de 1863, portanto, antes da publicação do livro de Roustain, já refutava ideias que dispensavam o ser humano das sucessivas encarnações:

Segundo um sistema, que tem alguma coisa de especial à primeira vista, os Espíritos não teriam sido criados para serem encarnados, e a encarnação não seria senão o resultado de suas faltas. Esse sistema cai por esta consideração de que, se nenhum Espírito tivesse falido, não haveria homens sobre a Terra nem sobre os outros mundos; ora, como a presença do homem é necessária para a melhoria material dos mundos; que ele concorre pela sua inteligência e sua atividade à obra geral, é um dos órgãos essenciais da criação. Deus não podia subordinar o cumprimento dessa parte de sua obra à queda eventual de suas criaturas, a menos que não contasse para isso sobre um número sempre suficiente de culpados para alimentar de obreiros os mundos criados e a criar. O bom senso repele tal pensamento.

A encarnação é, pois, uma necessidade para o Espírito que, para cumprir sua missão providencial, trabalha em seu próprio adiantamento pela atividade e a inteligência que lhe é preciso empregar para prover à sua vida e ao seu bem-estar; mas a encarnação se torna uma punição quando o Espírito, não tendo feito o que deve, é constrangido a recomeçar sua tarefa e multiplica suas existências corpóreas penosas pela sua própria falta²⁰⁵.

O conceito segundo o qual somente espíritos culpados e decaídos animam os corpos é uma ideia católica, consequência da concepção do pecado original²⁰⁶, conceito em franca oposição ao

²⁰⁴ KARDEC 1989. Op. Cit. p. 103.

²⁰⁵ KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos – 6º Ano – 1863. Araras: IDE, 2001. p. 115.

²⁰⁶ TOURINHO. Op. Cit. p. 50.

entendimento espírita. Como podemos observar, há uma grande distância que separa a ideia de pecado original presente na teologia católica e, por consequência, a existência de espíritos culpados, da lei do progresso contínuo esposada pelo Espiritismo. Ainda em relação à temática da reencarnação, encontramos em diversas passagens do livro de Roustaing afirmações nas quais o autor declara ser esta um castigo, como, por exemplo, em: “a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo, já o dissemos. E o castigo não pode preceder a culpa”²⁰⁷. Assim sendo, a encarnação aparece como uma punição, longe do caráter de lei natural, proposta pelo Espiritismo, segundo a qual todos os espíritos devem se submeter, conforme as questões 132 e 133 de “O Livro dos Espíritos”. Essa posição assumida pelo roustainguismo dá a Deus uma feição de divindade punidora, conforme a ideia judaico-cristã, responsável pela criação do inferno e das penas eternas²⁰⁸.

Outra questão refere-se a fatos corriqueiros da vida de Jesus, como:

Durante o tempo que não consagrava à prática da lei do trabalho, por meio do labor manual, à prática da bondade e da caridade, ao cumprimento de todos os deveres ostensivos da humanidade, Jesus “se ausentava”, afigurando-se a Maria e aos homens que repartia assim o tempo entre os deveres humanos e a prece, sem que jamais o tivessem visto fazer qualquer refeição, tomar qualquer alimento humano, seja em casa com a família, seja alhures²⁰⁹.

Em uma rápida leitura da Bíblia cristã, podemos encontrar várias passagens em que os evangelistas relatam o comparecimento e a permanência de Jesus em festas e banquetes, como nas Bodas de Caná e também na Última Ceia com seus discípulos, fatos levantados de forma sistemática pelos opositores de Roustaing²¹⁰.

Ainda em inúmeras outras passagens de “Os Quatro Evangelhos”, encontramos termos e conceitos caros ao catolicismo, os quais provocam algumas reações negativas em seus opositores, sendo a mais frequente a ênfase dada a estes de forma a ligar a obra pejorativamente a desvios católicos no interior do Espiritismo. No segundo volume do texto de Roustaing, na página 254, Deus aparece sentado em um trono; já na página 170, seus “anjos” descem a Terra

²⁰⁷ ROUSTAING. Op. Cit. p. 317. (tomo 1)

²⁰⁸ TOURINHO. Op. Cit. p. 57 – 60.

²⁰⁹ ROUSTAING Tomo 1. Op. Cit. p. 255.

²¹⁰ TOURINHO. Op. Cit. p. 52.

para estenderem seus braços fraternais; em outra passagem, na página 297, Jesus é denominado “O Redentor”. Na página 308, Jesus é denominado o “filho único do Pai”, além de, na página 440, declarar que o “sucessor de São Pedro estenderá sua santa mão para abençoar o universo”²¹¹.

Kardec denomina o Espiritismo como a Terceira Revelação da Lei de Deus ou como o Consolador prometido por Jesus; enquanto Roustaing apresenta sua obra como a Revelação da Revelação, portanto como uma etapa superior ao Espiritismo de Kardec. Nas páginas de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, encontramos, em relação à terceira revelação, as seguintes palavras:

A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento tem-na no Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos, que *são as vozes do Céu*, em todos os pontos da Terra, com o concurso de uma multidão inumerável de intermediários²¹².

Enquanto no capítulo 6º do mesmo texto Kardec afirma que

assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.²¹³

Contudo, Roustaing em sua obra contesta Kardec, não só quando dá o sub-título de revelação da revelação a ela, mas também quando afirma ter sido “ levado a empreender, executar e publicar esta obra preparatória da revelação predita e prometida por Cristo, o Espírito da Verdade”²¹⁴. Mais além, Roustaing assegurar que

os Espíritos do Senhor vêm trazer aos homens a nova revelação, a que podeis chamar, como já vos dissemos, “*revelação da revelação*”, e, por meio dela, clarear e desenvolver as inteligências, purificar os corações no

²¹¹ Ibidem. p. 67 – 70.

²¹² KARDEC (1997). Op. Cit. p. 64.

²¹³ KARDEC (1997). Op. Cit. p. 157 – 158.

²¹⁴ ROUSTAING Tomo 1. Op. Cit. p. 57.

crisol da ciência, da caridade e do amor²¹⁵.

A FEB, por intermédio de seu presidente Juvanir Borges de Souza, em maio de 1994, nas páginas do “Reformador”, reitera sua posição oficial em relação à natureza do corpo de Cristo, ponto tão polêmico capaz de produzir grandes desdobramentos, como os observados anteriormente, e que segundo a FEB é uma questão secundária no interior da doutrina, todavia encarado de forma diversa por seus opositores, que o consideram raiz de grandes controvérsias relativamente aos fundamentos da doutrina espírita:

Assim a FEB procura pautar as suas atividades dentro dos princípios que a Doutrina Espírita oferece, reconhecendo o Evangelho como a expressão mais pura da lei de Deus, roteiro moral para toda a humanidade, e Jesus como o modelo e guia para todos os homens, independentemente das características do corpo por ele utilizado para conviver com os seres humanos. Isto porque, não se constituindo em ponto básico da Doutrina Espírita, a aceitação ou não das teorias que tratam deste assunto, dependentes ainda de comprovação que deverá ocorrer com a evolução da Humanidade, representa uma questão de foro íntimo de cada adepto, sem nenhum prejuízo para o estudo ou a prática da Doutrina.²¹⁶

O Espiritismo toma como princípio a atuação de leis naturais responsáveis pelo ordenamento do universo; leis emanadas do próprio Deus criador; conseqüentemente, assumem um caráter imutável e “erga omnes”, isto é, os seus efeitos atingem a todos os indivíduos indistintamente. Sendo assim, a lei do Progresso²¹⁷, expressa em “O Livro dos Espíritos”, impõe-se a todos os espíritos que encarnaram ou irão encarnar em nosso planeta. Para o Espiritismo, Jesus constitui o mais perfeito modelo a ser seguido pelo homem, sendo a expressão mais bem acabada da lei de Deus, uma vez que ele é o mais puro de todos os espíritos que já apareceram sobre a Terra²¹⁸. Como tal, Jesus encontra-se não só submetido à Lei do Progresso, que implica o desenvolvimento do espírito e também do corpo físico, mas também às leis que regem a reencarnação. Assim, como qualquer outro espírito, para reencarnar, Jesus necessitou de um corpo físico e de um perispírito, fundamentais

²¹⁵ Ibidem. p. 415.

²¹⁶ Esclarecimento da Federação Espírita Brasileira ao Movimento Espírita. **Reformador**. Rio de Janeiro, n. 1994, p. 9, maio 1995.

²¹⁷ KARDEC (1980). Op. Cit. p. 362 – 374.

²¹⁸ Ibidem. p. 308.

para sua atuação em nosso planeta, pois segundo a Doutrina Espírita o homem encarnado é composto de três partes: espírito, corpo e perispírito²¹⁹. Portanto, Jesus como o maior representante de Deus na Terra, não poderia derogar suas leis, dessa forma, possuiu as três partes necessárias a qualquer reencarnação, consoante os princípios espíritas. Como podemos ver, trata-se de uma questão doutrinária de suma importância para o Espiritismo, pois envolve aspectos fundamentais da doutrina (leis naturais, Lei do Progresso, reencarnação), não podendo ser encarada como secundária, a menos que se tenha em mente a tentativa de desqualificá-la a ponto de pôr a termo qualquer tipo de discussão sobre o tema, e assim poder dar continuidade aos postulados roustaingistas sem chocá-los com os princípios defendidos por Kardec.

Outro aspecto responsável por grande debate no seio espírita é a sorte atribuída por Roustaing àqueles espíritos que cometeram graves erros contra as leis de Deus e encontram-se próximos de uma nova encarnação:

O Espírito vai habitar corpos formados de substâncias contidas nas matérias constitutivas do planeta. Esses corpos não são aparelhados como os vossos, porém os elementos que os compõem se acham dispostos por maneira que o Espírito os possa usar e aperfeiçoar.

Não poderíamos compará-los melhor do que a criptógamos carnudos. Podeis formar idéia da criação humana, estudando essas larvas informes que vegetam em certas plantas, particularmente nos lírios. São massa, quase inerte, de matérias moles e pouco agregadas, que rasteja, ou antes desliza, tendo *os membros*, por assim dizer, *em estado latente*.

[...] Tais encarnações, por mais horríveis que possam parecer, são um benefício imenso feito ao Espírito. *Tendo falido*, convém que ele se submeta ao jugo dessa mesma matéria da qual se acreditava senhor, a fim de bem compreender a sua impotência e de adquirir, pelo exercício e pelo combate, a força, a destreza e sobretudo a experiência que lhe faltavam. Ora, aquilo que pune o Espírito é também o que o regenera. Sem essa terrível provação, ele ficaria vicioso e seu poder, se fosse mantido, se tornaria nocivo à harmonia universal, *o que é impossível*.²²⁰

Kardec no Livro dos Espíritos, anterior à publicação de “Os Quatro Evangelhos”, aborda a questão da evolução ou involução do

²¹⁹ KARDEC (1980). Op. Cit. p 104.

²²⁰ ROUSTAING Tomo 1. Op. Cit. p. 313 – 314 .

espírito e da metempsicose de maneira oposta àquela defendida por Roustaing, conforme podemos observar a seguir:

Pergunta 193. Pode um homem, nas suas novas existências, descer mais baixo do que na atual?

Com relação à posição social, sim; como Espírito, não.

Pergunta 194. É possível que, em nova encarnação, a alma de um homem de bem anime o corpo de um celerado?

Não, visto que não pode degenerar.

a) - A alma de um homem perverso pode tornar-se a de um homem de bem?

Sim, se se arrependeu. Isso constitui então uma recompensa.

Comentário: A marcha dos Espíritos é progressiva, jamais retrograda. Eles se elevam gradualmente na hierarquia e não descem da categoria a que ascenderam. Em suas diferentes existências corporais, podem descer como homens, não como Espíritos. Assim, a alma de um potentado da Terra pode mais tarde animar o mais humilde obreiro e vice-versa, por isso que, entre os homens, as categorias estão freqüentemente, na razão inversa da elevação das qualidades morais. Herodes era rei e Jesus, carpinteiro.

Comentário 222. [...] Contudo, entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação, há, como também se sabe, profunda diferença, assinalada pelo fato de os Espíritos rejeitarem, de maneira absoluta, a transmigração da alma do homem para os animais e reciprocamente²²¹.

Também na Revista Espírita de 1863, Kardec trata o assunto de forma bastante clara:

Tendo sido levantadas, várias vezes, questões sobre o princípio da não-retrogradação dos Espíritos, princípio diversamente interpretado, iremos tentar resolvê-las. O Espiritismo quer ser claro para todo o mundo, e não deixar aos seus futuros filhos nenhum assunto de querelas de palavras, por isso todos os pontos suscetíveis de interpretação serão sucessivamente elucidados.

Os Espíritos não retrogradam, nesse sentido de que não perdem nada do progresso realizado; podem ficar momentaneamente estacionados; mas de bons, não podem se tornar maus, nem de sábios, ignorantes. Tal é o princípio geral, que não se aplica senão ao estado moral, e não à situação material, que de boa pode se tornar má, se

²²¹ KARDEC (1989). Op. Cit. p. 131 e p. 143.

o Espírito a mereceu²²².

O trabalho de compilação da doutrina espírita efetuado por Kardec baseou-se no que ele denominou de controle universal dos ensinamentos dos espíritos, apresentado na introdução do livro *Evangelho Segundo o Espiritismo*²²³. O referido princípio tinha por escopo evitar que o conteúdo doutrinário não ficasse restrito à autoridade de um único espírito ou de um único médium; dessa forma, Kardec submetia ao cruzamento as diversas respostas dadas pelos diversos espíritos a diversos médiuns espalhados pelo mundo. Assim, dizia que

a garantia única, séria, do ensinamento dos Espíritos está na concordância que existe entre as revelações feitas espontaneamente, por intermédio de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos lugares.²²⁴

Porém, esse cuidado metodológico não ocorreu com Os Quatro Evangelhos, no qual as questões foram submetidas a apenas uma médium, ou seja, à senhora Emillie Collignon, fato bastante contestado pelos opositores de Roustaing²²⁵.

Como mencionamos, a segunda edição brasileira do livro de Roustaing de 1918 ou 1920²²⁶, produzida pela FEB, traduzida por Guillon Ribeiro, o qual no ano seguinte tornar-se-ia seu presidente, trouxe encartada uma série de severas críticas a Allan Kardec e ao seu comentário sobre Os Quatro Evangelhos de Roustaing na “Revista Espírita”, de junho de 1866²²⁷. Essas mesmas críticas foram impressas

²²² KARDEC (2001). Op. Cit. p. 115.

²²³ KARDEC (1980). Op. Cit. p. 11 – 18.

²²⁴ *Ibidem* p. 13.

²²⁵ TOURINHO. Op. Cit. p. 12.

²²⁶ Em vários sites e publicações, encontramos como 1920 o ano da publicação da segunda edição de “Os Quatro Evangelhos de Roustaing”; porém, ao visitarmos a Biblioteca Nacional, encontramos em seu acervo a segunda edição datada de 1918. (Nota do autor).

²²⁷ Estas críticas elaboradas por Roustaing fazem parte originalmente de uma obra intitulada “Les Quatre Évangiles de J.-B. Roustaing. Réponse à ses Critiques et à ses Adversaires. Édité par les élèves de J.-B. Roustaing” (Os Quatro Evangelhos de J. B. Roustaing. Resposta a seus críticos e seus adversários. Editada pelos alunos de J. B. Roustaing), cujo original é constituído de 164 páginas. Inicialmente, foi publicada de forma compacta como prefácio da 2ª tiragem francesa de Os Quatro Evangelhos, em 1882, por seus discípulos quatro anos após sua morte. A obra completa foi publicada em brochura no ano de 1883 na França por J. Durand. No Brasil, foi impressa pela FEB com base na tradução da 2ª tiragem francesa de 1882, realizada

mais uma vez na terceira edição de 1942, sendo suprimidas, sem explicações por parte da FEB, a partir da próxima edição datada de 1954. Entre as diversas críticas inseridas nesse encarte, destacamos a percepção de Roustaing quanto à recepção de sua obra por parte de Kardec, considerando-a fria, além de insinuar que Kardec possuía pretensões à infalibilidade e ideias preconcebidas, como podemos notar no seguinte trecho:

Applicando o nosso methodo de crítica ao artigo de Junho de 1867, ahi vamos encontrar tudo o que apresentámos á consideração dos leitores, a proposito da introduccão do *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tudo lá está: o fundo, a forma, o ostracismo, a infallibilidade. É a applicação do systema preconcebido a uma obra á qual se faz desde logo o mais bello *enterro de primeira classe* que se pudera desejar. Na França, em geral, pouco se lê. Os spíritas, habituados, na sua maioria, a aceitar tudo, disseram: O *chefe*, o *mestre* certamente applicou a sua contraprova universal aos tres volumes de J. -B. Roustaing. Não podemos por conseguinte comprar nem lêr *uma obra inútil*.²²⁸

Verificamos ,além disso, no referido encarte, a pretensão de Roustaing em fundar uma nova igreja universal:

A nossa obra se destina a crear a base e os fundamentos da egreja *una e universal do Christo* para a nova era. Ella indica os modos e os meios da sua edificação, projectando um novo raio de luz acerca do conhecimento do Pae, do Deus creador, increado, immutavel, *unico* eterno, infinito, e do Filho, conhecimento esse dado aos homens em verdade, de maneira precisa²²⁹.

Além dos pontos elencados, podemos trazer à tona outro aspecto marcante dessa disputa travada no interior do campo espírita: a intensa luta pela cooptação de nomes importantes dentro da doutrina,

por Guillon Ribeiro, o tradutor de Os Quatro Evangelhos para o português. Foi encartado nas edições da FEB, de 1918/1920 e 1942. Conforme MARTINS, Jorge Damas, BARROS, Stenio Monteiro. **Jean Baptiste Roustaing: Apóstolo do Espiritismo**. Rio de Janeiro: CRBBM, 2005. p. 414. Também em: **O Missionário da Fé**. Disponível em: <http://www.grupodosoito.com.br/subpaginas/roustaing_mess.htm>. Acesso em: 22 out. 2007.

²²⁸ ROUSTAING, J. B. **Os Quatro Evangelhos: Revelação da Revelação**. v. 1. Rio de Janeiro: FEB, 1918. 50. O fragmento de texto está grafado conforme o original, com as normas ortográficas vigentes à época.

²²⁹ ROUSTAING (1918). Op. Cit., p. 72. O fragmento de texto está grafado conforme o original, com as normas ortográficas vigentes à época.

por roustainguistas e kardecistas. Para melhor compreendermos tal fenômeno, recorreremos mais uma vez a Pierre Bourdieu, agora por meio do que ele chama de poder simbólico, concebido

como poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force” mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a *crença*. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras²³⁰.

Desse modo, um dos maiores exemplos da disputa pela filiação de alguém portador de capital simbólico é o esforço em torno do nome de Bezerra de Menezes, conhecido nos meios espíritas como o “Allan Kardec brasileiro” e apontado, entre os espíritas, como um dos responsáveis pela configuração do Espiritismo nos dias atuais. Bezerra de Menezes foi presidente da FEB durante dois períodos, sendo o primeiro durante o ano de 1889 e o segundo de 1895 a 1900, ano de sua morte²³¹.

Bezerra de Menezes é apontado como o maior responsável e batalhador pela união do Espiritismo brasileiro, tanto em vida como depois de sua morte, atuando como espírito, a ponto de ser atribuído a ele, pelos espíritas, grande parte dos esforços que resultaram na assinatura do Pacto Áureo. Quando Bezerra de Menezes assumiu a presidência da FEB pela segunda vez, incluiu em seus estatutos o estudo do livro de Roustaing²³², atitude considerada pelos roustainguistas como uma grande vitória e também como mais uma comprovação da adesão de Bezerra de Menezes aos postulados de Roustaing.

Por outro lado, alguns opositores do Roustainguismo afirmam que Bezerra de Menezes após sua morte, por intermédio da psicografia do médium Francisco Candido Xavier²³³, o Chico Xavier, declarou seu erro ao endossar as teorias Roustainguistas na mensagem “Kardec e Vida”, na qual reafirma a importância de Kardec para a vida do homem em geral, ao dizer que

Jesus nos trouxe a verdade. Kardec, porém, nos trouxe a interpretação. Daí o nosso dever de comunicar Allan Kardec a todos os setores da vida individual e coletiva,

²³⁰ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002. p. 14 – 15.

²³¹ GIUMBELLI. Op. Cit., p. 123.

²³² GIUMBELLI. Op. Cit., p. 299 e MARTINS. Op. Cit. p. 49.

²³³ Francisco Cândido Xavier nasceu em 2 de abril de 1910, na cidade de Pedro Leopoldo, e morreu em Uberaba, no dia 30 de junho de 2002. Conhecido popularmente por Chico Xavier, foi o mais célebre médium brasileiro e divulgador do Espiritismo no Brasil, com mais de 400 livros psicografados em 70 anos de produção. Conforme LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador**: Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru: EDUSC, 2004. p. 11 - 28.

razão pela qual nos reconhecemos na obrigação de reafirmar: Kardequizar é a legenda de agora²³⁴.

Para os opositores do Roustainguismo, o simples fato de não haver qualquer referência a Roustaing nessa mensagem psicografada por Chico Xavier constitui-se em “clara” evidência por parte do “espírito” de Bezerra de Menezes da retirada de seu apoio às proposições roustainguistas, constituindo assim uma evidente tentativa de associação desse bem simbólico às pretensões deste grupo.

Encontramos diversos sítios na internet e alguns livros com opiniões a respeito da posição de Bezerra de Menezes, os quais afirmam possuir “mensagens” de seu espírito “afirmando” ser a favor e outros tantos contra²³⁵.

Da mesma maneira, verificamos lutas em torno dos nomes de Kardec e Roustaing. Em um dos mais importantes livros editados pela FEB e apontado no meio espírita como um marco da literatura espírita, o já mencionado “Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”, citado nominalmente no “Pacto Áureo”, encontramos a seguinte passagem referente à Roustaing e seu papel junto a Kardec:

Foi assim que Allan Kardec, a 3 de outubro de 1804, via a luz da atmosfera terrestre, na cidade de Lião. Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuv-lo, nas individualidades de João-Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fê; de Léon Denis, que efetuaria o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na codificação kardeciana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos²³⁶.

A respeito da passagem descrita, sobre a colaboração de Roustaing nos trabalhos dirigidos por Kardec, encontramos no meio espírita intenso debate a respeito da possibilidade de interpolação ou não dele, por parte da FEB, nessa obra psicografada por Chico Xavier. Rumores a esse respeito são encontrados desde o início da década de

²³⁴ XAVIER, Francisco Cândido. **Vereda de Luz**. São Bernardo do Campo: GEEM, 1990. p. 30.

²³⁵ Sobre este assunto ver os seguintes sítios: **Homenagens ao Dr. Bezerra de Menezes**. Disponível em: <<http://www.ofrancopaladino.pro.br/mat715.htm>>; Acesso em: 22 dez. 2006. **Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti**. Disponível em: <<http://www.panoramaespirita.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=979>> Acesso em: 22 dez. 2006.

A Opinião de Dr. Bezerra de Menezes, depois de desencarnado, sobre a obra “Os Quatro Evangelhos”. Disponível em: <<http://www.casarecupbenbm.org.br/museu5.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2006.

²³⁶ XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil coração do mundo pátria do evangelho**. Rio de janeiro: FEB, 1998. p. 124-125.

1940, refletindo assim o caloroso debate em torno das questões roustainguistas no campo espírita brasileiro, responsável por interpretações polêmicas de ambos os lados²³⁷.

De acordo com o pensamento de Bourdieu, a FEB, como detentora de uma maior acumulação simbólica em relação ao Espiritismo (ou detentora de um projeto nesse sentido), não abrindo mão da leitura de Roustaing, levou ao aparecimento de um campo tensional no qual opiniões prós e contras acabam “sustentadas” por “manifestações mediúnicas”.

Um exemplo de opinião contrária ao Roustainguismo, “sustentada mediunicamente”, é o livro “Páginas de Além Túmulo”, do médium Carlos Gomes dos Santos, de 1939, sob o título “Gutta cavat lapidem... (Uma confissão)”²³⁸. Encontramos a seguinte passagem datada de 1921, a qual o autor atesta ser de autoria do espírito de Roustaing; nela, este afirma ter sido vítima de mistificação quando da realização do seu livro “Os Quatro Evangelhos”:

Pensei – de mim para mim – por que sómente a elle (Kardec) lhe foi concedida a gloriosa tarefa de rasgar ao mundo o veu negro que esconde o brilho da Luz diamantina que ilumina as almas? Por que não a outro, de bôa vontade, também aspirante das recompensas porvindouras?

E nestas conjecturas caminhava eu... quando, por uma circumstancia toda espiritual, fui induzido á execução do plano que em mim agazalhava. Então, comecei por realizar o meu intuito, sim o meu intuito, que não era precisamente meu; não vos admireis desta negativa, porque vos declaro á face da verdade, que eu nada mais era, naquelles instantes, que instrumento dos inimigos invisíveis da verdade, que, das sombras mysteriosas do Além se aproveitavam da minha irreflexão para toldar, como se fôra isto possível, a brilhantura da agua crystalina que manava daquella fonte maravilhosa de que vos fallei. Sim, não vos admireis – repito – que tenha servido de vehiculados da confusão, eu que tanto ansiava pelo destaque entre os meus pares²³⁹.

²³⁷ A respeito dessa polêmica, podemos ver em: SILVA, Gélío Lacerda da. **Conscientização Espírita**. Capivari-SP: EME Editora, 1995. p. 74 – 94; ou PIRES, J. Herculano; ABREU FILHO, Julio. **O verbo e a carne**: 2 análises do roustainguismo. São Paulo: Edições Caibar, 1973. p. 61 - 62.

²³⁸ Uma tradução livre: “A gota cava a pedra” ou “A água cava a pedra” ou ainda “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”.

²³⁹ SANTOS, Carlos Gomes dos. **Páginas de Além Túmulo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1939. p. 55.

A mesma tentativa de aliar Roustaing a outros expoentes do Espiritismo brasileiro dotados de capital simbólico e também, por outro lado, a desvinculação destes com o Roustainguismo aparecem em inúmeras oportunidades, envolvendo nomes como Chico Xavier e Ewerton Quadros.

Questões de ordem doutrinária atuam sempre de forma catalisadora em relação a divergências e desuniões dentro do campo espírita; por conseguinte, sempre causam grandes obstáculos a quaisquer tentativas de unificação. Assim sendo, como bem sabemos, mesmo após a assinatura do Pacto Áureo, a FEB mantinha, e ainda o faz, em seus estatutos a obrigatoriedade do estudo da obra de Roustaing. As questões básicas da divergência entre kardecistas e roustainguistas passaram ao largo na efetivação e consolidação do pacto, não sendo nele mencionadas²⁴⁰. O que encontramos nesse contexto de unificação do Espiritismo brasileiro é o silêncio, forma adotada pela FEB em busca da união e da manutenção de sua hegemonia.

²⁴⁰PIRES; ABREU FILHO. Op. Cit. p. 61 - 62.

2.2 – FEB e Roustaing: o silêncio fala

O silêncio mencionado ocupa um lugar de destaque em nossa pesquisa; desse modo, devemos nos ater a ele de uma forma mais detalhada. A fim de compreendermos melhor a importância do silêncio nesse contexto de poder no interior do campo espírita, devemos observar o comportamento da FEB ao longo do tempo.

Afinal o que é o silêncio? Será a ausência de som ou de palavras faladas e/ou escritas? Certamente, não é tal acepção do silêncio que nos interessa neste trabalho. Para tanto, vamos buscá-la nos estudos de Eni Puccinelli Orlandi, que o define de duas maneiras: a primeira como “silêncio fundador”, sendo este aquele que existe nas palavras, que denota o não-dito, que possibilita toda significação possível; e em segundo, como “política do silêncio” em que o silêncio é constituído quando uma palavra apaga necessariamente as outras palavras, o chamado silêncio local, quando temos aquilo que é proibido se dizer em uma determinada situação, isto é, a censura²⁴¹.

Orlandi define de modo mais detalhado o silêncio fundante e afirma que

[...] o silêncio é fundante. Quer dizer, o silêncio é a matéria significante por excelência, um continuum significante. O real da significação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso.²⁴²

Assim, para podermos compreender o silêncio devemos primeiramente explicitar o nosso entendimento sobre o conceito de discurso. Mais uma vez nos apropriamos dos estudos de Orlandi, nos quais a autora nos demonstra que a etimologia da palavra discurso traz em si a ideia de curso, “de percurso, de correr por, de movimento”. Assim, o discurso é entendido por Orlandi como a “palavra em movimento”. De acordo com a autora, o discurso faz a mediação entre o homem e a realidade natural e social:

Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da

²⁴¹ ORLANDI (1995). Op. Cit. p. 24.

²⁴² *Ibidem*. p. 29.

Ao formular uma tipologia dos discursos, Orlandi classifica-os em: lúdico, polêmico e autoritário²⁴⁴. Desse modo, o discurso religioso enquadra-se no modelo autoritário, no qual não há de fato a reversibilidade, ocorrendo, dessa maneira, a sua ilusão, uma vez que a reversibilidade é a condição básica do discurso²⁴⁵. Não devemos entendê-la como simplesmente a troca de lugares entre locutor e ouvinte, pois esses polos não se definem em sua essência, mas sim quando referidos no processo discursivo, em que um se define pelo outro e, na sua relação, é definido o espaço da discursividade²⁴⁶. Outra característica básica do discurso autoritário é sua tendência à monossêmia, uma vez que se caracteriza pela polissemia contida ou estancada. Porém, não é monossêmico, apenas tende a isso, pois o sentido, ou sentidos, de um discurso escapa, ou escapam, ao domínio exclusivo do locutor, sendo, dessa forma, polissêmico em sua essência²⁴⁷.

O discurso religioso caracteriza-se pela onipotência do silêncio divino, pois Deus é o lugar da onipotência do silêncio, local este onde o homem necessita colocar sua fala específica.

O silêncio, como mencionamos, não se caracteriza pela ausência de palavras, ele é o que se estabelece entre as palavras, as notas de uma música, as linhas de um texto, entre os seres. Ele não se encontra apenas entre as palavras, ele as atravessa, uma vez que é a matéria significante por excelência²⁴⁸. Impor o silêncio não significa calar o seu interlocutor, mas apenas impedi-lo de sustentar outro discurso²⁴⁹.

Tendo em vista o discurso, o sujeito mantém uma relação obrigatória com o silêncio, pois, para se expressar, ele tem necessidade do silêncio, uma vez que este é o fundamento necessário ao sentido, o qual o sujeito reinstaura falando. Na ausência do silêncio, o discurso torna-se sem sentido, há que se ter a incompletude da linguagem²⁵⁰.

²⁴³ ORLANDI (2007). Op. Cit. p. 15.

²⁴⁴ Ibidem. p. 15 – 16.

²⁴⁵ A autora argumenta que ao discurso é necessária a presença de dois agentes, o locutor e o ouvinte. A reversibilidade existe quando ocorre a interação desses agentes. No discurso autoritário, a reversibilidade tende a zero, mas, quando isso ocorre, o discurso se rompe, daí a necessidade de torná-lo sempre reversível, surgindo assim a “ilusão”.

²⁴⁶ ORLANDI (1987). Op. Cit. p. 239 - 240.

²⁴⁷ Ibidem. p. 240.

²⁴⁸ Ibidem. p. 68 – 69.

²⁴⁹ ORLANDI (1995). Op. Cit. p. 102.

²⁵⁰ Ibidem. p. 69.

Para melhor entendermos o conceito do silêncio, podemos recorrer à metáfora do mar, utilizada por Orlandi. Uma vez que não podemos observar diretamente o silêncio, a autora compara o silêncio ao oceano incalculável, profundo, imóvel em seu movimento repetitivo, no qual as ondas (as palavras) dão visibilidade a ele, e assim podemos notá-lo. Desse modo, notamos que é por meio das palavras que nos apropriamos do silêncio²⁵¹. A linguagem é o recorte da significação em unidades discretas. Todavia, uma vez recortado, o sentido permanece sempre a ser ainda revelado²⁵².

Percebemos a cultura como fundada no silêncio, no qual encontramos os sentidos, os princípios morais, éticos e culturais de uma sociedade; portanto, o silêncio é a significação última da cultura de um povo.

O Espiritismo, considerado a religião do livro, da palavra escrita por excelência, também é parte integrante da cultura, e como tal, retira do imenso mar que compõe o silêncio as palavras, as quais nada mais são que uma tentativa de apropriação desse mesmo silêncio, uma tentativa de organizá-lo conforme os seus interesses. Assim sendo, encontramos no interior do Espiritismo um interdiscurso, o qual permeia todo o seu campo discursivo, composto por uma série de formulações originárias de enunciações distintas e dispersas que no seu todo formam o domínio de sua memória, da qual retira o sentido, independentemente de quem seja o sujeito do discurso, dos conceitos que o constitui²⁵³.

Como o silêncio é o real do discurso e este é efeito de sentidos entre locutores, podemos perceber assim o silêncio como produtor de sentidos, tendo o cuidado de perceber que, da mesma maneira que o discurso não é transparente, o silêncio também não o é. Consequentemente, devemos procurar no próprio silêncio o seu significado e não buscá-lo por intermédio dele. Assim, o silêncio da FEB nos diz muito a respeito do seu posicionamento em relação aos conflitos por ela enfrentados ao longo de sua história.

Em relação às questões enfrentadas pela FEB acerca da sua adesão ou não aos postulados roustainguistas, verificamos a existência de períodos de apoio explícito às teses de Roustaing e outros de total silêncio, não sendo encontrado até o momento nenhuma negação de forma peremptória. Inicialmente podemos apontar o seu apoio explícito, quando Bezerra de Menezes, em seu segundo mandato à frente da FEB

²⁵¹ *Ibidem*. p. 34 – 35.

²⁵² *Ibidem*. p. 71.

²⁵³ *Ibidem*. p. 89 – 90.

(1895), incluiu o estudo de “Os Quatro Evangelhos” nos seus estatutos²⁵⁴. Tal fato aparentemente sem grande implicação teórica para o Espiritismo possui grandes desdobramentos, pois deu a mesma importância às obras de Kardec e de Roustaing no que concerne ao estudo e à difusão do Espiritismo, uma vez que são os únicos livros citados nominalmente no estatuto²⁵⁵. Desde sua inclusão até os dias de hoje, apenas durante o período que compreende os anos de 1902 a 1917, não constou a obrigatoriedade do estudo nos estatutos da FEB²⁵⁶.

Outro fato que demonstra a adesão incontestada da FEB foi a publicação, ainda sobre o comando de Bezerra de Menezes, nas páginas do Reformador da obra de Roustaing a partir de janeiro de 1898, até as proximidades do lançamento da primeira edição encadernada em 1909. A publicação da obra no Reformador foi interrompida tão somente em virtude da proximidade do lançamento dessa primeira edição, conforme informa o Reformador, de 1º de fevereiro de 1908²⁵⁷.

A inclusão das críticas contundentes de Roustaing a Kardec na segunda edição brasileira (1918/1920), conforme vimos, soma-se ao rol das atitudes pró Roustaing adotadas pela FEB.

As sucessivas edições de “Os Quatro Evangelhos” elaboradas pela FEB constituem mais um indício do posicionamento positivo da federação em relação à obra que somente ela editou no Brasil. O quadro²⁵⁸ a seguir demonstra estas edições:

Nº da edição	Ano da publicação
1ª	1909
2ª	1918/1920
3ª	1942
4ª	1954
5ª	1971
6ª	1983
7ª	1988
8ª	1994
9ª	1999

²⁵⁴ GIUMBELLI. Op. Cit., p. 299 e MARTINS. Op. Cit. p. 49.

²⁵⁵ Estatuto da Federação Espírita Brasileira e MARTINS. Op. Cit. p. 49.

²⁵⁶ MARTINS. Op. Cit. p. 53 – 54.

²⁵⁷ GIUMBELLI. Op. Cit., p. 300 e MARTINS; BARROS. Op. Cit. p. 562.

²⁵⁸ MARTINS; BARROS. Op. Cit. p. 560 – 576.

Somam-se a esses outros indícios do posicionamento da FEB as propagandas encontradas de modo esporádicos no Reformador, como podemos observar:

Nestes livros você vai encontrar a mais completa interpretação dos Evangelhos, capítulo a capítulo, versículo a versículo, e a explicação clara e racional sobre a pureza do Espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo; o corpo de que Ele se serviu; a Virgem Maria; a evolução dos mundos espirituais; a evolução em linha reta; a origem do Espírito; a primeira encarnação dos espíritos; o porquê da reencarnação²⁵⁹.

Durante muitos anos, a divisa “o corpo de Jesus não interessa, o que interessa é o seu espírito” serviu para aplacar as diferenças em torno da questão envolvendo a natureza do corpo de Jesus Cristo. O “Pacto Áureo” colocou no ostracismo a questão, quase a sepultando definitivamente²⁶⁰. A quarta edição da obra de Roustaing em português, editada pela FEB, surgiu em 1954, cinco anos após a assinatura do pacto, e a quinta edição somente em 1971, praticamente duas décadas de intervalo entre as duas. Esse hiato corrobora a ideia do “grande silêncio” e do esquecimento defendida por José Herculanio Pires²⁶¹.

Mas, em fins de 1971 e princípios de 1972, a própria FEB se incumbiu de interromper o silêncio, iniciando pelo Reformador uma campanha de “renascimento” do Roustainguismo, lançando também uma nova edição da quase esquecida obra mediúnica²⁶² “Os Quatro Evangelhos”. Verificou-se então um fato curioso: as novas gerações de espíritas foram surpreendidas pela “novidade” roustainguista, o que mostra como fora longo o silêncio sobre o assunto. E alguns pequenos grupos entusiasmados com a “novidade” apareceram aqui e ali, agitando de novo o Movimento Espírita²⁶³.

²⁵⁹ **Reformador**, Rio de Janeiro, n. 1962, p. 4, set. 1992.; **Reformador**. Rio de Janeiro, n. 1983, p. 4, jun. 1994.

²⁶⁰ PIRES; ABREU FILHO. Op. Cit. p. 5.

²⁶¹ José Herculanio Pires (1914 – 1979) graduado em filosofia pela USP foi repórter, redator, secretário, cronista parlamentar e crítico literário dos Diários Associados, tendo exercido essas funções por cerca de trinta anos, publicou uma tese existencial: O Ser e a Serenidade. Autor de oitenta livros de Filosofia, Ensaios, Histórias, Psicologia, Parapsicologia e Espiritismo. Conforme RIZZINI, Jorge. **J. Herculanio Pires: O apóstolo de Kardec**. São Paulo: Editora Paideia, 2001.

²⁶² Livro ou texto escrito por médium ditado por espíritos desencarnados (mortos). (Nota do autor).

²⁶³ PIRES; ABREU FILHO. Op. Cit. p. 5.

Em várias conversas informais com membros atuantes do Movimento Espírita, constatamos, ainda nos dias atuais, a mesma sensação vivida por Herculano Pires no início da década de 1970, qual seja, a grande maioria das pessoas, ao tomar conhecimento da obra de Roustaing, pensa tratar-se de algo novo; conseqüentemente, desconhece tanto o autor quanto a sua obra.

No livro “Para entender Roustaing”, impresso em comemoração ao bicentenário de nascimento de Roustaing (2005), de Luciano dos Anjos²⁶⁴, autor reconhecido nos meios espíritas como um dos maiores defensores da obra de Roustaing, encontramos, em seu final, uma relação de livros com as respectivas datas de lançamento, os quais, segundo o autor, defendem inteiramente as teses de Roustaing. Notamos que a relação inicia no ano de 1882, indo primeiramente até o ano de 1949, ano de assinatura do “Pacto Áureo”, voltando a apresentar novos livros somente em 1981, chegando até o ano de 2002²⁶⁵. Além desses livros, é possível ainda acrescentar outros imbuídos dos mesmos objetivos, publicados após o ano de 2002, especialmente no ano de 2005, quando se comemorou o bicentenário de nascimento de Roustaing.

Assim, podemos observar uma relação existente entre a assinatura do pacto, o período de grande silêncio e o retorno da FEB ao incentivo à leitura das teorias de Roustaing e a conseqüente edição de livros a favor e também, por que não, contra tais teorias. Não devemos esquecer que a relação não inclui artigos e livros que parcialmente apoiam as teses de Roustaing, somente aqueles que o fazem de modo integral.

Observamos, dessa forma, o uso político do silêncio pela FEB, usando-o em parte como uma tentativa de traduzi-lo em palavras, apropriando-se dele, organizando-o segundo os seus interesses, relegando a outra parte convenientemente ao silêncio. Durante a fase de consolidação definitiva do Espiritismo, após a assinatura do “Pacto Áureo” e o fim das perseguições policiais e jurídicas à sua prática, encontramos um longo período de silêncio, já mencionado, no qual a FEB ratificou a sua liderança perante o movimento, solidificando-se como o principal órgão de divulgação e controle do Espiritismo

²⁶⁴Luciano dos Anjos, profundo conhecedor da doutrina espírita e da história do espiritismo, já publicou mais de dez livros, em gêneros tão diversos como poesia, romance, filosofia, pesquisa científica e sobre o Espiritismo. Disponível em: <<http://www.lachatre.com.br/autores.php?autid=90>>. Acesso em: 20 nov. 2007.

²⁶⁵ ANJOS, Luciano dos. **Para entender Roustaing**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2005. p. 213 – 217.

institucional no Brasil, evitando polêmicas a todo custo. Pensamos que após esse período, a FEB sentiu-se segura para mais uma vez romper o silêncio e explicitar o seu apoio ao roustainguismo, sem, contudo, polemizar sobre o assunto, não combatendo de forma ostensiva aqueles que não concordavam com o seu apoio a Roustaing, mantendo-se distante dos debates no interior do campo espírita, desenvolvidos por seus adeptos.

Apontamos aqui a pretensão da FEB, com seu discurso, em atuar como porta-voz autorizado, ou seja, aquele com maior capacidade de “prescrever sob a aparência de descrever”²⁶⁶ enquanto os outros componentes do campo espírita, dentre eles o Movimento de Reformas e posteriormente a Renovação Cristã são encarados sem a mesma capacidade performativa, por estarem ancorados em uma diminuta acumulação simbólica. Dessa forma, unindo as contribuições de Orlandi e Bourdieu, partimos do pressuposto de que existe um “silêncio que fala”, quando analisamos a inexistência de um posicionamento da FEB em relação à polêmica sobre a obra de Roustaing. Quando Orlandi se refere ao silêncio, como o “não dito”, que “não precisa ser dito”, pois está inscrito na memória (que em sua obra aproxima-se às vezes da noção foucaultiana de episteme²⁶⁷), fornece-nos uma pista instigante para pensarmos a existência de uma tentativa de criação institucional de uma “memória espírita”. Falamos tentativa, pois não encaramos o Espiritismo como restrito às determinações da FEB. Existe um dinamismo histórico-social que anula a tentativa de FEB de normatizá-lo (ver, por exemplo, a questão do Pacto Áureo). Sendo assim, encaramos a ausência de pronunciamento direto da FEB em relação à polêmica Roustaing como ratificação de um posicionamento, inscrito já na história da FEB, desde os seus primeiros anos²⁶⁸.

Ao atingirmos mais uma etapa de nossa caminhada na estrada Kardec–Lutero, usando como veículo nossa pesquisa, encontramos

²⁶⁶ BOURDIEU (1996). Op. Cit. p. 81 – 128.

²⁶⁷ Para Foucault é da episteme que emergem os saberes, o universo conceitual de cada época histórica. Essa noção está presente já na fase arqueológica e relaciona-se ao contraponto feito pelo autor à dualidade ciência/ideologia proposta por Marx e Althusser. Foucault está interessado em analisar “a rede de relações que constituem o saber e sobre as quais emerge a ciência”. LECOURT, Dominique. A arqueologia do saber. In: FOUCAULT, Michel et al. **O Homem e o discurso**. (A Arqueologia da Michel Foucault). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996., p. 55.

²⁶⁸ A polêmica entre os adeptos de Roustaing e seus opositores teve início no Brasil antes mesmo da fundação da FEB (1884) no interior da “Sociedade Espírita Fraternidade”, em 1880, ocasionado a fundação Grupo dos Humildes, futuro grupo hegemônico no interior da FEB. Conforme: ABREU, Canuto. **Bezerra de Menezes**: subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895. São Paulo: FEESP. 1991. p. 33 – 48.

novas evidências, as quais permitem análises e conclusões inovadoras e elucidadoras sobre este novo e inusitado caminho.

Pudemos conhecer um integrante fundamental desta caminhada, embora toda a polêmica gerada em torno de sua obra fosse inesperada para ele. Falamos do advogado francês, Jean-Baptiste Roustaing e sua obra, que, como vimos, apesar da importância que possui em relação às questões ligadas à união do Movimento Espírita Brasileiro, não passa de um “ilustre” desconhecido da grande maioria dos espíritas atuais. A polêmica sobre sua obra iniciou com alguns comentários de Kardec na Revista Espírita de junho de 1866. Para os que endossam as ideias ali contidas, o livro de Roustaing possui um caráter especial, quase divino, visto que seus autores seriam os espíritos dos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos pelos apóstolos. A segunda parte do livro refere-se aos mandamentos, os quais seriam explicados por Moisés e pelos evangelistas, assistidos mais uma vez pelos apóstolos. Além disso, tanto o título quanto a função e as futuras refutações e polêmicas em torno do livro foram “ditados” pelos mesmos espíritos responsáveis pela obra.

Diferentemente daquilo que previu Kardec e das afirmações ao longo do tempo dos vários dirigentes da FEB, o Espiritismo seguiu seu caminho dividido em vários grupos, os quais lutaram e ainda lutam entre si pela hegemonia do movimento. O grupo, denominado por nós de Roustainguista, que desde a fundação da FEB exerce grande influência em suas sucessivas direções, enquadra-se no grupo dos “místicos”, junto com os Kardecistas. A grande diferença entre ambos, capaz de gerar grande discórdia a ponto de não mais haver possibilidade de acordo, é que os Kardecistas apoiavam-se nos livros de Kardec e em suas teses, enquanto os Roustainguistas elevaram o livro de Roustaing à mesma categoria de “O Livro dos Espíritos”, de Kardec, dando a ambos o mesmo valor doutrinário, além de endossarem todas as suas teses. Assim, o docetismo defendido por Roustaing em sua obra e defendido por seus seguidores deu causa a uma das mais importantes divisões do campo entre Kardecistas e Roustainguistas.

Salientamos como evento da mais alta importância, no contexto da formação do Movimento de Reformas e da RC, a ser analisado com maior detalhe no próximo capítulo, o comportamento da FEB a respeito do Roustainguismo e seus desdobramentos, tratando-o como uma questão secundária ou mesmo silenciando sobre o tema na tentativa de manter-se “olimpicamente” acima daquilo que vê como coisa menor. Tal comportamento evidencia a tentativa da FEB de impor sua vontade a todo o campo e também revela uma sistemática atuação, na qual procura

colocar-se como portadora do maior capital simbólico do campo e, desse modo, tornar efetiva sua pretendida hegemonia em busca do poder de atuar como porta-voz autorizado do Espiritismo Brasileiro.

Apesar de fazer em seus estatutos menção direta ao estudo do livro de Roustaing da mesma forma que o faz em relação aos livros de Kardec, portanto, equiparando-os em importância, a FEB, ao longo desses anos de grande polêmica, foi incapaz de assumir de forma clara e contundente sua posição de concordância com a obra de Roustaing. Parte significativa dessa luta no interior do campo ficou clara ao analisarmos as várias tentativas de cooptação de nomes importantes dentro da doutrina, por Roustaingistas e Kardecistas, como verificamos em relação a Bezerra de Menezes e Chico Xavier, dois dos maiores bens simbólicos do Espiritismo Brasileiro.

Capítulo 3 – A Renovação Cristã

3.1 – Um longo caminho até a cisão

A disputa travada no interior do campo espírita brasileiro entre Kardecistas e Roustainguistas, desde a década de 1880, é responsável pela criação de um sem número de impedimentos à união do Espiritismo, como podemos verificar na cronologia encartada no Anexo 1. Nos primeiros anos do século XX, travou-se grande discussão teológica nas páginas do Reformador, atingindo seu clímax em 1903, com a publicação de uma série de artigos a respeito da personalidade de Jesus, nos quais a FEB deixou claro seu apoio às teses Roustainguistas. Contrários a tal posicionamento da FEB, muitos opositores a essas ideias se manifestaram por meio de outros periódicos espíritas²⁶⁹.

A obrigação estatutária de se estudar a obra de Roustaing como subsidiária ou complementar às de Kardec, no artigo 1º, parágrafo único, do atual estatuto²⁷⁰, tendo constado dos estatutos desde a sua inclusão em 1895 com Bezerra de Menezes²⁷¹, passando por um breve período de exclusão de 1902 até retornar em 1917²⁷², vem provocando muitos debates no interior do movimento espírita ao longo dos anos. Mesmo no período em que seu estudo não era obrigatório, a importância da obra no campo espírita fica patente, tendo em vista os vários artigos publicados no “Reformador” durante o período.

O início do século XX viu nascerem várias tentativas de unificação do movimento espírita brasileiro, algumas capitaneadas pela FEB, a qual promoveu uma reforma de seus estatutos, em 1901, visando, entre outros objetivos, implementar um sistema federativo segundo o qual se faria em torno dela a filiação das agremiações espíritas espalhadas pelo país²⁷³. Em outubro de 1904, por ocasião do centenário de nascimento de Allan Kardec, sob a direção da FEB, representantes de núcleos espíritas de vários Estados da União assinaram um documento que mais tarde ficou conhecido como “Bases de Organização Espírita”, o qual representava uma tentativa de orientar a marcha do Movimento Espírita no Brasil²⁷⁴.

²⁶⁹ GIUMBELLI. Op. Cit. p.123.

²⁷⁰ Assim falou Allan Kardec. **O Franco Paladino**, Niterói, agosto de 2003. Disponível em: <<http://www.wofrancopaladino.pro.br/ofp0803.pdf>>. Acesso em: 30/10/2007.

²⁷¹ MARTINS. Op. Cit. p. 49.

²⁷² *Ibidem*. p. 53, 58.

²⁷³ Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999.

²⁷⁴ Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999.

A reforma parcial da Constituição Brasileira de 1925-1926²⁷⁵, a qual possibilitou uma reação de correntes ligadas ao Catolicismo no interior do Poder Legislativo Federal, criando emendas dispendo sobre o ensino religioso e a tentativa de definir o Catolicismo como religião do povo brasileiro, desencadeou uma crise no movimento espírita. A alegada inação da FEB²⁷⁶, proclamada por seus opositores, quanto à não aprovação de tais emendas no Congresso Nacional, levou à formação de um movimento, que pleiteava a criação de uma “Constituinte Espírita Brasileira”²⁷⁷. A atuação desse grupo, por meio da ação individual de seus membros, contribuiu para que as emendas propostas não fossem aprovadas na Câmara Federal. Desse movimento, surgiu a “Liga Espírita do Brasil”²⁷⁸, criada na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal. Instituição de vertente Kardecista fundada em moldes federais, com o intuito de unificar o movimento espírita em âmbito nacional, apresentava-se como alternativa à contestada liderança da FEB²⁷⁹.

Uma característica importante do movimento espírita brasileiro no período de sua expansão e subsequente afirmação no campo religioso brasileiro é a supremacia em termos quantitativos dos Kardecistas sobre os Roustainguistas, principalmente nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, os quais, aos poucos, iam assumindo

²⁷⁵ Durante a presidência de Artur Bernardes (1922 – 1926), a Constituição de 1891 sofreu uma Reforma Constitucional (1925 – 1926), a qual fortaleceu o Poder executivo Federal, ampliando o direito de intervenção federal nos Estados, dando maior autonomia para instalação do estado de sítio, intervenção nos sindicatos e limitação do direito ao *habeas corpus*, e o Presidente da República passa a ter o direito de vetar, parcialmente, leis aprovadas pelo Congresso Nacional. Conforme ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. **Pequena História da Formação Social Brasileira**. Rio de Janeiro: Graal, 1981. p. 518-558.

²⁷⁶ SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. Campinas: Editora Átomo, 2004. p. 68-69.

²⁷⁷ Movimento formado por membros do movimento espírita, o qual visava à unificação deste, inicialmente com uma entidade que substituiu a FEB. Mas a iniciativa acabou reduzindo-se apenas ao limite de uma Assembleia, realizada em 31-3-1926, da qual resultou a fundação, na mesma data, da Liga Espírita do Brasil, a qual se propunha também a federar as instituições espíritas. Conforme: Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n. 2047, p.7, out. 1999.

²⁷⁸ Fundada em 31 de março de 1926, durante o Primeiro Congresso Constituinte Espírita Nacional, realizado na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, com o advento do Pacto Áureo, teve a sua denominação modificada para Liga Espírita do Distrito Federal, passando a integrar a organização federativa coordenada pela FEB, como membro do Conselho Federativo Nacional (CFN). Com o passar dos anos, sua denominação foi alterando-se até chegar à atual: Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro. Conforme: Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999 e sítio do CEERJ < Disponível em: <http://www.ceerj.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=20&Itemid=34>. Acesso em: 01/11/2007.

²⁷⁹ SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p. 68-69.

local de destaque no campo espírita brasileiro²⁸⁰. Outro aspecto relevante é a não rejeição por parte dos Roustainguistas dos livros de Kardec, pelo contrário, possuíam o propósito de juntar a obra de Roustaing à de Kardec. Assim sendo, os livros codificados por Kardec eram de referência comum às diversas correntes espíritas, facilitando, dessa maneira, a sua hegemonia²⁸¹. Cabe ainda ressaltar que, desde o início do século XX até pelo menos toda a década de 1940, a FEB mantém em suas dependências o estudo sistemático da obra de Roustaing. Do período posterior, não temos dados que possam afirmar a sua continuidade ou não, uma vez que a FEB nada informa sobre o assunto em questão²⁸².

Passadas as três primeiras décadas do século XX, marcadas pela batalha em favor da unificação do movimento em nível nacional em torno da várias federativas localizadas na capital federal, durante a década de 1940, o movimento espírita paulista tomou a frente em busca do processo de unificação, de início em âmbito estadual e, posteriormente, nacional. Várias entidades federativas lutavam no estado de São Paulo pela filiação dos centros espíritas²⁸³. As principais delas eram: a Sinagoga Espírita Nova Jerusalém (1916), a União Federativa Espírita Paulista (1933), a Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP – 1936) e a Liga Espírita do Estado de São Paulo (LEESP – 1944)²⁸⁴.

O empenho pela federalização e unificação por parte das várias federações existentes no estado de São Paulo culminou com a criação do Movimento de Unificação Espírita (MEU), cuja denominação foi alterada para União Social Espírita (USE) por sugestão de Edgard Armond²⁸⁵, em virtude de confusão com uma entidade política,

²⁸⁰ *Ibidem*. p. 69.

²⁸¹ *Ibidem*. p. 69-70.

²⁸² GIUMBELLI. *Op. Cit.* p. 300-314.

²⁸³ Centro espírita é o local regular das reuniões das instituições vinculados ao espiritismo. Também vários outros sistemas de crenças utilizam tal denominação para os locais de suas reuniões. (Nota do autor).

²⁸⁴ RIZZINI. *Op. Cit.* p. 69-70; SANTOS, José Luiz dos. *Op. Cit.* p. 75-80; GIUMBELLI. *Op. Cit.* p. 300-314.

²⁸⁵ Edgard Pereira Armond (1894 — 1982) militar, maçom, professor e intelectual espírita, foi responsável pela implantação da Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP) no qual colaborou por mais de três décadas; também teve participação ativa na criação da União das Sociedades Espíritas (USE). Em 1973, fundou a Aliança Espírita Evangélica. Disponível em: <http://www.espiritismogi.com.br/biografias/edgard_armond.htm>. Acesso em: 12/12/2010.

portadora da mesma sigla²⁸⁶. Ainda em razão da busca pela unificação, o movimento paulista, sob a liderança de Edgar Armond, Herculano Pires, Júlio Abreu Filho²⁸⁷ e Vinícius²⁸⁸, realizou na capital paulista o “Primeiro Congresso Espírita do Estado de São Paulo”, de 1º a 5 de junho de 1947. Entre as resoluções tomadas nesse encontro, primeiramente destacamos a fundação da União Social Espírita (USE) que, a partir de 1952, passou a chamar-se União das Sociedades Espíritas, conservando a mesma sigla até os dias de hoje. Em segundo lugar, ressaltamos a convocação para o “Congresso Espírita Centro-Sulino” e sua posterior realização, na cidade de São Paulo, em 1948, com representantes de quinze estados²⁸⁹.

A FEB manteve-se distante desse movimento, recusando inclusive o convite de Edgard Armond, então secretário-geral da FEESP e presidente da USE, para presidir o “Congresso Espírita Centro-Sulino”. Fiel à sua postura de indiferença, a FEB sequer enviou representantes para o evento, que, dessa forma, foi presidido pela USE. Os realizadores do congresso enviaram previamente aos estados brasileiros um documento chamado “Plano do Congresso”, com os objetivos do futuro encontro, visando à unificação do Espiritismo nacional. Os organizadores afirmavam a necessidade da existência de um organismo representativo em nível nacional, visto que as duas entidades existentes na Capital Federal (Federação Espírita Brasileira e Liga Espírita do Brasil), que poderiam exercer tais funções, atuavam de forma deficiente e improdutiva. Por conseguinte, o problema residia em se reconhecer uma das duas entidades como legítima condutora do processo de unificação ou criar um organismo novo, ao qual todas as entidades estaduais deveriam dar apoio moral e material, além de nela se

²⁸⁶ **União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo – USE**. Disponível em: <<http://useinterbotucatu.com.br/historico.html>>. Acesso em: 08/12/10; SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p. 76.

²⁸⁷ Júlio Abreu Filho (1893 – 1971) foi membro da diretoria da União Federativa Espírita Paulista, além de fundador da USE Paulista, da qual foi conselheiro durante muitos anos. Traduziu para o português a “Revue Spirite”, revista espírita publicada por Allan Kardec durante doze anos consecutivos. Disponível em: <http://www.espiritismogi.com.br/biografias/julio_abreu.htm>. Acesso em: 12/12/2010.

²⁸⁸ Pedro de Camargo (1878 – 1966), mais conhecido por “Vinícius”, pseudônimo que utilizou por mais de cinquenta anos, presidiu a União Federativa Espírita Paulista e foi durante mais de uma década diretor do jornal “O Semeador”, órgão da FEESP. Conforme WANTUIL, Zeus. **Grandes Espíritas do Brasil**. Rio de Janeiro: FEB. 1969. p. 603-609.

²⁸⁹ USE. Disponível em: <<http://www.usep.org.br/use.html>>. Acesso em: 08/12/10; SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.76; RIZZINI. Op. Cit. p. 72-73.

filiarem imediatamente²⁹⁰. Assim, a FEERS sugeriu como alternativa a criação de um novo organismo federativo nacional, que deveria chamar-se “Confederação Espírita Nacional” e que englobaria todas as entidades federativas estaduais, tese apoiada pela USE paulista²⁹¹. Diante desses fatos, os congressistas deliberaram mudar o nome do evento para “Primeiro Congresso Brasileiro de Unificação Espírita”²⁹².

As reações à realização do congresso logo se fizeram sentir, e as federações dos estados de Mato Grosso e Rio de Janeiro, que a princípio concordavam com o projeto, retiraram seu apoio, enquanto a FEB desligou de seus quadros as federativas de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. O Congresso realizou-se no período de 31 de outubro a 3 de novembro de 1948, na cidade de São Paulo, com a presença das federativas de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Os estados do Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe, Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte, Pará, Mato Grosso e Pernambuco estiveram representados por pessoas físicas²⁹³.

Entre as deliberações acordadas no congresso destacamos:

- criação do Conselho Federativo Nacional, sediado na capital federal, composto de um representante de cada estado;
- o Conselho poderia ter independência jurídica ou ser organizado em torno de instituição já existente, desde que ela se adaptasse à condição de entidade federativa nacional;
- a coordenação dos estudos para a criação desse novo órgão ficaria entregue à Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul (FEERS);
- a FEERS, no prazo de um ano, deveria convocar um novo congresso para regulamentar definitivamente o funcionamento do Conselho Federativo Nacional²⁹⁴.

²⁹⁰ QUINTELLA, Mauro. **História do Espiritismo no Brasil**. p. 27-30; RIZZINI. Op. Cit. p. 129-130.

²⁹¹ RIZZINI. Op. Cit. p. 129-130; LEX. Op. Cit. p. 128-129.

²⁹² O Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, como é mais conhecido pela Federação Espírita Paranaense (FEP), órgão filiado a FEB por intermédio do CFN, hoje é reconhecido como um passo essencial na direção da união do movimento espírita brasileiro pela FEP/FEB, realizou-se de 31 de outubro a 3 de novembro de 1948. Conforme Federação Espírita do Paraná – FEP. **Pacto Áureo: A vitória da fraternidade**. Curitiba: FEP, 2009. p. 42.

²⁹³ QUINTELLA. Op. Cit. p. 29-30; LEX, Ary. **60 Anos de Espiritismo no Estado de São Paulo: Nossa Vivência**. Campinas: FEESP, 1996. p. 126-127.

²⁹⁴ QUINTELLA. Op. Cit. p. 29-30.

Encerrado o evento e na esperança de que a FEB encampasse e capitaneasse o novo projeto de unificação, os dirigentes da FEERS, Michelena e Spinelli, voltaram à capital federal. Mais uma vez, a tentativa da FEERS redundou em fracasso²⁹⁵.

Somente no ano seguinte foi possível uma aproximação e discussão com a FEB a respeito da unificação²⁹⁶.

O jornal "Mundo Espírita", órgão de divulgação da Federação Espírita do Paraná, de 27/11/1948, publicou um resumo sobre as deliberações do congresso.

Realizou-se na Capital do Estado de São Paulo, de 31 de outubro a 3 de novembro corrente, o que se convencionou denominar de 1º CONGRESSO DE UNIFICAÇÃO ESPÍRITA [...] A Comissão de Teses, nomeada pelo Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, reunido na Cidade de São Paulo, composta dos Srs. Noraldino de Mello Castro, Leopoldo Machado, Francisco Raitani, João Pompílio de Almeida Filho e Carlos Jordão da Silva, examinando os trabalhos apresentados pela União Social Espírita, Federação Espírita do Rio Grande do Sul, União Espírita Mineira, Federação Espírita do Paraná, Federação Espírita Catarinense, relativamente à unificação direcional do Espiritismo Nacional, concluiu como a seguir:

- a) Que o espírito dominante em todos os trabalhos é o da unificação direcional do Espiritismo;
- b) Para concretização do item anterior, recomenda a Comissão as seguintes proposições, colhidas nos trabalhos estudados:

- 1º- Que o Congresso Brasileiro de Unificação Espírita designe a Federação Espírita do Rio Grande do Sul para superintender àqueles trabalhos, observadas as normas gerais, traçadas por este Congresso;
- 2º - Que o Congresso lance um manifesto aos espíritas do Brasil, sucinto e objetivo, de ampla divulgação dos itens apresentados e aprovados pelo plenário;
- 3º - Que a Federação Espírita do Rio Grande do Sul, como delegada deste

²⁹⁵ Idem.

²⁹⁶ SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.75-77. Ver também em: QUINTELA, Mauro. **O Pacto Áureo**. Disponível em: <<http://www.novavoz.org.br/bhu-004.htm>>. Acesso em: 13/11/07. Também em:

Congresso, observe as seguintes normas básicas para o desempenho do trabalho que lhe é confiado:

- I. Promoverá entendimentos com as entidades máximas e federativas do Estado, do Distrito Federal e Territórios, no sentido de concertar a forma de unificação direcional do Espiritismo;
- II. Que esses entendimentos deverão ser feitos em torno de organização federativa existente, que se adapte como entidade confederativa de âmbito nacional;
- III. Que a entidade existente, adaptada ao item anterior, se conserve autônoma quanto a parte social e patrimonial próprias;
- IV. Que as Uniões ou Federativas estaduais elegerão seus representantes – um por Estado, Distrito Federal e territórios – para a formação de um Conselho confederativo ou federativo, com sede na Capital da República, com mandato de cinco anos;
- V. Esse Conselho será presidido pelo presidente da entidade federativa que adotar o caráter definitivo no item II e traçará normas gerais de unificação direcional do Espiritismo, orientando-o e

dirigindo-o;

4º- Realizado o seu objetivo, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul dará conhecimento de suas conclusões aos membros deste Conselho e sugerirá a conveniência e oportunidade da convocação de um Congresso Espírita Nacional em prazo nunca inferior de um ano, para o fim de regulamentar o funcionamento da entidade confederativa ou federativa de âmbito nacional;

5º – A Federação Espírita do Rio Grande do Sul manter-se-á em permanente contato com as entidades participantes deste Congresso e com as que aceitarem, posteriormente, as suas conclusões, por intermédio de um Delegado nos Estados, integrado nos ideais de unificação, como elemento de coordenação e animação do movimento nos limites de seu Estado²⁹⁷.

Os congressos regionais propostos pela UEM e a FERGS em suas respectivas áreas de atuação, a fim de refletirem sobre a unificação do Espiritismo durante a década de 1940, dão prova da fragilidade do movimento espírita brasileiro no que concerne à unificação nacional. Essas tendências culminam com a proposição realizada pela federação gaúcha para a criação da Confederação Espírita Brasileira como organismo federativo nacional durante o congresso. Também durante a realização do congresso, a UEM propôs a criação de uma Confederação Nacional do Espiritismo, enquanto a USE, por sua vez, hipotecava apoio à proposição da Federação Espírita do Rio Grande do Sul²⁹⁸.

²⁹⁷ O Mundo Espírita nº 758, de 27/11/1948, publicação quinzenal (na época), Ano XVII - 4ª e última página.

²⁹⁸ QUINTELA, Mauro. **O Pacto Áureo**. Disponível em: <<http://www.novavoz.org.br/bhu-004.htm>>. Acesso em: 13/11/07; RIZZINI. Op. Cit. p. 130-131.

3.2 – O Pacto Áureo

Após inúmeras e infrutíferas reuniões entre os dirigentes espíritas das várias federações e uniões estaduais e nacionais, realizadas tanto na capital paulista quanto na cidade do Rio de Janeiro, aconteceu durante a realização, nesta última, do “Segundo Congresso da Confederação Espírita Pan-americana (CEPA)”²⁹⁹, em outubro de 1949, como vimos no Capítulo 1, o encontro entre diversos dirigentes espíritas e a diretoria da FEB, cuja consequência foi a assinatura do “Pacto Áureo”³⁰⁰.

Mesmo que o Pacto Áureo seja celebrado como uma ação vital para o desenvolvimento da história do Espiritismo nacional, conforme preceitua a FEB e as entidades a ela filiadas, como podemos perceber ao longo do ano de 2009, em razão das inúmeras comemorações pela passagem do sexagésimo aniversário de sua instituição, longe se encontra da unanimidade em relação aos benefícios e/ou malefícios por ele proporcionados ao Espiritismo Brasileiro. As entidades federativas, como os centros espíritas, de modo geral, são órgãos essencialmente políticos e, como tais, configuram-se como palco do confronto de ideias. Assim, desde o advento do acordo, alguns importantes intelectuais e dirigentes espíritas, como José Herculano Pires, Deolindo Amorim e Júlio Abreu Filho, citados aqui apenas como exemplo, foram contrários à sua assinatura e posterior consolidação. Dessa forma, encontramos diante daquilo que Chartier denominou de luta de representações, em que diversos integrantes do campo espírita brasileiro batalham pela imposição de suas representações e apropriações aos demais componentes desse mesmo campo.

Na imprensa espírita, logo de início, dois jornais assumiram posições contrárias ao acordo: "O Poder" e "Almenara". O primeiro fundado em Belo Horizonte por Arlindo Correia da Silva, no ano de 1947. Arlindo foi um dos primeiros a criticar o Pacto, com uma série de

²⁹⁹ A CEPA – Confederação Espírita Pan-americana é uma instituição de caráter federativo e associativo, integrada por entidades espíritas de diversos países. Sua fundação ocorreu no dia 5/10/1946, durante o primeiro Congresso Espírita Pan-Americano, realizado na cidade de Buenos Aires. Define o Espiritismo como “ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal” e como filosofia espiritualista de consequências morais. Possui uma visão laica, livre-pensadora, humanista, dinâmica, progressista e pluralista do Espiritismo, não endossando a visão do Espiritismo como religião. Conforme **CEPA**. Disponível em: <<http://www.cepanet.org/cepa.php>>. Acesso em: 30/03/2008.

³⁰⁰ Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**. Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999. p. 3-12.

artigos contra o novo plano federativo em 1952, ficando conhecido, no meio espírita, por ser o responsável pelo trocadilho “Pato Áureo”, utilizado até os dias de hoje quando se quer depreciar o acordo³⁰¹. O segundo foi fundado no Rio de Janeiro, em 1952, por Antonio Pereira Guedes e possuía uma linha editorial ainda mais combativa em relação ao pacto. Por cerca de oito anos, esse jornal lutou incessantemente contra a FEB, o CFN e a adoção da obra de Roustaing³⁰².

Deolindo Amorim, jornalista, escritor, sociólogo e intelectual espírita, fundou em dezembro de 1957, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB), instituição de grande influência no estudo e divulgação do Espiritismo, com sede no Rio de Janeiro³⁰³. Em seu livro “Idéias e Reminiscências Espíritas”, escreveu:

Em 1949, por exemplo, quando a Liga Espírita do Brasil aceitou o Acordo de 5 outubro. Acordo que se denominou, depois, “Pacto Áureo”, tomei posição contrária à de Aurino, votei contra a resolução, porque não concordei com o modo pelo qual se firmara esse documento. E o fiz em voz alta, de pé, na Assembléia, com mais doze companheiros, que pensavam da mesma maneira. Votação descoberta. Embora sinceras, com toda a pureza de intenções, as razões de Aurino em defesa do Acordo não me convenceram. Votei contra para ser fiel a uma convicção³⁰⁴.

Posteriormente, em carta enviada ao pesquisador espírita Mauro Quintella, em setembro de 1983, Deolindo Amorim reafirmou sua posição em relação ao pacto:

Fui contra o acordo de 49, depois chamado de Pacto Áureo, porque não concordei com a forma, o **modo político** (grifo de Amorim) pelo qual se realizou o plano, trabalhando em segredo. Não houve assembléia antes. Tudo já veio preparado³⁰⁵.

³⁰¹ QUINTELLA. Op. Cit. p. 39-40. Ver também MACHADO, Leopoldo. **A Caravana da Fraternidade**. Rio de Janeiro: FEB, 2010. p. 351-370.

³⁰² QUINTELLA. Op. Cit. p. 39-40.

³⁰³ Deolindo Amorim – Spirit Net - <<http://www.espiritnet.com.br/Biografias/biogdeol.htm>>. Acesso em: 16/09/2010 e também Deolindo Amorim – Centro Espírita Ismael - <<http://www.ceismael.com.br/bio/biografia-deolindo-amorim.htm>>. Acesso em: 16/09/2010.

³⁰⁴ AMORIM, Deolindo. **Idéias e Reminiscências Espíritas**. Juiz de Fora: Instituto Maria, Departamento Editorial, 1980. p. 140.

³⁰⁵ QUINTELLA. Op. Cit. p. 36.

O jornalista, poeta e escritor espírita José Herculano Pires³⁰⁶, ao comentar a respeito das observações de Júlio Abreu Filho sobre a atuação da FEB, em seu livro “O Verbo e a Carne”, expressou de forma categórica sua opinião acerca do Pacto Áureo e da atuação do Conselho Federativo Nacional:

O movimento de unificação foi seriamente atacado pela FEB e o pacto áureo só foi possível graças à humildade, tolerância e insistência dos espíritas paulistas, tendo à frente Pedro de Camargo (Vinicius), cujo prestígio venceu a FEB. Mas, para aceitar a unificação, ela exigiu a criação de um conselho nacional sob seu controle. Esse órgão, o Conselho Federativo Nacional, deformou o espírito do movimento de unificação e erigiu-se numa espécie de colégio cardinalício, emitindo bulas sobre questões doutrinárias³⁰⁷.

Em outros termos, Herculano Pires, nas páginas do jornal Mensagem, em artigo sobre os 25 anos da assinatura do pacto, declara:

Vinicius, que era uma alma pura, sonhava com a ligação da FEB ao movimento de unificação. Arquitetou e conseguiu realizar essa ligação, mas teve de pagar o preço do pacto-áureo. Instalou-se no Rio o Conselho Federativo Nacional (órgão da FEB) e tivemos a primeira eclosão dos instintos vaticânicos. O Conselho começou a baixar bulas papalinas sobre questões doutrinárias, a conceder licenças para a realização de concentrações e congressos, a negar aos jovens o direito de deliberar em seus movimentos, como aconteceu num congresso de jovens realizado em Marília, com a presença de um “fiscal do Templo de Jerusalém”. O Conselho chegou mesmo a baixar uma bula em que declarava que “todo umbandista é espírita, embora nem todo espírita seja umbandista”, uma sutileza tipicamente jesuítica, do mais forte sabor bizantino. Desencadeados os instintos vaticânicos do Conselho Federativo Nacional, foi um deus-nos-acuda e ninguém mais conseguiu detê-los. Afastado Wantuil de Freitas da direção da FEB, substituiu-o Armando de Assis, que continuou reinando³⁰⁸.

Erasto de Carvalho Prestes, historiador e geógrafo, escritor e orador espírita, ex-primeiro-secretário da Associação de Divulgadores

³⁰⁶ RIZZINI. Op. Cit. p. 45-56.

³⁰⁷ PIRES; ABREU FILHO. Op. Cit. p. 140.

³⁰⁸ PIRES, J. Herculano. Os 25 anos de Pacto Áureo. Mensagem. São Paulo – SP. Fev. 1975. Ano I nº 1, p. 3.

do Espiritismo do Rio de Janeiro, em seu sítio “O Franco Paladino”, combate de forma expressa aquilo que denomina de “roustainguismo da Federação Espírita Brasileira” e comenta sobre a assinatura do Pacto Áureo:

O que houve, na verdade, foi um conchavo, e não uma assembléia geral, adrede convocada para deliberar sobre o assunto em pauta. Por isso mesmo, muitos confrades ilustres, não só fizeram sérias críticas a esse documento como o repudiaram abertamente. E foi, justamente, o primeiro item (do pacto) o causador da desaprovação. Isto porque nesse livro (Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho) de Humberto de Campos (Espírito), psicografado por Chico Xavier, prefaciado por Emmanuel (Padre jesuíta Manoel da Nóbrega), publicado pela FEB roustainguista, está escrito que Roustaing foi “coadjutor” de Allan Kardec, encarregado de “organizar o trabalho da fé” (pág. 176 da 11ª edição), o que constitui uma grande e deslavada mentira³⁰⁹.

Gélio Lacerda da Silva, presidente da Federação Espírita do estado do Espírito Santo por dois mandatos consecutivos (1980 a 1986), no seu livro “Conscientização Espírita”, ao tratar do Conselho Federativo Nacional (CFN) da FEB e sua constituição, relata que o jornalista Luciano dos Anjos, ligado à direção da FEB, escreveu sobre o Pacto Áureo.

O Sr. Wantuil de Freitas, instado a receber os representantes estaduais, desejosos de convidar a FEB para assumir a coordenação do movimento espírita brasileiro, depois de insistentes pedidos concordou em recebê-los. O encontro teve desfecho rápido: o Sr. Wantuil de Freitas tirou do seu bolso o documento contendo as condições impostas pela FEB, que foram aceitas pelos representantes, sem discussão. Nisso se resume a “Grande Conferência” do Rio de Janeiro, de 05.10.49, “grande” nos seus danos ao Espiritismo, pela perigosa influência da FEB com o seu antidoutrinário roustainguismo. Assim nasceu o Conselho Federativo Nacional, cognominado “Pacto Áureo”, que, diga-se honestamente, repetindo, não passa de inexpressivo departamento da Federação Espírita Brasileira, que não tem poderes sequer de eleger seu próprio presidente: o da FEB o dirige, em regime vitalício³¹⁰.

³⁰⁹ PRESTES, Erasto de Carvalho. **Pacto Áureo**. Disponível em: <<http://www.o francopaladino.pro.br/>>. Acesso em: 13/09/2010.

³¹⁰ SILVA, Gélio Lacerda da. Op. Cit. p. 195-196.

Gélio Lacerda da Silva continua suas considerações a respeito do Pacto Áureo e segue narrando uma conversa com Juvanir Borges de Souza, vice-presidente da FEB, ao término da reunião do CFN, em Brasília, em 1980, presidida por este, a respeito da assinatura do pacto:

houve um “acordo de cavalheiros” entre a FEB e os poucos representantes estaduais, protagonistas do documento assinado em 05.10.49, segundo o qual não se cogitaria de Roustaing no CFN, o que equivale dizer: naquele Conselho só se falaria do Espiritismo autêntico, kardecista.

Mas a FEB, com a astúcia que lhe deu Roustaing, rompeu o “acordo de cavalheiros” já no item 1º do primitivo Regulamento do então criado Conselho Federativo Nacional, assim redigido:

“Cabe aos espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do espiritismo.”

E o livro norteador do movimento espírita brasileiro, nada mais nada menos, enaltece o sistema federativo unilateral da FEB, seu programa doutrinário (roustainguista!), apresenta o “Anjo” Ismael, guia da FEB, como preposto de Jesus, com quem Ismael conversa com intimidade e de quem recebe a missão de implantar o pseudo-espiritismo roustainguista no Brasil e, para completar o seu florilégio para a FEB, Humberto de Campos diz que Roustaing “organizaria o trabalho da fê”³¹¹.

A FEB, por sua vez, ao longo dos anos, usa como uma das principais “armas” na luta pela imposição de suas representações ao campo espírita brasileiro, segundo analisamos anteriormente, o livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”. Livro designado, pela FEB, conforme observamos nas palavras do ex-presidente da Federação Espírita do estado do Espírito Santo a respeito de sua conversa com o ex-vice-presidente da FEB, como “norte” do Espiritismo brasileiro, uma vez que consta no documento de formação do pacto e da constituição do CFN a obrigação dos espíritas brasileiros: “porem em prática as orientações contidas no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo”.³¹² Por intermédio das páginas do Reformador, a FEB

³¹¹SILVA, Gélio Lacerda da. Op. Cit. p. 196.

³¹² Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**. Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999. p. 13.

reforça a importância da assinatura do pacto, classificando-o como “o evento de mais alta significação em sua história”³¹³.

Leopoldo Machado, jornalista, professor, escritor e orador espírita, responsável pelo batismo do acordo de 1949 como Pacto Áureo, em consonância com o pensamento da FEB, que, como vimos, busca para si uma origem divina, defende o pacto e o CFN, externando o porquê de seu apoio incondicional ao acordo afirmando:

Sim, acreditamos sinceramente. Acreditamos no Pacto Áureo, exatamente por não ser obra dos homens, mas de Espíritos luminosos. Espíritos que inspiraram, também, a *Caravana da Fraternidade*. Ademais, se foram Espíritos bons que inspiraram um e outra, os homens que se lhe entregam têm, mercê de Deus, uma fé de ofício que os acredita para a conservação do depósito divino³¹⁴.

Além da relevância do acordo no que se refere à utilização do livro, ressaltamos sua importância como agente aglutinador do movimento espírita em torno da FEB. A criação do Conselho Federativo Nacional (CFN), composto por representantes das sociedades espíritas de âmbito estadual e tendo como principal característica sua função “fiscalizadora” em relação às sociedades espíritas no que concerne a questões doutrinárias, tomando como parâmetro “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns” de Kardec³¹⁵, segundo consta na ata de assinatura do pacto, evidencia a tentativa por parte da FEB em controlar o Movimento Espírita Brasileiro, embora o movimento de unificação afirme como um de seus objetivos, integrante dessa mesma ata, a intenção de preservar a independência histórica dos centros espíritas. Visto que não é obrigatória a filiação destes às federações estaduais, em suas respectivas áreas de atuação, pois, para se considerar espírita, o centro deve apenas cumprir as formalidades legais para a sua instituição e declarar-se espírita conforme a orientação de seus dirigentes. Essas obrigações encontram-se de acordo com a tradição do movimento espírita brasileiro desde o seu surgimento, consideradas como fator importante para a disseminação do Espiritismo Brasileiro³¹⁶.

A preeminência dada pelo pacto ao conteúdo doutrinário contido nos livros “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”, caracterizados como obras de referência, atuando ambos como

³¹³ Ibidem. p. 3.

³¹⁴ MACHADO. Op. Cit. p. 352.

³¹⁵ Ibidem. p.13-14.

³¹⁶ SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.78-79.

parâmetros a serem seguidos com estrita observância do seu conteúdo doutrinário, visto que de outra forma tanto os centros quanto livros e textos não seriam considerados pela FEB, como pertencentes ao Espiritismo, é reveladora do modo de atuação da FEB em relação ao Roustainguismo, isto é, é uma atuação que se dá de forma dissimulada. É importante notar que não foi feita nenhuma referência de forma explícita à utilização da obra de Roustaing como subsidiária ou complementar às obras de Kardec. Da mesma forma, também devemos destacar a assinatura do pacto por instituições que apoiavam ou não o Roustainguismo e vinham há décadas lutando pela liderança do movimento³¹⁷.

Embora as questões de ordem doutrinária distinguem-se das demais por seu caráter explosivo e catalisador de divergências em relação às tentativas de unificação do Movimento Espírita, tratadas anteriormente, a FEB mantinha, e ainda o faz, em seus estatutos a obrigatoriedade do estudo da obra de Roustaing. Conforme podemos perceber, mesmo após a assinatura do pacto, a FEB manteve sua postura inicial. As questões básicas da dissensão entre Kardecistas e Roustainguistas passaram ao largo na efetivação e consolidação do pacto, não sendo mencionadas³¹⁸. O que encontramos no contexto de unificação do Espiritismo Brasileiro é o silêncio, forma adotada pela FEB em busca da união e da manutenção de sua hegemonia.

³¹⁷ SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p. 80.

³¹⁸ Idem.

3.3 – O Movimento de Reformas

Após o período que chamamos de grande silêncio e do seu rompimento por parte da FEB, ao republicar a obra de Roustaing, e o posterior ressurgimento da polêmica em torno da obra, chegamos ao ano de 1984, quando um grupo, sob a liderança de José Queid Tufaile Huaixan³¹⁹, fundou o “Grupo Espírita Bezerra de Menezes”, em São José do Rio Preto, no estado de São Paulo.

Após oito anos militando no interior do movimento espírita, o grupo, ainda sob a liderança de Huaixan, criou o Movimento de Reformas, em 1992. Dessa forma, o grupo deu o primeiro passo em direção à desfiliação oficial do movimento espírita. No entanto, como foi mencionado anteriormente, a não filiação à FEB ou a qualquer uma das federações estaduais, não implica um grupo ser ou não espírita; basta, para isso, a vontade de sê-lo e o cumprimento das normas legais. Por conseguinte, o grupo, em seu manifesto, declarou “trabalhar dissociado do movimento espírita, ainda que entre os espíritas”³²⁰.

O Movimento de Reformas durante toda a década de 1990 e início da década seguinte utilizou seu sítio na internet (www.novavoz.org.br) de forma bastante competente, divulgando seu ideário em páginas muito bem estruturadas e eficientes, com vasto conteúdo doutrinário sobre o Espiritismo e a nova proposta do grupo. Além disso, publicou editoriais, artigos, princípios, estudos, reproduções de jornais e panfletos explicativos, utilizando-se da experiência de seu fundador como empresário do ramo de Internet, em uma época que coincide com o primeiro grande boom na utilização dessa ferramenta no Brasil³²¹.

O objetivo do movimento, segundo seus criadores, era ajudar as instituições espíritas a se organizarem de forma a atenderem às orientações de Allan Kardec e de Jesus Cristo, pois, segundo eles, o Movimento Espírita Brasileiro, em grande parte, sofria de uma enorme deficiência relativamente à aplicação do pensamento kardequiano nos centros espíritas. Tal situação seria responsável por grande desordem no interior do movimento, como podemos observar no seguinte trecho:

³¹⁹ José Queid Tufaile Huaixan nasceu em 18/03/1955. Empresário do ramo de internet. É pastor da igreja Renovação Cristã da Vila Elmaz, em São José do Rio Preto, SP. Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 22/11/2007.

³²⁰ **Quem Somos?** Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 22/11/2007 e **Declaração**. Disponível em: <<http://www.reforma.org.br/declara.htm>>. Acesso em: 22/11/2007.

³²¹ Idem.

Existem casas onde as atividades doutrinárias nada têm a ver com as orientações deixadas por Allan Kardec. Nelas, vamos encontrar o Espiritismo misturado com costumes e práticas similares as que encontramos no Catolicismo, no Esoterismo e na Umbanda. É evidente que cada dirigente ou trabalhador tem a liberdade de agir como bem entendem. Porém, faz-se necessário compreender que a Doutrina Espírita possui princípios e normas que orientam sua prática, ou que pelo menos deveriam orientá-la³²².

Portanto, o grupo liderado por Huaixan resolveu criar um método cuja finalidade era a de orientar os centros espíritas em sua organização ou reorganização doutrinária, espirituais e materiais, dando origem ao Movimento de Reformas:

O Grupo Espírita Bezerra de Menezes é uma casa organizada sob a orientação kardequiana básica. Desenvolveu em suas dependências, métodos racionais de atendimento a enfermos e obsedados. Criou um sistema administrativo inspirado naquele que o Codificador possuía na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas - SPEE. Notando a morosidade das ações federativistas e dos líderes espíritas frente a problemas tão variados, o Bezerra resolveu criar um programa de reorganização das atividades doutrinárias chamado Reforma³²³.

A escolha do nome do movimento e as razões de sua adoção as encontramos relatadas em seu sítio na internet, em que declaravam ser inspiradas na Reforma Protestante do século XVI, a qual, segundo o próprio grupo, lutou para mostrar à Igreja Romana os equívocos e desvios cometidos e tinham como objetivo voltarem à pureza do cristianismo primitivo. Sem lograr êxito, o movimento reformista de então teve como consequência o cisma da Igreja Católica. Da mesma maneira, é necessário aos espíritas movimentarem-se com o intuito de reconduzirem as práticas doutrinárias ao encontro do Espiritismo primitivo³²⁴.

Entre os motivos alegados pelo grupo para promoção da “Reforma do Espiritismo”, encontramos as seguintes:

³²² HUAIXAN, José Queid Tufaile. **Como implantar a Reforma**. Disponível em: <<http://www.novavoz.org.br/estudos-13.htm>>. Acesso em: 26/11/2007.

³²³ HUAIXAN, José Queid Tufaile. **Como implantar a Reforma**. Disponível em: <<http://www.novavoz.org.br/estudos-13.htm>>. Acesso em: 26/11/2007.

³²⁴ Idem.

O movimento espírita tornou-se um meio contaminado por idéias e práticas estranhas, vindas das mais variadas vertentes do pensamento humano;

A FEB, responsável oficial pelo sistema espírita, não seguiu as orientações do mestre Allan Kardec, resultando daí um movimento sem organização e controle devidos;

Grande parte das idéias divulgadas pela FEB são a expressão do pensamento católico (Roustainguismo), portanto, a antítese do pensamento kardequiano;

A FEB estuda, edita e divulga a obra que tem como principal marca derrubar teses kardequianas racionais sobre a origem de Jesus e dos homens em geral: Os Quatro Evangelhos, de Jean Batiste Roustaing;

O pensamento de Roustaing, que nada mais é que o espírito do catolicismo, representa hoje um sistema fortemente alicerçado por entidades espirituais que o alimenta, infiltrado com sutileza na conduta de muitos espíritas e na grande maioria das obras literárias existentes no meio;

[...];

A falta de coragem de grande parte dos formadores de opinião, dirigentes, líderes e jornalistas, em posicionar-se sobre posturas, práticas e atitudes discordantes com a coerência dos ensinamentos de Jesus, de Allan Kardec e dos Espíritos Superiores;

As Obras Básicas são relegadas a plano secundário, não havendo empenho dos dirigentes em edificar o pensamento dentro dos princípios kardequianos, antes estimulando o estudo das obras subsidiárias como se fossem de grande importância para a formação doutrinária;

[...];

A evidente e irreversível desagregação do sistema espírita, que segue sustentado na ilusão de uma unificação que só existe em torno da instituição que o representa oficialmente (FEB e federativas estaduais), e não em torno dos ideais de Jesus e Kardec;

[...].³²⁵

Tendo em vista as razões listadas, os objetivos almejados pelo movimento são os seguintes:

Trabalhar dissociado do movimento espírita, ainda que entre os espíritas, atraindo para suas fileiras os que simpatizam com os ideais reformistas;

Continuar e amadurecer paulatinamente seu trabalho

³²⁵ **Declaração.** Disponível em: <<http://www.reforma.org.br/declara.htm>>. Acesso em: 22/11/2007.

alicerçado no pensamento dos servos maiores de Jesus Cristo, responsáveis pela construção do Cristianismo: Allan Kardec, Paulo de Tarso e todos os homens que lutaram para o estabelecimento da Verdade Divina no planeta.

Colocar à disposição dos usuários, no site NovaVoz, suas propostas de trabalho para o Centro Espírita, para avaliação dos que se afinizam com seus pensamentos;

Os grupos simpatizantes formarão o que se chamará União de Grupos, embrião de uma instituição gerente, que será formalizada em Setembro de 2002, em São José do Rio Preto, SP, em um encontro (Entrade) que será realizado somente com as sociedades afins, para debate das idéias;

Seguir com fidelidade os ideais de Jesus Cristo, nosso Mestre e Senhor!³²⁶

Além da evidente repulsa aos ensinamentos contidos na obra de Roustaing, podemos ressaltar como característica importante do movimento a grande importância dada ao estudo da Bíblia, principalmente ao Novo Testamento e à vida de Jesus Cristo e seus ensinamentos. Ainda que o Espiritismo em seu aspecto religioso tenha por base o Cristianismo, o estudo da Bíblia de forma sistemática não é uma prática usual, sendo substituído pelo estudo do livro de Kardec, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, no qual as parábolas e os ensinamentos de Cristo são explicados à luz do Espiritismo e também por obras subsidiárias e complementares à doutrina.

O Movimento de Reforma preconizava a adoção de vários procedimentos administrativos e doutrinários, os quais visam à modernização do sistema administrativo das casas espíritas. O grupo desenvolveu métodos de relacionamento na área de atendimento ao público e na assistência espiritual. Disponibilizando-os aos dirigentes que desejassem implementá-los em suas casas, em forma de apostilas e documentos doutrinários, os quais continham análises e trabalhos práticos referentes ao dia a dia da casa espírita, disponíveis em papel, fitas de vídeo VHS e pela internet³²⁷. Um pequeno grupo, encabeçado por José Queid, comparecia a algumas reuniões na sede do centro espírita que manifestava vontade de ingressar no Movimento de Reformas, com o objetivo de facilitar a implantação das novas rotinas de trabalho, mediante auxílio operacional e acompanhamento direto da implantação dessas mesmas rotinas³²⁸.

³²⁶ Idem.

³²⁷ **Movimento de Reformas.** Disponível em: <<http://www.novavoz.org.br/reforma-01.htm>>. Acesso em: 20/01/2008.

³²⁸ Entrevista concedida ao autor por José Queid, em 22/01/2011.

Realizavam-se, semestralmente, os “Entrade - Encontro de Trabalhadores e Dirigentes Espíritas”, nos quais os estudos focalizavam as necessidades práticas, doutrinárias e administrativas dos centros, além de avaliarem o desenvolvimento do movimento. O jornal “A Voz do Espírito”, com tiragem bimestral, era postado à quase totalidade dos centros espíritas do país; nele, discutiam-se os problemas do movimento espírita e as práticas doutrinárias à luz da codificação kardequiana e também difundiam-se as ideias reformistas³²⁹.

Huaixan, em entrevista concedida ao jornal “O Espírita”, durante a realização do 15º Entrade, no dia 27 de setembro de 1999, declara que “o Movimento de Reforma não tem nenhuma proposta de revisar a Doutrina, mas simplesmente a de ajudar na reorganização das casas espíritas que tenham afinidade com esses ideais”³³⁰. O seu objetivo fundamental era retornar à pureza inicial da doutrina, não alterá-la ou complementá-la.

A implementação da Reforma no centro espírita, em acordo com seus idealizadores, poderia ser feita de dois modos: o parcial ou radical. O movimento recomendava a forma radical, apesar de ser mais problemática e traumática, uma vez que envolvia mudanças em toda a estrutura do centro de uma só vez. O método parcial poderia ser aplicado em qualquer departamento do centro e posteriormente ser melhorado paulatinamente³³¹. Três eram os aspectos observados durante o processo de reforma:

Administrativos – documentação, conselho administrativo, fontes de recursos, reuniões administrativas entre outros;

Práticos – recepção de pessoal, assistência social e assistência espiritual;

Morais – vida moral do trabalhador espírita, cursos doutrinários, divulgação doutrinária interna e externa³³².

O movimento reformista expandiu-se ao receber adesões e reprovações no interior do campo espírita brasileiro. Os novos centros

³²⁹ **Movimento de Reformas**. Disponível em: <<http://www.novavoz.org.br/reforma-01.htm>>. Acesso em: 20/01/2008.

³³⁰ **Entrevista com José Queid**. Disponível em: <http://www.novavoz.org.br/entrevista_queid99.htm>. Acesso em: 20/01/2008.

³³¹ HUAIXAN, José Queid Tufaile. **Como implantar a Reforma**. Disponível em: <<http://www.novavoz.org.br/estudos-13.htm>>. Acesso em: 26/11/2007.

³³² Idem.

que aderissem aos postulados reformistas passariam a compor o que chamavam de “União Espírita Reformista” e deveriam ser nomeados como “Sociedade de Estudos Espíritas”³³³, enquanto os já existentes, que aderissem ao movimento, deveriam adequar seus títulos, mudando seus estatutos³³⁴.

Uma análise em termos quantitativos do Movimento de Reformas fica prejudicada em face dos escassos números colocados à nossa disposição pelos integrantes da RC. Soma-se a isso a falta de fontes referentes às tentativas de implementação malsucedidas, ocorridas no interior do Movimento Espírita nos arquivos por nós consultados pertencentes à própria RC e também na FEB, USE e FEESP. Podemos avaliar os resultados referentes ao Movimento de Reformas pelos dados atuais, os quais refletem a composição da RC, em que encontramos seis unidades ligadas anteriormente ao Movimento de Reformas. Portanto, verificamos o desdobramento do movimento em direção a outros estados da federação, possuindo unidades nas cidades de São Luiz, no Maranhão; Paranaíba, no Mato Grosso do Sul e Jacuí, em Minas Gerais³³⁵.

O movimento seguiu seu caminho procurando, segundo o seu entendimento, a retomada da pureza doutrinária por meio de cursos, estudos e divulgação dos seus postulados, disponibilizando o material em jornais, internet, fitas, livros e apostilas. Localizamos alguns poucos sítios na internet, que fazem referência ao movimento. Os sítios favoráveis fazem menção a ele de forma a relatar algo que faz parte de um passado constituidor de uma nova religião, na qual hoje se encontram afiliados. Já naqueles contrários, detectamos diversas referências ao movimento, tratando-o como ortodoxo e separatista. Durante a nossa pesquisa, não encontramos referência direta ao movimento por parte da FEB, ou das federativas locais ou estaduais. Somente quando da fundação na nova religião, deparamo-nos com referências no “Reformador” sobre os acontecimentos, mesmo assim de forma indireta, relatando eventos oriundos de movimentos defectivos e radicais, sem, porém, nomeá-los, ficando dúvidas a respeito destes, pois, somente aqueles que o conheciam seriam capazes de identificá-los; os

³³³ Aspectos Administrativos. Disponível em: <<http://www.reforma.org.br/propostatotal.htm>>. Acesso em: 26/11/2007.

³³⁴ Cabe aqui ressaltar que a utilização do nome “Sociedades de Estudos Espíritas” não é específico do Movimento de Reformas, pois existem inúmeros centros espíritas que possuem o referido nome ou parte dele e não pertencem ao movimento, fundados antes ou depois do surgimento do movimento. (Nota do autor).

³³⁵ Quem Somos? Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 22/11/2007.

demais não poderiam fazê-lo, uma vez que não saberiam nem quando nem onde tais circunstâncias se davam. Mais uma vez, podemos observar o comportamento da FEB diante de assuntos polêmicos de ordem doutrinária, buscando de toda maneira manter-se ao largo, não se comprometendo. O silêncio aparece como marca de conduta, também nessa oportunidade.

3.4 – Renovação Cristã – uma nova religião

Após a transformação oficial do Movimento de Reformas em Renovação Cristã, ocorrida em setembro de 2002, seguiu-se um período de acomodação entre o passado espírita e a nova condição de Igreja Reformada ligada ao Movimento Protestante/Evangélico. Esse período teve a duração aproximada de dois anos, durante os quais ocorreram diversas atribuições relativamente à transformação de Centro Espírita em Igreja. Sobrevieram ataques tanto por parte dos espíritas, para quem os membros da RC encontravam-se sob a influência de “espíritos obsessores”³³⁶, quanto dos protestantes/evangélicos, para quem o passado espírita deixava uma mácula importante na nova Igreja³³⁷. Embora seja possível encontrar algumas narrações dos atuais membros da RC relacionadas aos ataques sofridos por seus membros e dirigentes, efetuados por alguns integrantes do Movimento Espírita no que concerne às transformações ocorridas, somos incapazes de encontrar relatos nos jornais e revistas ligados ao Movimento Espírita de forma oficial sobre tais mudanças e também a respeito de suas causas e líderes.

Conforme relato de seu dirigente e fundador, Huaixan, antes mesmo da transformação ocorrida no Centro Espírita Bezerra de Meneses em Igreja Reformada (2002), já foram suspensos todos os tipos de trabalhos mediúnicos na casa, pois, para o fundador e demais dirigentes do centro, a relação custo/benefício desses tipos de trabalhos não justificava sua adoção, visto que acarretavam mais prejuízos que benefícios aos médiuns e frequentadores do local. Os demais trabalhos que distinguem um centro espírita, como os passes, as palestras e os estudos sistemáticos da doutrina, foram mantidos³³⁸.

Ainda, de acordo com Huaixan, esse período híbrido da RC reflete sua origem Espírita e a posterior transformação em Igreja. Pois, segundo ele, em um primeiro momento, a nova igreja não poderia deixar de possuir características espíritas, já que um processo de mudança não se faz bruscamente³³⁹. Esse período, além de possuir como marcas distintivas o caráter de transformação e a mistura de ideias e conceitos, como ressalta seu fundador e presidente, põe em evidência certa preocupação dos dirigentes da RC com a manutenção de seus membros,

³³⁶ Obsessão: é a atuação maléfica de um Espírito sobre um encarnado. Conforme: SOBRINHO, Geraldo Campetti (Coord.). **Espiritismo de A a Z**. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. p. 625.

³³⁷ Entrevista concedida ao autor por José Queid em 22/01/2011.

³³⁸ Idem.

³³⁹ Idem.

ao evitarem uma transformação radical e definitiva em virtude do abandono por completo e de imediato dos postulados espíritas. Por conseguinte, podemos afirmar, diferentemente das informações contidas no sítio oficial, a consolidação da RC como uma nova instituição religiosa, desvinculada do Espiritismo, tendo por base, segundo os seus criadores, o pensamento do apóstolo Paulo de Tarso e sob a proteção de Jesus Cristo³⁴⁰, deu-se de forma mais efetiva no final do ano de 2004; porém, não de forma definitiva como nos asseguraram seus dirigentes.

Depois de permanecer cerca de vinte anos vinculado ao campo espírita, o grupo responsável pelo Movimento de Reformas juntamente com suas seis instituições, que formam ainda hoje a nova Igreja, realizaram uma assembleia extraordinária com o intuito de discutirem as mudanças que aconteceriam a partir desses fatos³⁴¹. Encontramos no sítio da RC de outubro de 2006 a descrição da transformação dos grupos ligados ao Movimento de Reformas:

Os grupos reformistas transformaram-se em igrejas cristãs renovadas e seguem a linha doutrinária instruída por Paulo de Tarso sobre a doutrina do Cristo, associada às ferramentas para o entendimento da mensagem que são os princípios da reencarnação, lei de sementeira e colheita, imortalidade da alma e acima de tudo a compreensão da fé verdadeira em Deus³⁴²

A igreja é presidida pelo órgão diretivo denominado União de Irmãos, instituição civil legalmente constituída, sendo dessa forma a responsável oficial pelas igrejas da RC. Reúne as igrejas e funciona na sede localizada na Vila Elmaz, na cidade de São José do Rio Preto, no estado de São Paulo. É a responsável direta pela realização de inúmeras atividades, tais como: as Assembleias Anuais das Igrejas, estudos doutrinários, decisões administrativas relativas às atividades praticadas nos templos e também é responsável pelas diretrizes que visam à coordenação e divulgação de todo o trabalho doutrinário das igrejas³⁴³. Além de suas atividades ordinárias, caso ocorra de forma excepcional algum tipo de desvio das diretrizes básicas da RC, cabe também à União de Irmãos deliberar sobre as providências a serem tomadas, que vão

³⁴⁰ **Quem Somos?** Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 17/10/2006.

³⁴¹ Idem.

³⁴² Idem.

³⁴³ **União dos Irmãos.** Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/uniaodeirmaos.php>>. Acesso em: 01/12/2006.

desde a simples reunião com o pastor responsável com o objetivo de reorientar seus trabalhos até a realização do convite para este se retirar da congregação em conjunto com sua comunidade³⁴⁴.

A Igreja possui hoje, janeiro de 2011, aproximadamente seiscentos membros ativos, conforme nos asseverou seu presidente, sendo assim divididos em suas seis unidades³⁴⁵:

Unidade	Qtd. de membros	Responsável
Renovação Cristã, do Jardim São Marcos, em São José do Rio Preto, SP	*	Pastor Joel Marcos Figueiredo
Renovação Cristã, da Vila Elmaz, em São José do Rio Preto, SP – Sede	300**	Pastor José Queid Tufaile Huaixan
Renovação Cristã, do Ipase, em São Luís, MA	*	Pastor Paulo Rocha Neto
Renovação Cristã, do Recanto dos Vinhais, em São Luís, MA	200**	Pastora Vanda Maria Ferreira Simões
Renovação Cristã, de Jacuí – MG	50	Pastor Eloi Monteiro
Renovação Cristã, de Paranaíba, MS	50	Pastor José Carlos Socorro
Total de membros	600	União de Irmãos

* Número de integrantes não informado de forma isolada

** Total de membros da cidade.

As assembleias, como denominam os membros da RC suas reuniões semanais, transcorrem de maneira peculiar, pois, não há cânticos, louvores, ofertas nem pagamento de dízimo; ocorrem em silêncio durante boa parte de sua realização. Qualquer tipo de pagamento ou doação pecuniária, isto é, ação que envolva dinheiro, é realizado exclusivamente na secretaria, órgão responsável pelas finanças da Igreja. Dessa forma, durante as assembleias, seus componentes dão ênfase aos estudos e debates a respeito das escrituras com destaque no

³⁴⁴ Entrevista concedida ao autor por José Queid em 22/01/2011.

³⁴⁵ Idem.

Novo Testamento e pregam, segundo a sua direção, a palavra de Deus³⁴⁶.

A Igreja mantém atividades de estudos e integração de crianças e jovens aos sábados composta por cursos, grupos de estudos, brincadeiras, gincanas e palestras visando à evangelização desses grupos específicos e à familiarização com a doutrina, além da integração com os membros adultos e dirigentes da RC e suas respectivas funções na Igreja. Através da realização de almoços, festas e doações, a RC arrecada fundos que utiliza na assistência social mantida pela instituição, composta, por exemplo, por doações de mantimentos e refeições aos necessitados que a ela recorrem.

Ao longo dos anos, paulatinamente a postura inicial da RC no que diz respeito ao seu passado espírita foi alterando-se, como verificamos nas mudanças sofridas por suas páginas na internet, especialmente naquela intitulada “Quem Somos – Origem da Igreja”, na qual era costumeiramente relatado um breve histórico da instituição e havia uma síntese de seus princípios³⁴⁷.

No início de nossas pesquisas, em 2006, foi possível observar, na referida página do sítio, um histórico que remetia ao seu passado oriundo do Grupo Espírita Bezerra de Menezes e, posteriormente, ligado à criação do Movimento de Reformas. A reação no campo espírita ao movimento, segundo seus dirigentes, aparece na página do grupo ao afirmar que

o sectarismo reinante no sistema oficial passou a apontar os reformistas como agentes das trevas, esvaziando os eventos de suas eméritas personalidades e orientando seus filiados a não darem ouvidos ao mal que enxergavam no trabalho realizado pelos rebeldes. Era essa a forma utilizada pelo sistema oficial para fugir de uma avaliação sincera de sua própria situação de desarrajo.³⁴⁸

É comum no interior do Campo Espírita Brasileiro, desde os tempos de sua implantação no país, destinar às vozes dissonantes integrantes do próprio campo os adjetivos: obsidiados, fascinados³⁴⁹,

³⁴⁶ Entrevista concedida ao autor por José Queid em 22/01/2011.

³⁴⁷ Encontram-se reproduzidas por completo no(s) Anexo(s) 5 a 10 as diversas versões da página “Quem Somos” encontradas ao longo de nossas pesquisas.

³⁴⁸ **Quem Somos?** Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 17/10/2006.

³⁴⁹ Fascinação: Possui consequências muito mais graves que a obsessão. É a ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita que o

agente das trevas, inimigos do Espiritismo. Por exemplo, podemos observar o que diz Canuto Abreu, ao se referir a Afonso Angeli Torteroli³⁵⁰ e à atuação deste no Movimento Espírita: “A “Sociedade Deus Cristo e Caridade” agasalhou, em seu redil, esse terrível lobo e o resultado foi a separação entre “místicos” e “científicos”, onde só deveriam existir cristãos espíritas”³⁵¹. Também podemos verificar esse tipo de afirmação, por parte dos espíritas antirroustanguistas, no episódio da “confissão” de Roustaing (em espírito, isto é, depois de morto), descrita na nota 239 deste trabalho, quando, segundo Carlos Gomes dos Santos, aquele afirma ter sido vítima de um processo obsessivo, quando da realização do seu livro “Os Quatro Evangelhos”³⁵². Mesmo que não tenhamos encontrado diretamente escritos que qualificam de tais maneiras os componentes do Movimento de Reformas e, posteriormente, os afiliados à RC de forma clara e específica, tal fato como afirmamos merece crédito de nossa parte.

Em seguida, a RC em seu sítio apresentava uma síntese das razões que levaram seus membros a abandonarem o Movimento Espírita:

O movimento espírita tornou-se um meio contaminado por idéias e práticas estranhas, vindas das mais variadas vertentes do pensamento humano, como auto-ajuda, terapia de vidas passadas, cromoterapia, transcomunicação instrumental, holismo e outras tantas doutrinas de homens.

A Federação Espírita Brasileira - FEB, responsável oficial pelo sistema espírita, não seguiu as orientações de Allan Kardec, resultando daí um movimento sem organização, sem liderança e sem nenhum controle; as idéias divulgadas pela FEB são a expressão do pensamento católico, preso na doutrina das obras; a fascinação, grave processo obsessivo oriundo do orgulho e vaidade, tomou conta do movimento espírita, que dá importância excessiva e perniciosamente a médiuns e oradores; estes, estimulados pela vaidade e exaltação da personalidade, brilham mais que a própria mensagem em suas aparições públicas.

estejam enganando. Conforme: KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro: FEB, 1979. p. 298.

³⁵⁰ Afonso Angeli Torteroli (1849 – 1928) – advogado, jornalista e professor. Fundou e dirigiu o Centro da União Espírita do Brasil, entidade que tinha como objetivo organizar o movimento espírita brasileiro. Organizou o 1º Congresso Espírita Brasileiro, em 1881, no Rio de Janeiro. Participou da fundação da FEB. Conforme: BENCHAYA, Salomão J. **Da Religião Espírita ao Laicismo**. A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2006. p. 56.

³⁵¹ ABREU. Op. Cit. p. 40.

³⁵² SANTOS, Carlos Gomes dos. Op. Cit. p. 55.

A falta da salutar crítica ao comportamento dessas figuras públicas, no sentido de avaliar qual seu fruto e o valor verdadeiro de suas obras, leva a uma estagnação das idéias e escravização das pessoas em torno desses mitos. Há falta de coragem de grande parte dos formadores de opinião, dirigentes, líderes e jornalistas, em posicionar-se sobre posturas, práticas e atitudes discordantes com a coerência dos ensinamentos de Jesus.

A obra básica da doutrina dos Espíritos Superiores, o Livro dos Espíritos, foi relegada a plano secundário, não havendo empenho dos dirigentes em edificar o pensamento dentro dos princípios kardequianos, antes estimulando o estudo das obras psicografadas por médiuns, que se tornaram pessoas isentas de qualquer crítica ou avaliação. Há uma prática inadequada e nociva da mediunidade nos núcleos espíritas, levando as pessoas a se instruírem por espíritos levianos, fascinadores e pseudo-sábios. Há uma nociva dependência das pessoas em relação aos espíritos desencarnados, o que os coloca facilmente à mercê das entidades enganadoras; existe uma grave contaminação do movimento espírita por espíritos pouco adiantados, pseudo-sábios, mistificadores, fascinadores e falsos mestres, que se nutrem da vaidade e do orgulho dos que teriam, a princípio, a tarefa de edificar as almas nos caminhos da racionalidade, da humildade e do serviço a Deus.

O mais grave de tudo, porém, é a repulsa que os espíritas têm das Escrituras Sagradas, desconhecendo completamente sua sabedoria e utilidade como agente norteador da conduta do homem na vida terrena. Para os espíritas, estudar a Bíblia é sinal de atraso, de retrocesso, o que mostra o evidente engodo em que se encontram. Na impossibilidade de continuar semeando em solo árido, o Movimento de Reformas rompeu definitivamente com o movimento espírita em setembro de 2002 e lançou as bases de uma nova religião chamada RENOVAÇÃO CRISTÃ, com o objetivo de servir a Deus e ao próximo sem os adereços das religiões cristãs convencionais, buscando formar um feixe de varas em torno dos ideais verdadeiramente cristãos³⁵³.

Durante nossas pesquisas, acessamos o sítio da RC por inúmeras vezes, até que, ao visitarmos mais uma vez a página “Quem Somos”, em 4 de janeiro de 2008, deparamo-nos com mudanças em seu conteúdo datadas de 21 de dezembro de 2007. Podemos verificar que a

³⁵³ **Quem Somos?** Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 17/10/2006.

partir de então ocorreram alterações significativas no conteúdo da mencionada página. Nesse primeiro momento, o histórico da RC é apresentado de forma mais sucinta, todavia, mantendo ainda de forma expressa sua vinculação anterior ao Movimento Espírita.

A Renovação Cristã nasceu com a conversão do Grupo Espírita Bezerra de Menezes, (fundado em 1984), numa nova instituição religiosa sob os cuidados de Jesus Cristo, uma igreja fundamentada no pensamento do apóstolo dos gentios, Paulo de Tarso. Depois de militar por vinte anos no campo do espiritismo, o Grupo que desenvolvia nesse meio religioso um movimento de reformas, juntamente com outras seis instituições, realizou uma grande assembléia congregando todos os seus membros para discutirem as mudanças que aconteceriam doravante. Diante da falta de unidade e coerência no movimento espírita, decidiu-se optar por uma nova via de caminhada para Deus e o caminho não foi outro senão a Jesus Cristo³⁵⁴.

Ainda em virtude das alegadas acusações de fascinação e mistificação de seus membros, oriundas de componentes do Movimento Espírita, a RC posicionava-se em suas páginas sobre o assunto e, ao mesmo tempo, apresentava-se como detentora de características peculiares que a distinguiam tanto do Espiritismo quanto das Igrejas Evangélicas ou Reformadas.

Ao contrário do que pensou boa parte dos espíritas que nos conheciam, o antigo Grupo Espírita não foi dominado por “espíritos enganadores”, que teriam dominado os corações levando-os à fascinação. Também o antigo grupo não foi transformado numa igreja evangélica, como sendo mais uma na multidão das seitas que atualmente se encontra em cada esquina das cidades. A Renovação Cristã é uma igreja diferente das outras igrejas, pois crê na vida eterna ensinada por Jesus Cristo, na vida após a vida terrena, para os que foram batizados no Espírito Santo de Deus; crê no perdão dos pecados que o Filho de Deus proporciona; na salvação exclusiva pela fé, independente de qualquer obra ou conhecimento adquirido. Evidente, trata-se de uma nova ordem de idéias.

³⁵⁴ **Quem Somos?** Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 04/01/2008.

Não condenamos espíritas, nem evangélicos, em quem vemos esforço comum para caminharem no campo do bem. Mas não praticamos espiritismo; cremos no juízo final, na volta de Cristo; e por isso, não podemos ser chamados “espíritas”. Não somos “evangélicos”, pois cremos em alguns princípios da doutrina espírita, tais como a vida além do mundo, a relação entre o céu e a terra, a volta de algumas almas à vida carnal, segundo os propósitos de Deus. Não praticamos o pagamento de dízimos; não nos importamos com a prosperidade material e nossa esperança reside na vida celestial, cidadania a que o apóstolo Paulo tão bem testificou³⁵⁵.

Mais à frente, na mesma página, ainda que a RC afirmasse apoiar-se na maneira pela qual Martinho Lutero interpretava as Escrituras, declarava-se não ser protestante ou evangélica, uma vez que se pautava por alguns princípios comuns ao Espiritismo, como a vida além da morte, a relação entre vivos e mortos e a reencarnação. Por outro lado, definia-se como não espírita uma vez que crê no juízo final e na volta de Jesus Cristo³⁵⁶. Dentre as suas particularidades, podemos citar:

[...]
 crê em Jesus Cristo como a única via de salvação para a alma do homem. Não acredita nas obrigações da fé. Dízimos, ofertas, caridade e demais obras impostas ao homem nada significam diante de Deus e não interferem na salvação nem a dignificam. Se as obras não forem produto da fé em Jesus Cristo e da liberdade que o seu amor proporciona, elas são vãs e é como se não fossem feitas;
 a Renovação Cristã crê que a lei de causa e efeito (conhecida dos espíritas) é na verdade a lei de talião, ensinada pelo antigo profeta Moisés. Jesus Cristo está acima da lei, de Moisés e dos profetas. É o único ungido para fazer a lei cessar pelo perdão, conforme a fé do crente e o propósito divino. Por isso, é o único que pode perdoar pecados ou dar este dom a servos que possam fazê-lo em seu nome;
 na igreja vemos a reencarnação como uma lei

³⁵⁵ Idem.

³⁵⁶ **Quem Somos?** Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 04/01/2008.

natural, cuja finalidade é conduzir as almas que estacionaram na morte ao caminho do arrependimento e salvação em Jesus Cristo. A chamada expiação dos pecados não nos parece verdadeira, pelo menos na maneira como geralmente é vista entre os reencarnacionistas. O pecado somente é expiado em Jesus Cristo, por meio da fé. O sofrimento é resultado da ação da lei sobre o pecador, desse ou de outros tempos. Quem sofre (falamos dos grandes dramas da vida), está sob o resultado da ação da ira de Deus. Satanás, em vez de ser uma aberração da obra de Deus, é o executor da lei, que traz sofrimento ao pecador (as Escrituras o testificam);

[...];

[...];

Creemos no sacerdócio como um dom ministrado pelo Espírito Santo aos filhos de Deus, conforme seu santo propósito. Não damos crédito ao sacerdócio carnal, mas ao espiritual. Portanto, não cremos que os homens possam formar pastores de almas. O Senhor levanta os seus sacerdotes como quer e não se sujeita ao que os homens resolveram fazer de seus hábitos e costumes religiosos. Somente em Cristo há liberdade e essa liberdade não pode ser constrangida por quem quer que seja. É o mais nobre tesouro que o homem recebe de Deus e de graça, por graça. Quem encontra o amor de Deus em Jesus Cristo, ama com todas as forças do seu coração e por consequência, cumpre a lei.³⁵⁷

Em janeiro de 2008, portanto, quatro anos após o período de afirmação, descrito por seu fundador, a RC, a nosso ver, ainda apresentava preocupação com a manutenção de seu antigo público e membros, mantendo de forma expressa algum vínculo com seu passado espírita, ou pelo menos a expectativa de futuros estudos e utilização dos seus postulados, como observamos na resposta à nossa indagação via e-mail do seu fundador, reproduzida a seguir. Em virtude da diminuição do espaço dado no sítio ao seu passado espírita, enviamos correspondência eletrônica em janeiro de 2008, indagando sobre a utilização dos livros e postulados de Kardec e como esses eram encarados pela RC. Em resposta obtivemos:

³⁵⁷ **Quem Somos?** Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 04/01/2008.

A igreja Renovação Cristã não abjurou de sua fé nos princípios da doutrina espírita. A ferramenta interpretativa das Sagradas Escrituras continua sendo os princípios da doutrina. Como ainda estamos em fase de acomodação do novo pensamento, em termos coletivos, centramos nossos esforços em torno das Sagradas Escrituras somente, mas a igreja terá o espaço de estudo do Livros dos Espíritos em breve, espinha dorsal dos ensinamentos do Espírito de Verdade³⁵⁸.

Em contradição à postura de manutenção de seu passado espírita, afirmada por seu dirigente na resposta de nossa questão, encontramos ao final no texto explicativo na página “Quem Somos”, da mesma forma que na primeira versão, um rol de nomes a título de informações a respeito dos dirigentes das Igrejas, porém, agora os nomes vinham precedidos pelo título de Pastor ou Pastora³⁵⁹.

Em 29 de maio de 2009, em mais uma de nossas visitas ao sítio da RC, constatamos mais algumas alterações na página “Quem Somos”. Mudança essa fundamental para o nosso entendimento do processo de consolidação da RC como Igreja Renovada. A referência anterior ao passado vinculado à Doutrina Espírita, já reduzida na versão anterior dessa mesma página, foi retirada de forma completa. Apesar de anunciar um pequeno histórico, como da vez anterior, o texto encaminha-se diretamente para as características na nova igreja, também com algumas alterações:

A Renovação Cristã é uma igreja que se fundamenta na doutrina de Jesus Cristo, expressa no pensamento do apóstolo Paulo, quando da criação das igrejas primitivas. Busca o entendimento acerca de Deus e do Cristo nos seguintes princípios desenvolvidos pelo Apóstolo dos Gentios: a fé, a comunhão, a confissão, a justificação, a edificação e a manifestação do Espírito Santo na vida do crente. Apóia-se na forma como Martinho Lutero, o reformador protestante, interpretou os novos fundamentos e a igreja livre de Cristo³⁶⁰.

Podemos notar no texto citado que não há referência ao passado nem a princípios que ligam a RC ao Espiritismo como aqueles

³⁵⁸ A Equipe. **Resposta** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por pedro.paulo.a@gmail.com em 10/01/2008.

³⁵⁹ **Quem Somos?** Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 04/01/2008.

³⁶⁰ **Quem Somos?** Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 29/05/2009.

apontados anteriormente: “Não somos “evangélicos”, pois cremos em alguns princípios da doutrina espírita, tais como a vida além do mundo, a relação entre o céu e a terra, a volta de algumas almas à vida carnal, segundo os propósitos de Deus”³⁶¹.

Como características fundamentais apresentava:

Crê em Jesus Cristo como a única via de salvação para a alma do homem. Não acredita nas obrigações da fé. Dizimos, ofertas, caridade e demais obras impostas ao homem nada significam diante de Deus e não interferem na salvação nem a dignificam se não forem por consequência da fé em Jesus Cristo e da liberdade que o Seu amor proporciona.

Entende que não há entre os homens nenhuma igreja escolhida por Jesus ou nenhum servo melhor ou maior que o outro. Todos os homens crentes são servos do Altíssimo e é nosso dever viver como irmãos. Temos esperança de que antes dos tempos o Senhor reúna suas testemunhas pela fé no cumprimento da promessa. Acredita que a interpretação que cada crente faz da Palavra de Deus não pode se tornar um obstáculo à união de irmãos em torno de Cristo. Uns crêem no arrebatamento, uns na vida logo após a morte do corpo, uns que voltam à vida na terra, outros que não; ainda outros na vida no juízo final, uns na ressurreição no corpo carnal, outros na ressurreição no corpo espiritual. Não importa as variações de entendimento em torno dessas questões. O que importa, em verdade, é a presença de Jesus Cristo e a salvação que Ele proporciona aos que crêem em Seu Nome. Seria estranho que o Filho de Deus não nos perdoasse, na perseverança da fé, estando um de nós enganado num ou noutro ponto de vista.

Crê apenas no sacerdócio espiritual, como um dom ministrado pelo Espírito Santo aos filhos de Deus, conforme seu santo propósito. Acredita que os homens não possam formar pastores de almas. O Senhor levanta os seus sacerdotes como quer e não se sujeita ao que os homens resolveram fazer de seus hábitos e costumes religiosos. Somente em Cristo há liberdade e essa liberdade não pode ser constrangida por normas e rituais humanos. É o mais nobre tesouro que o homem recebe de Deus, de graça e por graça. Quem encontra o amor de Deus em Jesus Cristo, ama com todas as forças do seu coração e por consequência, cumpre a lei³⁶².

³⁶¹ **Quem Somos?** Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 04/01/2008.

³⁶² **Quem Somos?** Disponível em: <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acesso em: 29/05/2009.

Cabe ainda ressaltar que a data referente à efetuação das modificações estampadas no corpo do texto não sofreu alteração, portanto, mantinha-se em 21 de dezembro de 2007, quando ainda eram feitas referências ao Espiritismo. A lista de nomes ao final do texto voltou à forma precedente sem o título de Pastor para os dirigentes da RC³⁶³, embora em nossas conversas com os membros da RC, via telefone, correio eletrônico e durante nossa visita às suas instalações o tratamento de pastor e pastora é de uso corrente e pleno em seu meio.

Durante o resto do ano de 2009 e até o início de dezembro de 2010, a página manteve-se inalterada. Em nova visita à página em 1º de dezembro de 2010, notamos nova mudança no seu conteúdo, desta vez apenas na forma, pois, no conteúdo manteve-se igual, isto é, sem nenhuma alteração relativamente ao seu passado ou princípios doutrinários.

No primeiro trimestre de 2010, a RC descontinuou (“tirou do ar”) o portal no qual se encontravam as páginas da internet referentes ao Movimento de Reformas (www.novavoz.org.br) que mantinha disponível desde a sua criação e a conseqüente extinção do Movimento de Reformas em 2002. Dessa maneira, perdeu-se outro meio pelo qual se poderia atestar de forma explícita a ligação entre RC e o Espiritismo. Na mesma época, parte do site da RC foi colocado em manutenção, e a página “Princípios”, em que, como o próprio título sugere, eram postados os princípios da RC, teve seu conteúdo retirado e foi posta em manutenção. Assim sendo, seu conteúdo encontra-se indisponível até o presente momento (janeiro de 2011). No interior da página “Princípios” no link³⁶⁴ denominado “Introdução”, encontrávamos explicações sobre quais seriam tais princípios e suas chaves interpretativas:

Nos temas expostos no que se chamou “Princípios da Renovação Cristã”, estão os pontos que consideramos importantes para a compreensão das instruções contidas nas Sagradas Escrituras. A linha de interpretação da letra está fundamentada nos princípios da doutrina do Cristo ensinada pelo apóstolo Paulo, tendo como ferramenta interpretativa os seguintes pilares: imortalidade da alma, lei de sementeira e colheita (causa e efeito), lei da evolução do espírito, através das sucessivas

³⁶³ Idem.

³⁶⁴ Link: Em terminologia de Internet, ligação entre partes diferentes de um hipertexto ou entre um hipertexto e outro. Um caminho que o usuário pode seguir para conectar documentos e páginas da Web (Internet). Conforme SAWAYA, Márcia Regina. **Dicionário de Informática e Internet**. São Paulo: Nobel, 1999. p. 265.

vidas (reencarnação).

[...]

A igreja Renovação Cristã crê na existência dos espíritos, como almas dos homens que viveram na carne, mas não aconselha que se busque travar relações ostensivas com elas através do que se chama correntemente de "mediunidade". Crê na relação natural do invisível com o visível, e na influência oculta que o mundo invisível exerce no comportamento dos indivíduos, das massas, nos fenômenos naturais e na própria matéria.

[...]

A igreja Renovação Cristã, portanto, pretende aqui apresentar temas que considera importantes para a compreensão da vida que há em Cristo, única saída para a situação de morte em que se encontra a humanidade. O desenvolvimento deste trabalho servirá de base para o entendimento da Igreja de Cristo. A partir destes princípios, que qualquer pessoa pode examinar, é possível saber por quais trilhas ideológicas a igreja Renovação Cristã caminha, possibilitando ao visitante do site o exame das idéias expostas, como pede a ética cristã e como nos garante a cidadania e o direito de praticar e divulgar a religião da forma como a compreendemos. Os assuntos serão desenvolvidos de forma simples e serão disponibilizados na medida da necessidade do aprendizado de todos³⁶⁵.

Ainda aqui podíamos ainda observar a influência dos princípios defendidos pelo Espiritismo, como a reencarnação e a comunicação entre vivos e mortos. Dessa maneira, retiraram-se de seu site as últimas referências explícitas aos postulados espíritas que pudessem de alguma maneira vincular o Espiritismo e a RC. A página compunha-se de 24 links, nos quais eram explicitados os princípios da RC, como observamos seus títulos no Quadro 1.

A Fé no Cristo de Deus	O corpo de CRISTO e os membros
A Igreja de Cristo	O Espírito Santo de Deus
A justificação pela fé	O Evangelho de Cristo
A Lei de Deus	O final dos tempos
A morte carnal	O Perdão dos pecados
A morte espiritual	O propósito de Deus
A Palavra de Deus	O que é satanás

³⁶⁵ **Princípios.** Disponível em: <<http://www.renovacaoocrista.org/principios.php>>. Acesso em: 30/09/2009.

A Reencarnação	O sacerdócio espiritual
A Ressurreição	Os espíritos
A salvação pela fé	Os profetas
DEUS, SENHOR dos céus e da terra	Reencarnação perguntas e respostas – parte 1
JESUS, o Cristo de Deus	Reencarnação perguntas e respostas – parte 2
O corpo de CRISTO e os membros	A vida após a morte ³⁶⁶

Diante de tantas mudanças e transformações ocorridas no interior da RC, como podemos observar, torna-se imperioso refletirmos a respeito desses eventos calçados, como já dito na introdução deste trabalho, nas ideias de Peter L. Berger, quanto ao caráter cultural da religião, portanto, encará-la como um fenômeno cultural, produto histórico decorrente da ação humana³⁶⁷. Dessa maneira, as mudanças sofridas ao longo do tempo pela RC refletem as idiosincrasias tanto do grupo quanto dos seus integrantes, reafirmando aquilo que sabemos de antemão: o seu caráter humano e histórico. Por fim, demonstra a interação dialética da Igreja com os seus membros, isto é, uma ação contínua e recíproca entre a RC e seus produtores ou membros³⁶⁸.

No início do terceiro e último trecho de nosso caminho, acompanhamos mais de perto a luta entre Kardecistas e Roustinguistas no interior do campo espírita brasileiro. Vimos a ascensão do movimento espírita paulista, que assumiu uma posição de relevância no interior do campo. Decorrente da ação do movimento paulista em busca da unificação nacional do espiritismo brasileiro, percebemos a precipitação dos fatos que levaram a FEB a tomar frente no processo de unificação nacional, impondo ao campo o chamado Pacto Áureo e posteriormente consolidando sua posição no desenrolar dos anos.

Após a solidificação do Pacto Áureo em nível nacional, não sem resistência como verificamos, a FEB por intermédio do CFN estabilizou sua posição no interior do campo e com isso, com o seu silêncio, conseguiu manter intacta a questão referente ao Roustinguismo. Entretanto, em seguida ao rompimento do silêncio pela FEB, ao republicar a obra de Roustaing, ressurgiu a polêmica em torno da obra.

³⁶⁶ **Princípios.** Disponível em: <<http://www.renovacaoocrista.org/principios.php>>. Acesso em: 30/09/2009

³⁶⁷ BERGER, Peter Op. Cit. p. 38.

³⁶⁸ Ibidem. p. 15-16.

Mais tarde, sob a liderança de José Queid Tufaile Huaixan, o “Grupo Espírita Bezerra de Menezes”, em São José do Rio Preto – SP, em 1992, tendo como aspectos de divergências centrais os polêmicos pontos doutrinários suscitados pelo Roustainguismo, criou o Movimento de Reformas, em 1992, dando, assim, o primeiro passo em direção à desfiliação oficial do movimento espírita.

O movimento seguiu seu caminho em busca da alegada retomada da pureza doutrinária do Espiritismo, com cursos, estudos e divulgação dos seus postulados. Depois de permanecer cerca de vinte anos vinculado ao Espiritismo, o “Grupo Espírita Bezerra de Menezes”, em uma assembleia, deixou o Movimento Espírita, fundando a Renovação Cristã. Dentre as razões elencadas pelo movimento para o rompimento definitivo, destacavam-se as relativas à influência do catolicismo no desenvolvimento do Espiritismo Brasileiro, representada, segundo seus fundadores, pelo Roustainguismo defendido pela FEB. Assim, destacamos a influência do livro e das ideias nele contidas sobre um cisma no interior da religião do livro.

Por fim, verificamos ao longo da pesquisa as mudanças gradativas na postura da RC no que se refere a seu passado espírita, partindo de um período de tentativa de convivência entre os postulados espíritas e das igrejas reformadas, em busca da manutenção dos seus membros, até ao afastamento e esquecimento desses postulados espíritas pelo novo movimento religioso, trilhando, assim, a estrada Kardec – Lutero.

Considerações Finais

Como mencionamos na introdução deste trabalho, os estudos a respeito da temática religiosa vêm sofrendo um incremento importante tanto em quantidade como em qualidade. No caso mais específico das religiões mediúnicas, notamos um número expressivo de pesquisas sobre aquelas de raízes africanas, como o Candomblé e a Umbanda. Em relação ao Espiritismo, o número de trabalhos produzidos é bem inferior aos citados; porém, acreditamos constituir-se de um campo a ser explorado de forma mais intensa, com a possibilidade de surgir daí bons trabalhos relativos à religião e religiosidade. Agindo nesse sentido, procuramos, com a realização deste trabalho, contribuir para a consolidação de um campo de estudos voltado a questões que envolvam de forma mais direta o Espiritismo.

Ao longo de nossas pesquisas aqui relatadas, caminhamos através das lutas de representações empreendidas pelos membros do campo espírita em torno da união do movimento e da definição do que é ser espírita. Essa trilha nos levou ao encontro de um dos mais caros bens simbólicos do Espiritismo, ou seja, o livro. Desse profícuo encontro, podemos ressaltar dois exemplos que demonstram sobremaneira a importância do livro na história do Espiritismo: “Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho”, de Chico Xavier, e “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing. O primeiro configura a tentativa de sua utilização como definidor do que é ser espírita, e o segundo representa o poder exercido, pelas ideias contidas em um livro, em desagregar, ou mesmo, impedir as tentativas de união do Movimento Espírita Brasileiro.

No primeiro capítulo, pudemos perceber a relação fundamental entre o Espiritismo e o letramento, destacando a utilização do livro como definidor da identidade espírita e sua utilização por parte da FEB na tentativa de tomar para si o direito de definir quem é ou não espírita. Do mesmo modo, salientamos a natureza discursiva e processual da formação identitária espírita, em que o emprego do livro e a ênfase no estudo apresentam-se como marcas distintivas do Espiritismo.

Em virtude do caráter singular da Renovação Cristã e de sua proposta de aproximação entre o Espiritismo e a Reforma Protestante, calcada na interpretação da Bíblia de Lutero, na segunda parte do primeiro capítulo, utilizamos a ideia weberiana de parentesco espiritual, conforme leitura de Michel Löwy. Procedemos dessa forma a fim de evidenciar aspectos que consideramos pontos de convergência entre

essas duas doutrinas religiosas, sem, contudo, afirmarmos que há uma relação causal entre elas.

No segundo capítulo, em razão do flagrante desconhecimento a respeito de Roustaing e de sua obra no meio espírita, vimo-nos forçados a pesquisar acerca desse autor e apresentarmos aqui um pequeno relato biográfico. Na sequência, apresentamos a obra, seus principais pontos e também a polêmica gerada em torno dela, desde a sua publicação, e os primeiros comentários de Kardec sobre a referida obra até os seus desdobramentos no final do século XX. Tanto as obras de Kardec quanto as de Roustaing chegaram ao Brasil à mesma época, no terceiro quartel do século XIX, logo após serem publicadas na França. O desenvolvimento do Espiritismo no Brasil e, da mesma maneira, das ideias de Roustaing foi amparado pelo sentimento francófilo reinante em nosso país naquele período.

A grande polêmica em torno das ideias roustainguistas e sua adoção pela FEB como verificamos, desde a sua implantação, passando pelo período do “grande silêncio” até a sequência de novas edições patrocinadas pela federação e a restauração da controvérsia, não são justificadas de modo claro e veemente pela FEB, que alega, tão-somente, ser essa uma questão secundária no interior da doutrina. No entanto, como pudemos evidenciar, esse ponto de vista é encarado de forma totalmente diverso por seus opositores, que o percebem como a raiz de grandes males, sendo até mesmo responsável, como acreditamos, em boa parte pela criação do Movimento de Reformas e posteriormente pela criação da RC, como ficou claro nos sítios por nós pesquisados.

Ainda no segundo capítulo, observamos o uso político do silêncio pela FEB, em sua tentativa de normatizar e comandar o campo espírita brasileiro, além de tentar criar de forma institucional uma “memória espírita”. Tentativas frustradas em virtude da existência de um dinamismo histórico-social que as inviabiliza. Quando analisamos a inexistência de um posicionamento da FEB em relação à polêmica sobre a obra de Roustaing, com auxílio de Orlandi e Bourdieu, partimos da ideia da existência de um “silêncio que fala”. Assim sendo, encaramos a ausência de pronunciamento direto da FEB no que concerne à controvérsia sobre a obra de Roustaing como a ratificação de um posicionamento recorrente na história da FEB, retomado mais tarde também em relação ao surgimento e afirmação do Movimento de Reformas e a posterior criação da RC.

Portanto, o segundo capítulo, em conjunto com a parte inicial do terceiro, torna claro quão longe se encontra o Espiritismo do desejo de seu codificador de caracterizar-se por ser uma doutrina una. As lutas

intestinas do campo espírita brasileiro evidenciam o seu dinamismo e a vã tentativa da FEB em comandar de forma única e efetiva o Movimento Espírita Brasileiro. O Pacto Áureo apontado pela FEB e suas afiliadas como o marco da união do Movimento Espírita Brasileiro atende precipuamente aos interesses da FEB, uma vez que sua efetivação evidenciou a tentativa de colocá-la como o centro do campo espírita brasileiro, já que a presidência do Conselho Federativo Nacional (CFN) cabe ao presidente da FEB³⁶⁹. Fato que lhe proporciona grande poder em relação aos demais componentes do campo espírita brasileiro; contudo, como evidenciamos, desde a assinatura do pacto, estão presentes no interior do campo vozes dissidentes que mais uma vez corroboram o seu dinamismo.

Outro fator importante em torno da assinatura do pacto foi a não contemplação em seu estabelecimento das questões referentes às divergências entre kardecistas e roustainguistas. Nesse sentido, mais uma vez encontramos o silêncio, forma adotada pela FEB em busca da união e da tentativa de manutenção de sua hegemonia.

Dando prosseguimento aos nossos estudos, seguindo as pistas deixadas pelo comportamento exercido pela FEB em razão da adoção do livro de Roustaing como, por exemplo, a sua equiparação em importância para os estudos aos livros de Kardec, através das páginas de seus estatutos, fomos capazes de chegar ao Movimento de Reformas e posteriormente à RC. Agimos da maneira como descreveu em seus artigos e livros Carlo Ginzburg, para quem o historiador trabalha de forma semelhante aos detetives, colhendo pistas e indícios que, analisados e combinados, permitem oferecer deduções e significados³⁷⁰.

Conferindo à FEB a responsabilidade pela desordem geral no interior do Movimento Espírita Brasileiro, tendo como principal razão a adoção por parte dela dos princípios contidos no livro “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing, surgiu em resposta a esse estado de coisas o Movimento de Reformas, em 1992, sob a liderança de José Queid Tufaile Huaixan, em luta aberta contra as ideias roustainguistas. Destacamos, assim, o poder desagregador do livro em questão. Dez anos após o início do Movimento de Reformas (2002), portanto, depois de permanecer cerca de vinte anos vinculado ao campo espírita, o grupo responsável pelo Movimento de Reformas fundou a Renovação Cristã.

³⁶⁹ FEB. Regimento Interno do CFN. In: **Orientação aos Órgãos de Unificação**. Rio de Janeiro: FEB, 2010. p. 132.

³⁷⁰ GINZBURG. Op. cit. p. 145-146.

Durante o início de nossas pesquisas, tínhamos como preocupação, entre outras, perceber a maneira como a RC realizaria a conciliação entre os postulados espíritas e protestantes. No entanto, com o desenvolvimento de nosso trabalho, verificamos, nos vários indícios deixados pela nova Igreja, que a conciliação objetivada e divulgada por seus líderes caminhou para o abandono da herança espírita e a consequente afirmação dos ideais ligados às igrejas reformadas. Embora durante boa parte de nossa pesquisa notássemos a preocupação dos líderes da Igreja com a manutenção do seu passado ligado ao Espiritismo, com a finalidade de evitar o êxodo de seus antigos membros oriundos do Grupo Espírita Bezerra de Menezes, a partir de janeiro de 2008 iniciou-se uma série de alterações no sítio da RC, que culminaram com a retirada total de qualquer referência ao seu passado como centro espírita no início de 2010. Na mesma época, igualmente, foi extinto o portal referente ao Movimento de Reformas. Assim, o caminho percorrido pelo novo movimento foi aquele que denominamos no título deste trabalho: Renovação Cristã: de Kardec a Lutero.

Nossa pesquisa foi capaz de nos revelar de forma candente a complexidade do campo espírita brasileiro, na medida em que apontou para diversos outros assuntos intrigantes, os quais são dignos tanto de nossa atenção quanto da de outros pesquisadores em futuras pesquisas. A própria RC revela-se ainda um campo rico a ser explorado, na medida em que se consolida como mais um componente do campo religioso brasileiro a oferecer bens de salvação no mercado religioso.

Por fim, acreditamos que pesquisas sobre religião e religiosidades se apresentam como um local privilegiado para aqueles que as entendem como produtos históricos decorrentes das ações humanas, proporcionando uma melhor compreensão dos fenômenos sociais.

Referências Bibliográficas

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). Apresentação. In: _____. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- AUBRIÉE, Marion; LAPLATINE, François. **La table, le livre et les esprits**. Paris: JC Lattès, 1990.
- ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. **Pequena História da Formação Social Brasileira**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- BERGÉ, Christine. **L'au-delà et les lyonnais. Mages, médiums et francs-maçons du XVII ou Xxe. siècle**. Lyon :LUGD, 1995.
- BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: USP, 1996.
- BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora. 1975.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961. p. XI – XIX.
- CARVALHO, JOSÉ Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O Mundo Invisível**: Cosmologia, Sistema Ritual e Noção de Pessoa no Espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro, do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A historia cultural entre praticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DAMAZIO, Sylvia. **Da Elite ao Povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DELUMEAU, Jean. **Nascimento e afirmação da Reforma**. São Paulo: Pioneira, 1989.

Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 1 CD-Rom.

Encyclopædia Britannica <
<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/658580/Zwickau>>. Acesso em: 8 dez. 2009.

GILMONT, Jean-François. Reformas Protestantes e Leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no Mundo Ocidental**. v. 2. São Paulo: Ática, 2002.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIUMBELLI, E. **O cuidado dos mortos: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997.

GOMES, Francisco José Silva. Religião como objeto da História. In: LIMA, Lana Lage da Gama, Org. et al. **História & Religião. Rio de Janeiro**: FAPERJ: Mauad, 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ISAIA, Artur César. **Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX**. Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 11, n. 11. 1999.

ISAIA, A. C. Espiritismo, conservadorismo e utopia. In: PINTO, Elizabeth Aparecida; ALMEIDA, Ivan Antonio. (Org.). **Religiões, tolerância e igualdade no espaço da diversidade (exclusão e inclusão social)**. São Paulo: Falapreta, 2004.

JULIA, Dominique. A Religião: História Religiosa. In: Le Goff, Jacques e Nora, Pierre (org.). **História: Novas Abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LEITE, Míriam Moreira (org.). A documentação da literatura de viagem. In: _____. **A condição feminina no Rio de Janeiro: século XIX**. São Paulo: HUCITEC/USP, 1993.

LECOURT, Dominique. A arqueologia do saber. In: FOUCAULT, Michel et al. **O Homem e o discurso**. (A Arqueologia da Michel Foucault). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

- LEWGOY, Bernardo. **O livro religioso no Brasil recente**: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos. Ciências Sociales y Religión, Porto Alegre, 2004.
- LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. 2000. 360p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – FFLCH/USP, 2000.
- LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador**: Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru: EDUSC, 2004.
- LEWGOY, Bernardo . O sincretismo invisível: um olhar sobre as relações entre catolicismo e espiritismo no Brasil.. In: Artur Cesar Isaia. (Org.). **Orixás e espíritos. O debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. 1 ed. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.
- LÖWY, Michael. **Redenção e utopia**: O Judaísmo Libertário na Europa Central (um estudo de afinidade eletiva). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LYONS, Marlyn. Os Novos Leitores no Século XIX: Mulheres, Crianças, Operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no Mundo Ocidental**. v. 2. São Paulo: Ática, 2002.
- MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo**. Niterói: Lanchâtre, 1997.
- MALUF, Marina. A reconstrução do passado. In: _____. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**. Princípios & Procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.
- ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.
- ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro – Relatório 2008 – FIPE. <http://www.abdl.com.br/UserFiles/FIPE_2009.pdf>. Acesso em: 1º mar.2010.
- RABELO, Carina. Leitores de Fé. **Isto É**. São Paulo, n. 2076, p. 59, 26 de ago. de 2009.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emilio ou Da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. Campinas: Editora Átomo, 2004.
- SAWAYA, Márcia Regina. **Dicionário de Informática e Internet**. São Paulo: Nobel, 1999.

SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo: história e poder (1938 – 1949)**. Londrina: EDUEL, 2005.

SILVA, Raquel Marta. **Mineiridade, representações e lutas de poder na construção da “Minas Espírita”**: Da União Espírita Mineira a Francisco Cândido Xavier (1930 – 1960). 2008. 235p. Tese (Doutorado em História Cultural) – PPGH/UFSC, 2008.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: USP; Curitiba: Orion, 2003.

THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TRAMONTE, Cristiana Com a bandeira e Oxalá: trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. Itajaí, Florianópolis: Editora da UNIVALI, Lunardellii, 2002.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Fontes

A Opinião de Dr. Bezerra de Menezes, depois de desencarnado, sobre a obra “Os Quatro Evangelhos”. Disponível em: <<http://www.casarecupbenbm.org.br/museu5.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2006.

ABREU, Canuto. **Bezerra de Menezes: subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895.** São Paulo: FEESP, 1991.

ACQUARONE, Francisco. **Bezerra de Menezes: o médico dos pobres.** São Paulo: Aliança, 2004.

Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti. Disponível em: <<http://www.panoramaespirita.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=979>>

Acesso em: 22 dez.2006.

AMORIM, Deolindo. **Idéias e Reminiscências Espíritas.** Juiz de Fora: Instituto Maria Departamento Editorial, 1980.

ANJOS, Luciano dos. **Para entender Roustaing.** Bragança Paulista: Lachâtre, 2005.

Assim falou Allan Kardec. **O Franco Paladino,** Niterói, agosto de 2003. Disponível em: <<http://wwwofrancopaladino.pro.br/ofp0803.pdf>>. Acessado em 30/10/2007.

Aspectos Administrativos. Disponível em: <<http://www.reforma.org.br/propostatotal.htm>>. Acessado em 26/11/2007.

BENCHAYA, Salomão J. **Da Religião Espírita ao Laicismo** A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Porto Alegre : Imprensa Livre, 2006.

CEPA. Disponível em: <<http://www.cepanet.org/cepa.php>>. Acessado em 30/03/2008.

CARNEIRO, Victor Ribas. **ABC do Espiritismo.** Curitiba: FEP – Federação Espírita do Paraná, 1996.

CHIBENI, Silvio Seno. Sinopse dos Principais Fatos Referentes às Origens do Espiritismo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n.2.039,p. 36,fev. 1999.

Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador.** Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999.

Conceitos elucidativos. **Reformador.** Rio de Janeiro, ano 71. n. 7, jul. 1953.

Declaração. Disponível em <<http://www.reforma.org.br/declara.htm>>. Acessado em 22/11/2007.

Declaração Oficial. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 96. n. 1.787, fev. 1978.

Deolindo Amorim – Espirit Net - <http://www.espiritnet.com.br/Biografias/biogdeol.htm>. Em 16/09/2010.

Deolindo Amorim – Centro Espírita Ismael - <http://www.ceismael.com.br/bio/biografia-deolindo-amorim.htm>. Em 16/09/2010.

Edgard Armond. Disponível em: http://www.espiritismogi.com.br/biografias/edgard_armond.htm. Acessado em 12/12/2010.

Entrevista com José Queid. Disponível em: http://www.novavoz.org.br/entrevista_queid99.htm. Acessado em 20/01/2008.

Esclarecimento da Federação Espírita Brasileira ao Movimento Espírita. **Reformador**. Rio de Janeiro, n. 1994, p. 9, maio 1995.

FEB. **O Trabalho de Unificação do Movimento Espírita**: preparação de trabalhadores para as atividades espíritas. Brasília: FEB, 2002.

FEB. **Conheça o Espiritismo**. Brasília: FEB, 2002.

FEB. **Divulgue o Espiritismo**. Brasília: FEB, 2002.

FEB. **Prática Espírita**. Conforme: <http://www.febnet.org.br/site/oquee.php?SecPad=216&Sec=334>. Acesso em: 2 out. 2009.

FEB. Regimento Interno do CFN. In: **Orientação aos Órgãos de Unificação**. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

Federação Espírita do Paraná – FEP. **Pacto Áureo**: A vitória da fraternidade. Curitiba: FEP, 2009.

GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono04.html>. Acessado em: 20/01/2007.

GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono05.html>. Acessado em: 20/01/2007.

GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono06.html>. Acessado em: 20/01/2007.

Homenagens ao Dr. Bezerra de Menezes. Disponível em: <http://www.ofrancopaladino.pro.br/mat715.htm>; Acesso em: 22 dez. 2006.

HUAIXAN, José Queid Tufailé. **Como implantar a Reforma**. Disponível em: <http://www.novavoz.org.br/estudos-13.htm>. Acessado em 26/11/2007.

José Queid Tufaile Huaixan. Disponível em <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>> Acessado em 22/11/2007.

Júlio Abreu Filho. Disponível em: <http://www.espiritismogi.com.br/biografias/julio_abreu.htm>. Acessado em 12/12/2010.

KARDEC, Allan. **A Gênese.** Rio de Janeiro: FEB, 1980.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo.** Rio de Janeiro: FEB, 1997.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos.** Rio de Janeiro: FEB, 1989.

KARDEC, Allan. **O que é Espiritismo.** Rio de Janeiro: FEB, 1989.

KARDEC, Allan. **Obras Póstumas.** Rio de Janeiro: FEB, 2000.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos – 6º Ano – 1863.** Araras: IDE, 2001.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos – Nono Ano – 1866.** Araras: IDE, 2001.

LEX, Ary. **60 Anos de Espiritismo no Estado de São Paulo: Nossa Vivência.** Campinas: FEESP, 1996.

Luciano dos Anjos. Disponível em: <<http://www.lachatre.com.br/autores.php?autid=90>>. Acesso em: 20 nov. 2007.

LUTERO, Martinho. **Da liberdade do cristão.** São Paulo: UNESP, 1998.

LUTERO, Martinho. **Ética: Fundamentos - Oração - Sexualidade - Educação - Economia.** São Leopoldo - RS: Sinodal, 1995. (Martinho Lutero: Obras selecionadas; v. 5).

MACHADO, Leopoldo. **A Caravana da Fraternidade.** Rio de Janeiro: FEB, 2010.

MARTINS, Jorge Damas. **História de Roustaing.** [s.n.t.] 1987.

MARTINS, Jorge Damas, BARROS, Stenio Monteiro. **Jean Baptiste Roustaing: Apóstolo do Espiritismo.** Rio de Janeiro: CRBBM, 2005.

O Missionário da Fé. Disponível em: <http://www.grupodosoito.com.br/subpaginas/roustaing_mess.htm>. Acesso em: 22 out. 2007.

Movimento de Reformas. Disponível em: <<http://www.novavoz.org.br/reforma-01.htm>>. Acessado em 20/01/2008.

PIRES, J. Herculano. **Os 25 anos de Pacto Áureo.** Mensagem. São Paulo – SP. Fev 1975. Ano I n° 1 p.3.

PIRES, J. Herculano; ABREU FILHO, Julio. **O verbo e a carne: 2 análises do roustainguismo.** São Paulo: Edições Caibar, 1973.

PRESTES, Erasto de Carvalho. **Pacto Áureo**. Disponível em: <<http://www.ofrancopaladino.pro.br/>>. Acessado em: 13/09/2010.

Princípios Disponível em <<http://www.renovacaocrista.org/principios.php>> Acessado em 30/09/2009.

Quem Somos? Disponível em <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>>. Acessado em 22/11/2007.

QUINTELLA, Mauro. **História do Espiritismo no Brasil**.

QUINTELLA, Mauro. **O Pacto Áureo**. Disponível em: <<http://www.novavoz.org.br/bhu-004.htm>>. Acessado em: 13/11/07.

Reformador, Rio de Janeiro, n. 1962, p. 4, set. 1992.

Reformador. Rio de Janeiro, n. 1983, p. 4, jun. 1994.

RIZZINI, Jorge. **J. Herculano Pires: O apóstolo de Kardec**. São Paulo: Editora Paideia, 2001.

ROUSTAING, J. B. **Os Quatro Evangelhos: Revelação da Revelação**. v. 1. Rio de Janeiro: FEB, 1918.

ROUSTAING, J. B. **Os Quatro Evangelhos: Revelação da Revelação**. v. 1. Rio de Janeiro: FEB, 1952.

SANTOS, Carlos Gomes dos. **Páginas de Além Túmulo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1939.

SILVA, Gélvio Lacerda da. **Conscientização Espírita**. Capivari-SP: EME Editora, 1995.

SANTOS, Dalmo Duque dos. **Nova História do Espiritismo**. Santos – Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2010.

SOBRINHO, Geraldo Campetti (Coord.). **Espiritismo de A a Z**. 4ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

TOURINHO, Nazareno. **As tolices e pieguices da obra de Roustaing**. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1999.

União dos Irmãos. Disponível em <<http://www.renovacaocrista.org/uniaodeirmaos.php>> Acessado em 01/12/2006.

União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo – USE. Disponível em: <<http://useinterbotucatu.com.br/historico.html>>. Acessado em 08/12/10.

USE. Disponível em: <<http://www.usesp.org.br/use.html>>. Acessado em 08/12/10.

XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil coração do mundo pátria do evangelho**. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

XAVIER, Francisco Cândido. **Vereda de Luz**. São Bernardo do Campo: GEEM, 1990.

WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**: o educador e o codificador. Vol:1. Rio de Janeiro:FEB, 2004.

WANTUIL, Zeus. Grandes Espíritas do Brasil. Rio de Janeiro: FEB. 1969.

Anexo 1 Cronologia

1804

Nasce no dia 3 de outubro, na cidade de Lyon, Hippolyte Léon Denizard Rivail – Allan Kardec³⁷¹.

1857

Publicado na França “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.

1858

A 1º de janeiro Kardec lança o primeiro número da "Revue Spirite" (Revista Espírita), jornal de estudos psicológicos. Contendo o relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo.³⁷² Foi fundada, em 1º de abril, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.³⁷³

1860

Surge a primeira publicação espírita impressa no Brasil: “Lês temps sont arrivés” patrocinada pelo professor Cassimir Lieutaud.³⁷⁴

1861

Publicado na França “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec. É publicado O Livro dos Médiuns. Deu-se na Espanha o Auto-de Fé de Barcelona, onde foram queimados várias obras espíritas encomendadas por Maurice Lachâtre.³⁷⁵

1864

Publicado na França “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec.

1865

³⁷¹ SANTOS, Dalmo Duque dos. **Nova História do Espiritismo**. Santos – Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2010. p.568.

³⁷² CHIBENI, Silvio Seno. Sinopse dos Principais Fatos Referentes às Origens do Espiritismo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n.2.039, p. 36, fev. 1999.

³⁷³ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.572.

³⁷⁴ Idem.

³⁷⁵ Idem.

Em Salvador, no Estado da Bahia, Teles de Menezes fundou o primeiro núcleo espírita do país “Grupo Familiar do Espiritismo”.³⁷⁶ Publicado na França “O Céu e o Inferno”, de Allan Kardec. No Estado da Bahia foi dada oficialmente nos moldes kardecistas a primeira comunicação Espírita no Brasil, no Grupo Familiar do Espiritismo.³⁷⁷

1866

Em maio de 1866, foi lançada, na França, a primeira edição de “Os Quatro Evangelhos”.³⁷⁸

Uma parte do livro “Livro dos Espíritos” foi traduzida pela primeira vez no Brasil, em Salvador (BA), por Teles de Menezes.³⁷⁹

1868

Publicado na França “A Gênese”, de Allan Kardec.

1869

Allan Kardec desencarna, em 31 de março, aos 65 anos, vítima da ruptura natural de um aneurisma.³⁸⁰ Fundação do primeiro periódico de cunho espírita do Brasil, em julho de 1869, “O Eco d’Além-Túmulo”, em Salvador no Estado da Bahia.³⁸¹

1871

O cientista Willian Crookes leva à Academia Real de Londres o relato de suas conclusões sobre a veracidade dos fenômenos espíritas.³⁸²

1873

Fundação em 2 de agosto de 1873 o “Grupo Confucius”, sendo a primeira entidade jurídica do Espiritismo no Brasil³⁸³.

Entre os anos de 1873 e 1876 o Dr. Joaquim Carlos Travassos, no Rio de Janeiro, realizou a tradução da quatro obras de Kardec: “O Livro dos Espíritos”, “O Livros dos Médiuns”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e “O Céu e o Inferno”.³⁸⁴

³⁷⁶ WANTUIL, Zeus. **Grandes Espíritos do Brasil**. Rio de Janeiro:FEB,1969.p. 570.

³⁷⁷ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.573.

³⁷⁸ SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.108.

³⁷⁹ Idem.

³⁸⁰ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.574.

³⁸¹ WANTUIL. Op. Cit. p.576.

³⁸² SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.574.

³⁸³ ABREU. Op. Cit. p.29.

³⁸⁴ SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.108.

1875

O Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, noticia a publicação de O Livro dos Espíritos, em português, sendo o editor o francês B. L. Garnier. Antonio Silva Neto funda no Rio a “Revista Espírita”, primeiro órgão carioca no gênero.³⁸⁵

1876

Em abril de 1876 foi fundada a primeira sociedade kardecista regular do Rio de Janeiro a “Sociedade de Estudos Espíritos Deus, Cristo e Caridade” tendo entre seus membros Bittencourt Sampaio e posteriormente Antônio Luiz Sayão, ambos considerados os maiores expoentes do Roustainguismo³⁸⁶.

1877

Em razão de divergências no interior da “Sociedade de Estudos Espíritos Deus, Cristo e Caridade”, retira-se desta a “Congregação Anjo Ismael”.³⁸⁷

1878

Em razão de divergências no interior da “Sociedade de Estudos Espíritos Deus, Cristo e Caridade” retira-se desta o “Grupo Espírita Caridade”.³⁸⁸

1879

A “Sociedade de Estudos Espíritos Deus, Cristo e Caridade” transformou-se em “Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade” de caráter eminentemente “científico”.³⁸⁹

1880

Os “místicos” se reorganizam em março invocando a liderança do espírito Ismael na “Sociedade Espírita Fraternidade” tendo como presidente J.P. do Nascimento e como vice-presidente João Kahl, tradutor da primeira versão em português da obra de Roustaing.

³⁸⁵ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.574.

³⁸⁶ ABREU. Op. Cit. p.33-34; ACQUARONE Op. Cit. p.49.

³⁸⁷ ABREU. Op. Cit. p.33-34

³⁸⁸ Ibidem p.34-35

³⁸⁹ MARTINS. Op. Cit. 40; ABREU. Op. Cit. p.33-34; ACQUARONE Op. Cit. p.49.

Quatro meses depois, em julho, ocorreu uma nova separação, quando Antônio Luiz Sayão fundou o “Grupo dos Humildes”, cujo programa era o estudo de “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing.

No interior da “Sociedade Espírita Fraternidade”, onde o estudo do “O Evangelho Segundo Espiritismo” de Kardec era obrigatório, ocorreu a mais antiga divergência entre kardecistas e roustaingistas, onde estes últimos após fracassarem na tentativa de imporem suas teorias, abandonaram a sociedade e foram para o “Grupo dos Humildes”, futuro “Grupo do Anjo Ismael”³⁹⁰.

1881

A polícia proíbe a realização de sessões da Sociedade “Deus, Cristo e Caridade” em 28 de agosto. O Imperador D. Pedro II recebeu em audiência uma comissão espírita. Foi realizado na corte o I Congresso Espírita do Brasil.³⁹¹

1883

Augusto Elias da Silva fundou no Rio de Janeiro o “Reformador” jornal quinzenal, que no próximo ano tornar-se-ia o órgão oficial da FEB³⁹².

1884

Fundação da FEB em 1 de janeiro de 1884, tendo como primeiro presidente o Marechal F.R. Ewerton Quadros, tradutor, no ano anterior, da obra de Roustaing³⁹³.

1885

O “Grupo dos Humildes” em setembro de 1885 passa a se chamar “Grupo Ismael” ou “Grupo dos Estudos Evangélicos do Anjo Ismael”, mantendo o mesmo programa, sob a direção de Sayão e Bitencourt³⁹⁴.

1886

Bezerra de Menezes adere publicamente ao Espiritismo³⁹⁵.

³⁹⁰ ABREU. Op. Cit. p.48.

³⁹¹ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.574.

³⁹² GIUMBELLI. Op. Cit., p.64 e 298.

³⁹³ MARTINS. Op. Cit. p.43.

³⁹⁴ MARTINS. Op. Cit. p.40-43; ABREU. Op. Cit. p.33 e 45.

³⁹⁵ WANTUIL, Zeus. Grandes Espíritos do Brasil. Rio de Janeiro:FEB,1969.p.233.

1887

No dia 23 de outubro Bezerra de Menezes começa uma série de artigos no jornal “O Paíz”, com o pseudônimo de Max, sob o comando da “União Espírita do Brasil”³⁹⁶.

1888

Na Espanha, em Barcelona, realizou-se o 1º Congresso Espírita Internacional.³⁹⁷

1889

Bezerra de Menezes assume a presidência da FEB pela primeira vez³⁹⁸.

1887

O novo Código Penal da República considera crime a prática do Espiritismo e também criminaliza as atividades de cura através de pessoas não habilitadas oficialmente³⁹⁹.

1889

Na França, em Paris, na Loja Maçônica Grande Oriente da França, Léon Denis defende as teses kardequianas durante a realização do 2º Congresso Espiritualista Internacional.⁴⁰⁰

1890

Publicado na França “As Obras Póstumas”, de Allan Kardec.

1891

A nova Constituição Federal garante ampla liberdade religiosa⁴⁰¹. O novo Código Penal Brasileiro enquadra genericamente a prática do Espiritismo como crime.⁴⁰²

1895

Após a renúncia de Júlio César Leal, Bezerra de Menezes assume a presidência da FEB, pela segunda vez, com plenos poderes e

³⁹⁶ GIUMBELLI. Op. Cit., p.298.

³⁹⁷ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.575.

³⁹⁸ GIUMBELLI. Op. Cit., p.298.

³⁹⁹ GIUMBELLI. Op. Cit., p.299.

⁴⁰⁰ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.575.

⁴⁰¹ SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.109.

⁴⁰² SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.575.

inclui “Os Quatro Evangelhos” nos estatutos da Casa de Ismael (FEB). Essa atitude formal foi um fortalecimento do estado de fato⁴⁰³. Ainda neste ano temos a publicação de “Elucidações Evangélicas”, de Antônio Luiz Sayão, editado pela FEB. Bezerra de Menezes comenta este trabalho num de seus artigos na imprensa: “O Livro de Sayão é um resumo de Roustaing, com as vantagens de Allan Kardec” no jornal “A Gazeta de Notícias” de 06/04/1897,⁴⁰⁴.

1898

Em janeiro de 1898 o Dr. Bezerra de Menezes começa a publicar no “Reformador” a tradução de “Os Quatro Evangelhos” feita pelo Marechal F.R. Ewerton Quadros⁴⁰⁵.

1900

No dia 11 de abril morreu Bezerra de Menezes. Entre as suas realizações na FEB em seis anos como presidente, podemos citar: a inclusão do “Grupo Ismael” como núcleo espiritual desta instituição e iniciou a publicação de “Os Quatro Evangelhos” nas páginas do “Reformador”⁴⁰⁶. Assumiu a presidência da FEB o seu vice-presidente: Leopoldo Cirne⁴⁰⁷.

1902

Leopoldo Cirne retirou a obrigatoriedade do estudo de “Os Quatro evangelhos” do estatuto da FEB⁴⁰⁸.

1904

A 3 de outubro de 1904, em comemoração ao centenário do nascimento de Kardec, reuniram-se no Rio de Janeiro, a convite da Federação, os representantes dos Centros e Sociedades Espíritas de onze Estados brasileiros, além de representantes das instituições da Capital Federal. Neste encontro aprovou-se uma resolução que ficou conhecida como as “Bases de Organização Espírita”, documento que passou a orientar a marcha do movimento espírita em todo o Brasil.⁴⁰⁹

1907

⁴⁰³ GIUMBELLI. Op. Cit., p.299 ; MARTINS. Op. Cit. p.49.

⁴⁰⁴ MARTINS. Op. Cit. p.53 – 54.

⁴⁰⁵ GIUMBELLI. Op. Cit., p.300 ; MARTINS. Op. Cit. p.49.

⁴⁰⁶ MARTINS. Op. Cit. p.52.

⁴⁰⁷ Ibidem p.53.

⁴⁰⁸ MARTINS. Op. Cit. p.53 – 54.

⁴⁰⁹ SOUZA, Juvanir Borges de. União e Unificação.**Reformador**,Rio de Janeiro, n.2092,p. 6,out. 2003.

É publicada pela FEB a obra considerada a complementação de Os Quatro Evangelhos: “Do Calvário ao Apocalipse”, de Bittencourt Sampaio, através do médium: Frederico P.S.JR⁴¹⁰.

1908

Continuam no interior da sede da FEB as sessões públicas de estudo dos livros “O Livro dos Espíritos” e “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, e sessões fechadas de estudo de “*Os Quatro Evangelhos*”⁴¹¹.

1909

A FEB publica a 1ª edição de “Os quatro Evangelhos”, tradução de Guillon Ribeiro⁴¹².

1917

Aristides Spínola presidente da FEB, eleito em 1914, recoloca a obra de Roustaing nos seus estatutos. Emenda aprovada nas sessões extraordinárias dos dias 29 de novembro e 3 de dezembro deste ano e a seguir inscrita no 1º registro especial de títulos e documentos⁴¹³.

1920

Realiza-se sessões públicas com estudo de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing e de “O Livro dos Espíritos” de Kardec⁴¹⁴.

Foi editada a 2ª edição de “Os quatro Evangelhos” com a tradução de Guillon Ribeiro⁴¹⁵.

1921

Guillon Ribeiro assume neste ano a presidência da FEB⁴¹⁶.

1925

Surge em Matão-SP a “Revista Internacional do Espiritismo” lançada por Caibar Schutel. Em Paris, Léon Denis defende a tese do Espiritismo Religioso no III Congresso Internacional Espírita.⁴¹⁷

⁴¹⁰ MARTINS. Op. Cit. p.55.

⁴¹¹ GIUMBELLI. Op. Cit., p.302.

⁴¹² MARTINS. Op. Cit. p.55.

⁴¹³ Ibidem. p. 58.

⁴¹⁴ GIUMBELLI. Op. Cit., p.305.

⁴¹⁵ MARTINS. Op. Cit. p.58.

⁴¹⁶ GIUMBELLI. Op. Cit., p.306

⁴¹⁷ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.577.

1926

Convocação da “Constituinte Espírita Brasileira” da qual resultou a criação da “Liga Espírita do Brasil”, com propósitos de unificação do movimento em escala nacional⁴¹⁸.

1930

Realiza-se sessões públicas com estudo de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing e de *O Livro dos “Espíritos”* de Kardec⁴¹⁹.

1933

Publicado o primeiro livro de Chico Xavier “Parnaso de além túmulo”, obra atribuída a diversos espíritos de literatos.⁴²⁰

1934

A Prefeitura da capital federal, através de Pedro Ernesto, assina decreto reconhecendo a Federação Espírita Brasileira como entidade de utilidade pública. Manuel Porteiro e Humberto Mariotti destacam-se no 5º Congresso Internacional de Espiritismo, em Barcelona, com suas teses sobre problemas sociais.⁴²¹

1937

Com a criação do Estado Novo (1937 – 1945) a repressão ao Espiritismo aumentou.⁴²²

A FEB foi fechada por 72 horas por ordem policial, em razão de portarias emitidas pelo Estado as quais restringiam a liberdade de crença e também obrigaram os grupos Espíritas a obterem registro policial para seu funcionamento.⁴²³

1938

Foi publicado o livro “Brasil coração do mundo pátria do evangelho” de Chico Xavier, obra atribuída ao espírito de Humberto de

⁴¹⁸ SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.69.

⁴¹⁹ GIUMBELLI. Op. Cit., p.309.

⁴²⁰ SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.111.

⁴²¹ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.578.

⁴²² SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.111.

⁴²³ GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono04.html>. Acessado em: 20/01/2007.

Campos, considerado um dos mais importantes livros do Espiritismo Brasileiro, citado nominalmente no Pacto Áureo.

1940

Realiza-se sessões públicas com estudo de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing e de “O Livro dos Espíritos” de Kardec⁴²⁴. Reforma do Código Penal descriminaliza o Espiritismo⁴²⁵.

1941

A FEB foi obrigada a fechar suas portas por ordem policial mais uma vez⁴²⁶.

1942

Na gestão do presidente Guillon Ribeiro sai a 3ª edição de “Os quatro Evangelhos”⁴²⁷.

1944

A FEB e o médium Chico Xavier são processados pela família do escritor Humberto de Campos.⁴²⁸

1945

Fundação da União Social Espírita (USE) no Estado de São Paulo⁴²⁹.

1946

Em abril realizou-se o Primeiro Congresso Espírita da Alta Paulista, sobre a presidência de Urbano de Assis Xavier e J. Herculano Pires. Foi realizado em Buenos Aires, Argentina, o Primeiro Congresso Espírita Pan-Americano.⁴³⁰

1947

Em Buenos Aires, Argentina, realizou-se o Primeiro Congresso Espírita Pan-Americano⁴³¹.

⁴²⁴ GIUMBELLI. Op. Cit., p.312.

⁴²⁵ SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.112.

⁴²⁶ GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono04.html>. Acessado em: 20/01/2007.

⁴²⁷ MARTINS. Op. Cit. p.63.

⁴²⁸ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.579.

⁴²⁹ SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.79.

⁴³⁰ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.579.

⁴³¹ GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono05.html>. Acessado em: 20/01/2007.

1949

Foi assinado o “Pacto Áureo”, documento através do qual criou-se o “Conselho Nacional”, órgão consultivo ligado diretamente a FEB, composto por representantes das várias federações estaduais. A Confederação Espírita Panamericana – CEPA realiza no Rio o seu II Congresso.⁴³²

1950

A “Caravana da Fraternidade” percorreu as regiões norte e nordeste, objetivando levar à região os princípios do “Pacto Áureo” e a unificação do movimento.⁴³³

1953

Realizou-se o III Congresso Espírita Panamericano. A sede da Federação Espírita Portuguesa é invadida por agentes do regime ditatorial salazarista e tem seus bens confiscados, além de ter destruída sua biblioteca composta por 12 mil volumes.⁴³⁴

1954

Foi lançada a quarta edição de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing.⁴³⁵

1961

Universitários fundam nas cidades de Campinas, Santos, Sorocaba e São Paulo o MUV, Movimento Universitário Espírita.⁴³⁶

1965

O Espiritismo foi perseguido pelas ditaduras instaladas tanto na Espanha quanto em Portugal. Deu-se o confisco e o desaparecimento da biblioteca da Federação Espírita Portuguesa, enquanto na Espanha os cultos religiosos não católicos eram proibidos.⁴³⁷

1971

⁴³² Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n.2047, p. 7, out. 1999.

⁴³³ SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.113.

⁴³⁴ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.580.

⁴³⁵ MARTINS; BARROS. Op. Cit. p.575.

⁴³⁶ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.580.

⁴³⁷ Ibidem. p. 581.

Foi lançada a 5ª edição de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing.⁴³⁸

1974

J. Herculano Pires denuncia a publicação de uma edição adulterada de O Evangelho segundo o Espiritismo, publicada pela FEESP.

1982

Foi lançado pela primeira vez no Brasil através da editora EDICEL a coleção completa das obras de Allan Kardec, incluindo os 12 volumes da Revista Espírita referentes ao período em que esteve sob sua direção.⁴³⁹

1983

Foi lançada a 6ª edição de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing.⁴⁴⁰

1984

Fundação do “Grupo Espírita Bezerra de Menezes”, em São José do Rio Preto no Estado de São Paulo, sob a liderança de José Queid Tufaile Huaixan.

1988

Foi lançada a 7ª edição de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing.⁴⁴¹

1992

Após oito anos militando no interior do movimento espírita o “Grupo Espírita Bezerra de Menezes”, ainda sob a liderança de Huaixan criou o “Movimento de Reformas”.⁴⁴² Criado por Raul Franzolin o primeiro grupo espírita na INTERNET (GEAE - Grupo de Estudos Avançados Espíritas)⁴⁴³.

⁴³⁸ MARTINS; BARROS. Op. Cit. p.575.

⁴³⁹ GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono05.html>. Acessado em: 20/01/2007.

⁴⁴⁰ MARTINS; BARROS. Op. Cit. p.576.

⁴⁴¹ Idem.

⁴⁴² **Quem Somos?** Disponível em <http://www.renovacaoocrista.org/quemsomos.htm>> Acessado em 22/11/2007.

⁴⁴³ GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono06.html>. Acessado em: 20/01/2007.

1994

Foi lançada a 8ª edição de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing.⁴⁴⁴

1996

A FEB deu início ao seu Projeto Internet com o lançamento de seu sítio na web, contendo a biografia de Allan Kardec e o "O Livro dos Espíritos" em formato PDF. Posteriormente, foram acrescentadas outras obras básicas da codificação nos idiomas: português, francês, inglês e espanhol.⁴⁴⁵

1999

Foi lançada a 9ª edição de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing.⁴⁴⁶

2000

A USE realizou um encontro com 11 entidades espíritas a fim de elaborar uma “Carta de Intenções de Acordo de União pela Difusão da Doutrina Espírita”. A revista *Veja* publica em sua edição de 26 de julho, matéria “À nossa moda”, afirmando que a doutrina espírita só deu certo no Brasil e que os fenômenos de Hydesville foram fraudados.⁴⁴⁷

2002

Em junho morreu em Uberaba (MG) Chico Xavier. Em setembro o “Movimento de Reformas” rompeu definitivamente com o Movimento Espírita, dando origem “A Renovação Cristã”.⁴⁴⁸

2004

Em abril comemorou-se o centenário do nascimento de Allan Kardec.

⁴⁴⁴ **Quem Somos?** Disponível em <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>> Acessado em 22/11/2007.

⁴⁴⁵ GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono06.html>. Acessado em: 20/01/2007.

⁴⁴⁶ **Quem Somos?** Disponível em <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>> Acessado em 22/11/2007.

⁴⁴⁷ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.583.

⁴⁴⁸ **Quem Somos?** Disponível em <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>> Acessado em 10/01/2008.

2008

Comemorou-se o sesquicentenário da Revista Espírita. Foi lançado com grande sucesso de público o filme “Bezerra de Menezes, Diário de um Espírito, visto por mais de 250.000 expectadores apenas no mês de seu lançamento.⁴⁴⁹

2010

Foi lançado em comemoração ao centenário de nascimento de Chico Xavier um filme baseado na sua biografia e também o filme Nosso Lar, atingindo este último a marca de 2 milhões de expectadores apenas na segunda semana de exibição.⁴⁵⁰

⁴⁴⁹ SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.584.

⁴⁵⁰ Idem.

Anexo 2
DO CARACTER E DA IMPORTANCIA DA REVELAÇÃO DA
REVELAÇÃO
COMO ABRINDO A PHASE THEOLOGICA

Sua oportunidade "manifesta e incontestavel"

Resposta ao artigo de Allan Kardec (Revista, de Junho de 1867).

Os Quatro Evangelhos, explicados em espirito e em verdade pelos Evangelistas com a assistencia dos apóstolos e de Moysés, têm a pretensão de concorrer para o apaziguamento do moderno conflicto entre a sciencia e a religião, explicando racionalmente o que é a *incarnação do Christo* na terra, de um modo accorde com a sciencia e que afasta a eterna questão do milagre por obra do Espirito-Santo.

Em 1861, J. -B. Roustaing foi espontaneamente escolhido para começar a obra theologica, cuja phase importante lhe coube abrir (mas que não encerra; elle diz ABRIR, não esqueçamos estas palavras), pondo em ordem as revelações recebidas a partir do mez de Dezembro de 1861 até ao de Maio de 1865. Em 1866 publicou os tres volumes dos *Quatro Evangelhos* e offereceu um exemplar a Allan Kardec, que, na sua Revista, em Junho de 1867, apreciou a obra pela maneira seguinte:

NOTÍCIAS BIBLIOGRAPHICAS

OS EVANGELHOS EXPLICADOS PELO SR. ROUSTAING

"Esta obra comprehende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com o auxilio de communicações ditas pelos Espíritos. É um trabalho *considerável* e que tem, para os spiritas, o merito de não estar em contradicção, por qualquer de seus pontos, com a doutrina ensinada no *Livro dos Espiritos* e no dos *Mediums*. As partes correspondentes ás de que tratámos no Evangelho Segundo o Espiritismo o são num sentido analogo. Aliás, como nos circumscrevêmos ás maximas moraes que, com raras excepções, são geralmente claras, ellas não poderiam ser interpretadas de maneiras diversas; por isso mesmo jamais fizeram objecto das controversias religiosas. Essa a razão que nos levou a começar por ahi, afim de sermos accedido sem contestação, aguardando, relativamente ao mais, que a opinião geral se encontrasse familiarisada com a idéa spirita.

"O autor desta nova obra julgou dever seguir outra orientação: em lugar de proceder gradativamente, quiz de salto attingir o fim. Assim é que tratou de certas questões que ainda não julgáramos *opportuno* abordar e a respeito das quaes, portanto, lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espiritos que as commentaram.

Consequente com o nosso principio, que consiste em regular a nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, a essas theorias, nem approvação, nem desapprovação, confiando ao tempo o encargo de as sancionar ou contradictar. Convém, pois, considerar taes explicações como opiniões pessoas dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, que, em todo caso, precisam de *sancção da apreciação universal* e, até confirmação mais ampla, não devem ser tidas como parte integrante da doutrina spirita.

“Quando explanarmos estas questões, o fal-o-mos terminantemente. É que então teremos colleccionado documentos bastante numerosos, nos ensinados de todas as partes pelos Espíritos, de modo a podermos fallar affirmativamente, certo de estarmos accorde com a maioria. Assim procedêmos sempre que se cogitou de formular um principio capital. Já o dissemos cem vezes: para nós, *a opinião de um Espírito*, qualquer que seja o nome com que se apresente, só tem o valor de uma opinião individual; o nosso *criterium* reside na *concordancia universal*, corroborada por uma rigorosa logica, no tocante áquillo que não possamos verificar pelos nossos proprios olhos. De que serviria darmos *prematuramente* uma doutrina como verdade absoluta se, mais tarde, ella pode vir a ser combatida pela *generalidade dos Espíritos*?

“Dissemos acima que o Livro do Sr. Roustaing não se afasta dos principios exarados no *Livro dos Espíritos* e no *dos Médiuns*; as nossas observações, por conseguinte, entendem com applicação desses mesmos princípios á *interpretação* de certos factos. É assim, por exemplo, que aquelle livro dá ao Christo, em vez de um corpo carnal, *um corpo fluidico concretizado*, com todas as apparencias da materialidade e delle faz um agenere. Aos olhos dos homens, que então não lhe teriam podido comprehender a natureza espiritual, elle teve que passar, *na apparencia*, palavra esta que incessantemente se repete no curso inteiro da obra, por todas as vicissitudes da humanidade. Desse modo se explicaria o mysterio do seu nascimento: Maria não teria tido mais do que *as apparencias da gravidez*. Este ponto, estabelecido como premissa e pedra angular, é a base em que o autor assenta a explicação de todos os factos extraordinarios ou milagrosos da vida de Jesus.

"Nada ha nisso, sem duvida, de materialmente impossivel para quem conhece as propriedades do envoltório perispiritual. Sem nos pronunciarmos pro ou contra esta theoria, diremos que ella é, pelo menos, *hypothetica* e que, se um dia, por erronea, viesse a ser reconhecida, o edificio desmoronaria á falta de alicerce. Esperaremos, pois, os *largos commentarios* que ella não deixará de provocar da parte

dos Espíritos e que hão de contribuir para elucidar a questão. Sem a prejudgarmos, adeantaremos que a essa theoria já foram feitas objecções sérias e que, a nosso ver, os factos podem perfeitamente ser explicados sem que se saia da humanidade corporal.

"Estas observações, subordinadas á sanção do futuro, em nada diminuem a importância da obra que, de par com *algumas coisas duvidosas*, segundo o nosso ponto de vista, outras contém incontestavelmente boas e verdadeiras e será consultada com proveito pelos spíritas conscienciosos.

"Se a substancia de um livro constitui o principal, a forma não é de desprezar-se e também concorre para o seu êxito. Achamos que certas *partes* do trabalho do Sr. Roustaing são excessivamente desenvolvidas e sem utilidade para a clareza. No nosso parecer, se, limitando-se ao estritamente necessário, houvera reduzido a obra a dois ou mesmo a um só volume, ella ganhára em popularidade. - Allan Kardec."

"Em Junho de 1867, já estávamos longe do anno de 1861, época na qual Allan Kardec dizia, á pagina 123 do *Livro dos Médiuns*: "Não *preconizamos*, nem *criticamos* obra alguma, por não querermos de nenhum modo influenciar a opinião que della se possa formar; trazendo nossa pedra para o edificio, collocamo-nos nas fileiras. Não nos pertence ser juiz e parte e não alimentamos a ridícula pretensão de ser o unico distribuidor da luz; toca ao leitor separar o *bom do máo, o verdadeiro do falso*."

Tres vezes imprimimos esta linguagem de oiro para bem a conservarmos de memoria.

Aplicando o nosso methodo de crítica ao artigo de Junho de 1867, ahi vamos encontrar tudo o que apresentámos á consideração dos leitores, a proposito da introdução do *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tudo lá está: o fundo, a forma, o ostracismo, a infallibilidade. É a applicação do systema preconcebido a uma obra á que se faz desde logo o mais bello *enterro de primeira classe* que se pudera desejar.

Na França, em geral, pouco se lê. Os spíritas, habituidos, na sua maioria, a aceitar tudo, disseram: O *chefe*, o *mestre* certamente applicou a sua contraprova universal aos tres volumes de J. -B. Roustaing. Não podemos por conseguinte comprar nem lêr *uma obra inútil*.

Máio grado ao prudente e judicioso emprego que ALLAN KARDEC fazia do seu *criterium* infallivel (nosso caso o prova), estamos certos de que esse *criterium* carecia de exactidão. Disse-o por escripto o Sr. d'Ambel, que foi seu secretário e seu médium preferido. E

o Sr. Canu, secretário das sessões da Sociedade, homem honesto, natureza franca, não querendo aceitar a responsabilidade do que sabia ser assim, procedeu do mesmo modo, bem como outros espiritos livres, que os imitaram⁴⁵¹ (1).

O que elle chamava a *contraprova universal*, corroborada por uma rigorosa logica, lhe pregava dessas partidas. Não sómente estava em desaccordo com a sciencia moderna, como ainda teria passado por fundas decepções se vivera bastante para ver provado por R. Wallace, Hare, Varley, Crookes, Webert, Zöllner etc., que um Espirito, sem ser um agenere, pode tomar um corpo fluidico, concretizado, tangível e no qual se observam a circulação do sangue e todas as apparencias da vida; que esse corpo fluidico se desaggrega tão depressa quanto se concretiza, exactamente como o fez durante tres annos o Espirito *Katie King*, *enviado secundário*, que desempenhava, no seu dizer, uma dolorosa missão, necessaria ao seu adiantamento espiritual.

ALLAN KARDEC, nas suas conversações e nos seus escriptos, manifestava a pretensão de acoimar de *Docetismo* (doutrina erronea, falsa e condemnada) tudo o que tendesse a provar que o Christo teve apenas um corpo fluidico durante a sua permanencia na terra. *Os Quatro Evangelhos* de J. -B. Roustaing eram directamente objectivados por essa apreciação.

No jornal "La Vérité", Philalétes fallára de Docetismo. ALLAN KARDEC se apoderou desta expressão para applical-a á nossa obra.

Vamos responder a essa pretensão, a essa insinuação que, se não é intencional, prova que o autor do systema preconcebido não

⁴⁵¹ ALLAN KARDEC não era *esclarecido* de um modo seguro pelo seu *critérium* e em muitos casos devêra invocal-o para o ser *efficazmente*, o que não fez a proposito da *Liga do Ensino*. Lêmos na *Revista Spiritica* suas respostas um pouco autoritarias ás propostas que lhe dirigiu JEAN MACÉ, presidente e creador dessa *Liga*, respostas nas quaes elle recusava peremptoriamente occupar-se com uma "questão cuja utilidade não via". Toda gente conhece hoje a alta importância dessa *Liga*.

Seu *critérium* devêra tel-o advertido de que, sob o patronato da *Liga do Ensino*, se fundaram em França mais de seis mil bibliothecas populares, o que houvera dado milhões de leitores ás obras spiriticas. Em 1864 o Mestre proferiu o seu *non possumus*.

Por effeito de suas idéias preconcebidas, rejeitava os argumentos e as communicações spiriticas que, antes de Darwin, affirmavam a verdade da *descendencia do homem*, bem como a selecção e a evolução das especies, afastando assim da sua Sociedade os pensadores.

Allan Kardec não gostava das manifestações phisicas. Com elle aprenderam seus adeptos a lhes ter um santo horror. Pretendia que o corpo de um espirito não podia ser senão *uma apparencia fluidica* e que a nossa mão *nenhuma resistencia* experimentaria tocando a appareção. O que algures fosse feito sobre esse assunto interessante, era atirado para a categoria das ballelas yankees.

Pôde-se ter um *critérium* universal e não se saber tudo, nem tudo prever.

conhecia a doutrina dos Docetas, pois que a considerava semelhante á nossa.

A revelação feita pelos Espiritos Superiores, tendo em vista a obra dos *Quatro Evangelhos* explicados em espirito e verdade, está de conformidade com as modernas descobertas da sciencia, com todas as asserções dos investigadores que vimos de citar. ALLAN KARDEC ignorava esse facto ou o conhecia superficialmente, assim como não sabia bem o que era o *Docetismo*. Esse assumpto constitui a maior preocupação da nossa vida.

Refutaremos a asserção do Sr. ALLAN KARDEC e salientaremos os erros que pullulam na correspondencia trocada a tal respeito pelos Srs. de Mirville e Philalètès (A. Pezzani, do jornal "La Vérité", Lyon).

Philalètes escrevia ao sr. de Mirville: "Aqui está um escriptor spirita que acolhe, de acordo com Espiritos que pretendem ser os dos Apóstolos, o *Docetismo*, isto é, a velha opinião segundo a qual o Christo não desceu em carne e osso a este mundo, não tendo o seu corpo mais do que as apparencias de um corpo material. Seguir-se-á dahi, devamos dizer como vós, que prophetizaes no quarto volume da obra que publicastes, o resurgimento do *Docetismo*, que os Espiritos, autores daquelles ditados, são demonios? Em tal caso perguntaremos: como esses demonios hão podido escrever, de par com semelhante erro, páginas da mais sublime moral, os mais empolgantes commentarios sobre os preceitos evangelicos? Para o triumpho de um *ponto de doutrina, quasi insignificante*, iriam elles expor-se a converter os homens e a inspirar o bem? Ora, como Deus nos julga mais pelos nossos actos do que pelas nossas opiniões de boa fé, claro é que o proprio Satan houvera conquistado almas para o Céu.

São Espiritos que, imbuidos desta opinião, a qual, ainda em nossos dias, conta alguns raros adherentes, a quizeram sustentar e fazer triumphar, attrahindo seus irmãos para o bem, mediante excellentes conselhos morais."

Este artigo do Sr. Philalètès, que se achava sob o imperio da preocupação, que dominava, de um argumento contra o *Demonismo* do Sr. de Mirville, foi escripto sem que o autor conhecesse o homem a quem designa por estas palavras: "um escriptor spirita". Sem haver até então lido e meditado sufficientemente sobre a obra de J.-B. ROUSTAING, Philalètès lhe attribue, bem como aos Apostolos, o contrario do que estes revelaram. Elle desconhecia o caracter e o alcance dessa revelação.

O escritor spirita sabia, muito antes de ter sido eleito para crear os *Quatro Evangelhos*, que o Docetismo é um erro velho, collocado por Matter á frente de todas as heresias, segundo a linguagem catholica.

Fôra um acto absurdo de incredulidade e de ignorancia, elevadas á mais alta potencia, acceitar o *Docetismo* como sendo a Revelação da revelação feita pelos Evangelistas e pelos Apostolos, á guisa de explicação dos *Quatro Evangelhos* em espirito e verdade e tambem da incarnação do Christo. Mathematicamente vamos provar á evidencia o que avançamos:

1º - Precisaremos o que constitui o *Docetismo*, antiga opinião, erro que surgiu no primeiro seculo da nossa era e que, no segundo, tomou o character e as proporções de uma seita, cujo chefe foi *Julio Cassiano*, erro que se renovou no século VI.

2º - Citaremos as proprias palavras daquelle que Philalètès chama - o escriptor spirita, palavras que se encontraram no prefacio dos *Quatro Evangelhos* e egualmente as proprias palavras dos Espiritos que inspiraram e dirigiram essa obra.

Que os spiritas e os partidários de MIRVILLE e de PHILALÉTÈS não esqueçam que eramos advogado e fomos o bastonario da advocacia bordeleza, que tanto brilho deu á advocacia francesa⁴⁵² (*).

O Sr. PHILALÉTÈS (A. Pezanni) devia lembrar-se de que, em 1860, iniciára no Espiritismo o seu colega ROUSTAING; de que este, com elle, penetrou na babel da orthodoxia christã e perlustrou a historia das suas herezias; de que lhe mostrou o que era o *Docetismo*, levando-o a percorrer-lhe a trajetoria com o auxilio das obras de Santo Ignacio, de S. Polycarpo, de S. Irinéa, de Eusebio (História Ecclesiastica), de Theodoreto, de Clemente de Alexandria, de Beausobre (História do Manicheismo), de Bergier, de Feller, de Fluquet, de Matter.

ROUSTAING e PHILALÉTÈS comprehenderam e reconheceram que o *Docetismo* era um desses numerosos erros devidos á infancia da humanidade do Christo, humanidade que se agitava dentro

⁴⁵² J.-B. ROUSTAING foi um jurisconsulto sabio e profundo, advogado poderoso pela sua dialectica e pela attracção da sua eloquencia. Possuia tambem, no terreno das coisas humanas e divinas, uma sciencia e uma erudição excepcionaes, hauridas em trabalhos immensos e em extraordinarios estudos. É a esse homem, de coração simples e de espirito humilde, que ALLAN KARDEC acusa, sem dúvida, inconscientemente, de fazer do Christo incarnado pelo espirito um ageneire, e, com o Sr. PHILALÉTÈS, de cujas palavras se apropriou, de resuscitar o *Docetismo*. Nem um nem outro havia lido ROUSTAING, ambos eram ignorantes e não culpados, mas espalharam escriptos erroneos, o que constitui grande falta (Nota dos discipulos).

dos seus varios idiomas *sob a obscuridade e o véo da lettra*, sob a capa do mysterio, sob o prestigio do milagre⁴⁵³ (*).

Que é o Docetismo? Afim de bem o comprehendermos e determinarmos, vamos pôr em confronto a orthodoxia com a herezia.

Para os *orthodoxos*, como para os *Docetas*, um mundo apenas havia na immensidade da creação universal: a terra e uma unica humanidade: a humanidade terrena.

Diziam os dois adversarios: dadas a presciencia e a sabedoria infinitas de Deus, como condição e meio do progresso humano, a dupla revelação feita pelo anjo a Maria e depois a José, com condição e meio de progresso humano, deve ser entendida, *segundo a lettra*, deste modo: - A primeira o foi para servir ao *reinado* da lettra, ficando a outra sob o imperio do espirito.

Vejam as opiniões de uns e outros em presença destas palavras do apóstolo Paulo relativamente ao Christo: "Elle era sem pae, sem mãe e sem genealogia, o meio e o instrumento da intelligencia em espirito e verdade", seguindo o curso das leis da natureza quanto á sua incarnação.⁴⁵⁴ (*).

Segundo os *orthodoxos*, "Jesus revestiu um corpo carnal no seio de Maria, mas derogando as leis naturaes de procreação e da reproducção em nosso planeta, leis que exigem o concurso dos dois sexos, e isso se deu para que o homem nascesse da mulher por uma incarnação miraculosa, por obra do Espirito Santo, ou do proprio Deus, creador increado, unico eterno e infinito. Em consequencia dessa incarnação, o *Christo é filho de Deus*, parte dividida, ainda que indivisivel, do pae, igual a Elle; Homem-Deus provindo do corpo da mulher, revestido de um corpo humano material do planeta e mortal, pois que sujeito á morte humana; - Deus, como parte dividida ainda que

⁴⁵³ O Sr. ROUSTAING, nessa época de estudos, anterior á creação dos *Quatro Evangelhos*, nos chamou a attenção para as palavras dos apóstolos Paulo e João, com referencia á incarnação do Cristo e á divindade que lhe conferiu a orthodoxia christã, palavras essas, umas de actualidade, transitórias, precisas ao reino da lettra que se havia de prolongar até os nossos dias, como convinha; outras, visando o futuro. Estas ultimas, *no reinado do espirito*, teriam que servir de base e de elementos á revelação, porvindoir e predicta, do espirito da verdade, constituindo a sanção previa dessa revelação. Mais tarde, elle nos ensinava que a Revelação da revelação se tornára necessaria e, quando reunia o que lhe fôra dado para a creação dos *Quatro Evangelhos*, explicava o que era a luz nova, o *espirito que vivifica* pela destruição de todas as herezias, principalmente das que se achavam em curso quanto á encarnação do Christo e á divindade que lhe foi attribuida *segundo a lettra*. (Nota dos discipulos).

⁴⁵⁴ "Isto comprehende hoje, graças ás novas revelações acerca da pluralidade e da hierarchia dos mundos, da pluralidade e hierarchia das existencias e das leis naturaes que a regem; acerca das palavras do Christo com relação á sua origem, á sua natureza espiritual extra-humana, ao modo por que se operou o seu apparecimento na terra".

indivisível de Deus e igual a Elle, resuscitado pela volta do espirito ao cadaver humano, tal como o do homem do nosso planeta”.

É essa a interpretação litteral que os orthodoxos dão a estas palavras do Christo: "Eu sou Filho de Deus."

Na opinião dos *Docetas*, "Jesus não se incarnou no seio de Maria, não podia ter vindo *por isso mesmo* e não veio a este mundo numa carne qualquer, da qual, em summa, só tinha as apparencias; Espirito, elle desceu do céu á terra, sem ter podido revestir, em falta de incarnação humana no seio da mulher virgem, e sem ter de facto revestido corpo algum, sendo que só um corpo humano elle poderia tomar neste mundo, onde, segundo as leis da geração, o homem não nasce senão pelo concurso dos dois sexos. Jesus Christo espirito, com um corpo fantastico, factício, que da carne só tinha as apparencias, descera assim á terra com a apparencia de corporeidade humana, de uma corporeidade qualquer".

Não se tratava, nessa crença dos Docetas, mais do que de uma luta, no terreno da lettra, com os orthodoxos.

A chave da explicação, *em espirito e em verdade*, segundo o curso das leis da natureza, da incarnação especial do Christo, faltava aos Docetas como aos orthodoxos. Longos seculos haviam de escoar-se antes que o homem se tornasse capaz de receber e comprehender a revelação da revelação, que lhe vem ensinar:

1º - que o puro Espirito não pôde apparecer em um mundo fluidico, immediatamente inferior ás regiões dos fluidos puros que elle habita, senão por *incarnação ou incorporação fluidica* voluntária.

2º - que não pôde descer ao planeta, superior ou inferior, que o tem por Messias, senão assimilando esse corpo fluidico ás regiões que haja de percorrer através das camadas de ar e de mundos intermedios, assimilando-o depois aos fluidos ambientes que servem para a formação do homem planetario.

3º - que esse puro Espirito não pode apparecer num planeta senão seguindo o *curso das leis naturaes*, pela ação *spirita e magnetica*.

4º - que, com o auxilio da influencia magneto-spirita, a concepção, a gravidez, o parto podem ser imitados. A *acção fluidica* dá logar a este phenomeno notavel, de maneira a produzir a illusão completa na mulher virgem e em todos os que o testemunham.

5º - Que essa acção é util, opportuna, necessaria para o *apparecimento de um Messias*

Estabelecido precisamente o em que consiste o Docetismo, acceital-o fôra de nossa parte dar guarida a uma absurdidade, praticar um acto de ignorancia e de credulidade elevadas á mais alta potencia.

Citaremos textualmente o que dizem os Espíritos que inspiram os *Quatro Evangelhos, obra unica* até hoje.

DO CARACTER E DA IMPORTANCIA
DA
REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO
COMO ABRINDO A PHASE THEOLOGICA
Sua oportunidade “manivesta e incontestável”

Que os nossos leitores se disponham a seguir com uma atenção constante tudo o que dizemos em nome dos Espíritos reveladores. Nestas explicações está a chave de todos os phenomenos apresentados ao sabios do mundo inteiro para fazel-os reflectir sobre o facto de que a vida não provém unicamente *do jogo das moléculas materiais* reunidas para esse fim, de que só o elemento espiritual domina e opera esse jogo, de que só esse elemento modela á vontade as moleculas, por processos que somos chamados a conhecer.

Ahi reside, parece-nos, a solução do mais importante problema da nossa epoca.

Por effeito de meditações sobre a encarnação do Christo e da leitura do Antigo e do Novo Testamento, reconhecêmos que o que se nos dava, o que se nos revelava em espirito era o que havia de ser provado materialmente pela sciencia. Consequentemente, "comprehendêmos como nunca - deante da pluralidade e da hierarchia dos mundos, da pluralidade e da hierarchia das existências - que a encarnação é ainda, em nosso planeta, de uma inferioridade moral notoria, de uma inferioridade intellectual restrita relativamente ás leis naturaes a que está sujeito este globo em seus diversos reinos.

Grande é a ignorancia do homem quanto ás leis que regem os mundos e as humanidades superiores e estabelecem a unidade e a solidariedade no conjuncto; porém, ainda o é mais quanto aos meios de adaptação das leis de um planeta superior a um planeta inferior, quando um Messias, enviado de Deus em alta missão, reveste um corpo harmonico com a sua natureza espiritual e em relativa harmonia com uma esphera inferior qual a Terra, para ahi se manifestar entre as creaturas, traçar-lhes o caminhos da regeneração, trazer-lhes a luz e a verdade, veladas e destinadas a serem desvendadas, conforme ao tempo e ás necessidades de cada época, de cada éra. *A Revelação da Revelação* explica quem é o filho, dando a conhecer a origem e a natureza espiritual de Jesus, a verdadeira genealogia e, incidentemente, a origem

da alma, do Espírito, suas phases, suas trajetórias, seus fins e seus destinos no infinito e na eternidade.

Depois de caracterizarem a doutrina christã, tal como se formou da dupla revelação feita a Maria e a José, os *Quatro Evangelhos* traçam o quadro summario dos erros das interpretações humanas quanto á incarnação do Christo, collocando entre esses erros e apreciando succintamente o que PHILALÉTÈS chamou de *Docetismo*, assignalando ao mesmo tempo, no passado, desde mais de dois mil annos, e no presente, a incapacidade da intelligencia e da razão humanas para, no exercicio do livre exame diante da orthodoxia christã, *substituir* a letra pelo espírito, isto é, explicar e fazer comprehender aos homens, *em espírito e verdade*, essa incarnação do Christo, conformemente ás leis da natureza; e traçam também o quadro de uma nova revelação, de uma *Revelação da revelação*.

Jesus Christo não foi um homem carnal, revestido de um corpo material humano, egual ao do homem do nosso planeta, pelas razões seguintes:

1ª - Esse corpo material não se pode formar, seguindo as leis naturaes e immutáveis que regem a procreação, na Terra, senão pelo concurso dos dois sexos;

2ª - A vontade inflexivel de Deus jamais deroga as leis da natureza, immutáveis como essa mesma vontade, da qual ellas emanam desde toda a eternidade;

3ª - A revelação feita pelo anjo, um Espírito superior, enviado de Deus, a Maria, depois a José, não póde e não deve ser recusada, por comprehensivel *segundo a letra*; deve ser explicada e comprehendida *em espírito e em verdade*, segundo as leis naturaes que regem os mundos superiores, tendo-se em vista suas *aplicações e adaptação* á esphera que habitamos;

4ª - O corpo que Jesus tomou, afim de aparecer entre os homens e desempenhar a sua missão terrena, não foi fructo da concepção humana; formou-se por uma operação estranha á geração do homem e sem o concurso dos dois sexos, por uma operação extra-humana, revestida, pela necessidade dos tempos, pelo estado das intelligencias, pelas exigencias dos preconceitos e tradições, da capa do *mysterio*, envolta no véo da *letra*, uma e outro *encobrimdo* e *occultando* o sentido das palavras, do anjo. Esse factio se destinava a attender ao presente e a preparar para o futuro, trazendo comsigo, *pelo espírito*, a base e os elementos da revelação porvindoira do *spirito da verdade*;

5ª - O que de Maria nasceu se formou por obra do Espírito-Santo. Consequentemente, a concepção em Maria, virgem, assim como

sua gravidez e seu parto não podiam ser e não foram reaes, pois que, se reaes tivessem sido, estariamos em presença de um factio contrario ás leis naturaes que presidem á geração dos corpos no seio da humanidade terrena;

6ª - Desde então, forçosamente, a concepção, a gravidez e o parto da virgem foram apenas apparentes, por um phenômeno spirita, que se produziu inteiramente de accordo com as leis da natureza.

Jesus Christo não foi um homem carnal, revestido de um corpo material humano, qual o do homem terreno, sujeito como este á morte. Não, elle não morreu effectivamente no Golgotha, nem resuscitou no sentido que damos a esta palavra, isto é, pela volta do espirito a um cadáver humano, por isso que a vontade immutavel de Deus nunca deroga as leis immutaveis que regulam a vida e a morte do homem planetario, leis que não permitem que o espirito tenha entrada num cadáver, que se una á podridão e lhe restitua a vida.

A *Revelação da revelação* dá a conhecer aos homens *quem é*, em espirito e em verdade, o *Espírito Santo*, qual a operação que, por elle realizada, produziu, segundo as leis immutaveis da natureza, a concepção, a gravidez e o parto da virgem Maria, quaes a natureza e o character dessa operação. Ella mostra que por Espirito-Santo se deve entender as legiões dos Espiritos do Senhor, na ordem hierarchica em que se grupam, órgãos de suas inspiraões, ministros ou executores de suas vontades.

Os Espíritos provam que a concepção, gravidez e o parto de Maria foram só apparentes; que para aquella concepção em nada concorreu a acção humana; que ella foi meramente obra dos Espiritos do Senhor, obra puramente spirita.

E assim deve ser, porquanto as materializações de Espíritos se produzem indifferentemente, tanto com um medium mulher, como com a mediumnidade de um homem.

No caso de Katie King, tão claramente explicado por W. Crookes, fôra necessario, em fallando como orthodoxos catholicos, que, durante tres annos, se verificasse, todos os dias, no medium Miss Cook, gravidez e parto.

Ora, sem esse medium, não havia apparição de *Katie King*.

A completa prostração do corpo do medium, o estado de transe em que cahia (essa é a designação que os anglos-americanos dão ao phenomeno, sendo para nós a magnetização espiritual operada pelos Espiritos que produz a prostração), permittiam que a força phychica se concretizasse quasi immediatamente na forma feminina.

A loira *Katie* era realmente engendrada pela morena Miss Cook, não obstante esta ser virgem e ter a idade de quinze annos.

Os sabios já muitas vezes hão comprovado que os mediuns de ambos os sexos, aptos à producção dessa ordem tão interessante de manifestações spiritas, perdem uma parte de seu peso, não raro a metade e algumas vezes mesmo dois terços, e que essa perda de peso se vae accentuando á medida que o Espirito se afasta do médium.

No dizer dos Espiritos que assim se materializam, elles assimilam os fluidos do meio ambiente em que apparecem, fornecendo-lhes as coisas e as pessoas presentes, um contingente de moleculas, consequentemente de forças.

Este modo de proceder dos Espiritos constitui *uma forma de aggregação molecular* diversa da que nos é conhecida e familiar, mas que necessariamente se opera sob a impulsão da mesma lei creadora, da mesma força *psychica*⁴⁵⁵ ou spirita. "*Nós não conhecemos tudo*".

É esta uma proposição, cujo acerto, com o auxilio dos factos, os principios scientificos nos provam a todos os instantes.

Foi o que J. -B. Roustaing determinou com precisão, mediante a Revelação da revelação, que seus adversarios consideraram e chamaram uma hypothese espiritualista.

Estava elle com a verdade? O que fica dito bem o prova.

O Christo, o Messias, espirito mais adeantado, hierarchicamente mais elevado do que os enviados primarios, se serviu da faculdade mediumnica da Virgem Maria (e sabemos que não era preciso fosse ella virgem afim de que aquella materialização tivesse sua razão de ser), para, fluidicamente, simular nella a gravidez, respeitando assim os preconceitos da nação judaica, quando pudera nascer intantaneamente della, sem empregar esse meio que aprendêmos a considerar como inútil em certos casos.

Jesus, que dispunha, para formar os órgãos materiaes de que necessitava, de um poder de assimilação fluidica infinitamente maior do que a dos enviados secundarios, teve que viver na Terra por tempo indeterminado, com ou sem intermittencias. Poude assim viver, apparecer e desaparecer, exactamente como fazem os Espiritos que se materializam, do que obtiveram provas os pesquisadores positivistas da

⁴⁵⁵ "Força *psychica* é a designação dada á força que produz todos os phenomenos do moderno Espiritualismo. Os sabios que inventaram e empregam esta expressão não podiam, *a priori*, declarar que a existencia dos Espiritos era um facto. Procuraram por isso abrigar-se á sombra da força *psychica*, especie de força espiritual indeterminada. A linguagem academica usa sempre uma palavra nova quando se refere a uma novidade submettida á investigação scientifica".

Sociedade real de Londres e os membros da *Sociedade dialectica* da mesma cidade.

A *Sociedade real* é em Londres o que a *Academia das Sciencias* é em Paris.

A Revelação da revelação explica tambem por que necessidade, por que motivo e com que fim as coisas se passaram desse modo, conforme á presciencia e a sabedoria infinita de Deus.

Deante destas palavras de PEYRAT (*Histoire Élementaire et critique e Jesus*): "Para S. Paulo, Jesus é um ser mysterioso, sem pae, sem mãe, sem genealogia e que se mostra como a incarnação de uma divindade para cumprir um grande sacrificio expiatorio. Mas, como se operou essa incarnação, de que instrumentos se utilizou a divindade? - S. Paulo nada diz a tal respeito", disseram os reveladores:

"Jesus, espirito puro, espirito de pureza perfeita e immaculada, fundador, protector e governador da terra, não podia e não devia⁴⁵⁶, segundo as leis immutaveis da natureza, revestir o corpo material do homem do vosso planeta, corpo de lama, incompativel com a sua natureza espiritual. Entretanto, para apparecer na terra e desempenhar a sua missão terrena, era-lhe necessario revestir um corpo de harmonia com a sua natureza espiritual e relativamente harmonico com a vossa esphera, de modo a produzir a illusão aos olhos dos homens. Estes, vendo nelle um de seus semelhantes, haviam de ser por elle attrahidos em virtude dessa conformidade. Era preciso que os corações fossem tocados pelas suas palavras, pelos seus ensinamentos e exemplos e que sua vida pura e sem macula, toda de devotamento, de caridade e de amor, mostrasse aos homens seu altissimo valor e os levassem a amal-o, admiral-o e seguil-o. Observando-lhes os actos, inconfundiveis com os dos outros homens, haviam de sentir-se tomados de espanto e forçado a reconhecer que elle era um enviado de Deus, que o que ensinava vinha de Deus.

Nenhuma comparação se pode estabelecer entre o corpo perispirítico de Jesus e o do espirito superior, para decidir se aquelle era mais material do que este. Maior ainda é a differença entre o corpo de Jesus e os vossos corpos de lama, porquanto o d'elle participava em larga escala do corpo do homem nos mundos superiores, pois que o compunham os mesmos elementos, mas modificado, solidificado, com o auxilio dos fluidos humanos animalisados, destinados a mantel-o,

⁴⁵⁶ Ver para explicação e desenvolvimentos: Evangelhos de MATEUS, MARCOS E LUCAS reunidos, nºs 14, 31 e 67.

conforme á vontade do mesmo Jesus. De acordo com as necessidades da sua missão terrena, esse corpo vos era visível e tangível, com todas as humanas apparencias corporais do vosso planeta.

O que o homem considera uma derogação das leis immutaveis não chega sequer a ser uma deslocação das leis universaes; é uma applicação dessas leis. Não se deve suppor impossivel a producção, em vosso planeta, de effeitos semelhantes aos que se verificam nos mundos superiores, no sentido de que taes effeitos, tendo os mesmos princípios, são entretanto modificados relativamente á esphera em que se produzem.

Certo, as encarnações fluidicas, identicas ás que se operam em mundos como Jupiter e tantos outros planetas superiores, mais ou menos elevados, seriam um deslocamento das leis estabelecidas. Nada, porém, *deroga essas leis*. Entretanto, semelhante encarnação, modificada pela applicação dos fluidos terrenos, se torna uma approximação, um laço entre os dois grãos da escala (como já foi dito) pela assimilação successiva do corpo fluidico "ás regiões que ele percorre" através das camadas de ar e de mundos intermediários. É uma *apropriação* e não uma *derogação*.

Entrámos nestas minudencias com o fim de desfazer todos os escrupulos, de afastar todas as idéias preconcebidas. Não nos merece, porém, censura a desconfiança que hão de inspirar estas palavras ainda não ouvidas pelos homens. Desejamos tranquilizar aqueles a quem elas inquietam.

O corpo de que vínhamos falando haure os meios de vida e de nutrição, como o perispirito de cuja natureza elle participa, nos fluidos ambientes que lhe são apropriados e necessarios, fluidos que assimila e que bastam á manutenção de seus principios constitutivos⁴⁵⁷.

A resposta dos reveladores a esta questão: "Como se operavam o desaparecimento de Jesus quando o suppunham orando no deserto ou no montanha e seu reaparecimento entre os homens?". Explica as maneiras e meios pelos quaes Jesus, espírito puro, não sujeito a encarnação ou incorporação em planeta algum, se libertava á vontade do corpo que voluntariamente formára e o retomava, para só abandonal-o

⁴⁵⁷ Em Charnes (França) existe uma moça, com quem já a Revue Spirite se ocupou, que vive sem comer nem beber ha mais de dez annos. Não obstante, trabalha com certa morosidade, mas continuamente. Os doutores parisienses a tiveram por muito tempo em suas enfermarias, no hospital, vigiada dia e noite, e *durante um anno ella* não ingeriu o que quer que fosse. De que vivia? Onde hauria a alimentação para o sangue? Não está ahi a explicação procurada? Jesus, como a moça de Charnes, não podia encontrar, melhor do que ella, no meio ambiente, os fluidos necessarios á sua sua vida terrena toda especial?

definitivamente, finda a sua missão terrena, produzindo o phenomeno a que se deu o nome de "ascensão".

Por ocasião da sua morte *aos olhos dos homens*, deixou elle na cruz o envoltorio material. Tendo sido suspensa a vida organica, o corpo fluidico, tangivel, de que usava, conservou todas as apparencias da morte do homem do nosso planeta, constituindo uma realidade *sui generis* em virtude da incarnação especial de que temos tratado. Os *Quatro Evangelhos* referem tambem que o corpo do Christo desapareceu do sepulchro, estando este sellado e sob a guarda de soldados romanos, e falam do seu reaparecimento - "a ressurreição" e das aparições ás mulheres e aos discipulos. Para fazer que o *corpo* desaparecesse do sepulchro, Jesus o chamou a si no espaço, privando-o da tangibilidade, mas conservando-lhe os principios constitutivos promptos a se reunirem quando elle o quisesse.

Para reaparecer, dando logar ao que se chamou a sua "ressurreição", retomou o *alludido corpo*, que, aos olhos dos homens, representava a sua vida, vida que, como elle proprio o proclamára, *lhe era dado tomar e deixar á vontade*. A esse corpo imprimiu, para as diversas aparições que se verificaram, com ou sem tangibilidade, conforme ás circumstancias ou ás necessidades da sua missão terrena, as apparencias precisas para servir ao presente e preparar o futuro⁴⁵⁸.

Jesus abandonou definitivamente o seu corpo fluidico quando se realizou a sua chamada ascensão, "restituindo ás regiões, onde os tomára, os fluidos que eram os elementos e os principios constitutivos desse mesmo corpo, apto a uma longa tangibilidade. Assim, as partes que o compunham se separaram completamente e voltaram *ao meio que as attrahia*. Os fluidos tirados das espheras superiores para lá volveram e os que foram tomados á nossa atmospherá nella se reintegraram novamente".

Os spiritas puzeram em curso a seguinte hypotese: o corpo de Jesus era um corpo terrestre qual os nossos e, como tal, produzido pelo concurso dos dois sexos; os anjos ou espiritos superiores, tornando-o invisível, podiam subtrahil-o e o subtrahiram do sepulchro no momento preciso em que, despedaçados os sellos que lhe tinham sido appostos, a

⁴⁵⁸ Este phenomeno é em tudo semelhante ao que foi descripto por WILLIAN CROOKES do apparecimento tangivel de *Katie King*, do seu desaparecimento pela desagregação quasi instantanea do corpo com que se apresentava e no qual circulava exuberante vida. Este facto, verificado por verdadeiros sabios, prova que os adversarios do Sr. ROUSTAING o condemnaram *a priori* e que com mais acerto teriam procedido se houvessem guardado um prudente silencio. O *critérium* infallivel e pessoal não pudéra prever tudo. Esse o seu defeito capital.

pedra que o fechava fôra atirada para o lado. Foi-lhes respondido que esta theoria, *a priori*, é inadmissível e falsa deante da revelação do anjo a Maria e José. Semelhante revelação seria *então* mentirosa, o que se não pôde admittir, tendo sido feita por um enviado de Deus. Ella deve ser interpretada, explicada, segundo o espírito que vivifica, em espirito e em verdade, conformemente ao curso das leis da natureza, e não rejeitada⁴⁵⁹.

Revestindo um corpo apropriado a certos mundos elevados, Jesus tomava uma carne verdadeira mas relativa, pois, como disse o apóstolo Paulo (1ª Epistola aos Corynthios, versículos 39, 40, 41, 44, 45, 47), proferindo palavras cujo sentido exacto elle proprio não comprehendia, palavras ditas para o futuro, sob o ponto de vista da applicação que haviam de ter nos tempos vindouros e afastados da nova revelação: "toda carne não é a mesma carne".

Assim como "uma é a carne dos homens, outra a dos quadrupedes, outra a dos passaros, outra a dos peixes, assim também outra é a carne dos homens de certos mundos elevados".

"Assim como há corpos terrestres, também há corpos celestes"

⁴⁶⁰

A nossa obra se destina a crear a base e os fundamentos da igreja *una e universal do Christo* para a era nova. Ella indica os modos e os meios da sua edificação, projectando um novo raio de lux acerca do conhecimento do Pae, do Deus creador, increado, immutavel, *unico* eterno, infinito, e do *Filho*, conhecimento esse dado aos homens em verdade, de maneira precisa.

Por falta de leituras sérias e de meditações sobre os *Quatro Evangelhos*, a sua importancia tem sido desconhecida e muitos os fazem dizer o contrario do que encerram. Essa obra não contém apenas, como dizia PHILALÉTÈS, "paginas da mais sublime moral e os mais empolgantes commentarios dos preceitos evangelicos". Ella comprehende os quatro Evangelhos e o texto dos Mandamentos,

⁴⁵⁹ Ver: 3º vol. nº 289; 1º vol. nºs 14, 31, 47, 55, 56, 61 a 67; 4º vol. nº 1".

⁴⁶⁰ PHILALÉTÈS, philosopho de primeira ordem, imbuído de idéas theologicas, fructo de seus estudos, não podendo acreditar nessa operação tão rapida da formação e desagregação de um corpo fluidico, pronunciou a palavra *Docetismo*, a qual foi vivamente adoptada por ALLAN KARDEC, que até então só fallára de agenere. Os leitores deste ultimo, englobando as duas qualificações erroneas, disseram: "nesse caso, os soffrimentos de Maria, bem como os do Christo, foram mentirosos". A esses spiritas era indispensavel um Jesus sangrento, choroso, gemebundo, andrajoso e offegante. Ha dois mil annos o populacho e os crentes tudo sacrificam para gozar desse espetaculo ficticio e legendario, mas que para um e outros é real. O Christo, natureza superior, não podia soffrer segundo o nosso modo de entender material e terra á terra, eis o que, daqui por deante, deveremos aceitar como verdade.

explicando uns e outros em espirito e verdade, o que permite corrigir todos os erros das interpretações humanas até hoje havidas, erros que estiveram sempre em relação com o estado das intelligencias nos tempos precusores da era nova.

Os *Quatro Evangelhos* põem a descoberto o que estava occulto, dão a conhecer o que era secreto, mal comprehendido e inexplicado sob o véo da letra tanto ao *Pae*, quanto ao *Christo*, quanto á sua origem, natureza espiritual e personalidade, mysteriosa até aos nossos dias, quanto á sua missão espiritual e á sua missão terrena.

A *Revelação da revelação* dá tambem uma noção mais exacta do *Espirito Santo*, da origem da alma, de suas phases, de seus caminhos e fins, de seus destinos no infinito e na eternidade. Explica as predicções e as promessas do Mestre a respeito daquillo a que se chama o fim do mundo, os processos e meios de que elle se serve para a depuração e a transformação phisica do nosso planeta e a transformação phisica e moral da nossa humanidade.

Precedemos e preparamos o novo advento do Messias, que virá sancionar a verdade e mostral-a sem véos.

Esta obra offerece aos homens actuaes o que elles podem receber e supportar na medida das forças que já adquiriram e que ainda adquirirão. É o primeiro plano da obra do espirito da verdade, preparatoria da era nova, cujo inicio ella marca com o auxilio das revelações ainda desconhecidas da maior parte dos incarnados.

Sim, é a phase theologica que se *abre*, afim de preparar, pela vinda de futuros missionarios, instrumentos e órgãos do espirito da verdade, a desejada fusão das seitas religiosas diversas: Catholicismo, Protestantismo, Budhismo, Judaismo, Brahmanismo, Mahometismo, religião dos selvagens e das tribus.

Offerecemos as primicias da egreja una e indivisivel do Christo.

O porvir dirá se a *Revelação da Revelação* era ou não uma bella e boa obra.

A proposito deste livro muitas contradicções apparecerão, mas estamos certos de que, quando a questão religiosa fôr posta na ordem do dia em nossa terra, o que elle contém triumphará da luta e as verdades por elle enunciadas e proclamadas permanecerão de pé sobre essa nova Babel que vae surgir.

Em meio das controversias humanas, ellas hão de auxiliar a destruição dos erros e dos sophismas de que temos sido escravos desde a era christã.

J. -B. ROUSTAING.

Conclusão

Temol-o dito: o Espiritismo só do livre exame pode tirar uma força real; elle é o inimigo natural das idéas preconcebidas, da prepotencia, dos systemas preestabelecidos e da infallibilidade.

O Espiritismo pede a seus adeptos que, em vez de sapatearem no mesmo lugar e fazerem parte de uma igreja enfeixada nas mãos de um só homem, se instruem acerca de todas as coisas, se desejam ser conscientes. Elle quer que cada um saiba enfrentar qualquer idéa nova que pretenda conter em si uma verdade e a assimile, se o merecer, depois de uma verificação severa e impessoal.

Porque se tenha repetido á saciedade estas palavras: "O Espiritismo é a religião do futuro; dentro de cincoenta annos terá conquistado o mundo", segue-se que devamos gyrar sempre no mesmo circulo, deixar de estudar com ardor, crentes de que a philosophia spirita possa implantar-se, sem esforços, em todas as consciencias? Fôra um erro extraordinário.

O futuro pertencerá aos perseverantes, aos mais trabalhadores, aos mais instruidos, aos mais moralizados, aos que melhor tiverem comprehendido os deveres que lhes decorrem da responsabilidade e da solidariedade com todos os seus irmãos.

Há entre nós boas creaturas, mas espiritos pouco consistentes, que timbram em *desdenhar* das pesquisas feitas pelos espiritualistas do mundo inteiro e que se julgam poços de sciencia, missionários privilegiados, pelo fato de terem lido superficialmente as obras de ALLAN KARDEC. A esses recommendamos o estudos das linguas allemã e ingleza.

Se seguissem este conselho, adquiririam a certeza de que os espiritualistas allemães e inglezes, tão desdenhados, cream obras de alto merecimento, que rasgam horizontes novos á escola de ALLAN KARDEC. Sobre taes obras devemos meditar e procurar perceber-lhes a alma, se não quizermos ficar constituindo, na França, uma *egrejinha* com seus corrilhos, entregue ás lutas liliputianas que, já em 1865, se estabeleceram entre ALLAN KARDEC e os spiritas bordelezes e lionezes.

Nessa epoca, em que ALLAN KARDEC intentava erigir o seu systema de verificação universal, havia *schismas* e schismas ha

actualmente. É a lei do livre arbitrio e ninguem tem o poder de impedir que os schismas se produzam.

O moderno Espiritismo continúa a sua evolução lenta e segura. Os meios postos em pratica para o destruir não fizeram senão activar a sua propagação. Qual arvore vigorosa, sua exuberante ramagem exige outras raizes e outros galhos para espalhar por toda a parte flores e fructos. As boas creaturas de quem acima fallámos, servos de lettra, inutilmente se esforçariam por lhe cortar os rebentos.

Ninguém pode ignorar que seja habil e prudente seguir e estudar as leis naturaes, não lutar em vão contra ellas.

A lei sobrevive ao homem, simples viajante nesta existência.

Ademais, a *diversidade* dos pensamentos e das coisas não crêa a harmonia universal?

O progresso considerou esta *diversidade*, enviada divina, como sendo o grande factor de toda ascensão para o conhecimento mais intimo de Deus.

O Espiritismo que pretenda nivelar todas as intelligencias e ligal-as ao mesmo dogma é um espiritismo de fantasia.

A instituição primordial, que acompanha o homem atravez das suas successivas existencias, o impelle irresistivelmente para o caminho natural, o da liberdade da consciencia, que no passado, sempre se procurou encadear e, no presente, se tenta entravar, em nome de todas as infallibilidades.

Os impulsos da natureza e a vontade divina não permitem essa fantasia de marcar passo, pois que o movimento constitue a regra absoluta.

Preciso é, portanto, caminhar, acceitar tudo o que seja ensinado pelos methodos racionaes de investigação, venha o ensino da America, ou da Europa, ou de um devotado como J. -B. ROUSTAING, contrariando embora as idéas já assimiladas.

A presente renovação religiosa exige as mais amplas bases.

Busquemos tudo que seja *pratico* e esteja maduramente estudado, tudo o que, em outras circumstancias, tenha sido experimentado.

Se as aparições tangiveis de espiritos são reaes e estão sufficientemente provadas pelos Hare, Wallace, W. Crookes, etc., será inútil lançarem anathemas sobre ROUSTAING e balbuciem as palavras *Agenere* e *Docetismo*.

Não imitemos os meninos que se occupam em cavar um buraco na areia, pretendendo encaminhar para ahi o ribeiro que continuará o seu curso.

O movimento é a vida. A intolerancia já fez sua epoca. Devemos acceitar a verdade, surja de onde surgir.

Os *Quatro Evangelhos* vêm *abrir* uma phase nova ao moderno Espiritismo. (Não esqueças que se trata de *abrir* e não de *encerrar*, pois cumpre que obra receba a cooperação de outros.) Toca-vos o encargo de os commentar, de separar o joio do trigo, jamais adoptando um *credo immutavel*.

"Um credo, diz Michelet, se torna uma barreira intransponivel, se formulado pela infallibilidade. Tem então vida relativamente curta e não é commumente acceito senão por uma categoria de indivíduos votados á morte, enquanto que a humanidade avança e o perde de vista."

Não nos creêmos semelhantes barreiras, ó spiritas, meus irmãos; caminhemos para deante como homens livres.

Perscrutemos o bello dominio que nossos guias nos legaram, dominio infinito, que não conhece altura, nem largura, nem profundidade, que não tem limite algum.

Deixemo-nos de *momices* e de *superstições*, procuremos a instrucção, a educação, a tolerancia, baseadas no amor á verdade e ao bem.

Corre-nos, definitivamente, o dever de crearmos o livre pensamento espiritualista, que collocará a liberdade de consciencia do materialista no seu limitado campo, liberdade que, do contrario, acabaria por nos mumificar a consciencia e a razão, como pretendeu o catholicismo mariolatra e intolerante dos papas-reis.

Reunam-se, formando um feixe, todos os espiritos generosos que pensam no seu futuro moral.

Unidos, seremos uma força activa orientada para este objectivo: a libertação intellectual e moral de todos os nossos irmãos.

Era este o desejo de ALLAN KARDEC, foi o de J. -B. ROUSTAING e de todos os espiritos elevados.

Que esse seja o nosso objectivo e que possamos attingil-o, combatendo por tudo quanto fôr caro e sagrado, segundo o *pro aris et focis* dos Latinos.

Duas notas:

1º - Repetimos, para que ninguém se equivoque no tocante ás nossas intenções: estas paginas ROUSTAING não as escreveu com o intuito de diminuir o valor de ALLAN KARDEC, homem eminente, ao qual votava veneração e estima, máo grado ás injustiças que delle recebêra, e a quem sempre considerou como o verdadeiro fundador da doutrina spirita.

Os discípulos de J. -B. ROUSTAING, como elle, votam profundo respeito a esse grande trabalhador e, editando esta memoria de além tumulo, obedecem ás indicações precisas daquelle que, acima de tudo, amava a verdade, luz das consciencias rectas.

2º - Os spiritas não se acham ao nivel dos conhecimentos adquiridos pelo moderno espiritalismo. Na sua maioria, obedecem cegamente aos conselhos de seus guias familiares e nem sequer hão lido as obras de ALLAN KARDEC e as de outros espiritos eminentes.

Não devem ignorar que, vae para 2.000 annos, lutamos contra essa mãe de todas as superstições - *a fê absoluta e sem exame*, fé que o Espiritismo vem combater e destruir, com o auxilio da razão e da sciencia das coisas ensinadas por nossos guias e confirmadas pelo consenso universal.

O spirita é um *livre pensador*. Se o quizer ser na realidade e tornar-se um verdadeiro educador, deve estudar sem descanso, afim de bem se conhecer a si mesmo; acompanhar attentamente a sciencia moderna em todas as suas evoluções. Este o meio mais racional e mais acertado, ao seu alcance, de desempenhar o papel de moralizador.

O movimento é a lei ineluctavel do progresso. Ficar estacionario é voltar-se ao esquecimento e não deixar de si o mais ligeiro traço.

A tradição mais bella e generosa é a que nos legaram os grandes missionarios da humanidade, sacrificando suas vidas. Ella consistiu sempre em nos ensinar de onde viemos, o que somos, quaes os nossos destinos.

O Espiritismo mantém essa tradição, que envolve o presente, o passado e o futuro. Não o esqueçamos e saibamos revivel-a *constituindo-nos homens de acção*⁴⁶¹.

⁴⁶¹ Extrahido do volume intitulado: Os Quatro Evangelhos de J. -B. ROUSTAING. *Resposta a seus criticos e a seus adversarios, editada pelos discipulos de J. -B. ROUSTAING*. Á venda no livreiro FERET, passagem da Intendencia, 15, Bordeaux, e na Livraria das sciencias psychologicas, 5, rua des Petist-Champs, Paris, 1882.

Anexo 3

Ordem espiritual para publicação das obras de Roustaing **(Pág. 397 a 400)**

Chegados a uma época transitória em que, lutando com o espiritualismo, o materialismo deixa as almas indecisas; em que, incerta, a fé flutua no ar, sem saber onde pouse; em que, filho dos séculos de barbaria, de intolerância, da cupidez, os dogmas envelhecidos tremem nas suas bases; em que os princípios fundamentais da fé: a crença num Deus, a esperança de uma vida eterna, se extinguem, à falta de alimento; em que, cansados de mentiras, os homens vão ao extremo de rejeitar as verdades, é tempo de oferecer-se-lhes uma luz suave, porém firme, que possa clarear esse caos e mostrar aos vacilantes, aos pesquisadores o caminho que eles a tantos séculos perderam. Essa luz vos é dada pelo Espiritismo, que tem a missão de reacender o fogo do amor universal, abafado no fundo do coração humano, de reconduzir aos pés do Senhor os ateus, que julgam viver somente pela matéria, de fazer que os homens sigam com amor a casta e grandiosa figura de Jesus que, do alto da cruz, lança, de contínuo, fraterno olhar a todas as criaturas que lhe cumpre levar ao Pai purificadas e santificadas.

Desde alguns anos o nome de Jesus provoca muitas dissidências e dá lugar a muitos sofismas. Ninguém mais podendo crer na sua divindade, procuraram explicá-lo pela natureza humana propriamente dita. Mas, ainda aí o homem esbarrou num escolho com que não contara: Jesus, como homem-Deus, era um contra-senso, seu devotamento, uma aberração, seu sacrifício, uma mentira, sua pureza, uma conseqüência fatal da sua natureza. Considerado homem carnal, homem de vosso planeta, seus atos se tornavam incompreensíveis, sua vida um problema, não passando de mistérios, de quantos apropriados unicamente a embalar a humanidade infante e destinados a ser por ela repelidos com desprezo e zombaria na sua virilidade, os fatos denominados milagres, operados pelo Mestre antes do sacrificio do Gólgota, o desaparecimento de seu corpo do sepulcro, estando chumbada a pedra que lhe fechava a entrada, sua ressurreição e, como conseqüência desta, suas aparições às mulheres e aos discípulos, sua volta às regiões etéreas, na época chamada ascensão.

Agora que o terreno foi lavrado em todos os sentidos pelos trabalhadores do pensamento, a revelação da revelação tem que ser conhecida e publicada, porquanto a obra que vos fizemos empreender vem explicar Jesus aos homens, tal como ele se apresenta aos olhos do pensador esclarecido pela luz espírita, isto é:

como protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, dirigindo-lhe o desenvolvimento, os progressos, sempre dedicado à ativação da sua obra;

como revestido de um corpo harmônico com a sua natureza espiritual, também relativamente harmônico com a vossa esfera, para aí se manifestar por longo tempo e lançar a semente que lhe havia de germinar durante mil e oitocentos anos, deixando muitos grãos por pasto ao erro, preservada, porém, a vitalidade dos que começam hoje a desenvolver-se e que, em breve, cobrirão com mas seus ramos frondejantes o universo inteiro.

A semente destinada a germinar durante mil e oitocentos anos deixou muitos grãos para alimento do erro, porque, em tempo algum, a verdade inteira pode ser desvendada à humanidade; porque, sobretudo quando esta ainda se acha na infância, a verdade, atenta à maneira pela qual é disposta e apropriada, é sempre relativa ao entendimento da mesma humanidade, ao que ela pode suportar e compreender. Assim sendo, os véus que a cobrem dão lugar a falsas interpretações, que têm sua razão de ser com relação à época.

A semente vital, que hoje começa a se desenvolver e que breve estenderá seus galhos frondejantes por sobre o universo, é a base forte que não pode ser substancialmente alterada. A semente que o Mestre espalhou quando surgiu na Terra e por ela passou, que germinou e vos há de abrigar, é a fé na missão do Cristo, enviado de Deus aos homens para lhes ensinar a viver e a morrer, objetivando o progresso do Espírito (ponto de vista este do qual fez ele todas as suas obras); para lhes mostrar o caminho do céu pelo renascimento, pela reencarnação, que é senda de purificação e de progresso, único meio de conciliar a justiça divina com a aparente injustiça da sorte. É a fé primordial, fundamental, definitiva num Deus, só e único criador de tudo; a confiança e a certeza de que há, para a alma que faliu, uma vida eterna, a princípio expiatória e por fim gloriosa.

A obra que vos fizemos empreender vem mostrar aos homens que, afastada toda e qualquer idéia de maravilhoso, de divindade da parte do Cristo, se podem explicar e pôr em concordância os livros que tiveram por destino conservar o bom grão, envolvendo-o, para isso, numa camada de mistérios, até o momento em que o solo se devesse cobrir de frutos, isto é, até os tempos da era nova que começa, em que o Espírito da Verdade, que o Mestre predisse e prometeu, vai despojar da letra o espírito e, pela sua obra progressiva e incessante, preparar e realizar o reino da verdade e conduzir-vos ao advento de Jesus, que vos virá mostrar a verdade sem véu.

Fica sabendo e faze saber a teus irmãos que a obra que lhes colocas sobre as vistas é uma obra preparatória, ainda incompleta, uma entrada em matéria; que não passa de um prefácio da que sairá das mãos daquele que o Mestre enviará para esclarecer as inteligências e despojar INTEIRAMENTE da letra o espírito.

Aquele que há de desenvolvê-la e cuja obra também será preparatória não tardará a se dar a conhecer, porquanto a atual geração humana verá os seus primeiros anos messiânicos. E os messias, isto é, os enviados especiais se sucederão até que a luz reine sobre todos.

Publica esta obra, a que darás o título de – Os Quatro Evangelhos, seguidos dos MANDAMENTOS EXPLICADOS em espírito e verdade, de acordo com os ensinamentos ministrados, quanto aos Evangelhos, pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos e, quanto aos Mandamentos, por Moisés e pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos.

O trabalho é geral. Se bem que os nomes nem sempre sejam declinados, um de nós presidiu sempre à inspiração. O Espírito que nos anima é o mesmo que anima a todos os Espíritos superiores, sejam quais forem, que prepararam o advento da missão terrena do Mestre, que participaram do cumprimento dessa missão, que para ela concorreram, que trabalharam e trabalham pelo desenvolvimento, pelo progresso do vosso planeta e da vossa humanidade.

Damos nomes para evitarmos nomear aquele que, por nosso intermédio, dirigiu estes trabalhos e dirigirá os que ainda temos que fazer sejam empreendidos.

O que vais publicar será a primeira parte da obra geral. A segunda se comporá: 1º da refutação das objeções que esta primeira parte sobre os Evangelhos e os Mandamentos provocar; 2º da explicação, em espírito e verdade, dos Atos dos Apóstolos, das Epístolas, na passagens que delas extrairemos para dar autoridade ao presente; da revelação, chamada Apocalipse, que João recebeu na ilha de Patmos.

É chegado o tempo de te colcares na situação de entregar à publicidade esta obra. Não fixamos limites. Emprega, com critério e medida, as horas, a fim de poupares tuas forças. Tens diante de ti mais de um ano. Alguns meses a mais ou a menos nada são no correr dos tempos, porém são muita coisa na economia das forças humanas.

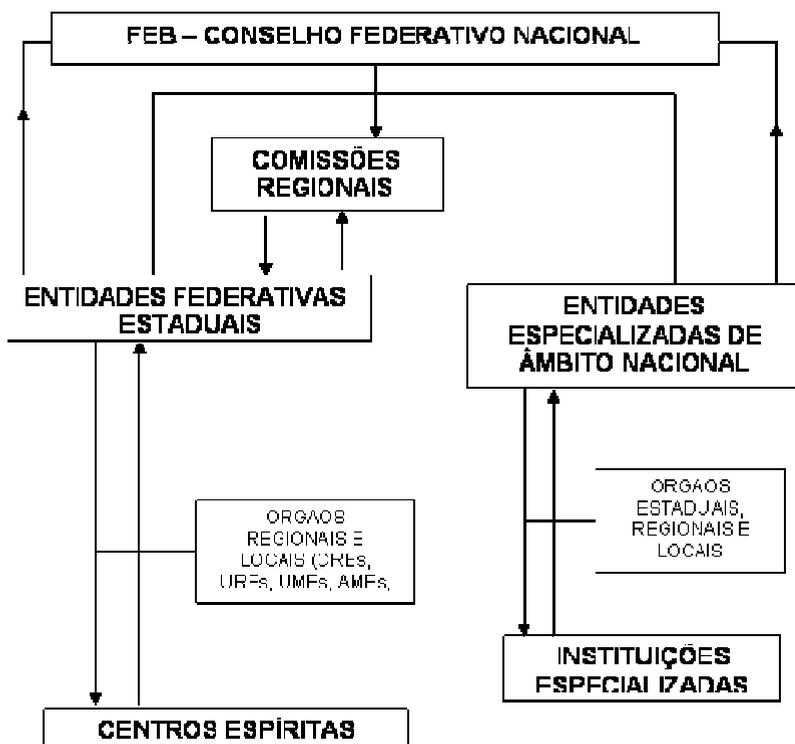
A publicação poderá começar no próximo mês de agosto. A partir desta época, trabalha com a maior presteza possível, mas sem ultrapassar os limites de tuas forças, de tal sorte que a publicação esteja concluída em agosto de 1866.

Coragem, bons trabalhadores. O Mestre saberá levar em conta a vossa boa-vontade.

Moisés, Mateus, Marcos, Lucas, João,
Assistidos pelos apóstolos.
Maio de 1865⁴⁶²

⁴⁶² MARTINS, Jorge Damas, BARROS, Stenio Monteiro. **Jean Baptiste Roustaing**: Apostolo do Espiritismo. Rio de Janeiro: CRBBM, 2005. p. 397 – 400.

Anexo 4
Organograma Estrutural da FEB⁴⁶³



⁴⁶³ FEC – Federação Espírita Catarinense
<<http://www.cre9.net.br/historico.html>>. Acesso em: 20/12/2009.

Anexo 5
Página “Quem Somos” –
(www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm) – Acesso em 17/10/06.

A *Renovação Cristã* começou com a criação do Grupo Espírita Bezerra de Menezes, com endereço à rua Subhi Jamal, nº 1185, Vila Elmaz, na cidade de São José do Rio Preto, Sp, fundado em 14 de abril de 1984 por um grupo pequeno de pessoas determinadas a servir ao Cristo, tendo como liderança o então piloto de aviões José Queid Tufaile Huaixan. Em 1992, após constatar a grande deficiência do pensamento kardequiano nos centros espíritas e a conseqüente desordem do movimento espírita, o grupo lançou o Movimento de Reformas, numa tentativa de ajudar as instituições a se organizarem em torno das orientações de Allan Kardec e de Jesus Cristo. O referido movimento foi inspirado no trabalho dos reformistas do passado, que lutaram para mostrar à igreja romana seus equívocos, sem contudo, lograr êxito, tendo como conseqüência o cisma da Igreja Católica.

A partir da criação do Movimento de Reformas, o grupo desenvolveu um trabalho de divulgação dos ideais de Jesus Cristo e de Allan Kardec, através de encontros nacionais denominados Encontro de Trabalhadores e Dirigentes Espíritas e publicação do jornal *A Voz do Espírito*, um periódico voltado para trabalhadores e dirigentes, de linha editorial crítica e analítica, com tiragem de sete mil exemplares, distribuído gratuitamente em mais de seis mil instituições do país e do exterior, além de site na Internet, com todo o material doutrinário e administrativo necessários. Nos Entradas realizados semestralmente, discutiam-se amplamente os problemas com os líderes do próprio movimento, apontando as distorções e buscando soluções através do consenso e da racionalidade do pensamento. A essência do trabalho foi sempre alertar para os graves desvirtuamentos existentes nas práticas e para os não menos graves rumos que tomou o movimento espírita.

Logo o movimento reformista chamou a atenção de algumas instituições em outras cidades do país, que se associaram aos ideais renovadores e passaram a seguir suas orientações, ajustando suas práticas ao pensamento kardequiano e realizando a obra maior de Deus que é a renovação da alma do homem. Porém, o sectarismo reinante no sistema oficial passou a apontar os reformistas como agentes das trevas, esvaziando os eventos de suas eméritas

personalidades e orientando seus filiados a não darem ouvidos ao mal que enxergavam no trabalho realizado pelos rebeldes. Era essa a forma utilizada pelo sistema oficial para fugir de uma avaliação sincera de sua própria situação de desarrajo. Uma breve visão pode ser assim definida:

. O movimento espírita tornou-se um meio contaminado por idéias e práticas estranhas, vindas das mais variadas vertentes do pensamento humano, como auto-ajuda, terapia de vidas passadas, cromoterapia, transcomunicação instrumental, holismo e outras tantas doutrinas de homens.

. A Federação Espírita Brasileira - FEB, responsável oficial pelo sistema espírita, não seguiu as orientações de Allan Kardec, resultando daí um movimento sem organização, sem liderança e sem nenhum controle; as idéias divulgadas pela FEB são a expressão do pensamento católico, preso na doutrina das obras; a fascinação, grave processo obsessivo oriundo do orgulho e vaidade, tomou conta do movimento espírita, que dá importância excessiva e perniciosa a médiuns e oradores; estes, estimulados pela vaidade e exaltação da personalidade, brilham mais que a própria mensagem em suas aparições públicas.

. A falta da salutar crítica ao comportamento dessas figuras pública, no sentido de avaliar qual seu fruto e o valor verdadeiro de suas obras, leva a uma estagnação das idéias e escravização das pessoas em torno desses mitos. Há falta de coragem de grande parte dos formadores de opinião, dirigentes, líderes e jornalistas, em posicionar-se sobre posturas, práticas e atitudes discordantes com a coerência dos ensinamentos de Jesus.

. A obra básica da doutrina dos Espíritos Superiores, o Livro dos Espíritos, foi relegada a plano secundário, não havendo empenho dos dirigentes em edificar o pensamento dentro dos princípios kardequianos, antes estimulando o estudo das obras psicografadas por médiuns, que se tornaram pessoas isentas de qualquer crítica ou avaliação. Há uma prática inadequada e nociva da mediunidade nos núcleos espíritas, levando as pessoas a se instruírem por espíritos levianos, fascinadores e pseudo-sábios. Há uma nociva dependência das pessoas em relação aos espíritos desencarnados, o que os coloca facilmente à mercê dos entidades enganadoras; existe uma grave contaminação do movimento espírita por espíritos pouco adiantados, pseudo-sábios, mistificadores, fascinadores e falsos mestres, que se nutrem da vaidade e do orgulho dos que teriam, a princípio, a tarefa

de edificar as almas nos caminhos da racionalidade, da humildade e do serviço a Deus.

O mais grave de tudo, porém, é a repulsa que os espíritas têm das Escrituras Sagradas, desconhecendo completamente sua sabedoria e utilidade como agente norteador da conduta do homem na vida terrena. Para os espíritas, estudar a Bíblia é sinal de atraso, de retrocesso, o que mostra o evidente engodo em que se encontram. Na impossibilidade de continuar semeando em solo árido, o Movimento de Reformas rompeu definitivamente com o movimento espírita em setembro de 2002 e lançou as bases de uma nova religião chamada **RENOVAÇÃO CRISTÃ**, com o objetivo de servir a Deus e ao próximo sem os adereços das religiões cristãs convencionais, buscando formar um feixe de varas em torno dos ideais verdadeiramente cristãos.

Os grupos reformistas transformaram-se em igrejas cristãs renovadas e seguem a linha doutrinária instruída por Paulo de Tarso sobre a doutrina do Cristo, associada às ferramentas para o entendimento da mensagem que são os princípios da reencarnação, lei de semeadura e colheita, imortalidade da alma e acima de tudo a compreensão da fé verdadeira em Deus. O órgão diretivo das igrejas renovadas é a União de Irmãos, uma entidade legalmente constituída, que congrega as igrejas da Renovação Cristã e funciona na sede da Renovação Cristã da Vila Elmaz, em São José do Rio Preto, SP. É a responsável pela promoção das Assembléias anuais das Igrejas, onde são feitos estudos das Sagradas Escrituras e tomadas decisões relativas às atividades práticas dos templos, além de coordenar e divulgar todo o trabalho das igrejas.

Abaixo, um breve resumo da vida das pessoas que estão à frente das 08 igrejas da Renovação Cristã:

- José Queid Tufaille Hauixan: Tem 49 anos, é empresário, casado, pai de 3 filhos (20, 18 e 16 anos), foi piloto de aviões por 25 anos e hoje é proprietário de uma empresa que presta serviços acesso à Internet. É responsável pela Igreja Renovação Cristã da Vila Elmaz, em São José do Rio Preto, SP.

- Vanda Maria Ferreira Simões: Tem 47 anos, é médica, casada, mãe de 3 filhos (28, 25 e 22 anos). É responsável pela Igreja Renovação Cristã do Recanto dos Vinhais, em São Luís, MA.

- Joel Marcos Figueiredo: Tem 40 anos, é empresário, casado, pai de 3 filhos (10, 08 e 6 anos), proprietário da Novagraf Gráfica e

Editora. É responsável pela Igreja Renovação Cristã São Marcos, em São José do Rio Preto, SP.

- Dario da Silva Braga: Tem 45 anos, casado, pai de 01 filha (20 anos), farmacêutico-bioquímico. É responsável pela Igreja Renovação Cristã, em Paranaíba, MS.

- José Carlos Socorro: Tem 34 anos, casado, técnico de segurança do trabalho, pai de 03 filhos (3 meses, 09 e 11 anos). Responsável pela Renovação Cristã da Vila Santo Antônio, em Paranaíba. MS.

- Eloi Monteiro: Tem 33 anos, é servidor público do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, casado, pai de 03 filhos (07, 04 e 02 anos). É responsável pela Igreja Renovação Cristã de Jacuí, MG.

- Paulo Rocha Neto: Tem 36 anos, é engenheiro civil, casado, pai de 01 filha (12 anos). É responsável pela Igreja Renovação Cristã do Ipase, em São Luís, MA.

- Allan Machado: Tem 36 anos, é cabeleireiro, casado, pai de 01 filho (6 anos). Responsável pela Igreja Renovação Cristã de Del Ray Beach, Flórida, EUA.

Anexo 6
Página “Quem Somos” –

(www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm) – Acesso em 12/11/2007

A *Renovação Cristã* começou com a criação do Grupo Espírita Bezerra de Menezes, com endereço à rua Subhi Jamal, nº 1185, Vila Elmaz, na cidade de São José do Rio Preto, Sp, fundado em 14 de abril de 1984 por um grupo pequeno de pessoas determinadas a servir ao Cristo, tendo como liderança o então piloto de aviões José Queid Tufaile Huaixan. Em 1992, após constatar a grande deficiência do pensamento kardequiano nos centros espíritas e a conseqüente desordem do movimento espírita, o grupo lançou o Movimento de Reformas, numa tentativa de ajudar as instituições a se organizarem em torno das orientações de Allan Kardec e de Jesus Cristo. O referido movimento foi inspirado no trabalho dos reformistas do passado, que lutaram para mostrar à igreja romana seus equívocos, sem contudo, lograr êxito, tendo como conseqüência o cisma da Igreja Católica.

A partir da criação do Movimento de Reformas, o grupo desenvolveu um trabalho de divulgação dos ideais de Jesus Cristo e de Allan Kardec, através de encontros nacionais denominados Encontro de Trabalhadores e Dirigentes Espíritas e publicação do jornal *A Voz do Espírito*, um periódico voltado para trabalhadores e dirigentes, de linha editorial crítica e analítica, com tiragem de sete mil exemplares, distribuído gratuitamente em mais de seis mil instituições do país e do exterior, além de site na Internet, com todo o material doutrinário a administrativo necessários. Nos Entradas realizados semestralmente, discutiam-se amplamente os problemas com os líderes do próprio movimento, apontando as distorções e buscando soluções através do consenso e da racionalidade do pensamento. A essência do trabalho foi sempre alertar para os graves desvirtuamentos existentes nas práticas e para os não menos graves rumos que tomou o movimento espírita.

Logo o movimento reformista chamou a atenção de algumas instituições em outras cidades do país, que se associaram aos ideais renovadores e passaram a seguir suas orientações, ajustando suas práticas ao pensamento kardequiano e realizando a obra maior de Deus que é a renovação da alma do homem. Porém, o sectarismo reinante no sistema oficial passou a apontar os reformistas como agentes das trevas, esvaziando os eventos de suas eméritas personalidades e orientando seus filiados a não darem ouvidos ao

mal que enxergavam no trabalho realizado pelos rebeldes. Era essa a forma utilizada pelo sistema oficial para fugir de uma avaliação sincera de sua própria situação de desarranjo. Uma breve visão pode ser assim definida:

. O movimento espírita tornou-se um meio contaminado por idéias e práticas estranhas, vindas das mais variadas vertentes do pensamento humano, como auto-ajuda, terapia de vidas passadas, cromoterapia, transcomunicação instrumental, holismo e outras tantas doutrinas de homens.

. A Federação Espírita Brasileira - FEB, responsável oficial pelo sistema espírita, não seguiu as orientações de Allan Kardec, resultando daí um movimento sem organização, sem liderança e sem nenhum controle; as idéias divulgadas pela FEB são a expressão do pensamento católico, preso na doutrina das obras; a fascinação, grave processo obsessivo oriundo do orgulho e vaidade, tomou conta do movimento espírita, que dá importância excessiva e perniciosa a médiuns e oradores; estes, estimulados pela vaidade e exaltação da personalidade, brilham mais que a própria mensagem em suas aparições públicas.

. A falta da salutar crítica ao comportamento dessas figuras pública, no sentido de avaliar qual seu fruto e o valor verdadeiro de suas obras, leva a uma estagnação das idéias e escravização das pessoas em torno desses mitos. Há falta de coragem de grande parte dos formadores de opinião, dirigentes, líderes e jornalistas, em posicionar-se sobre posturas, práticas e atitudes discordantes com a coerência dos ensinamentos de Jesus.

. A obra básica da doutrina dos Espíritos Superiores, o Livro dos Espíritos, foi relegada a plano secundário, não havendo empenho dos dirigentes em edificar o pensamento dentro dos princípios kardequianos, antes estimulando o estudo das obras psicografadas por médiuns, que se tornaram pessoas isentas de qualquer crítica ou avaliação. Há uma prática inadequada e nociva da mediunidade nos núcleos espíritas, levando as pessoas a se instruírem por espíritos levianos, fascinadores e pseudo-sábios. Há uma nociva dependência das pessoas em relação aos espíritos desencarnados, o que os coloca facilmente à mercê das entidades enganadoras; existe uma grave contaminação do movimento espírita por espíritos pouco adiantados, pseudo-sábios, mistificadores, fascinadores e falsos mestres, que se nutrem da vaidade e do orgulho dos que teriam, a princípio, a tarefa de edificar as almas nos caminhos da racionalidade, da humildade e

do serviço a Deus.

O mais grave de tudo, porém, é a repulsa que os espíritas têm das Escrituras Sagradas, desconhecendo completamente sua sabedoria e utilidade como agente norteador da conduta do homem na vida terrena. Para os espíritas, estudar a Bíblia é sinal de atraso, de retrocesso, o que mostra o evidente engodo em que se encontram. Na impossibilidade de continuar semeando em solo árido, o Movimento de Reformas rompeu definitivamente com o movimento espírita em setembro de 2002 e lançou as bases de uma nova religião chamada **RENOVAÇÃO CRISTÃ**, com o objetivo de servir a Deus e ao próximo sem os adereços das religiões cristãs convencionais, buscando formar um feixe de varas em torno dos ideais verdadeiramente cristãos.

Os grupos reformistas transformaram-se em igrejas cristãs renovadas e seguem a linha doutrinária instruída por Paulo de Tarso sobre a doutrina do Cristo, associada às ferramentas para o entendimento da mensagem que são os princípios da reencarnação, lei de semeadura e colheita, imortalidade da alma e acima de tudo a compreensão da fé verdadeira em Deus.

O órgão diretivo das igrejas renovadas é a União de Irmãos, uma entidade legalmente constituída, que congrega as igrejas da Renovação Cristã e funciona na sede da Renovação Cristã da Vila Elmaz, em São José do Rio Preto, SP. É a responsável pela promoção das Assembléias anuais das Igrejas, onde são feitos estudos das Sagradas Escrituras e tomadas decisões relativas às atividades práticas dos templos, além de coordenar e divulgar todo o trabalho das igrejas.

Abaixo, um breve resumo da vida das pessoas que estão à frente das 08 igrejas da Renovação Cristã:

- José Queid Tufaile Hauixan: Tem 49 anos, é empresário, casado, pai de 3 filhos (20, 18 e 16 anos), foi piloto de aviões por 25 anos e hoje é proprietário de uma empresa que presta serviços acesso à Internet. É responsável pela Igreja Renovação Cristã da Vila Elmaz, em São José do Rio Preto, SP.

- Vanda Maria Ferreira Simões: Tem 47 anos, é médica, casada, mãe de 3 filhos (28, 25 e 22 anos). É responsável pela Igreja Renovação Cristã do Recanto dos Vinhais, em São Luís, MA.

- Joel Marcos Figueiredo: Tem 40 anos, é empresário, casado, pai de 3 filhos (10, 08 e 6 anos), proprietário da Novagraf Gráfica e Editora. É responsável pela Igreja Renovação Cristã São Marcos, em São José

do Rio Preto, SP.

- Dario da Silva Braga: Tem 45 anos, casado, pai de 01 filha (20 anos), farmacêutico-bioquímico. É responsável pela Igreja Renovação Cristã, em Paranaíba, MS.

- José Carlos Socorro: Tem 34 anos, casado, técnico de segurança do trabalho, pai de 03 filhos (3 meses, 09 e 11 anos). Responsável pela Renovação Cristã da Vila Santo Antônio, em Paranaíba. MS.

- Eloi Monteiro: Tem 33 anos, é servidor público do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, casado, pai de 03 filhos (07, 04 e 02 anos). É responsável pela Igreja Renovação Cristã de Jacuí, MG.

- Paulo Rocha Neto: Tem 36 anos, é engenheiro civil, casado, pai de 01 filha (12 anos). É responsável pela Igreja Renovação Cristã do Ipase, em São Luís, MA.

- Allan Machado: Tem 36 anos, é cabeleireiro, casado, pai de 01 filho (6 anos). Responsável pela Igreja Renovação Cristã de Del Ray Beach, Flórida, EUA.

Anexo 7

Página “Quem Somos” –

(www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm) – Acesso em 04/01/2008

São José do Rio Preto, SP – Brasil

A Renovação Cristã é uma nova igreja para o Cristo de Deus. Respeita todas as outras igrejas, mas tem sua própria linha de interpretação das Escrituras. Abaixo, contamos um pouco da história da nossa vida religiosa, para que os interessados possam saber a origem do trabalho que divulgamos. Se você tiver simpatia pelas idéias que professamos, será uma alegria estabelecermos laços. Estamos no final do ano de 2007. Jesus dizia que se pode conhecer o tempo pelas cores do céu. Mas não somente é possível conhecer o tempo pelos céus, mas também o tempo do fim desse mundo pelos eventos naturais e de comportamento das massas. Não é preciso ser religioso para ficarmos preocupados com o cenário nacional e internacional. As coisas não estão bem e teremos problemas sérios no mundo nos próximos anos, certamente. Vamos precisar da ajuda uns dos outros.

A Renovação Cristã nasceu com a conversão do Grupo Espírita Bezerra de Menezes, (fundado em 1984), numa nova instituição religiosa sob os cuidados de Jesus Cristo, uma igreja fundamentada no pensamento do apóstolo dos gentios, Paulo de Tarso. Depois de militar por vinte anos no campo do espiritismo, o Grupo que desenvolvia nesse meio religioso um movimento de reformas, juntamente com outras seis instituições, realizou uma grande assembléia congregando todos os seus membros para discutirem as mudanças que aconteceriam doravante. Diante da falta de unidade e coerência no movimento espírita, decidiu-se optar por uma nova via de caminhada para Deus e o caminho não foi outro senão a Jesus Cristo.

Foram muitas as dificuldades em transformar um centro espírita numa igreja cristã. Perdeu-se parte significativa dos membros e as instituições foram mergulhadas em boataria de loucuras e fanatismos, até que por força de Jesus Cristo, no seu Espírito Santo, a ordem foi gradualmente estabelecida. Aqueles que foram espalhados por medo ou por insegurança foram aos poucos

trazidos de volta. Durante dois anos a nova instituição caminhou como se estivesse no limbo, sem ser uma igreja ou um centro espírita. Pouco a pouco Jesus foi esclarecendo os corações e o espírito da igreja e da santa liberdade oferecida em seu sacrifício foi se estabelecendo alegremente.

Ao contrário do que pensou boa parte dos espíritas que nos conheciam, o antigo Grupo Espírita não foi dominado por “espíritos enganadores”, que teriam dominado os corações levando-os à fascinação. Também o antigo grupo não foi transformado numa igreja evangélica, como sendo mais uma na multidão das seitas que atualmente se encontra em cada esquina das cidades. A Renovação Cristã é uma igreja diferente das outras igrejas, pois crê na vida eterna ensinada por Jesus Cristo, na vida após a vida terrena, para os que foram batizados no Espírito Santo de Deus; crê no perdão dos pecados que o Filho de Deus proporciona; na salvação exclusiva pela fé, independente de qualquer obra ou conhecimento adquirido. Evidente, trata-se de uma nova ordem de idéias.

Não condenamos espíritas, nem evangélicos, em quem vemos esforço comum para caminharem no campo do bem. Mas não praticamos espiritismo; cremos no juízo final, na volta de Cristo; e por isso, não podemos ser chamados “espíritas”. Não somos “evangélicos”, pois cremos em alguns princípios da doutrina espírita, tais como a vida além do mundo, a relação entre o céu e a terra, a volta de algumas almas à vida carnal, segundo os propósitos de Deus. Não praticamos o pagamento de dízimos; não nos importamos com a prosperidade material e nossa esperança reside na vida celestial, cidadania a que o apóstolo Paulo tão bem testemunhou. Os espíritas dizem que ficamos loucos. Os evangélicos, que ainda vamos compreender o que eles compreendem. Enfim, nem com a idéia de um, nem com a de outro e ao mesmo tempo respeitando a ambos, vamos seguindo com a liberdade que Jesus Cristo tem nos concedido, crentes na salvação que há no seu sacrifício; independente de obras, de dízimos, de ofertas, de reencarnação e de outros conceitos. Certos do poder do Espírito Santo de Deus, iludidos ou não, estamos confiantes de que seremos guiados ao Caminho, corrigindo a qualquer tempo, o que for necessário, pois nos move o sincero desejo de servir o Cordeiro.

A quem possa interessar:

. A Renovação Cristã é uma igreja que se fundamenta no pensamento do apóstolo Paulo. Apóia-se na doutrina luterana, na

forma como Martinho Lutero interpretava as Escrituras.

. Crê em Jesus Cristo como a única via de salvação para a alma do homem. Não acredita nas obrigações da fé. Dízimos, ofertas, caridade e demais obras impostas ao homem nada significam diante de Deus e não interferem na salvação nem a dignificam. Se as obras não forem produto da fé em Jesus Cristo e da liberdade que o seu amor proporciona, elas são vãs e é como se não fossem feitas.

. A Renovação Cristã crê que a lei de causa e efeito (conhecida dos espíritas) é na verdade a lei de talião, ensinada pelo antigo profeta Moisés. Jesus Cristo está acima da lei, de Moisés e dos profetas. É o único ungido para fazer a lei cessar pelo perdão, conforme a fé do crente e o propósito divino. Por isso, é o único que pode perdoar pecados ou dar este dom a servos que possam fazê-lo em seu nome.

. Na igreja vemos a reencarnação como uma lei natural, cuja finalidade é conduzir as almas que estacionaram na morte ao caminho do arrependimento e salvação em Jesus Cristo. A chamada expiação dos pecados não nos parece verdadeira, pelo menos na maneira como geralmente é vista entre os reencarnacionistas. O pecado somente é expiado em Jesus Cristo, por meio da fé. O sofrimento é resultado da ação da lei sobre o pecador, desse ou de outros tempos. Quem sofre (falamos dos grandes dramas da vida), está sob o resultado da ação da ira de Deus. Satanás, em vez de ser uma aberração da obra de Deus, é o executor da lei, que traz sofrimento ao pecador (as Escrituras o testificam).

. Há uma multidão de almas que está condenada ao juízo, tanto nas regiões da sombra da morte, como nas regiões infernais. A ela estão reservadas as dores do ranger de dentes e das trevas exteriores, conforme o dia do juízo. Quem puder se arrepender dos seus pecados deve fazê-lo o quanto antes, pois os tempos são chegados.

. Não há entre os homens nenhuma igreja escolhida por Jesus ou nenhum servo melhor ou maior que o outro. Todos os homens crentes são servos do Altíssimo e é nosso dever viver como irmãos. Temos esperança de que antes dos tempos o Senhor reúna suas testemunhas pela fé no cumprimento da promessa. Não é possível que a interpretação que cada crente faz de sua Escritura torne-se um obstáculo à união de irmãos. Uns crêem no arrebatamento, uns na vida logo após a morte do corpo, uns que voltam aqui, outros que não; ainda outros na vida no juízo, uns na ressurreição no corpo carnal, outros na ressurreição no corpo espiritual. Afinal, o que importa se for uma ou outra coisa? O que importa em verdade é a

presença de Jesus Cristo e a salvação. Seria estranho que o Filho de Deus não nos perdoasse ao chegarmos no seu reino, estando um de nós enganado num ou noutro ponto de vista.

. Cremos no sacerdócio como um dom ministrado pelo Espírito Santo aos filhos de Deus, conforme seu santo propósito. Não damos crédito ao sacerdócio carnal, mas ao espiritual. Portanto, não cremos que os homens possam formar pastores de almas. O Senhor levanta os seus sacerdotes como quer e não se sujeita ao que os homens resolveram fazer de seus hábitos e costumes religiosos. Somente em Cristo há liberdade e essa liberdade não pode ser constrangida por quem quer que seja. É o mais nobre tesouro que o homem recebe de Deus e de graça, por graça. Quem encontra o amor de Deus em Jesus Cristo, ama com todas as forças do seu coração e por consequência, cumpre a lei.

Abaixo, algumas informações sobre a vida dos pastores das nossas igrejas.

Pastor Dario Braga

Nasceu em 30/03/1959. É casado, pai de 01 filha. Profissão: farmacêutico-bioquímico. É pastor na igreja Renovação Cristã, na cidade de Paranaíba, MS.

Pastor Eloi Monteiro

Nasceu em 23/03/1972. É casado, pai de 3 filhos. Profissão: servidor público do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. É pastor da igreja Renovação Cristã de Jacuí, MG.

Pastor Joel Marcos Figueiredo

Nasceu em 02/09/1964. É casado, pai de 3 filhos. Profissão: Empresário do ramo gráfico. É pastor da igreja Renovação Cristã, do Jardim São Marcos, em São José do Rio Preto, SP.

Pastor José Carlos Socorro

Nasceu em 17/09/1970. É casado, pai de 03 filhos. Profissão: Técnico de segurança do trabalho. É o pastor responsável pela igreja Renovação Cristã de Paranaíba, MS.

Pastor José Queid Tufaile Huaixan

Nasceu em 18/03/1955. Profissão: Empresário do ramo de Internet. É pastor da igreja Renovação Cristã da Vila Elmaz, em São José do Rio Preto, SP.

Pastor Paulo Rocha Neto

Nasceu em 23/12/1968. É casado, pai de 1 filha. Profissão: engenheiro civil. Pastor na igreja Renovação Cristã do Ipase, em São Luís, MA.

Pastora Vanda Maria Ferreira Simões

Nasceu em 17/05/1957. É casada, mãe de 3 filhos. Profissão: médica. Pastora da igreja Renovação Cristã do Recanto dos Vinhais, em São Luís, MA.

Caso tenha alguma dúvida a respeito das informações publicadas nesse documento, gentileza escrever para o endereço: igreja@renovacaocrista.org

21 de Dezembro de 2007.

Anexo 8

Página “Quem Somos” (www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm)
– Acesso em 29/05/2009

São José do Rio Preto, SP Brasil

. A Renovação Cristã é uma nova igreja para o Cristo de Deus. Respeita todas as outras igrejas, mas tem sua própria linha de interpretação das Escrituras. Abaixo, contamos um pouco da história da nossa vida religiosa, para que os interessados possam saber a origem do trabalho que divulgamos. Se você tiver simpatia pelas idéias que professamos, será uma alegria estabelecermos laços. Estamos no final do ano de 2007. Jesus dizia que se pode conhecer o tempo pelas cores do céu. Não somente é possível conhecer o tempo pelos céus, mas também o tempo do fim desse mundo pelos eventos naturais e de comportamento das massas. Não é preciso ser religioso para ficarmos preocupados com o cenário nacional e internacional. As coisas não estão bem e teremos problemas sérios no mundo nos próximos anos e, certamente, precisaremos da ajuda uns dos outros.

. A Renovação Cristã é uma igreja que se fundamenta na doutrina de Jesus Cristo, expressa no pensamento do apóstolo Paulo, quando da criação das igrejas primitivas. Busca o entendimento acerca de Deus e do Cristo nos seguintes princípios desenvolvidos pelo Apóstolo dos Gentios: a fé, a comunhão, a confissão, a justificação, a edificação e a manifestação do Espírito Santo na vida do crente. Apóia-se na forma como Martinho Lutero, o reformador protestante, interpretou os novos fundamentos e a igreja livre de Cristo.

. Crê em Jesus Cristo como a única via de salvação para a alma do homem. Não acredita nas obrigações da fé. Dízimos, ofertas, caridade e demais obras impostas ao homem nada significam diante de Deus e não interferem na salvação nem a dignificam se não forem por consequência da fé em Jesus Cristo e da liberdade que o Seu amor proporciona.

. Entende que não há entre os homens nenhuma igreja escolhida por Jesus ou nenhum servo melhor ou maior que o outro. Todos os homens crentes são servos do Altíssimo e é nosso dever viver como irmãos. Temos esperança de que antes dos tempos o Senhor reúna suas testemunhas pela fé no cumprimento da promessa. Acredita que a interpretação que cada crente faz da Palavra de Deus não pode se tornar um obstáculo à união de irmãos em torno de Cristo. Uns

crêem no arrebatamento, uns na vida logo após a morte do corpo, uns que voltam à vida na terra, outros que não; ainda outros na vida no juízo final, uns na ressurreição no corpo carnal, outros na ressurreição no corpo espiritual. Não importa as variações de entendimento em torno dessas questões. O que importa, em verdade, é a presença de Jesus Cristo e a salvação que Ele proporciona aos que crêem em Seu Nome. Seria estranho que o Filho de Deus não nos perdoasse, na perseverança da fé, estando um de nós enganado num ou noutro ponto de vista.

. Crê apenas no sacerdócio espiritual, como um dom ministrado pelo Espírito Santo aos filhos de Deus, conforme seu santo propósito. Acredita que os homens não possam formar pastores de almas. O Senhor levanta os seus sacerdotes como quer e não se sujeita ao que os homens resolveram fazer de seus hábitos e costumes religiosos. Somente em Cristo há liberdade e essa liberdade não pode ser constrangida por normas e rituais humanos. É o mais nobre tesouro que o homem recebe de Deus, de graça e por graça. Quem encontra o amor de Deus em Jesus Cristo, ama com todas as forças do seu coração e por consequência, cumpre a lei.

Abaixo, algumas informações sobre a vida dos irmãos responsáveis pelas igrejas:

- Dario Braga

Renovação Cristã, na cidade de Paranaíba, MS. Nasceu em 30/03/1959. É casado, pai de 01 filha. Profissão: farmacêutico-bioquímico.

- Eloi Monteiro

Renovação Cristã de Jacuí, MG Nasceu em 23/03/1972. É casado, pai de 3 filhos. Profissão: servidor público do Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

- Joel Marcos Figueiredo

Renovação Cristã, do Jardim São Marcos, em São José do Rio Preto, SP. Nasceu em 02/09/1964. É casado, pai de 3 filhos. Profissão: Empresário do ramo gráfico.

- José Carlos Socorro

Renovação Cristã de Paranaíba, MS. Nasceu em 17/09/1970. É casado, pai de 03 filhos. Profissão: Técnico de segurança do trabalho.

- José Queid Tufaile Huaixan

Renovação Cristã da Vila Elmaz, em São José do Rio Preto, SP.

Nasceu em 18/03/1955. Casado, 03 filhos. Profissão: Empresário do ramo de Internet.

- Paulo Rocha Neto

Renovação Cristã do Ipase, em São Luís, MA.
Nasceu em 23/12/1968. É casado, pai de 1 filha. Profissão:
engenheiro civil.

- Vanda Maria Ferreira Simões

Renovação Cristã do Recanto dos Vinhais, em São Luís, MA.
Nasceu em 17/05/1957. É casada, mãe de 3 filhos. Profissão:
médica.

Caso tenha alguma dúvida a respeito das informações publicadas
nesse documento, gentileza escrever para o
endereço: igreja@renovacaocrista.org

21 de Dezembro de 2007

Anexo 9

**Página “Quem Somos” (www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm)
– Acesso em 23/03/2010**

São José do Rio Preto, SP - Brasil

. A Renovação Cristã é uma nova igreja para o Cristo de Deus. Respeita todas as outras igrejas, mas tem sua própria linha de interpretação das Escrituras. Abaixo, contamos um pouco da história da nossa vida religiosa, para que os interessados possam saber a origem do trabalho que divulgamos. Se você tiver simpatia pelas idéias que professamos, será uma alegria estabelecermos laços. Estamos no final do ano de 2007. Jesus dizia que se pode conhecer o tempo pelas cores do céu. Não somente é possível conhecer o tempo pelos céus, mas também o tempo do fim desse mundo pelos eventos naturais e de comportamento das massas. Não é preciso ser religioso para ficarmos preocupados com o cenário nacional e internacional. As coisas não estão bem e teremos problemas sérios no mundo nos próximos anos e, certamente, precisaremos da ajuda uns dos outros.

. A Renovação Cristã é uma igreja que se fundamenta na doutrina de Jesus Cristo, expressa no pensamento do apóstolo Paulo, quando da criação das igrejas primitivas. Busca o entendimento acerca de Deus e do Cristo nos seguintes princípios desenvolvidos pelo Apóstolo dos Gentios: a fé, a comunhão, a confissão, a justificação, a edificação e a manifestação do Espírito Santo na vida do crente. Apóia-se na forma como Martinho Lutero, o reformador protestante, interpretou os novos fundamentos e a igreja livre de Cristo.

. Crê em Jesus Cristo como a única via de salvação para a alma do homem. Não acredita nas obrigações da fé. Dizimos, ofertas, caridade e demais obras impostas ao homem nada significam diante de Deus e não interferem na salvação nem a dignificam se não forem por conseqüência da fé em Jesus Cristo e da liberdade que o Seu amor proporciona.

. Entende que não há entre os homens nenhuma igreja escolhida por Jesus ou nenhum servo melhor ou maior que o outro. Todos os homens crentes são servos do Altíssimo e é nosso dever viver como irmãos. Temos esperança de que antes dos tempos o Senhor reúna suas testemunhas pela fé no cumprimento da promessa. Acredita que a interpretação que cada crente faz da Palavra de Deus não pode se tornar um obstáculo à união de irmãos em torno de Cristo. Uns

crêem no arrebatamento, uns na vida logo após a morte do corpo, uns que voltam à vida na terra, outros que não; ainda outros na vida no juízo final, uns na ressurreição no corpo carnal, outros na ressurreição no corpo espiritual. Não importa as variações de entendimento em torno dessas questões. O que importa, em verdade, é a presença de Jesus Cristo e a salvação que Ele proporciona aos que crêem em Seu Nome. Seria estranho que o Filho de Deus não nos perdoasse, na perseverança da fé, estando um de nós enganado num ou noutro ponto de vista.

. Crê apenas no sacerdócio espiritual, como um dom ministrado pelo Espírito Santo aos filhos de Deus, conforme seu santo propósito. Acredita que os homens não possam formar pastores de almas. O Senhor levanta os seus sacerdotes como quer e não se sujeita ao que os homens resolveram fazer de seus hábitos e costumes religiosos. Somente em Cristo há liberdade e essa liberdade não pode ser constringida por normas e rituais humanos. É o mais nobre tesouro que o homem recebe de Deus, de graça e por graça. Quem encontra o amor de Deus em Jesus Cristo, ama com todas as forças do seu coração e por conseqüência, cumpre a lei.

Abaixo, algumas informações sobre a vida dos irmãos responsáveis pelas igrejas:

- Dario Braga

Renovação Cristã, na cidade de Paranaíba, MS.

Nasceu em 30/03/1959. É casado, pai de 01 filha. Profissão: farmacêutico-bioquímico.

- Eloi Monteiro

Renovação Cristã de Jacuí, MG

Nasceu em 23/03/1972. É casado, pai de 3 filhos. Profissão: servidor público do Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

- Joel Marcos Figueiredo

Renovação Cristã, do Jardim São Marcos, em São José do Rio Preto, SP. Nasceu em 02/09/1964. É casado, pai de 3 filhos. Profissão: Empresário do ramo gráfico.

- José Carlos Socorro

Renovação Cristã de Paranaíba, MS. Nasceu em 17/09/1970. É casado, pai de 03 filhos. Profissão: Técnico de segurança do trabalho.

- José Queid Tufaile Huaixan

Renovação Cristã da Vila Elmaz, em São José do Rio Preto, SP.

Nasceu em 18/03/1955. Casado, 03 filhos. Profissão: Empresário do

ramo de Internet.

- Paulo Rocha Neto

Renovação Cristã do Ipase, em São Luís, MA.

Nasceu em 23/12/1968. É casado, pai de 1 filha. Profissão: engenheiro civil.

- Vanda Maria Ferreira Simões

Renovação Cristã do Recanto dos Vinhais, em São Luís, MA.

Nasceu em 17/05/1957. É casada, mãe de 3 filhos. Profissão: médica.

Caso tenha alguma dúvida a respeito das informações publicadas nesse documento, gentileza escrever para o endereço: igreja@renovacaocrista.org

21 de Dezembro de 2007

Fone (17) 3224 7081 - Brasil - www.renovacaocrista.org

Anexo 10

**Página “Quem Somos” (www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm)
– Acesso em 01/12/2010**

A Renovação Cristã é uma nova igreja para Cristo. Respeita todas as outras igrejas, mas tem sua própria linha de interpretação das Sagradas Escrituras, fundamentada na doutrina do Apóstolo Paulo. Abaixo, um resumo dos princípios que regem nossa comunidade. Jesus dizia que se pode conhecer o tempo pelas cores do céu. Não somente é possível conhecer o tempo pelos céus, mas também o tempo do fim desse mundo, pelos eventos naturais e mudanças acentuadas no comportamento das massas. As coisas não estão bem em nenhum lugar do mundo. Teremos problemas sérios nos próximos anos. Certamente, precisaremos da ajuda uns dos outros. Buscamos o entendimento acerca de Deus e do seu Cristo nos seguintes princípios: fé, confissão, arrependimento, justificação e manifestação do Espírito Santo. Apoiamos nossa doutrina na forma como Lutero, o reformador protestante, interpretava os fundamentos do cristianismo e a livre igreja de Cristo. cremos no Senhor, como a única via de salvação dos homens. Não acreditamos no valor das obrigações da lei: dízimos, ofertas, sacrifícios, promessas e demais obras. Elas nada significam diante de Deus e não interferem na salvação daquele que crê.

A Renovação Cristã entende que não há nenhuma igreja escolhida, com autoridade sobre as demais. Não há nenhum servo maior que outro. Todos os crentes são servos do Altíssimo e é nosso dever viver como irmãos. Temos a esperança de que antes dos tempos, o Senhor reunirá suas testemunhas para que digam ao mundo do seu pecado e do juízo. Acredita que a interpretação que o crente faz pessoalmente da Palavra de Deus (doutrina) não pode se tornar obstáculo à união dos irmãos em torno de Cristo. Uns crêem no arrebatamento, uns na vida logo após a morte do corpo, uns que voltam à vida na terra, outros que não; ainda outros no juízo, uns na ressurreição no corpo carnal, outros na ressurreição no corpo espiritual. Não discutimos doutrina com nenhum irmão. cremos que devemos nos manter unidos naquilo que é essencial: a fé no Salvador e no cumprimento das promessas. O que importa é a presença de Cristo e a salvação que Ele proporciona aos que crêem. Seria estranho que o Filho de Deus não nos perdoasse, estando um de nós enganado num ou noutro ponto de doutrina.

Creemos no sacerdócio espiritual, como um dom ministrado aos filhos de Deus pelo Espírito Santo, conforme seu santo propósito e a fé de cada um. Os homens não têm autoridade para formarem pastores de almas. O Senhor levanta seus sacerdotes como quer e não se sujeita ao que os homens pensam a respeito desse assunto. Somente em Jesus Cristo há liberdade e essa liberdade, não pode ser constrangida por normas e rituais exteriores. A salvação é o mais nobre tesouro que o homem recebe de Deus e de graça por graça. Quem encontra o amor de Deus em Jesus Cristo, ama com todas as forças do seu coração e por consequência, cumpre a lei e os profetas. Abaixo, algumas informações sobre os irmãos responsáveis pelas comunidades:

Eloi Monteiro

Renovação Cristã de Jacuí, MG

Nasceu em 23/03/1972. É casado, pai de 3 filhos. Profissão: servidor público do Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

Joel Marcos Figueiredo

Renovação Cristã, do Jardim São Marcos, em São José do Rio Preto, SP. Nasceu em 02/09/1964. É casado, pai de 3 filhos. Profissão: Empresário do ramo gráfico.

José Carlos Socorro

Renovação Cristã de Paranaíba, MS. Nasceu em 17/09/1970. É casado, pai de 03 filhos. Profissão: Técnico de segurança do trabalho.

José Queid Tufaile Huaixan

Renovação Cristã da Vila Elmaz, em São José do Rio Preto, SP. Nasceu em 18/03/1955. Casado, 03 filhos. Profissão: Empresário do ramo de Internet.

Paulo Rocha Neto

Renovação Cristã do Ipase, em São Luís, MA. Nasceu em 23/12/1968. É casado, pai de 1 filha. Profissão: engenheiro civil.

Vanda Maria Ferreira Simões

Renovação Cristã do Recanto dos Vinhais, em São Luís, MA. Nasceu em 17/05/1957. É casada, mãe de 3 filhos. Profissão: médica.

Dúvidas? Gentileza escrever para o endereço: duvidas@renovacaocrista.org